

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**ATIVIDADES LUDOPEDAGÓGICAS E
INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA**

Joana Filipa Moreira da Silva

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO
Desenvolvimento Local**

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de especialização em Educação Intercultural

2012

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**ATIVIDADES LUDOPEDAGÓGICAS E
INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA**

Joana Filipa Moreira da Silva

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO
Desenvolvimento Local**

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de especialização em Educação Intercultural

Relatório de Estágio orientado pela Professora Doutora Isabel Freire

2012

A vida acontece, não podemos prevê-la mas transformá-la.

Ditado popular

Todas as viagens começam com um pequeno passo.

Proverbio chinês

Não se faz para o povo e sim com o povo

Ditado popular

Não se pode ensinar coisa alguma a alguém, pode-se apenas auxiliá-lo a descobrir por si mesmo.

Galileu Galilei

A aprendizagem não acontece isolada dos sentimentos (...).

Karen Stone McCown

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Declaro que o presente trabalho realizado é integralmente da minha autoria, estando devidamente referenciadas todas as fontes e obras consultadas, bem como identificadas de um modo claro, as citações dessas mesmas obras. Não contém, por isso, qualquer tipo de plágio de textos publicados, qualquer que seja o meio dessa publicação, incluindo meios eletrônicos como trabalhos acadêmicos.

Joana Silva

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de agradecer a todas as pessoas que durante este processo e ao longo destes cinco anos de formação estiveram presentes.

Falo da Vivi e das crianças do Espaço Mundo. Sem elas o estágio curricular não teria definitivamente a importância e a grandeza que teve no meu percurso profissional e acima de tudo pessoal. Com eles vi, aprendi e senti que a vida é feita para ser vivida com muita cor e alegria.

Da minha orientadora, Professora Doutora Isabel Freire, por todos os ensinamentos, orientação e apoio transmitidos ao longo do meu percurso académico, tornando-os indispensáveis para a minha formação.

Dos meus colegas e amigos que me acompanharam ao longo destes anos cheios de experiências e momentos, tornando-os ainda mais marcantes. Especialmente da Catarina Alves (a minha outra metade da laranja, a minha irmã de curso) que sempre me acompanhou nas batalhas, emoções e aventuras. Da Vanessa Mateus pelo companheirismo, horas de sono perdido e conversas profundamente reais, interessantes e engraçadas. Da Andreia Pires (a minha amiga do Norte) que me proporcionou momentos de muitas gargalhadas, conforto e carinho.

Falo ainda, de algumas (importantes) pessoas que foram aparecendo na minha vida, no decorrer dos anos, partilhando comigo palavras, momentos, emoções e sensações, que me ajudaram a evoluir enquanto pessoa e abrir os horizontes para o Mundo.

Dos Escuteiros, fase fundamental da minha vida, que me deu a conhecer pessoas, sítios, contextos, realidades e experiências diferentes, espantosos e peculiares, ajudando-me a ver (verdadeiramente) o Mundo, a querer sempre mais e melhor e ser a pessoa que sou hoje, mais serena e de bem com a vida. Como alguém disse um dia “escuteiro uma vez, escuteiro toda vida!”

Dos (re)encontros que tive nestes últimos meses com pessoas, amigos, que me fizeram compreender que a vida é feita momentos, sintonias e (r)evoluções, saboreando e aproveitando ao máximo todas as emoções vividas.

Falo dos meus avós e tios, que me receberam com carinho e compreensão pelas poucas palavras e atenção, nesta fase de reflexão e escrita intensiva.

Dos meus irmãos, sobrinhos e cunhadas, que me recebem sempre com um sorriso, abraços e palavras, fazendo-me esquecer (muitas vezes) do tempo e da distância perdidos.

Falo de três amigas muito próximas, duas irmãs. Da Francisca Costa, no qual já nem me lembro da minha essência sem ela, sem a sua companhia. Da Inês Rocha, que com uma energia inigualável e com uma sede de viajar, me ajuda a não me acomodar e a sair da minha zona de conforto. Da Marta Lisboa que entrou na minha vida com a minha chegada a Lisboa e que nela permanecerá. Com elas todos os momentos de frustrações, chatices e medos tornaram-se mais fáceis de ultrapassar e os momentos de aventuras, de alegria, de festas, de conversas, de sensações e emoções tornaram-se ainda mais desafiantes, cativantes e promissores.

Falo ainda do meu pai, uma pessoa de poucas palavras me fez ver a importância da simplicidade nas palavras, nos atos e momentos.

Por fim, o maior dos meus agradecimentos vai para a minha mãe e amiga, pois sem ela nada do que sou, vivi e tenho, seria igual e tão especial. Graças à minha heroína, o meu melhor e maior exemplo de vida e coragem, quero muito continuar a ser mais e melhor.

A todos o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir as diferentes aprendizagens adquiridas e vividas no estágio curricular no âmbito do segundo Ciclo de estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação Intercultural. O estágio foi realizado na Alta de Lisboa, numa comunidade bastante heterogénea no que diz respeito às diferenças culturais, sociais e económicas, no âmbito do Programa K’CIDADE e na Associação Espaço Mundo, duas entidades preocupadas e cooperantes no que toca às necessidades sentidas pelas comunidades e ao papel que o cidadão deve assumir na sociedade.

Ao longo do relatório serão por diversas vezes, reforçadas palavras como identidade, emoções, valorização, reflexão, diferenças, cooperação, entre outras. Com estas palavras pretendo consciencializar mentes para as diferentes realidades existentes. Todos nós temos um papel imprescindível para o bem-estar comum, para a evolução da Humanidade, de forma a “deixarmos o Mundo um pouco melhor que o encontramos” (Baden Powell, 1941). A Educação Intercultural é uma prática de intervenção social que permite despertar o ser humano para o reconhecimento e respeito da diversidade cultural. O Desenvolvimento Comunitário Local utiliza estratégias e metodologias que facilitarão um maior e melhor desenvolvimento do indivíduo, através do diálogo, cooperação e das relações estabelecidas, conseguindo assim tirar o melhor proveito do pensamento humano.

Neste relatório destacamos ainda o projeto final de estágio que fundamentalmente surgiu para ajudar no funcionamento da Associação Espaço Mundo, valorizando a evolução e desenvolvimento das crianças e jovens que frequentam a mesma, colmatando assim necessidades que foram sendo sentidas no decorrer deste ano.

PALAVRAS-CHAVES:

Desenvolvimento Comunitário/Local; Atividades ludopedagógicas; Educação Emocional; Desenvolvimento Social e Cultural.

ABSTRACT

This work intends to reflect the learning process and experiences lived during the curricular training subject to the second cycle of studies leading to the degree of Master in Sciences of Education on the area of specialization in Intercultural Education. The internship was performed at Alta de Lisboa, a very heterogeneous community with respect to cultural, social and economic context in The K'CIDADE Program and the Espaço Mundo Association, two cooperative institutions concerned with the needs felt by communities and the role citizens should play in society.

Throughout this report, concepts such as identity, emotions, recovery, reflection, differences, cooperation, among others will be repeatedly reinforced. With these concepts I intend to raise awareness to the existence of different realities and backgrounds. Everyone has an essential role for the common welfare, to the evolution of Humanity a duty to “try to leave the world a little better than we found it” (Baden Powell, 1941). The Intercultural Education is a practice that through research and field work enables humans to awaken the recognition and respect for cultural diversity. The Community Local Development uses strategies and methodologies that will facilitate greater and better development of the individual, through dialogue, cooperation and relations established, thus make the best of human thought.

In this report I'd like to highlight the final stage project which was built specifically to help improve the reach and effectiveness of the Association Espaço Mundo attributing special value to the evolution and development of the children and young adults it caters to fulfilling needs that were felt throughout the year.

KEYWORDS:

Community/Local Development; Recreational and educational Activities; Emotional Education; Social and Cultural Development.

ÍNDICE:

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	16
A Intervenção Comunitária como incentivo e valorização do Desenvolvimento Social e Cultural.....	16
Contribuição da Educação Não-formal para o crescimento da aprendizagem social da criança.....	20
As Atividades ludopedagógicas como resposta educativa e social	24
A importância do desenvolvimento emocional na construção da identidade da criança	29
Trabalho em Equipa como proposta motivacional	33
Mediação e Resolução de conflitos.....	36
Dinâmicas de grupo como técnica de apoio no desenvolvimento social e cultural....	38
CAPÍTULO II – O CONTEXTO E O CONCEITO DE INTERVENÇÃO	40
1. O Contexto de Intervenção	40
1.1. O Bairro da Alta de Lisboa	40
1.2. K´CIDADE – Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano.....	44
1.3. Associação Espaço Mundo.....	48
2. O conceito de Intervenção – Método de projeto.....	49
2.1. O que é um projeto e as suas fases	49
2.2. Plano de Atividades.....	51
2.3. Plano de Formação	51
3. Técnicas de recolha e de análise de dados.....	51

3.1. Técnicas de Recolha de Informação.....	52
3.2. Técnicas de análise de Informação.....	58
CAPÍTULO III - PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	60
1. Primeira Fase: Dinamização do ATL no Ano Letivo 2011/2012.....	60
1.1. Apresentação: Finalidade, Objetivos e competências	60
1.2. Descrição e Reflexão sobre as Atividades Desenvolvidas.....	62
1.3. Avaliação final do Plano de atividades.....	71
2. Segunda fase: Plano de ação educativa e formativa no Ano Letivo 2012/2013..	76
2.1. Apresentação e pertinência do Plano de ação educativa e formativa.....	76
2.2. Objetivos do projeto	78
2.3. Plano de Atividades do Ano letivo 2012/2013.....	80
2.4. Plano de Formação de Monitores voluntários.....	80
2.5. Equipa.....	82
2.6. Fases	82
2.7. Resultados Esperados	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ÍNDICE DE ANEXOS	94

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Bairro da Alta de Lisboa. Descrição do Plano Espacial de Realojamento (PER). Sinalização do PER 9: Local da Associação Espaço Mundo.	41
Figura 2 – “Auto-retrato” - Desenhos realizados pelos alunos sobre o que mais gostam de fazer e como se caracterizam a si próprias.	67
Figura 3 – Placar das emoções – “Como te sentes hoje?”	68
Figura 4 – Carta como os Direitos das Crianças do Espaço Mundo, construída pelas mesmas. Carta dos Deveres assinada por todos os que estavam presentes.	70
Figura 5 – Trabalho sobre “Amor” realizado pelas crianças do ATL: em forma de palavras, frases ou desenhos.	71

INTRODUÇÃO

O presente relatório desenvolvido no âmbito do segundo ciclo de estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação Intercultural é o (re)conhecimento de um processo, que começou há cinco anos, com a minha entrada na Licenciatura em Ciências da Educação e terminou com a possibilidade de realizar um estágio curricular, com a duração de aproximadamente nove meses.

Tanto a escolha na área de especialização - Educação Intercultural como a realização do estágio curricular incidiu sobre o facto de pensar e concordar que, uma das formas de nos aproximarmos da realidade e de não nos acomodarmos a uma sociedade estandardizada, lutando por uma que seja o sinónimo de respeito e de igualdade de oportunidades para todos, é definitivamente, sairmos da nossa zona de conforto e nos relacionarmos com o indivíduo e as suas características. Ao longo destes anos de formação académica foi possível aprender, compreender e relacionar conceitos, conhecimentos e competências. A realização deste estágio curricular nesta área de especialização tornou-se sem dúvida, numa mais-valia, pois permitiu um despertar da consciência e o tomar partido desses privilégios que pude absorver, conseguindo assim aproximar-me do indivíduo, ajudando-o no seu desenvolvimento educacional, social, cultural e ainda pessoal, valorizando e reforçando o papel que as emoções, sentimentos e afetos têm na identidade do ser humano e nas relações que estabelece com os outros.

A Educação Intercultural é um modelo educativo que proporciona o enriquecimento cultural dos cidadãos partindo do reconhecimento e respeito pela diversidade, através do intercâmbio e diálogo, na participação ativa e crítica para o desenvolvimento de uma sociedade democrática baseada na igualdade, tolerância e solidariedade (Miranda, 2001 cit. por Soares Silva, 2007, p.117). Como tal, através da arte, da mediação e resolução de conflitos e da intervenção comunitária é possível promover e reconhecer as diferenças e as semelhanças culturais, aproveitando estratégias que reforcem o acesso ao processo de aprendizagem, bem como as aptidões, conhecimentos e valores que cada pessoa traz das suas vivências. Neste sentido a área de intervenção escolhida – Desenvolvimento Comunitário Local apoiará o fortalecimento do papel e dos princípios da Educação Intercultural, tida como uma resposta para um melhor desenvolvimento educacional, social e cultural. Cada vez mais é essencial olhar e dialogar com outras realidades e identidades, acreditar e abraçar causas e pessoas que, por vezes, só precisam de

uma palavra (de uma orientação), e aceitar e valorizar as diferenças de cada identidade, de cada comunidade. Com a evolução pessoal e profissional que considero ter alcançado ao longo deste percurso, feito por momentos bons e menos bons, quero conseguir reforçar a importância do ser humano, das suas emoções, perspectivas, valores e capacidades. Porque juntos somos mais e melhores.

O K’CIDADE promove a autonomia e capacitação das comunidades urbanas para o seu desenvolvimento sustentável, apoiando iniciativas de grupos da comunidade. O meu estágio integrou-se então no K’CIDADE, no território de intervenção do Bairro da Alta de Lisboa. A Associação Espaço Mundo, associação local, procurou juntamente do K’CIDADE apoio para elaborar e enriquecer atividades ludopedagógicas, para as crianças e jovens que frequentam o ATL (Centro de Atividades de Tempos Livres), organizado pela mesma Associação. Neste sentido, o meu estágio curricular foi realizado na Associação Espaço Mundo e teve como objetivo melhorar e valorizar as aprendizagens das crianças e jovens e a diversidade sociocultural presente.

Neste relatório pretendo destacar todas as fases vividas, aprendizagens e conhecimentos adquiridos ao longo do estágio curricular, desde a escolha do contexto de intervenção, as atividades realizadas bem como as relações estabelecidas com a comunidade e os seus intervenientes. Haverá ainda espaço para a compreensão e justificação do porquê da decisão da planificação e organização do Plano de Ação Educativa e Formativa, que nasceu de uma necessidade sentida durante a minha permanência na comunidade. Estas etapas serão descritas e analisadas de uma forma crítica e ponderada.

O presente relatório está então organizado em três principais capítulos. O Capítulo I – Enquadramento Teórico, no qual será feita uma identificação e reflexão de conceitos e conhecimentos fundamentais para a perceção e compreensão do trabalho realizado e planeado ao longo do estágio curricular, como Desenvolvimento Comunitário/Local, Educação Não-Formal, Atividades ludopedagógicas, Educação Emocional, Trabalho de Equipa, Mediação de Conflitos e Dinâmicas de grupo.

No Capítulo II – O Contexto e o Conceito de Intervenção será possível apresentar e caracterizar o contexto no qual estive inserida durante o estágio curricular - K’CIDADE em parceria com a Associação Espaço Mundo, compreendendo a diversidade e complexidade da comunidade envolvente. Permitirá ainda, assimilar conceitos essenciais para o desenvolvimento do Projeto de Intervenção.

O Capítulo III – Projeto de Intervenção, estará dividido em duas partes: numa primeira parte haverá espaço para a descrição e análise reflexiva e crítica sobre o traba-

lho que realizei e na segunda parte será possível verificar os pontos fundamentais para a compreensão e justificação da estruturação, bem como a sua pertinência e objetivos, a descrição sucinta das atividades a realizar e as etapas do Plano de ação educativa e formativa.

Por fim, apresenta-se as considerações finais, a partir da experiência vivida e da sua reflexão crítica. Pretende-se com esta última parte salientar as dificuldades sentidas, as aprendizagens e competências pessoais e profissionais aperfeiçoadas e adquiridas e questões não menos pertinentes, que foram surgindo e que merecem também elas ponderação (éticas e pessoais).

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Intervenção Comunitária como incentivo e valorização do Desenvolvimento Social e Cultural

(...) o desenvolvimento expressa uma ação de mudança social ligada à paz, aos Direitos Humanos, ao exercício democrático do poder, ao cuidado pelo meio ambiente, à cultura e, em geral, ao modo de vida das pessoas: a um modo de ser adequado às exigências, às necessidades, aos projetos e à visão do mundo dos diversos sujeitos e sociedades. (Gómez, Pereira de Freitas & Callejas, 2007, p.90)

Atendendo à citação acima transcrita, procuro destacar a importância que o Desenvolvimento Comunitário Local tem na sociedade, na comunidade e principalmente no indivíduo. “É na crescente consciência destes novos desafios da humanidade, no respeito pela dignidade humana e pelas comunidades “esquecidas”, e da possibilidade de cada um contribuir para um mundo melhor, que os programas de Desenvolvimento Local e Comunitário se elevam na dinâmica global.” (Gómez et al, 2007, pp.90-91)

Quando se identifica a sua finalidade como “uma união de esforços entre as populações e os poderes públicos, com o fim de melhorarem a situação económica, social e cultural, de um país ou região” (Silva, 1964, p.498) e o “aperfeiçoamento da consciência do Homem”, salienta-se “que a tomada de consciência cria algo importante para o desenvolvimento: as motivações para a mudança e o desejo de a alcançar” (Gómez et al, 2007, p. 91), fomentando assim, a oportunidade de crescimento, desenvolvimento e melhoria de vida, bem como no aceleração do desenvolvimento económico de regiões/localidades atrasadas. Por certo que o fator económico é fundamental para o crescimento de uma comunidade e, por consequência, de uma sociedade, pois permitirá a aceleração e progresso de um país. No entanto, interessa discutir a utilidade do Desenvolvimento Comunitário Local nas comunidades mais desfavorecidas (e na sociedade, em geral), uma vez que acredito que esta “união de esforços” ajudará, sem sombra de dúvida, a melhorar a vida dos indivíduos, valorizando assim o seu potencial e aproximando culturas e saberes, através dos fatores social e cultural.

Segundo Terrasêca e Caramelo (2008) “a promoção do Desenvolvimento Local resulta, sobretudo, de uma articulação densa e intensa entre ações formativas, dinamização de associações locais, estabelecimento e dinamização de parcerias sólidas, da

qualificação de recursos humanos e da mobilização emancipatória das pessoas do local e dos saberes que elas sabem” (p.14). Os autores Gómez, Pereira de Freitas e Callejas (2007) afirmam que o Desenvolvimento Comunitário assenta em “três premissas: criar condições de progresso económico e social, a participação ativa da comunidade e confiança na sua capacidade de iniciativa” (p.101).

Atualmente, os programas de Desenvolvimento Comunitário são fundamentais na promoção duma melhor qualidade de vida para todas as pessoas e as futuras gerações. Ao nível da informação e da educação das comunidades, têm permitido o desenvolvimento e a preparação de regiões e comunidades para participar no desenvolvimento nacional e global. No maior equilíbrio entre a população e os seus recursos, os programas de desenvolvimento da comunidade realizados nas comunidades e no seu território orientam-se para os ideais universais: reduzir a pobreza, fomentar o progresso económico, a proteção ambiental e transformar atitudes não sustentáveis de produção e consumo. (Gómez et al, 2007, p.113)

A partir destas definições entendo que Desenvolvimento Comunitário e Desenvolvimento Local são semelhantes no que toca à importância que colocam nos fatores social e cultural, para o desenvolvimento e crescimento do indivíduo. Como tal, assumo que ambos os conceitos vão ao encontro da mesma finalidade, que Santos (2002) destaca como sendo “o esforço para melhorar as condições de vida daqueles que habitam um local (a comunidade e o seu espaço geográfico e cultural) tomando em linha de conta a especificidade desse local. Distingue-se do desenvolvimento de uma população em geral porque procura o desenvolvimento equilibrado e integrado de uma comunidade, com o máximo respeito pelos seus valores próprios e procurando tirar partido da sua riqueza histórica” (p.1).

Quando se estabelece as estratégias e metodologias de ação a utilizar é fundamental ter em conta vários princípios essenciais, que Silva (1964, p.450) e Sousa (1963 citado por Gómez et al, 2007, pp.103-104) evidenciam para o sucesso da sua prática, tais como:

- Parte das necessidades sentidas pela população;
- Envolvência da população no seu próprio desenvolvimento, fazendo-a tomar consciência de que este é obra sua e portanto deve ser feito com a sua ade-

são, o seu esforço e os seus recursos. É importante que a comunidade se identifique, envolva e compreenda os seus valores e a riqueza das suas histórias, fortalecendo o equilíbrio e a cooperação entre os atores presentes;

- Aproveitamento dos recursos locais (humanos e materiais): a prospeção destes recursos é uma tarefa importante a realizar por toda a população, naturalmente com o apoio dos técnicos que podem trazer à população pistas novas.
- Proporcionar uma colaboração eficaz entre as populações e os serviços, assegurando a estes a maior rentabilidade. O desenvolvimento Comunitário cria nas populações um espírito de receptividade e cooperação que constituem fatores de máximo aproveitamento dos serviços existentes;
- Fomentar a cooperação e a ajuda mútua na organização económica e social da comunidade;
- Procurar uma resposta global para os diferentes aspetos da promoção humana. Embora se centre num aspeto em particular há que ter sempre em conta a situação global a transformar e as interações que, inevitavelmente, se criam entre todas as variáveis do processo.

Pode-se então concluir que, segundo Caballo, Candia, Caride e Meira (1997 cit. por Gómez et al, 2007, p.121) o Desenvolvimento Comunitário Local é um:

Processo holístico de ação social que integra diferentes estratégias práticas com o objetivo de promover o bem-estar social e a melhoria da qualidade de vida dos membros duma comunidade; nesta linha incentiva o desenvolvimento endógeno das suas potencialidades económicas, educativas, associativas, sanitárias, etc. Trata-se de um processo complexo e multidimensional, mediante o qual se pretende equilibrar opções de transformação e mudança qualitativa (atitudes, comportamentos, etc.) com outras de natureza quantitativa (infraestruturas, produtividade) considerando os condicionantes sociais e naturais existentes no presente e face ao desenvolvimento socioeconómico do futuro. A iniciativa pode surgir da própria comunidade ou de um grupo interdisciplinar de peritos (educadores, trabalhadores sociais, economistas...) e/ou voluntários. Costuma concretizar-se em comunidades que evidenciam situações de necessidade social e marginalização, ou com défices manifestos de disponibilidade de recursos humanos, sociais, económicos ou naturais. Em todo o

caso, exige a participação consciente, responsável e livre da população implicada (Caballo, Candia, Caride e Meira (1997 cit. por Gómez et al, 2007, p.121)

Destaca-se ainda, por fim, que a “principal característica original reside na organização do auto-esforço e da cooperação (...)”(Gómez et al, 2007, p.104), reforçando o Desenvolvimento Comunitário Local como um processo educativo e de organização. Neste sentido é nosso dever reforçar o papel que a Educação tem para melhorar a vida das pessoas e da comunidade.

A Escola é também centro de observação social, ou, por outras palavras, a Escola permite-se observar, analisar, refletir e propor soluções que contribuam para o desenvolvimento local, pois é um pólo privilegiado de participação/ação na vida das comunidades, ao mesmo tempo que a sua implementação nos meios (a Escola, a par da Igreja, é das únicas instituições formais que está presente em todos os locais, constituindo uma rede eficaz de troca e partilha de saberes) lhe dá uma autonomia muito grande, face a outros parceiros. (Santos, 2008, p.3)

A escola tem um papel fundamental na inserção do indivíduo, bem como na sua consciencialização, pois, para além de recursos materiais e humanos, esta foi e ainda hoje é “uma procura social, como forma de caracterizar estratégias de mobilidade social ascendente” (Canário, 1995 cit. por Santos, 2002, p.2). Para tal, não posso deixar de salientar o papel que os educadores, sejam eles professores, funcionários, pais/família, intervenientes da comunidade, entre outros, têm na formação da identidade, nas aprendizagens e nas experiências vividas, das crianças, jovens e adultos. Segundo Santos (2008, p.3), o educador tem como funções:

- Efetivar apoio a projetos e iniciativas locais;
- Dinamizar atividades tradicionais;
- Valorizar o património ambiental e cultural;
- Mobilizar as pessoas e instituições para a o desenvolvimento de um determinado espaço geográfico;

Se o educador estiver ciente de qual o seu papel e da sua importância, por certo haverá uma maior aproximação, cooperação, participação e envolvimento entre a escola, os intervenientes e a comunidade local, levando assim a uma maior dinamização,

conhecimento, respeito, responsabilização, comunicação e acima de tudo a uma resolução de problemas sentidos. O educador deverá ser e sentir-se parte integrante da comunidade, envolvendo-se na busca de soluções para os problemas e necessidades, junto com os habitantes da comunidade, fomentando assim, o desenvolvimento da comunidade.

Assim, fica patente que a Educação, sendo um fenómeno de transformação permanente das sociedades, das comunidades, dos grupos e das pessoas pode ser encarada como uma estratégia ou técnica de intervenção social, quando se procura “produzir respostas educativas adequadas pra situações sociais críticas que estão na base da exclusão” (cf. Plano de ação do ICE para o Conselho da Moita, 2003/04 cit. por Terrasêca, Sá Costa e Caramelo, 2008, p.4), tendo sempre presente um trabalho de parceria, marcado pela negociação, cooperação e participação, bem como na “oportunidade de questionamento da ação e de reconstrução do pensamento estratégico” (Terrasêca et al, 2008, p.3).

Contribuição da Educação Não-formal para o crescimento da aprendizagem social da criança

O trabalho educativo comunitário exige uma articulação (imprescindível) entre a educação formal e educação não-formal, promovendo um aprofundamento das dinâmicas do Desenvolvimento Comunitário Local (Terrasêca et al, 2008, p.2). Como tal, torna-se fundamental contextualizar Educação Formal, Educação Não-Formal e Educação Informal, para que deste modo consigamos reforçar o papel do Desenvolvimento Comunitário Local.

É fácil compreendermos o conceito de Educação Formal se a ele associarmos aquilo que comumente conhecemos como as escolas e as universidades, enquanto instituições de ensino “tradicionais”, chamemos-lhe assim, centradas nas figuras do professor e do aluno.
(Castanheira Pinto, 2005, p.3)

A partir da definição acima destacada fica claro que Educação Formal está diretamente associada às várias etapas de desenvolvimento, devidamente graduadas e ava-

liadas quantitativamente, ligadas a programas curriculares gerais aprovados e reconhecidos pelos órgãos competentes (Castanheira Pinto, 2005, p.3).

A Educação Informal, ao invés, pode definir-se como tudo o que aprendemos mais ou menos espontaneamente a partir do meio em que vivemos: das pessoas com quem nos relacionamos informalmente, dos livros que lemos ou da televisão que vemos, da multiplicidade de experiências que vivemos quotidianamente com mais ou menos intencionalidade em relação ao seu potencial de aprendizagem. (Castanheira Pinto, 2005, p.3)

Na verdade, a Educação Informal é caracterizada por aprendizagens que ocorrem ao longo da vida, sem um tempo e plano específico, num processo permanente, contínuo e sem organização e ou estruturação, num ambiente natural e espontâneo.

Enquanto a educação formal tem lugar nas escolas, colégios e instituições de ensino superior, tem currículos e regras de certificação claramente definidos, a educação não-formal é acima de tudo um processo de aprendizagem social, centrado no formando/educando, através de atividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal e sendo complementar deste. (Castanheira Pinto, 2005, p.4)

Na Educação Não-Formal salienta-se a aprendizagem social do educando, baseando-se na motivação e vontade do mesmo, através de atividades extra ensino formal. “ (...) Não significa que não seja um processo de aprendizagem estruturado, baseado em objetivos educativos”, muitas vezes no “âmbito do trabalho comunitário, social ou juvenil, serviço voluntário, atividades de organizações não-governamentais, ao nível local, nacional e internacional, abrangendo uma larga variedade de espaços de aprendizagem (...)”. Contudo, vai mais além, pois “envolve, como uma parte integrante do desenvolvimento de saberes e competências, um vasto conjunto de valores sociais e éticos”, procurando desenvolver “métodos de aprendizagem participativos, baseados na experiência, na autonomia e na responsabilidade de cada formando” (Castanheira Pinto, 2005, p.4-5).

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sis-

tematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (Gohn, 2005, p.29)

Assim, quando comparadas, “ (...) a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertença e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (Gohn, 2005, p.28), distinguindo-se no tempo e na localização do ensino, no número e no tipo de intervenientes/ participantes, nas dimensões de aprendizagem e nas aplicações dos seus resultados.

A Educação Não-Formal destaca-se uma vez mais porque acompanha e valoriza o “desenvolvimento e a experiência pessoal do educando, no seu todo” (Castanheira Pinto, 2005, p.5), havendo “uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (Gohn, 2005, p.29). Segundo este autor, ao abraçarmos o processo da Educação Não-formal, poderemos desenvolver os seguintes resultados:

- Consciência e organização de como agir em grupos coletivos;
- A construção e reconstrução de concepção sobre o mundo;
- Contribuição para um sentimento de identidade, numa dada comunidade;
- Formar o indivíduo para a vida e suas adversidades;
- Quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio;

- Os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, aprendendo a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Contudo, são apontadas algumas falhas e/ou faltas à Educação Não-formal, que devem ser enfatizadas, para que se entenda as dúvidas que possam vir a surgir ao longo do seu processo, tais como (Gohn, 2005, p.31):

- Formação específica a educadores, tendo em conta o seu papel e as atividades a realizar;
- Definição mais clara de funções e objetivos da Educação não-formal;
- Sistematização das metodologias utilizadas no trabalho quotidiano;
- Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que vai sendo realizado;
- Construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado;
- Criação de metodologias e indicadores para estudo e análise de trabalhos da Educação Não-formal em campos não sistematizados: Aprendizagens geradas tendo em conta a vontade do recetor, tais como a aprendizagem via Internet, para aprender música, tocar um instrumento etc.;
- Mapeamento das formas de educação não formal na autoaprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens).

Ainda por referir está o papel do educador na Educação Não-formal, que contrariamente ao educador da Educação Formal é “aquele com quem interagimos ou nos integramos” (Gohn, 2005, p.29), que esteja presente e faça parte de todo o processo, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade envolvente. O educador deve sentir-se parte integrante, utilizando diálogo como ferramenta, abraçando as necessidades, problemas, experiências e momentos como seus, também.

Para concluir, afirma-se que “a educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho ou a participação em uma luta social, contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais etc.” (Gohn, 2005, p.32). A Educação Não-Formal visa assim a transformação da comunidade e, principalmente do ser humano, através do diálogo, da

valorização do outro, da consciencialização do mundo e acima de tudo das relações vividas e partilhadas.

As Atividades ludopedagógicas como resposta educativa e social

O jogo é “uma ação ou atividade voluntária que se desenvolve sem interesse material, realizado dentro de certos limites fixos de tempo e espaço, segundo uma regra livremente consentida, mas absolutamente imperiosa, provida de um fim em si mesma, e acompanhada de um sentimento de tensão e alegria” (Huizinga, s/d cit. por Félix, 2006, p. 26). Segundo Piaget (1962 cit. por Félix, 2006, p.29) o “jogo estimula o desenvolvimento das estruturas intelectuais, considerando-o expressão e condição do seu desenvolvimento, estando implícito na assimilação que opera relativamente à realidade.” Freud (cit. por Félix, 2006, p.30) afirma ainda, que o jogo é importante para o desenvolvimento emocional da criança. Complementarmente, “Erikson (1963) considera que o jogo desempenha um importante papel no desenvolvimento da auto-estima, na medida em que as crianças adquirem consciência dos seus pensamentos, do seu corpo, objetos e dos outros” (Félix, 2006, p. 30).

Através do jogo existe a possibilidade de conhecer o meio que nos rodeia, seja este cultural, político ou social; a transmissão do jogo ao longo dos tempos, permite-nos ter uma ideia da forma como as pessoas viviam e organizavam as suas vidas. (...) De fato, o jogo tem sido transmitido de cultura para cultura, procurando os vários intervenientes adotá-lo à realidade social em que vivem. O jogo, ao possuir uma carga histórica, permite que a cultura se propague e que exista um processo de aculturação organizada, ou seja, que não exista somente uma transmissão de valores culturais mas também um processo de inter-relação (Félix, 2006, p. 28-30).

O brincar é fulcral para aprendizagem da criança. Se esta for prazerosa, voluntária e espontânea, a criança tirará um maior proveito da experiência vivida, desenvolvendo assim capacidades a nível cognitivo, social e emocional, como criatividade, companheirismo, a socializa-se com o outro, a respeitar as regras e a lidar com as frustrações. “O ato de brincar proporciona a construção do conhecimento de forma natural e agradável-

vel; é um grande agente de socialização; cria e desenvolve a autonomia.” (Cunha, 2001 cit. por Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.2)

A brincadeira é o conjunto das atividades da criança pequena, livre de regras; estas, a existirem, são impostas pela própria criança, em volta de uma aura de fantasia, em que tudo tem seu lugar e relação, nada existe ali por acaso ou sem motivo (Ferreira, 1976 cit. por Félix, 2006, p.33).

Assim, de uma forma sucinta, o brincar permite: Divertir, relaxar, dar prazer; Obter catarse; Ocupar o tempo livre; Dominar o mundo, as situações; Testar a realidade; Obter conquistas, ganhos; Desenvolver a criatividade; Promover a autoestima, autoconfiança; Socializar; Aprender; Desenvolver o físico; Produzir cultura; Desenvolver a linguagem; e Obter saúde.

O lazer não pode ser especificamente lúdico. Para que o lazer seja lúdico, precisa conter elementos de prazer. (Cunha, 2002 cit. por Félix, 2006, p.23)

Neto, Barreiros e Pais (1989 cit. por Félix, 2006, p. 23) afirmam que a atividade lúdica é reveladora da capacidade de expressão criativa do ser humano e permite-lhe atribuir às experiências e vivências pessoais, um significado social e universal. As atividades lúdicas são fundamentais em muitos aspectos nos domínios cognitivo, social e afetivo. Quando bem pensadas e realizadas, são atividades ricas e diversificadas, no qual possuem objetivos pedagógicos, que facilitam o desenvolvimento do raciocínio e aprendizagem da criança. Porém, nunca é demais destacar, que a principal diferença entre o lúdico e as atividades “obrigatórias” e programadas segundo um currículo escolar, está no papel que a própria criança tem nesse processo. Nas atividades lúdicas “o sujeito não é ativo nem passivo: é interativo” (Vygostsky, 1998 cit. por Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.3). As atividades lúdicas são então encaradas “como uma atividade proposta que tem a forma de jogo, mas que o não é; uma atividade que a criança viverá, como se fosse um jogo, com o mesmo entusiasmo, procurando idêntica justificação obtendo a mesma alegria” (Franco Tadini, s/d cit. por Félix, 2006, p. 23).

A realização de atividades lúdicas vai “permitir autonomia, quer nos seus aspectos funcionais e simbólicos, quer nos contributos e de regras, uma assimilação e adapta-

ção no que se refere à psicomotricidade, à afetividade e no âmbito da sociabilidade” (Arquimedes dos Santos, 1999 cit. por Félix, 2006, p.23). “Christie (1991) citada por Pessanha (2001, p.39), sintetiza e identifica características importantes que particularizam o lúdico, ou seja:

- Aliteralidade – as atividades encontram a finalidades em si mesma, enquanto que outras ações praticadas em contextos não lúdicos decorrem de forma diferente, comportando um objetivo não compreendido na ação;
- Os meios são mais importantes do que os fins – quando a criança brinca, a sua atenção é centralizada na atividade e não tanto nos objetivos dessa mesma atividade;
- Disposição positiva – a atividade lúdica implica uma participação ativa, que difere de criança para criança, mantendo um comportamento mais aprazível quando brincam do que quando estão envolvidas em atividades orientadas;
- Voluntariedade – a atividade lúdica é espontânea, voluntária e escolhida livremente;
- Controlo Interno – a atividade lúdica permite a libertação das imposições que a vida real exige, funcionando com regras próprias, impostas e aceites pelos participantes.” (Félix, 2006, p.24)

Como tal, as atividades lúdicas têm uma componente bastante pedagógica, um espaço de aprendizagem e conhecimento. Para além de um passatempo podem ser utilizadas como uma estratégia de intervenção educativa e social, destacando como grandes vantagens o fato de ajudar no “desenvolvimento e na aprendizagem da criança, promovendo processos de socialização” e estimulando ainda para a descoberta do mundo (Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.7). Ainda segundo os mesmos autores estas atividades “possuem objetivos pedagógicos específicos, para o desenvolvimento do raciocínio e aprendizado do aluno, em qualquer fase” (2007, p.5).

Concluindo, realça-se mais uma vez a importância que o lúdico tem no processo de ensino-aprendizagem (Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.6):

- Ajuda no desenvolvimento pessoal, social e cultural;
- Colabora para uma boa saúde mental;
- Prepara para um estado interior fértil;
- Facilita o processo de socialização, comunicação e construção do conhecimento;

- Propicia uma aprendizagem espontânea e natural;
- Estimula a crítica e a criatividade.

A educação adotou os jogos, que até então tinham sido toleradas como um mal menor. Partindo-se do princípio que a verdadeira educação é aquela que provoca na criança um comportamento para melhor poder satisfazer as suas diversas necessidades orgânicas, intelectuais e socioculturais, a educação não tem outro caminho a seguir, a não ser o de se ordenar em função das necessidades e interesses das crianças (Félix, 2006, p. 31).

Segundo Gilles Brougère (1998) relativamente ao uso do jogo no processo educativo, ele afirma que o jogo oscila entre o sério e o frívolo conforme o ponto de vista adotado (...) Trata-se de fazer um bom uso do frívolo ou de considerar o jogo como sério (...). Através do jogo a criança observa o que a rodeia, liberta energia, explora a sua criatividade e imaginação, tudo de uma forma espontânea e natural. Através do jogo, desenvolvem-se laços afetivos com o outro, favorecendo a comunicação e o poder da palavra. (...) A relação que estabelece com o outro é um dos meios mais propícios à construção de conhecimentos e à descoberta de si mesma nas mais variadas situações e contextos (cit. por Gueifão, 2007, p. 35).

As atividades lúdicas são então um importante recurso pedagógico, que proporcionando um ambiente desafiador e interessante, conseqüentemente estimula o intelecto da criança.”O jogo é assim considerado, como um forte aliado no fomentar de situações que revelam ser potenciadores de aprendizagens e processos de desenvolvimento” (Gueidão, 2007, p. 36) E, como afirma Rego (2000 cit. por Geuidão, 2007, p. 36) o desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica através de ruturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo.

Para que as atividades lúdicas sejam bem orientadas e sucedidas, é fundamental perceber qual o papel do educador neste processo. Na verdade, o educador, para além de “ditar” o jogo tem que criar e prepara o espaço e materiais e acima de tudo participar e cooperar na brincadeira, “faz a mediação da construção do conhecimento”. (Martinez, 2002, 2003, 2006 cit. por Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.3)

A formação lúdica possibilita ao educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades, desbloquearem resistências e ter numa visão clara sobre a importância do jogo e do brincar para a vida da criança, do jovem e do adulto. (Kishimoto, 1999 cit. por Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.2)

Na educação infantil, as atividades lúdicas são necessárias para que a criança possa aprender brincando, desenvolvendo sua coordenação motora em todos os aspectos, tornando a aula mais prazerosa, já que o aluno precisa de começar a ter noção de tempo, espaço, aprender a dividir, trabalhar em grupo e individualmente.” E mais, “possibilitam ao aluno ainda, vivenciar diferentes sentimentos como alegria, ciúme, inveja e experiências de trabalhar em equipa, possibilitam a interação, a competição e o estímulo à astúcia. Os jogos proporcionam também a interdisciplinaridade, e o entrosamento não só entre os alunos, mas todo o corpo docente que de alguma forma se envolve para a realização dos eventos” (Martinez, 2005, 2006 cit. por Tessaro & Martinez Jordão, 2007, p.5).

Assim, um outro ponto importante a referir é o espaço físico onde este tipo de atividades pode ser realizado. Na atualidade, quando se refere as atividades ludopedagógicas associa-se a um outro espaço além escola, falo dos Centros de Atividades de tempos livres (ATL) em que a grande finalidade é o de desenvolver atividades de lazer, lúdicas, pedagógicas, desportivas e socioculturais que garantam formas de respostas mais adequadas às crianças e jovens, tendo em vista o seu desenvolvimento integral.

Aproveito ainda para referir alguns dos principais objetivos, que um ATL deverá assumir:

- Permitir a cada criança ou jovem, através da participação na vida em grupo, a oportunidade da sua inserção na sociedade;
- Contribuir para que cada grupo encontre os seus objetivos, de acordo com as necessidades, aspirações e situações próprias de cada elemento e do seu grupo social, favorecendo a adesão aos fins livremente escolhidos;
- Criar um ambiente propício ao desenvolvimento pessoal de cada criança ou jovem, de forma a ser capaz de se situar e expressar num clima de compreensão, respeito e aceitação de cada um;

- Favorecer a inter-relação família/escola/comunidade/estabelecimento, em ordem a uma valorização, aproveitamento e rentabilização de todos os recursos do meio;

Realço então por fim, que os educadores, professores, pais/família e intervenientes da comunidade, através estratégias como as atividades lúdico pedagógicas e dinâmicas, em espaço criados (escola, ATL, infantários, entre outros) têm como principal “proporcionar às crianças experiências que contribuam para o seu crescimento enquanto pessoa, satisfazendo as suas necessidades de ordem física, afetiva, intelectual e social”. (cf Guia Prático – Como criar um ATL – centro de atividades de tempos livres, ANJE, p.1)

A importância do desenvolvimento emocional na construção da identidade da criança

Ter inteligência emocional significa que conhecemos as emoções das outras pessoas e nós sentimos, conhecemos a sua força e aquilo que está na sua origem. Ser emocionalmente educado significa que sabemos gerir as emoções, porque as compreendemos. (Freitas de Sousa, s/d, p.6)

O desenvolvimento emocional resulta, para além da influência do meio envolvente, das oportunidades de compreender, manipular e interagir com pessoas e objetos. (...) O aspeto cognitivo (intelectual) e o aspeto afetivo (emocional) que se desenvolvem, estão fortemente interligados. (Aronoff, 1979 cit. por Cortesão & Trevisan, 2006, p.2)

Como tem vindo a ser referido, as dinâmicas e os projetos de Desenvolvimento Comunitário Local, para além de contribuírem para a continuação de novos saberes e proporcionarem novas aprendizagens influenciam também o desenvolvimento emocional (afetivo) daqueles que nelas participarem, ajudando crianças, jovens ou adultos. O desenvolvimento emocional tem um papel fundamental na identidade do indivíduo. As emoções, mais do que uma agitação ou perturbação do espírito são interpretadas como sendo “um sentimento e aos raciocínios daí derivados, estados psicológicos e biológicos, e o leque de propensões para ação. Há centenas de emoções, incluindo respetivas

combinações, variações, mutações e tonalidades. Na realidade há muito mais subtilezas de emoção do que nós temos palavras para descrevê-las” (Goleman, 1995, p.310). Segundo este autor (p.310) e alguns teóricos, mesmo não resolvendo todos os problemas de categorizar as emoções, pode-se agrupar algumas emoções em famílias, como:

- A ira: fúria, ultraje ressentimento, cólera, exasperação, indignação, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade, entre outros;
- A tristeza: dor, pena, desânimo, desalento, melancolia, autocomiseração, solidão, abatimento, entre outros;
- O medo: ansiedade, desconfiança, apreensão, nervosismo, preocupação, receio, aflição, pavor, horror, entre outros;
- O prazer: felicidade, alegria, alívio, contentamento, satisfação, delícia, divertimento, orgulho, prazer sexual, excitação, bom humor, entusiasmo, entre outros;
- O Amor: aceitação, amizade, confiança, bondade, afinidade, devoção, adoração, entre outros;
- A surpresa: choque, espanto, assombro, admiração;
- A Aversão: desdém, desprezo, troça, repugnância, nojo, desagrado, repulsa;
- A vergonha: culpa, embaraço, desgosto, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

Na busca de princípios básicos, acompanho Ekman e outros ao pensar nas emoções em termos de famílias ou dimensões, tomando as principais famílias como casos demonstrativos das infínitas tonalidades da nossa vida emocional.” (Goleman, 1995, p.311)

Goleman (1995) diz que “cada emoção representa uma diferente predisposição para a ação; cada uma delas aponta-nos numa direção que já noutras ocasiões resultou bem para enfrentar o mesmo tipo de problemas.” Mais ainda, afirma que “ no nosso reportório emocional, cada emoção desempenha um papel único, como é revelado pelas respectivas assinaturas biológicas específicas” (1995, p.26 -28).

Se as emoções são um marco no nosso desenvolvimento e nas nossas experiências e vivências com os outros, torna-se essencial entender se podemos e como podemos educar as nossas emoções. “Esta aprendizagem emocional funciona não só através das

coisas que os pais dizem e fazem diretamente à criança, mas também dos modelos que oferecem no modo como lidam com os seus próprios sentimentos e com aqueles que passam entre marido e mulher” (Freitas de Sousa, s/d, p.6).

A Educação Emocional implica em desenvolver no educando o autoconhecimento, a autoconsciência, a nível psicológico e somático. Em desenvolver a capacidade de identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos, avaliando suas intensidades, e as expressões corporais correspondentes, no momento em que ocorrem. A controlar suas expressões emocionais, a aprender a monitorar seus impulsos e a adiar suas satisfações. Faz parte da educação emocional o desenvolvimento da empatia, capacidade de reconhecer corretamente as emoções do outro e de compreender seus sentimentos e perspectivas, respeitando as diferenças com que as pessoas encaram as coisas, permitindo convívio harmônico com o outro (Oliveira Santos, 2000, p. 47).

A Educação Emocional centra-se nos sentimentos e emoções que vão interferir diretamente com o comportamento social do indivíduo.

Entendida desta forma, a finalidade da Educação Emocional é ensinar as pessoas a identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos, a aprender a avaliar suas intensidades, e as expressões corporais correspondentes, no momento em que ocorrem. Serve para a pessoa aprender a controlar suas emoções e seus impulsos e a adiar suas satisfações, bem como para aprender a identificar e reconhecer as emoções do outro, procurando enxergar a situação dentro de sua ótica (Oliveira Santos, 2000, p.50-51).

Cada pessoa terá assim, a oportunidade de conhecer-se a si e às suas emoções, pensamentos e vontades. Se refletir sobre o que sente e sobre o que viveu, seguramente vai poder controlar mais e melhor a sua vontade e saber lidar com a vontade dos outros, vivendo mais conscientemente.

A literacia Emocional compõe-se de três capacidades: a capacidade de compreender as suas emoções, a capacidade de escutar os outros e sentir empatia com as suas emoções e a capacidade de expressar as emoções de um modo produtivo. Para sermos uma pes-

soa emocionalmente educada temos de saber lidar com as emoções de tal forma que o nosso poder pessoal se desenvolva, bem com a qualidade de vida à nossa volta. A Literacia Emocional melhora as relações, aumenta as possibilidades de criação de relações afetivas entre as pessoas, torna possível a cooperação no trabalho e facilita o sentimento comunitário (Freitas de Sousa, s/d, p. 6).

Para tal, e ainda segundo Goleman (1995), é exigido aos “professores e alunos se concentrem no tecido emocional da vida da criança” (p.283), pois “a aprendizagem não acontece isolada dos sentimentos das crianças. A literacia emocional é tão importante para a aprendizagem como o ensino da matemática ou da leitura” (Karen Stone McCown cit. por Goleman, 1995, p.283), sendo assim, um conjunto de capacidades e compreensões essencial para todas as crianças. Através desta “verifica-se um benefício generalizado no que respeita à competência social e emocional das criança, ao seu comportamento dentro e fora da sala de aulas e à sua capacidade de aprendizagem” (Goleman, 1995, p.305-306), no que diz respeito a:

- Autoconsciência emocional: identificar e compreender sentimentos e emoções (de si próprio e dos outros), reconhecendo assim a diferença entre sentimentos, emoções e ações; Aceitar os seus próprios sentimentos e estados de espírito;
- Gestão das emoções: maior capacidade de expressar (verbalmente) sentimentos, consequentemente aprender a controlar o stress, impulsos e comportamentos agressivos e a expressar sentimentos positivos a respeito de si mesmo e dos outros; maior assertividade: expor os seus sentimentos e preocupações sem ira nem passividade;
- Controlar produtivamente as emoções: maior responsabilidade pessoal, reconhecendo as consequências das suas decisões e ações;
- Empatia – ler emoções: capacidade de aceitar a perspectiva e os sentimentos dos outros;
- Gerir relacionamentos: capacidade de analisar e compreender relacionamentos; aumento das dinâmicas de grupo: mais partilha, cooperação, saber como e quando liderar, ou quando seguir.

As crianças passam a ter uma maior noção sobre a sua identidade e sobre as relações que estabelecem com os outros, tornando-se mais assertivas, responsáveis,

atenciosas (sensíveis aos sentimentos dos outros), interessadas e acima de tudo mais harmoniosas consigo e com os outros que a rodeiam. A literacia emocional e as suas componentes, como a autoconsciência, a empatia e gestão de emoções, são uma mais-valia para uma melhor socialização e consciencialização social, reflexão, autonomia e confiança, ou seja, para a construção e desenvolvimento da identidade do indivíduo.

Perante estas novas realidades, os pais e educadores têm de utilizar o melhor possível adotando um papel ativo no treino e no desenvolvimento das suas capacidades humanas fundamentais, designadamente a compreensão e a capacidade de enfrentar sentimentos perturbadores, o controlo dos impulsos e a empatia (Gotman e Declaire, 2000 cit. por Freitas de Sousa, s/d, p.5). A empatia não é só importante, ela é a base de toda a educação eficaz. (Freitas de Sousa, s/d, p.5).

Para que, tanto o Plano de Atividade como o Plano de Formação sejam entendidos e realizados da melhor forma é necessário, uma vez mais, abordar conceitos importantes, para que os conteúdos e aprendizagens transmitidas sejam verdadeiramente apreendidas. Neste sentido, considero que é fundamental abordar e compreender conteúdos que lhes estão associados, como o Trabalho em Equipa e o seu papel na motivação; a importância das Dinâmicas de Grupo, que se vão tornar num marco importante ao longo do ano letivo, e ainda, a Mediação e Resolução de Conflitos (entres os intervenientes).

Trabalho em Equipa como proposta motivacional

Antes de identificar e passar à compreensão de quais as principais características do trabalho em equipa, torna-se essencial destacar a diferença entre grupo e equipa.

“Uma das mudanças mais significativas de nossa época é a passagem da ação individual para o trabalho em grupo. No mundo de hoje podemos identificar vários tipos de grupos trabalhando nas mais diferentes situações. Alguns conseguem tornar-se equipas e outros permanecem apenas como grupos.” (Pianscatelli, Pereira de Faria & Rezende da Silveira, s/d, p.48)

Surge então, a necessidade de compreender quais são os elementos fundamentais que marcam esta diferença entre grupo e equipa. Segundo Pianscatelli et al (s/d, p.48) podemos identificar alguns elementos para a transformação de um grupo de trabalhadores em equipa de trabalho:

- O grupo tem de conseguir vislumbrar vantagens do trabalho em equipa – complementaridade, interdependência e sinergismos das ações – em relação ao trabalho isolado, individual;
- A disposição de compartilhar objetivos, decisões, responsabilidades e também resultados;
- A necessidade de definir com clareza os objetivos e resultados individuais e do grupo – a serem alcançados;
- A importância de construir, em conjunto, um plano de trabalho e definir a responsabilização de cada membro do grupo, para alcançar os objetivos;
- A necessidade de aprimorar as relações interpessoais e de valorizar a comunicação entre os membros da equipe;
- A disposição das pessoas em ouvir e considerar as experiências e saberes de cada membro do grupo. O trabalho em equipa não implica em eliminar as diferenças existentes entre seus membros (sociais, culturais, etc) mas sim trabalhar estas diferenças – os conflitos (Resolução e Mediação de Conflitos);
- Finalmente, é fundamental que os objetivos e resultados definidos se constituam em desafios constantes para o grupo, algo que instigue cada integrante (Motivação).

O trabalho em equipa, num modo sintético pode ser definido como uma “estratégia concebida pelo homem, para melhorar a efetividade do trabalho e elevar o grau de satisfação do trabalhador”. (Piancastelli, et al, s/d, p. 1). Mas mais do isso, importa referir que se trata de “uma oportunidade de convivência mais aproximada entre colegas e também de aprendizagem compartilhada”.

Blanchard (1997, cit. por Westrupp, Raiser, Buschirolli & Severino, s/d, p.8) aponta algumas das principais características que uma equipa de trabalho deve conseguir atingir, de forma a gostar de trabalhar em conjunto, ao mesmo tempo que o trabalho fica mais prazeroso e quiçá mais divertido, para todos os intervenientes:

- Saber o que precisam de fazer, definindo objetivos claros e concisos;

- Participar ativamente;
- Apoiar e valorizar o trabalho dos colegas;
- Saber ouvir e ser ouvido;
- Respeitar as diferentes opiniões no grupo.

Como tal, o trabalho em equipa pode e deve ser marcado pela troca e partilha de experiências, de conhecimentos e aprendizagens e quando bem organizado e estruturado leva a uma maior motivação por parte dos elementos e conseqüentemente a uma maior maximização dos recursos, entrega e contribuição de cada elemento e presença de otimismo e calma. No trabalho em equipa é importante a divisão de tarefas, compartilhando assim a responsabilidade, informações e conhecimentos, havendo assim uma atualização, procura, desenvolvimento e crescimento de conhecimentos e aprendizagens pessoal e profissional.

Trabalhar em equipa exige mais habilidades, mas trabalhar em equipa também pode ser mais produtivo, porque as pessoas se complementam nos seus conhecimentos, habilidades e experiências. As pessoas frequentemente evitam trabalhar em equipa, ora porque no convívio nos expomos mais, ora porque a equipa faz emergir nas relações tensão, ciúme, conflito, desconfiança, inveja, afeto, carinho, apoio, etc. (Castilho, 2002 cit. por Westrupp et al, s/d, p.11)

Segundo o autor acima referido, compreende-se que o trabalho em equipa aborda características e capacidades como responsabilidade, iniciativa, envolvimento, motivação e ainda emoções que só existem quando todos os elementos da equipa conhecem os objetivos e metas, desenvolvendo conseqüentemente uma visão crítica sobre o desempenho de cada um e da equipa. Como tal, são conhecidas vantagens e desvantagens neste processo. As desvantagens ocorrem maioritariamente quando não há diálogo e cooperação entre os elementos ou até mesmo quando as críticas não são bem encaradas ou construídas:

- O facto de as decisões serem muitas vezes tomadas no local onde acontecem os problemas e divergências que possam ocorrer devido às diferenças de ideias e de cultura nem sempre levam a um consenso e aceitação de todos, podendo assim gerar conflitos;
- A passividade de uma pessoa com grande potencial, por exemplo devido a falta de empatia, pode levar à anulação da mesma dentro de um grupo.

Por sua vez, as vantagens apontadas são de facto, uma mais-valia para o trabalho em equipa:

- Partilha e socialização de conhecimentos e de capacidades;
- Maior produtividade, logo maior facilidade em chegar as metas propostas;
- A mudança das informações e a necessidade de um maior conhecimento podem motivar os elementos da equipa a fazer mais e melhor, em cooperação com os restantes membros;
- Maior responsabilização e tomada de decisões;
- Há uma maior qualidade nas soluções encontradas para o problema: quando existe mais comunicação, há uma maior variedade de opiniões chegando assim, em princípio, a uma decisão coletiva.

Se houver uma comunicação positiva e cooperação entre todos os elementos da equipa, que se proporciona através de um bom relacionamento, diálogo, aceitação e compreensão, provavelmente a equipa trabalhará num ambiente agradável, levando consequentemente à satisfação de todos os elementos.

Mediação e Resolução de conflitos

Quando se refere a importância do trabalho em equipa não se pode deixar de destacar a necessária relação (profissional e pessoal, por vezes) entre pessoas, com valores, pensamentos, vivências e forma de estar na vida diferentes. Ao mencionar as desvantagens do trabalho em equipa é possível constatar que às vezes devido à falta de comunicação ou compreensão sobre um problema ocorrem divergências e até mesmo conflitos. A diferença e a não-aceitação levam muitas vezes ao conflito entre as pessoas. Para tal, torna-se necessário discutir o conceito conflito, a sua mediação bem como a sua resolução.

O conceito de conflito não tem de ser encarado como algo negativo, isto é, se for bem regulado e orientado, o conflito poderá trazer aprendizagens positivas, ao nível pessoal e social das pessoas. O grande problema está quando as pessoas não sabem e/ou não são capazes de resolver entre si os conflitos surgidos. Segundo Muldoon (1998), torna-se essencial a presença de um terceiro membro no processo, sendo considerada uma terceira força, “capaz de mudar o curso do conflito, uma vez que o seu lugar está

no ponto de apoio, onde uma alavanca pode aplicar a máxima força com o mínimo esforço.” (p.162).

Como tal, surge o conceito de mediação, que não sendo uma definição consensual pode ser entendida como um “processo cooperativo de gestão de conflitos entre diferentes atores de uma comunidade educativa” (Souquet, 1999 cit. por Caetano, 2005, p.44), com a intervenção de um terceiro elemento. Mais do que uma técnica alternativa para resolver conflitos, ajusta-se a uma cultura de cidadania ativa e de paz. Assim, a mediação pode ser entendida como um processo interventivo, que através do diálogo e escuta-ativa dos envolvidos, promove novas formas de valores, experiências e relações interpessoais saudáveis e a resolução de problemas conjunta. Neste sentido, a mediação é marcada como sendo um processo que assenta no compromisso, na colaboração e na coresponsabilidade dos participantes, levando assim a uma transformação pessoal e cultural e consecutivamente à valorização do potencial dos contextos.

O processo de mediação dos conflitos para ser bem-sucedido tem de passar por algumas fases definidas e importantes para a sua resolução:

- O movimento inicial é caracterizado pelo livre arbítrio e interesse dos protagonistas em participar no processo com a presença de um mediador;
- O mediador realiza os contactos iniciais com cada uma das partes no sentido de averiguar a importância e a pertinência ou não do conflito, de explicar a estruturação do processo, de preparar ambas as partes para a cooperação e participação ativa de forma a desenvolverem autoconfiança e segurança no processo de mediação;
- A partir do momento em que as partes assumem o compromisso, o mediador faz uma marcação prévia para uma suposta reunião conjunta onde “felicitas as partes pela sua presença, legitima as suas próprias funções, cria confiança, define o contexto como partilhado e define algumas normas que os participantes deverão conhecer, aceitar e respeitar durante o encontro” (Boqué Torremorell, 2008, p.55);
- O mediador passa à escuta-ativa de cada uma das partes, onde estes expõem os seus sentimentos, opiniões e pontos de vista sem haver limitações de tempo, fazendo com que cada parte conheça o outro lado;

- Seguidamente, o mediador marca reuniões individuais para esclarecer informações, interesses ou percepções que se tornam difíceis de revelar nas reuniões com as duas partes presentes;
- Tenta-se definir a situação, enfatizando os pontos em comum, isto é, procura-se analisar as divergências, transformando-as em oportunidades;
- Posteriormente, passa-se à concertação da situação, começando por se tratar dos pontos mais simples para os mais complexos de resolver através do processo de colaboração - trabalho em conjunto para a realização de uma lista de temas a debater, originando momentos criativos onde existe liderança por parte dos protagonistas para tomarem decisões e para aceitarem compromissos tendo em conta critérios consensuais. Os objetivos que se pretendem consistem em diminuir as tensões, aumentar a confiança e progredir na comunicação.
- Elaboração de um plano de ação comum, no qual os protagonistas devem trabalhar para chegarem ao momento do acordo.

O mediador (terceiro elemento) tem um papel indispensável ao longo deste, o que sublinha a importância da formação no domínio de algumas técnicas. Para Muldoon (2008, p.164-165), o mediador terá de ser “imparcial, aceitável para ambas as partes, não tem qualquer autoridade ou poder de controlar o resultado” sendo o seu dever “estruturar a comunicação entre as partes para que cheguem ao seu próprio acordo. O mediador não deve ter planos predefinidos ou preconceitos sobre como resolver o processo, pois, se assim for, corre o risco de perder a confiança de ambas as partes”. Deve então, ganhar a confiança de ambas as partes e “indubitavelmente, uma das capacidades mais importantes de um bom mediador será a de se sintonizar com o meio através da sua linguagem, aparência e comportamento” (Boqué Torremorell, 2008, p.58).

Dinâmicas de grupo como técnica de apoio no desenvolvimento social e cultural

As dinâmicas de grupo são “uma ferramenta extremamente útil para o ensino e aprendizagem dos jovens (...).” (Dal Bosco & Harumi Sudo, 2001, p.2), pois para além de serem atividades que valorizam a experiência própria, levam à compreensão de técnicas e estratégias que poderão ser aplicadas posteriormente, a diferentes grupos de pessoas e situações. As dinâmicas de grupo têm de ser entendidas como “um instrumento

através do qual é permitida uma relação aberta e espontânea entre os membros do grupo, possibilitando a exposição de opiniões e a comunicação de experiências, a qual conduz ao desenvolvimento das capacidades dos indivíduos que compõem o mesmo” (Pereira Alberto, Cirino, Nunes, Lins, Melo Soares, Dantas, Santos Alves, Dantas, Alves, & Alberto, 2001, p.1), sejam elas crianças, jovens ou adultos.

Trata-se de um instrumento que proporciona a definição de objetivos, sejam individuais ou coletivos, bem como, a revisão constante de metas e ações propostas, não permitindo que os indivíduos se distanciem de seus objetivos e questionem-se a respeito de possíveis modificações em suas ideias. (Pereira Alberto et al, 2001, p.2)

Através da afirmação acima transcrita e ainda segundo Almeida (1973 cit. por Pereira Alberto et al, 2001, p.2) a dinâmica de grupos, funciona então como um processo de democratização, levando os indivíduos a participarem e a desenvolverem o sentido de responsabilidades e espírito de iniciativa.

Por fim, tendo ainda como característica o fator socialização, as dinâmicas de grupo, contribuem para o desenvolvimento de relacionamentos bem como para a aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Fica então patente a importância das dinâmicas de grupo na formação de agentes sociais, no qual é valorizado a participação e a construção coletiva de saberes. Todos os elementos do grupo, sejam eles os que realizam a atividade e os que preparam e comandam, são essenciais para o sucesso da atividade e conseqüentemente para o desenvolvimento de novas capacidades e aprendizagens do grupo.

Capítulo II – O CONTEXTO E O CONCEITO DE INTERVENÇÃO

1. O Contexto de Intervenção

Para fazer que se compreenda toda a descrição e análise sobre o trabalho realizado durante o estágio curricular, torna-se essencial fazer um enquadramento sobre o contexto de intervenção, no qual estive inserida ao longo deste ano.

1.1. O Bairro da Alta de Lisboa

No final dos anos noventa, o Alto do Lumiar, na periferia norte da cidade de Lisboa, constituía a maior concentração de barracas e outros alojamentos precários da cidade. Musgueira Norte e Musgueira Sul, Quinta Grande, Bairro da Cruz Vermelha, Galinheiras, Quinta da Pailepa e Quinta do Louro eram alguns dos principais bairros que se encontravam nesta situação e que fizeram parte do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, um projeto de renovação e expansão urbana desta área da cidade. A população destes bairros passou então por um processo de realojamento que decorreu de 1997 a 2007, maioritariamente entre 2000 e 2001. Nasce assim o novo bairro da Alta de Lisboa, com uma população muito heterogénea, com origens geográficas, étnicas e culturais muito diversificada. (Carapinha, 2010, p. 9).

Como acima referido, o Bairro da Alta de Lisboa está inserida num projeto que implica o realojamento de milhares de pessoas, a construção de milhares de fogos, escolas, espaços verdes, equipamentos sociais, vias rodoviárias, reunindo assim moradores provenientes de diferentes classes sociais, sendo então caracterizado como um bairro bastante heterogéneo, com grande diversidade e multiculturalidade. Este realojamento teve por base um Plano Espacial de Realojamento (PER), que se baseou em três ideias essenciais: erradicação das barracas; envolvência dos municípios de forma vincada no processo; e potenciar uma mudança no estilo e vida associado aos bairros degradados (Cachado, 2009 citado por Carapinha, 2010).

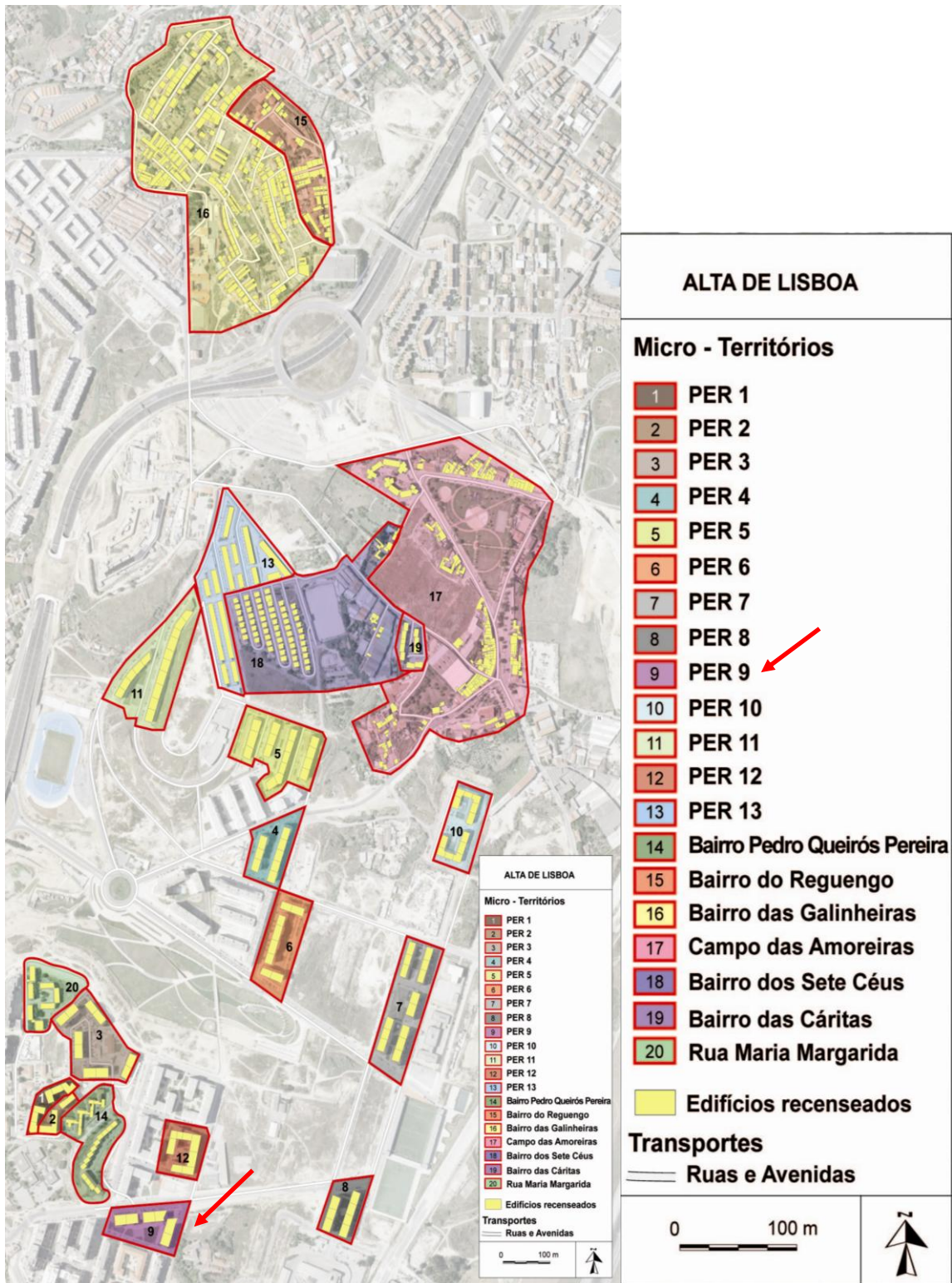


Figura 1 – Bairro da Alta de Lisboa. Descrição do Plano Espacial de Realojamento (PER). Sinalização do PER 9: Local da Associação Espaço Mundo.

De forma a dar resposta a todas as dificuldades sentidas, atores locais, ou seja associações de base local e com abertura à integração de organizações da Freguesia da Charneca, criaram o Grupo Comunitário da Alta de Lisboa com a finalidade de promo-

ver uma melhor articulação e funcionamento interinstitucional, de adotar estratégias comuns e potenciar recursos na tentativa de melhor servir a comunidade local.

Em 2009, o Programa K’CIDADE realizou um estudo sobre o Bairro da Alta de Lisboa, inquirindo cerca de 1.327 dos 16.994 indivíduos (População Residente Estimada), em que foi possível comparar com dados estatísticos de uma outra investigação realizada em 2004. Assim, destaca-se algumas ideias fundamentais, que nos ajudarão a identificar e caracterizar a população e o Bairro da Alta de Lisboa. Em 2009 existia um equilíbrio na distribuição dos indivíduos segundo o sexo: 51% mulheres e 49% homens, em que a população era predominantemente adulta e a população jovem com uma maior expressividade que a população idosa (22,5% e 13,2%, respetivamente). No que toca ao estado civil, a população é maioritariamente solteira e seguidamente casados ou em união de facto. A maior parte dos inquiridos é natural de Portugal (83, 7%) e os restantes são maioritariamente descendentes dos PALOP. De 2004 para 2009:

- Diminuição da população ativa;
- Estabilização da população idosa;
- Crescimento das situações de monoparentalidade;
- Redução dos residentes de naturalidade estrangeira;
- Aumento da sobrelotação dos alojamentos.

No que toca à situação económica ocorre um agravamento da taxa de desemprego (de 23,3% para 27,7%) e conseqüentemente, uma maior incidência de trabalhadores não qualificados (de 31,8% para 38,5%). Em relação às vivências, participação e associativismo houve um aumento dos crimes violentos: acréscimo dos indivíduos que afirmam ter sido vítimas de crime de 9,3% para 11,9% e uma diminuição da participação em atividades comunitárias, em especial a participação em iniciativas locais (passou de 18,2% para 6,5%). No entanto, houve um crescimento da satisfação com o bairro, com a preservação do principal aspeto positivo (as relações de vizinhança).

No mesmo estudo foi ainda possível construir um retrato sobre a Educação e o Acompanhamento dos pais às suas crianças. Em relação à Educação, a população estudante corresponde a 24,5% da população residente, no qual 12% são trabalhadores-estudantes. À medida que o grau de ensino vai aumentando menor é a percentagem de pessoas que continuam os estudos: 31,8% frequentou o 1ºCiclo do Ensino Básico, todavia, só 7,1% ingressou no ensino superior. 26,3% da população residente no PER 9, zona do qual a Associação Espaço Mundo pertence, está inserida no Sistema de Ensino.

Como tal, foi ainda possível chegar a algumas conclusões, no que toca ao impacto da instrução na inserção laboral:

- Fonte de Rendimento: Quanto mais baixo for o nível de instrução verifica-se uma maior dependência aos apoios sociais;
- Condição perante a Atividade Económica: Os níveis de instrução mais baixos estão associados uma maior precariedade económica (desemprego e dependência do Rendimento Social de Inserção - RSI).
- Regime de trabalho: Regime de trabalho ocasional é mais comum entre a população com baixos níveis de instrução.
- Situação na profissão: Fraca dinâmica empreendedora entre a população menos qualificada (14,3% da população analfabeta face a 23,1% da população com o ensino superior).
- Tipo de contrato de trabalho: Os ativos com o 1º Ciclo do Ensino Básico têm a sua situação laboral mais estável, enquanto que os indivíduos com ensino superior apresentam contratos de trabalho mais instáveis.
- Descontos para a Segurança Social: A população que efetua descontos regulares apresenta em geral, níveis de instrução mais elevados;
- Desempregado nos últimos 3 anos: A problemática do desemprego afeta mais frequentemente a população com fracos níveis de instrução;

Por sua vez, no que diz respeito ao tema acompanhamento dos pais concluiu-se que 61,6% dos pais admite não querer ter uma participação mais ativa na vida escolar dos filhos, apontando como razões: o facto de considerarem já ter uma participação ativa (36,4%); de não haver necessidade e/ou não valer a pena (23,4%); e por fim, por falta de tempo (10,4%). Os restantes pais, que responderam positivamente (28,8%) consideram que a participação mais ativa é fundamental para o sucesso escolar dos filhos (66,7%). Por fim, como principais dificuldades apontadas no acompanhamento pelos pais são: a falta de tempo (21,8%); o baixo nível de instrução (6,5%); a falta de proximidade com os filhos (0,8%); outras razões (4%); e ainda, múltiplas razões (0,8%). 66,1% dos pais preferiu não responder à questão colocada. Sabe-se ainda que, apenas 9,5% dos pais faz parte da associação de pais da respetiva escola dos filhos.

1.2. K’CIDADE – Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano

A Fundação Aga Khan é constituída por um grupo de instituições privadas, internacionais, de diferentes regiões do globo, não-confessionais, que operam no sentido de melhorar a qualidade de vida e o acesso a (novas) oportunidades de populações de regiões mais pobres do mundo, apoiando as comunidades mais vulneráveis independentemente da sua origem étnica, género, religião ou convicção política (Fundação Aga Khan em Portugal – site). Assim, o grande objetivo da Fundação é o de criar instituições e programas que possam responder, com continuidade, aos desafios resultantes das mudanças sociais, culturais e económicas, para a melhoria das condições de vida das comunidades mais desfavorecidas, promovendo soluções criativas e eficazes para problemas que inibem o desenvolvimento.

As estratégias de resposta da Fundação Aga Khan aos problemas da pobreza e exclusão social são desenvolvidas em áreas prioritárias como a saúde, educação, desenvolvimento rural e urbano e fortalecimento da sociedade civil, centrando as suas atividades nos princípios orientadores relativos ao desenvolvimento sustentável, participação das comunidades, reconhecimento dos indivíduos e grupos enquanto autores do seu próprio destino e capacidade de mudança, e abordagem a longo prazo, suscetível de viabilizar uma atuação integrada, sustentável e multidimensional.

Em Portugal, o trabalho da Fundação Aga Khan começou em 1983, no entanto só em 1996 foi reconhecida oficialmente, por decreto-lei como uma Fundação Portuguesa, destacando atividades que vão desde a investigação à intervenção inovadora nas áreas da educação de infância e nas respostas à exclusão social e pobreza urbana.

Após a entrada de Portugal na União Europeia, temos atravessado diversas transformações profundas de natureza social, económica e cultural que, de alguma forma, traduzem uma inegável melhoria da qualidade de vida da generalidade da população. Ao mesmo tempo tais mudanças levantam questões de pobreza e exclusão social, designadamente em áreas urbanas ou em zonas de periferia urbana e metropolitana, que se têm vindo a agravar fortemente nos últimos anos.

O K’CIDADE – Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano encerra alguns dos princípios basilares do Desenvolvimento. Um deles, talvez o mais importante, é a crença profunda no Ser Humano, nas suas capacidades para conduzir o seu próprio processo de Desenvolvimento. E é dessa crença que surge um Programa que se

realiza com a participação efetiva das pessoas, dos beneficiários. Por outro lado, este Programa, como o próprio nome indica, é implementado num contexto urbano, sendo a primeira experiência da Fundação Aga Khan em meio urbano e em país desenvolvido. É destes dois factos que nasce o nome e logótipo do K’CIDADE. O nome encerra: Capacidade e Cidade. Lê-se “Capacidade”. (Brochura K’CIDADE, 2007, p.2)

Assim, depois da realização de um estudo diagnóstico a Fundação Aga Khan, em 2004 inicia um Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano, Programa K’CIDADE, com uma duração mínima de 10 anos, na área Metropolitana de Lisboa como zona de intervenção piloto, tendo como visão a promoção de processos de mudança social que respeitem os ritmos das comunidades, num processo de progressiva autonomização dos diversos agentes, procurando responder aos desafios que enfrentam as comunidades urbanas mais pobres e socialmente excluídas nomeadamente, as comunidades com forte presença de imigrantes e minorias étnicas e culturais, capacitando-as para a melhoria da sua qualidade de vida (missão).

De forma a cumprir com o compromisso estabelecido, o Programa K’CIDADE concentra-se em três eixos estratégicos (Brochura K’Cidade, 2007):

- Coesão Social / Cidadania:
 - Comunidades capacitadas para identificar necessidades e recursos, priorizar e conceber soluções e respostas para o seu próprio desenvolvimento;
 - Comunidades integradas e solidárias e com representação positiva no exterior;
 - Redes comunitárias concertadas na ação coletiva;
- Educação:
 - População capacitada, com competências potenciadas e qualificações aumentadas;
 - Níveis de acesso e sucesso educativos aumentados;
 - Respostas educativas locais de qualidade;
- Desenvolvimento Económico:
 - Níveis de emprego/autoemprego da população mais vulnerável aumentados e sustentados;
 - Oportunidades de geração de rendimento aumentadas;

- Economia local mais desenvolvida e diversificada;

Mais ainda, para obter os resultados esperados, utiliza como estratégias de intervenção:

- Projetos de Inovação Comunitária que “materializam ideias e iniciativas de grupos ou organizações das comunidades resultantes da identificação de interesses e/ou necessidades comuns”;
- Dinamização de Redes no qual “o Programa tem assumido a função de facilitador de redes de parceria locais, no sentido de promover o desenvolvimento integrado e a dinamização de novas formas de planeamento e intervenção comunitária (...)”;
- Capacitação de organizações locais, promovendo “processos de mudança nas organizações locais (públicas ou privadas, embora com especial atenção para as organizações da sociedade civil) tornando-as: mais focadas nas reais necessidades das comunidades; mais abertas à participação; menos “assistencialista”; com serviços de melhor qualidade; mais eficazes e eficientes na sua gestão; com uma cultura de avaliação; mais abertas à inovação e mais sustentáveis”;
- Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo utilizadas como um “instrumento potente e catalisador de outros processos de desenvolvimento local”;
- Projetos Âncora¹, “propostas do K’CIDADE que se pretendem inovadoras, estruturantes e com impactos significativos”;

¹ Projetos Âncora – Exemplos: na área da empregabilidade, o Programa assume-se como dinamizador de redes locais e regionais para o emprego, reunindo os atores de nível micro (o conjunto dos atores locais), meso (Centros de Formação Profissional, Delegações Regionais do IEFP, Câmaras, etc.) e macro (IEFP, Ministérios, etc.) e de empresas comprometidas com políticas de Responsabilidade Social, tentando ajustar a oferta à procura, através de modelos de formação de curta duração, orientados para postos de trabalho específicos e com elevadas taxas de sucesso na integração e manutenção do posto de trabalho; na área do empreendedorismo, o K’CIDADE desenvolveu um Programa de Criação de Negócios (PCN), que procura transferir para ambientes de exclusão social, metodologias de gestão e análise de projetos económicos. Embora mantendo o foco no aumento da geração de rendimentos, através da criação do auto-emprego ou de micro-empresas, o PCN procura oferecer uma resposta individualizada e “à medida”, focalizada na definição de projetos de vida sustentáveis para os empreendedores e não apenas na orientação para a ideia e para a viabilidade dos seus negócios; e na área da educação, o Programa preconiza uma proposta pedagógica para a educação de infância (EDUCARE), baseada em modelos pedagógicos de génese sócio-constructiva (High/Scope, Movimento da Escola Moderna, Reggio Emilia, entre outros). Estes processos de mudança ocorrem através de uma consultoria pedagógica e/ou organizacional, de formação contínua e supervisão em contexto numa estratégia colaborativa e democrática. A abordagem pedagógica tem o seu cerne na criança, como ser competente e participante ativo do seu próprio desenvolvimento (Brochura K’CIDADE, 2007).

- Animação e Mobilização Comunitária, que “permite o ensaio de experiências de autonomização progressiva de grupos da população, ou de organizações, que assumem a responsabilidade de desenvolver atividades de cariz comunitário, assumindo a equipa do Programa a função de catalisador destes processos”;
- Centro de Inovação Comunitária, “espaços físicos nos territórios, de fácil acesso aos moradores e que têm por objetivos servir de pólos catalisadores de iniciativas comunitárias (centros de recursos, espaços para o desenvolvimento de atividades comunitárias, entre outros) e disponibilizar serviços inexistentes nos territórios (centros de inclusão digital, salas de formação, gabinete de apoio ao empreendedorismo, acesso aos guias de recursos comunitários, entre outros) “;

O K’CIDADE, tendo em conta as estratégias de intervenção e os eixos já estabelecidos assenta nos seguintes princípios orientadores:

- Abordagem multidimensional, integrada e de longo prazo, centrada nas causas dos problemas e não nas suas manifestações mais visíveis;
- *Empowerment*, no sentido de promover a autonomia e a capacitação dos beneficiários para que eles próprios conduzam o seu processo de desenvolvimento;
- Sustentabilidade das intervenções e dos seus resultados, tendo presente que o Programa tem um horizonte temporal definido e que devem ser as comunidades a assegurar a continuidade do processo de desenvolvimento;
- Participação efetiva dos atores do tecido institucional e das populações locais, quer na identificação de necessidades e problemas, quer na busca de soluções, sua implementação e avaliação;
- Avaliação e monitorização das intervenções, segundo metodologias rigorosas, sistemáticas e participadas, promovendo uma cultura de aprendizagem que potencie o *empowerment* e a capacitação dos diversos agentes envolvidos.

Por fim, os territórios de Intervenção, no qual o Programa K’CIDADE colabora, de forma a dar respostas aos desafios levantados nas diferentes comunidades são: Alta de Lisboa (Projeto Urbanístico do Alto do Lumiar, que compreende parte das freguesias da Charneca e do Lumiar), Mira Sintra (parte antiga da freguesia de Aqualva-Cacém),

Ameixoeira, Tapada das Mercês e Quinta do Lavrado (Vale de Chelas), este último em parceria com a Santa Casa da Misericórdia em que simultaneamente se identificam fenómenos de pobreza e exclusão social, de dinamismos locais subaproveitados e potencial para iniciativas de desenvolvimento local.

1.3. Associação Espaço Mundo

Primeiramente com o nome de Associação de Moradores da Quinta Grande, a Associação Espaço Mundo foi fundada em 1993, e tem como principais objetivos apoiar a comunidade envolvente e promover a cultura, realçando os direitos das comunidades emigrantes e os seus descendentes residentes na Alta de Lisboa. Os dirigentes associativos, pessoas responsáveis e com alguma experiência na área de animação comunitária, estão motivados e empenhados para desenvolver atividades e projetos que respondam às necessidades específicas da população local. Mais ainda, torna-se importante de referir que os mesmos exercem trabalho voluntário, tendo muitas vezes que dividir o seu tempo com o seu emprego/trabalho e vida familiar.

Assim, e a partir da necessidade sentida por várias pessoas da comunidade nasceu o Apoio ao Estudo e o ATL (Centro de Atividades de Tempos Livres), apoiando as crianças na sua formação e aproveitamento escolar, através da organização de atividades de lazer, lúdicas, desportivas e socioculturais, tendo em vista o seu desenvolvimento integral, que ao longo dos anos se têm vindo a revelar uma mais-valia à comunidade envolvente.

O Apoio ao Estudo, que recebe crianças a frequentar o 5º, 6º e 7º Ano de Escolaridade funciona às terças, quartas e sextas-feiras das 15h30 às 16h30. O ATL decorre das 17h30 às 20h, todos os dias. No Ano Letivo de 2011/2012, o grupo que constituiu o ATL era composto por cerca de 20 crianças (número não exato porque ao longo do ano foram entrando e saindo crianças, muitas vezes, sem dar justificação), com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, desde o 1º Ciclo (1º, 2º, 3º e 4º Ano) até ao 2º Ciclo (5º e 7º Ano), maioritariamente residentes na zona do PER 9². Na sua maioria frequentam a Escola nº 34, logo independentemente de serem um grupo bastante heterogéneo no que diz respeito às suas histórias de vida e individualidades, o grupo de crianças conhece-se da vizinhança, da comunidade envolvente.

² Plano Espacial de Realojamento (PER) – Figura 1

O funcionamento da Associação Espaço Mundo é apoiado por um grupo de monitores voluntários (por volta de 10 residentes locais e 8 alunos do Colégio de S. João de Brito) e o apoio de estagiários, de forma a promover e restabelecer o bem-estar e reforçar positivamente a criança nos contextos de autonomia e assertividade. Os residentes locais são jovens, entre os 18 e 24 anos, estudantes a frequentar Cursos profissionais e outros já trabalhadores (ou à procura). Os voluntários do Colégio São João de Brito são jovens com idades compreendidas entre 15 e 16 anos, estudantes do Ensino Secundário. No que toca à organização do grupo de voluntários não existe nenhuma divisão ou esquematização sobre quem e em que dias as pessoas aparecem e sobre que tarefas realizar, sendo muitas vezes decidido no dia, consoante o número de voluntários que aparecer.

Tendo presente os princípios do Programa K’CIDADE torna-se claro o porquê da Associação Espaço Mundo ter pedido a colaboração e participação do Programa na organização da Associação e na reestruturação do ATL, focando a sua maior preocupação na realização de atividades com dimensões pedagógicas e socioculturais para as crianças pertencentes à comunidade local. Como referido algumas vezes pela responsável do ATL, a Associação Espaço Mundo, que tem “ a porta sempre aberta à pessoa, à comunidade, ao mundo” como principal característica, é constituída por um grupo de voluntários, que se quer envolver na comunidade, capacitando e autonomizando as crianças e os adultos, através da participação e valorização do indivíduo e das suas relações, deixando assim uma marca na transformação e melhoramento da coesão social.

2. O conceito de Intervenção – Método de projeto

Antes de se dar início à definição de conceitos que irão ser abordados ao longo do Plano de Atividades e do Plano de Formação, torna-se imprescindível definir um leque de conteúdos ligados à construção do Projeto.

2.1. O que é um projeto e as suas fases

Os projetos têm um propósito: os projetos têm metas bem definidas e são iniciados para produzir resultados bem definidos. O seu objetivo é o de solucionar um “problema”, o que envolve uma análise, de antemão, de necessidades. Apresentando uma ou mais

soluções, o seu fim é a mudança social duradoura. (Humana Global, 2000, p.29)

O projeto consiste inicialmente numa construção mental que pretende incidir sobre uma situação real, visível, saltando da ideia para a ação, que deve no sentido de conseguir uma melhoria pessoal, profissional ou social. Para John Dewey (cit. pela Humana Global, 2000, p.28), que contribuiu para o desenvolvimento do conceito de projetos na educação, existem quatro pré-requisitos que se salientam um projeto:

- Processo de reflexão comum, que fomenta o crescimento e o desenvolvimento;
- Observação das condições do ambiente onde é idealizado;
- Conhecimento do que se passou em situações semelhantes no passado;
- Abordagem que sintetiza a observação do futuro e o conhecimento do passado, identificando o seu significado.

Para a construção e execução de um projeto exequível é necessário passar por um conjunto de fases, que vão desde o conhecimento de uma interação real ao aparecimento de uma ideia, à planificação dessa mesma ideia, à passagem para a ação - a implementação, e à avaliação que poderá não constituir a última fase do projeto, mas sim o ponto de partida para o seu prolongamento ou, quem sabe, para o impulso de um novo problema, necessidade ou objeto. Assim, pode-se definir as diferentes fases:

- Planeamento: diagnóstico da situação, negociação dos objetivos e prioridades e uma descrição de meios e planificação das atividades (delineação do projeto);
- Gestão: Implementação do projeto;
- Monitorização: Avaliação do projeto e divulgação dos seus resultados mais significativos. O esforço da divulgação dos dados obtidos é útil não só para outras pessoas como para os próprios intervenientes do projeto, ajudando-os a refletir no trabalho que realizaram.

A avaliação é considerada um elemento crucial em todo o tipo de programas, planos ou projetos, pois irá permitir determinar até que ponto os objetivos foram alcançados. Quando realizada durante a ação, a avaliação poderá servir ainda de “instrumento de apoio”, na medida em que possibilita verificar se o planeado está a ser executado ou se existe algo que necessita de ser alterado.

2.2. Plano de Atividades

Um plano de atividades constitui uma peça essencial, que indiscutivelmente passa por um processo de planeamento, no qual “se define para determinado período de tempo os objetivos, a estratégia e metodologia a seguir, assim como os meios e recursos a afetar com vista à prossecução dos objetivos determinados.” (Instituto Português da Juventude, s/d, p.2)

Como tal, reforço, uma vez mais, a importância que o Plano de Atividades (documento orientador de atividades pedagógicas ao longo de um ano letivo) tem, pois quando bem orientado, irá permitir que diferentes dinâmicas, exercícios e ações planeadas se realizem de forma articulada e coerente e conseqüentemente cheguem aos resultados esperados - as metas e principalmente permitirá “melhorar, enriquecer e ampliar conhecimentos, estimular a curiosidade e desenvolver competências e valores”. (Plano de Atividades, 2011, p.1)

2.3. Plano de Formação

Quando se refere o Plano de Formação, a Comissão Interministerial para o Emprego – CIME (2001) define como um “documento que integra o conjunto estruturado das atividades que devem ser realizadas num dado período de tempo, com o fim de alcançar os objetivos propostos, tendo por base um diagnóstico de necessidades de formação”. Assim sendo, a elaboração de um Plano de Formação supõe que haja a preparação e o desenvolvimento de atividades e tarefas, tendo em conta um levantamento de necessidades sentidas, para que essas mesmas necessidades sejam ultrapassadas, os objetivos sejam alcançados e conseqüentemente seja melhorado o contexto envolvente e acima de tudo, que o indivíduo aperfeiçoe as suas capacidades, aptidões e valores.

3. Técnicas de recolha e de análise de dados

Destaca-se agora os métodos e instrumentos utilizados ao longo do estágio, que também eles permitiram caracterizar e analisar as necessidades sentidas, fases e momentos experienciados.

Método Qualitativo

Segundo Bogdan e Biklen (1994) “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (...) Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (p.48). Como tal, este tipo de investigação é entendida como descritiva e naturalista, uma vez que se baseia numa descrição rigorosa resultante de uma recolha de dados, como registos de observações, transcrições de entrevistas, análise de documentos escritos ou até gravações de vídeo. Toda esta recolha, por sua vez, acontece tendo em conta situações reais e “naturais”, havendo ainda uma preocupação por parte do investigador em comunicar e interagir com os sujeitos de forma a conseguir uma informação mais realista, preservando sempre a integridade dos mesmos.

3.1. Técnicas de Recolha de Informação

Observação participante e naturalista:

Aquando da utilização da técnica de observação há que ter em conta certos aspetos que Albano Estrela (1994) realça para distinguimos a observação participante da não-participante: a situação ou atitude do observador; o processo de observação; as características do campo de observação.

A observação participada corresponde a uma observação em que o observador poderá participar, de algum modo, na atividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, conseqüentemente, sem perder o respetivo estatuto. Convirá, ainda, acrescentar que a observação participada se orienta para a observação de fenómenos, tarefas ou situações específicas, nas quais o observado se encontra centrado. (Estrela, 1994, p.35)

Ainda segundo Estrela (1994), esta consiste na participação real do investigador na vida da comunidade, do grupo ou de uma determinada situação. Na observação participante, o principal instrumento de pesquisa é o investigador, que está em contacto direto, frequente e prolongado com os intervenientes sociais e o seu contexto. Esta técnica logo à partida destaca-se devido às suas vantagens como a facilidade de acesso aos dados, às situações e aos intervenientes envolvidos, a possibilidade de acesso a dados

que a comunidade ou grupo consideram do domínio pessoal (privado) e a possibilidade de captar palavras e momentos que esclarecem, por vezes o comportamento observado. Como tal, desde logo, assumi que a observação participante seria uma técnica deverás vantajosa para o meu trabalho, uma vez que estava inserida num contexto marcado por dinâmicas e momentos ricos em partilhas, reflexões e aprendizagens, e assim à medida que ia exercendo as minhas funções como monitora, ia ao mesmo tempo observando os meus colegas e as crianças que frequentavam o ATL, estando muitas vezes presente em momentos marcantes para o desenvolvimento da Associação Espaço Mundo, do ATL e principalmente das crianças. Todas as observações, momentos vividos, conversas e tarefas desempenhadas foram fundamentais para o enriquecimento do meu trabalho e relação com os intervenientes da comunidade. A conversa informal tem como objetivo a recolha de dados de opinião que permitiram não só fornecer ideias e informações fundamentais para a caracterização do contexto de intervenção (Associação e comunidade), como também para ficar a conhecer a opinião dos intervenientes do ATL (responsáveis, monitores e crianças). No decorrer do estágio curricular foi possível realizar algumas conversas, muitas vezes despoletadas de uma forma bastante espontânea, sem planear. Estas mostram ser de uma extrema importância, pois através da partilha em momentos de lazer (maioritariamente às sextas-feiras, dia livre para as crianças do ATL) foi possível refletir sobre dificuldades sentidas e interesses e conhecimentos a adquirir.

A observação naturalista, ainda segundo Estrela (1994) “(...) é, em síntese, uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o século XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais”. Assim, este autor define a técnica de observação naturalista segundo quatro linhas: 1) não é uma observação seletiva; 2) preocupa-se com a aquisição de comportamentos ou atitudes dentro de um contexto, para haver uma melhor interpretação destes; 3) procura, através da relação dos comportamentos de um determinado contexto, estabelecer biografias; e 4) a continuidade é um dos princípios de base que possibilita uma observação correta.

No registo de dados, o observador deve ser imparcial, não deve ser influenciado por opiniões sobre aquilo que está a acontecer, deve registar o máximo possível, até o que no momento possa parecer insignificante. A observação centra-se, fundamentalmente, na descrição da situação em que se dá o comportamento e tenta explicar esse processo, descreve situações no habitat natural, logo estuda comportamentos que dificilmente se observariam em laboratórios.

Entrevista Semi-diretiva:

A entrevista Semi-diretiva tem como finalidade recolher dados de opinião, que facilitem informações para a caracterização do processo em estudo, e ao mesmo tempo, conhecer os intervenientes do processo para se realizar a investigação. Assim, a entrevista apresenta algumas características, que são as seguintes:

- O entrevistador fala com o entrevistado cara-a-cara e obtém a informação diretamente;
- As perguntas tendem a ser abertas, para que o entrevistado possa realmente expressar-se livremente;
- Pode também ser realizado um tipo de entrevista cujas perguntas são de carácter fechado, ou seja, de escolha múltipla. No entanto, este tipo de questões pode levar a uma perda de informação. Todavia, o facto de as respostas serem facilmente analisadas constitui uma das vantagens desta técnica;
- Deve-se utilizar uma linguagem simples e ajustada ao entrevistado, ou seja, usar expressões linguísticas que sejam familiar;
- Evitar as perguntas que contêm mais que uma ideia, porque quando isso acontece o entrevistador não saberá a qual delas o entrevistado respondeu e poderá dar lugar a uma má interpretação das respostas.

Segundo Estrela (1994, p.342), para que a entrevista ocorra de forma correta tem que se ter em conta um certo número de princípios., que podem ser agrupados em três pontos orientadores na condução da entrevista:

- Evitar, na medida que for possível, dirigir a entrevista;
- Não restringir a temática abordada;
- Esclarecer os quadros de referências utilizados pelo entrevistado.

Na entrevista semi-diretiva existe uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado, em que este último vai ter uma participação mais ativa. As questões colocadas devem ser abertas e formuladas, permitindo ao entrevistado responder de forma livre, utilizando o seu próprio vocabulário, fornecendo os pormenores e comentários que achar adequados. Deste modo há assim, uma maior liberdade para que o entrevistado desenvolva e discuta os assuntos abordados. Mais ainda, as questões devem ser formuladas de modo a não influenciar as respostas do entrevistado, sendo que a intenção é

dar-lhe a palavra. Quanto ao papel do entrevistador, este deve orientar-se a partir de um guião com objetivos e questões que o ajudem a conduzir a entrevista, não fugindo ao tema central.

Foi então realizado um guião de uma entrevista semi-diretiva aplicado à responsável do ATL (Anexo IV), no dia 26 de Julho de 2012, na Associação Espaço Mundo, pelas 18h45, de forma a caracterizar a Associação Espaço Mundo (ATL) no que toca à organização e à relação com a comunidade. Como tal, destacou-se os seguintes objetivos gerais: apreender a perspetiva da responsável da Associação Espaço Mundo sobre a mesma; caracterizar o grupo de crianças que frequentam o ATL e consequentemente a comunidade envolvente; identificar e realçar a importância do ATL e das atividades ludopedagógicas que neste se realizam; e compreender a importância da Associação Espaço Mundo no desenvolvimento da comunidade. Assim, organizou-se o guião por sete blocos principais: legitimação da entrevista e motivação da entrevistada; identificação da entrevistada; Espaço Mundo; as crianças e o seu contexto; ATL e as atividades; Comunidade; Finalização da entrevista. No primeiro bloco – Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada (A) pretende-se referir a estrutura do guião e informar o entrevistado sobre a pertinência e a necessidade de realizar a entrevista, salientando a importância do seu papel e motivando a colaborar e o carácter confidencial das informações prestadas.

Com o segundo Bloco – Identificação da entrevistada (B) quer-se caracterizar a entrevistada, conhecendo-a um pouco mais, para que haja uma melhor compreensão e relação sobre as questões levantadas.

O terceiro bloco – Espaço Mundo (C) serve para caracterizar o contexto de intervenção, ou seja, para entender qual o papel que a Associação assume na comunidade envolvente, tendo em conta a sua organização, dificuldades, falhas e relação com os pais das crianças que frequentam o ATL.

Com o quarto bloco – As crianças e o seu contexto (D) ambiciona-se, através da perspetiva da responsável caracterizar o grupo de crianças que frequentam o ATL, realçando o meio ambiente (fatores sociais, culturais e emocionais/afetivos) em que estas vivem.

Através do quinto bloco – ATL e as atividades (E) realça-se as atividades ludopedagógicas e a sua importância para o bem-estar das crianças. Neste bloco, com a partilha e reflexão da responsável do ATL pretende-se compreender como foram experienciadas as atividades realizadas (aspectos positivos e negativos), seja a nível pedagógico,

sociocultural e afetivo e ainda perspetivar outras e novas atividades para o ano letivo seguinte, tendo por base a reflexão realizada.

O bloco – Comunidade (F) ajuda a complementar a informação obtida sobre a comunidade envolvente à Associação Espaço Mundo, de forma a perceber e caracterizar essa relação existente, salientando o papel que cada interveniente tem um para o outro.

Para concluir, o último bloco – finalização da entrevista (G) dá a oportunidade ao entrevistado de acrescentar algo mais ao que foi dito, valorizando palavras ditas ou aproveitando para referir outras palavras que também elas merecem realço.

Entrevista *focus-group*:

Através da entrevista *focus-group* os investigadores podem assim, abordar com mais profundidade determinados temas e identificar características de um determinado grupo e de cada indivíduo que o constitui. Segundo Galego e Gomes (2005, p.177), a entrevista *focus-group* “tal como qualquer outro tipo de pesquisa de natureza qualitativa, tem por finalidade procurar o sentido e a compreensão dos complexos fenómenos sociais, onde o investigador utiliza uma estratégia indutiva de investigação, sendo o resultado amplamente descritivo”. Como tal, esta técnica, visa essencialmente obter as reflexões, sentimentos e reações dos participantes do grupo entrevistado de forma a se constituir um novo conhecimento. Permite que se crie um espaço de debate sobre um assunto que todos os entrevistados dominem e ainda que os investigadores construam conhecimentos através de uma “ situação real de dinâmica de grupo, onde são analisadas as relações que vão acontecendo, tendo por base as opções de cada elemento do grupo” (Galego e Gomes, 2005, p.179). Neste sentido e segundo os autores citados, o conhecimento adquire “um valor crítico e reflexivo, com carácter dinâmico e operativo, podendo esta simbiose contribuir para o evoluir da pessoa e das sociedades.”

Quando se pretende utilizar a entrevista *focus-grup* numa determinada investigação deve-se ter presente certos cuidados:

- Perfil dos participantes (é fundamental que os indivíduos tenham características comuns);
- Tamanho de cada grupo (entre 6 a 12 participantes);
- Nível de intervenção do investigador.

Para tal, é necessário que haja confiança entre os participantes e o investigador, garantindo desde logo o anonimato e a confidencialidade dos elementos do grupo. Realça-se então, o papel imprescindível que o investigador deve assumir ao longo da entre-

vista, como líder mas sem interferir com a dinâmica de grupo, que coordene as reuniões de grupo promovendo a participação e interação de todas as pessoas, para que não se dispersem em relação ao tema e/ou objetivos estabelecidos para a reunião e finalmente que seja um agente facilitador do grupo, apresentando aos seus membros explicações claras e objetivas em relação ao trabalho a ser desenvolvido em cada reunião.

Como qualquer procedimento metodológico, a entrevista *focus-group* apresenta vantagens e limitações. Tendo em conta, as considerações de Galego e Gomes (2005) é possível identificar algumas vantagens: permite a recolha de dados junto de um grupo de forma mais rápida e com baixos custos; possibilita a interação direta entre os investigadores e os sujeitos; trata-se de uma metodologia bastante flexível; pode-se articular com outras modalidades de investigação; por fim, os grupos podem experimentar sentimentos de emancipação e desenvolver relações de reciprocidade entre os elementos do grupo. Quanto às limitações prendem-se com o facto de o investigador poder interferir com a dinâmica do grupo, com as dispersões próprias dos grupos heterogéneos, com as generalizações limitadas graças ao baixo número de sujeitos e ao carácter de conveniência do grupo selecionado, com as respostas dos participantes não são independentes umas das outras e com o facto dos resultados obtidos poderem serem influenciados pelas opiniões de um membro dominante do grupo.

No dia 27 de Julho de 2012, pelas 14h20, na Associação Espaço Mundo realizou-se a entrevista *focus-group* (Anexo VI) aos 5 monitores residentes voluntários presentes. Com esta era pretendido: compreender a imagem que os monitores têm das suas funções/responsabilidades no ATL e na comunidade; perceber qual a perspetiva dos monitores em relação ao funcionamento do ATL; identificar e compreender a perspetiva que os monitores têm na sua relação com as crianças que frequentam o ATL; e identificar as necessidades de formação sentidas para o desempenho dos monitores e voluntários do ATL da Associação Espaço Mundo.

Como já referido, esta técnica permite que haja um diálogo aberto e livre, fomentando a uma maior reflexão e debate de ideias. Como tal, foi possível dividir a entrevista em seis tópicos principais, em que em cada um destacou-se algumas questões orientadoras para que, em grupo, partilhassem dúvidas, conhecimentos, dificuldades e aprendizagens.

O primeiro tópico – Representações acerca do voluntariado ajuda a compreender qual a perspetiva do grupo sobre o voluntariado e o seu papel como voluntários. No segundo tópico – O voluntariado no ATL o grupo centra-se no voluntariado na Associa-

ção Espaço Mundo, realçando as suas funções, dificuldades e motivações. Com o terceiro tópico – Relação entre as crianças e os monitores do ATL pretende-se entender como é que o grupo de entrevistados caracteriza as crianças e a relação que estabelece com os intervenientes presentes (crianças e os restantes monitores). Um outro tópico – Necessidades e desejos de formação serve para destacar a necessidade sentida (ou não) por parte dos monitores de formação para o seu desempenho no ATL. Por fim, com os dois últimos tópicos – Identificação dos entrevistados e Finalização da entrevista pede-se a cada entrevistado que se dê a conhecer um pouco mais, no que toca às suas habilitações e formação, deixando-os ainda para acrescentar algum que mereça ser realçado.

3.2. Técnicas de análise de Informação

Análise de conteúdo:

Segundo Berelson (1954, cit. por Estrela, 1994), a análise de conteúdo é “uma técnica de investigação que visa a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. São necessárias algumas regras para a concretização das etapas que seguem a análise de conteúdo: leitura inicial dos documentos, para que seja permissível uma captura global do seu conteúdo, e a elaboração das possibilidades de análise; determinação dos objetivos da análise conforme as hipóteses emitidas e determinação de regras de codificação que nos leva a considerar determinada expressão uma unidades de enumeração ou de contagem.

Em 1979, Bardin aponta outra definição para o conceito de análise de conteúdo, como sendo um agregado de técnicas de análises das comunicações. Estas utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Segundo este mesmo autor, a análise de conteúdo não possui um carácter quantitativo, mas sim qualitativo. Na opinião de Bardin, o indispensável não é a descrição dos conteúdos das mensagens, mas sim as ideias que elas nos podem comunicar e ensinar, isto é, tentar obter a interpretação mais pura das mensagens. Este processo é utilizado de acordo com os objetivos do nosso trabalho. Assim, o investigador, ao realizar os seus trabalhos, tem como objetivo desvendar o verdadeiro significado das mensagens, partindo das suas hipóteses e determinando as técnicas a utilizar e o sentido da análise.

A análise de conteúdos é uma técnica permite analisar o conteúdo de documentos escritos e armazenados. Constitui assim uma parte importante na pesquisa qualitativa

va, pois permite a complementaridade das informações obtidas por outras técnicas como descobrindo aspetos novos de um tema ou problema. Assim sendo, tive ao dispor duas transcrições de entrevistas realizadas à responsável e aos monitores, vários textos, trabalhos e livros cedidos bem como o conteúdo disponível no site oficial do Programa K'CIDADE. Esta análise permitiu enriquecer ainda mais, a minha pesquisa sobre o contexto de intervenção - Associação Espaço Mundo, na Alta de Lisboa, caracterizar o grupo de crianças que frequentam o ATL, ajudando-me a entendê-las, tendo em conta as suas histórias de vida e a estruturar e organizar tanto o plano de atividades como o plano de formação para os monitores.

CAPÍTULO III - PROJETO DE INTERVENÇÃO

1. Primeira Fase: Dinamização do ATL no Ano Letivo 2011/2012

1.1. Apresentação: Finalidade, Objetivos e competências

O trabalho de estágio teve início no dia 14 de Outubro de 2011, no edifício da Associação Espaço Mundo. O primeiro dia ficou marcado pelas apresentações formais (com a presença da responsável do ATL e de uma colaboradora do K’CIDADE, que trabalhava diretamente com a minha Coordenadora Mónica Azevedo), pela compreensão de qual iria ser o meu trabalho ao longo do ano e pelo reconhecimento do espaço e da comunidade envolvente. Nesse mesmo dia foi possível perceber que, de facto, iria ser um trabalho estimulante e desafiador, não só pela proposta feita como também pela marcante diversidade de culturas, histórias e personalidades que se faziam distinguir na Alta de Lisboa.

Logo à partida, ficou definido que a grande finalidade do estágio curricular, na Associação Espaço Mundo seria dinamizar e apoiar o ATL, no que diz respeito à realização de atividades ludopedagógicas, potenciando o conhecimento e o desenvolvimento pessoal e sociocultural das crianças, tendo em conta as experiências vividas da comunidade envolvente.

Após apresentações, realizei pesquisas sobre o Bairro da Alta de Lisboa, de forma a compreender melhor o contexto e perceber quais as necessidades sentidas pelas crianças do ATL. Posteriormente, após reunir com a Coordenadora Mónica Azevedo (K’CIDADE) ficou estabelecido que iria fazer um documento, que defini-se os meus próprios objetivos e competências, de forma a iniciar o trabalho pedido. Assim, para enriquecer ainda mais o meu trabalho, logo de início, destaquei os seguintes objetivos:

- Dinamizar atividades que promovam o desenvolvimento físico, intelectual, social e cultural das crianças;
- Criar um ambiente propício para o bem-estar e desenvolvimento pessoal das crianças, para que estas consigam expressar-se livremente, aceitando e respeitando o próximo;
- Estimular e valorizar a criatividade, autonomia e o espírito crítico de cada criança, ajudando a conhecer-se a si própria;

- Proporcionar momentos (atividades) com a comunidade envolvente, aproximando a Associação Espaço Mundo /ATL com a família/comunidade;
- Manter um relacionamento positivo com as famílias, os estabelecimentos de ensino e a comunidade, numa perspetiva de parceria, tendo em vista a partilha de responsabilidade a vários níveis;
- Apoiar os monitores voluntários, seja no dia-a-dia, seja com a realização de formações ou workshops, no que toca ao funcionamento da relação (gestão da sala de aula e diversidade; conflitos e a sua resolução);

Existem ainda algumas competências pensadas, para desenvolver ao longo do estágio, em interação com as crianças e os restantes intervenientes como com as aprendizagens, conhecimentos e experiências que fosse adquirindo, que pretendia valorizar, melhorar e desenvolver, no decorrer do meu trabalho:

- Competências relacionais:
 - Aquisição e desenvolvimento de capacidades em áreas como a aprendizagem intercultural, animação ludopedagógica, dinamização de grupos, trabalho de equipa e descentração pessoal e cultural;
- Competências cognitivas e instrumentais:
 - Aperfeiçoamento de capacidades de investigação e análise sobre os diferentes desafios propostos;
 - Conhecimento e respeito pelo ritmo e estilo de aprendizagem de cada criança, conseguindo naturalmente, saber adaptar-me às mesmas;
 - Promoção da autonomia na construção das atividades organizadas e estruturadas;
 - Conhecimento e aprendizagem sobre formas de colaboração e cooperação com os pais e a comunidade em geral;
 - Autoavaliação das ações realizadas, incentivando e aumentando à reflexão, criando consequentemente metodologias e instrumentos adequados para o fazer;
- Competências pessoais:
 - Valorização e enriquecimento da comunicação interpessoal e de assertividade; expressão e gestão de emoções e afetos; autoconhecimento;

- Competências de reflexão:
 - Reflexão crítica e criativa e de problematização de situações socioeducativas sob um ponto de vista relacional;
 - Identificação, interpretação e intervenção sobre obstáculos levantados às relações interculturais, como o preconceito, discriminação, racismo e exclusão social;
 - Conhecimento, compreensão e respeito pela diversidade cultural e por outras formas possíveis de conceber, interpretar, explicar e organizar o mundo e os fenômenos que acontecem no quotidiano;
 - Compreensão e prática da complexidade e da especificidade dos sistemas de relações presente num contexto multicultural, tendo em conta as diferentes identidades.

1.2. Descrição e Reflexão sobre as Atividades Desenvolvidas

1.2.1. Análise da Situação

Para cumprir com a finalidade e objetivos propostos considerei que a melhor forma de chegar ao seu sucesso seria organizar e planificar atividades, que promovessem o desenvolvimento global (social, intelectual, cultural e emocional) da criança. Anteriormente à minha chegada, a rotina do ATL era caracterizada pela realização dos trabalhos de casa e no apoio ao estudo, quando as crianças tivessem terminado os trabalhos poderiam ir brincar para o pátio ou fazer outro tipo de jogos, dentro da Associação. Logo à partida, com a minha chegada, ficou combinado que a primeira hora seria dedicada ao estudo e no apoio na resolução dos trabalhos de casa e na segunda hora teria então a oportunidade de realizar as atividades lúdicas e pedagógicas. Todavia, concordámos que esta alteração teria de acontecer de uma forma gradual para que as crianças se fossem habituando à “nova rotina” e conseqüentemente, aceitassem e colaborassem com o meu trabalho.

Antes da construção do Plano de Atividades (Anexo III) foi necessário passar por um período de pesquisa e análise, observação, adaptação e envolvimento no ATL, com as crianças e com os restantes intervenientes. Num primeiro momento, que correspondeu ao 1º Período do Ensino Básico (de Outubro até Dezembro), passei pela fase de observação dos problemas e necessidades sentidas; do funcionamento do ATL e da rela-

ção entre as crianças, de adaptação com o meio e com as características de cada criança e do grupo (como um todo) e de integração. Primeiramente, e de forma a compreender o contexto e o papel das diferentes associações presentes na Alta de Lisboa, efetuei diversas pesquisas (bibliográficas), através de documentos e estudos realizados e conversas informais com pessoas do ATL e da comunidade. Este primeiro passo foi fundamental para perceber a importância que a Associação Espaço Mundo (principalmente o ATL) tem para a comunidade, mais que um espaço de convívio, de lazer e estudo, é acima de tudo um espaço de colaboração, partilha (de palavras, afetos e emoções) e apoio às crianças e jovens, que nem sempre conseguem sentir o mesmo em casa.

Num outro momento, após a contextualização do meio envolvente tornou-se imprescindível saber mais sobre as principais características e funções que um ATL deverá exercer, de forma a captar e melhorar o trabalho proposto, enriquecendo os objetivos e competências definidos, uma vez mais, através de pesquisas, observação e análise de planos de atividades realizados por outras entidades. A partir do contexto de intervenção, para sintetizar o papel e as funções que tanto o ATL como eu deveríamos cumprir, tendo em conta os diversos parâmetros, como os recursos humanos, materiais e pedagógicos, elaborei um documento (Anexo II) no qual constam todos os pontos que considero serem uma mais-valia e essenciais para a organização de um ATL, em particular o da Associação Espaço Mundo.

Ao mesmo tempo da realização das pesquisas acima descritas, colaborei como monitora, no funcionamento do ATL, com o apoio na realização dos trabalhos de casa e no acompanhamento no estudo. Nesta mesma fase, foi ainda possível realizar dinâmicas lúdicas, como por exemplo, o chamado jogo do “lencinho” para que as crianças fossem conhecendo e aceitando a minha presença, não me vendo mais como “intrusa” ou “convidada”. Daí salientar a importância de, esporadicamente, organizar uma ou outra dinâmica lúdica, uma vez que como elemento externo à comunidade fui alterar a rotina do funcionamento do ATL e acima de tudo das crianças, que tinham, na segunda parte, um momento de lazer e convívio. Não foi tarefa fácil, contudo, de forma gradual, espontânea e positiva senti uma aproximação e um melhoramento na comunicação.

1.2.2. Plano de Atividades e o seu desenvolvimento

No início de Janeiro tive uma reunião com a responsável do ATL, para que, em conjunto, compreendêssemos que atividades seriam mais vantajosas e mais indicadas

para as crianças. Foi ainda possível, caracterizar o grupo, identificando e percebendo algumas histórias de vida das crianças, já marcadas por momentos delicados e conversar sobre dúvidas e dificuldades que foram surgindo ao longo desta fase. Esta reunião, mostrou ser de extrema importância, pois permitiu compreender e respeitar o espaço das crianças e ao mesmo tempo saber lidar com as suas individualidades, características e dilemas. Entre Dezembro e Janeiro, estruturei e dei por terminado o Plano de Atividades ludopedagógicas pensado para as crianças do ATL (Anexo III), tendo em conta os recursos existentes. Sabia, à partida, que tinha planificado dinâmicas e visitas que seriam difíceis de realizar, no entanto considerei que deveriam estar descritas, porque mesmo não as realizando naquele momento a ideia iria “plantar raízes”, a vontade iria aumentar e os recursos entretanto poderiam aparecer. Mesmo não se realizando no ano letivo de 2011/2012, são atividades que podem sim, ser realizadas, numa outra altura, num outro momento - no momento certo.

O Plano de Atividades para o Ano letivo 2011/2012 premiou atividades que valorizassem e fomentassem o desenvolvimento global das crianças do Espaço Mundo, realçando características como a cooperação, o espírito crítico, a autonomia e a responsabilidade, entre outras. Outros fatores foram tidos em conta, como a diversidade cultural local, marcada por muitos descendentes de PALOP, áreas distintas (música, desenho, pintura, dança, escrita) e a comunicação, que cada vez mais são exploradas, mostrando ser de extrema importância para a educação e formação das crianças, despertando ainda para a liberdade de expressão e coesão social. Torna-se importante mencionar, que quando refiro o desenvolvimento global da criança, quero com isto dizer, que dimensões como pessoal (emocional/afetivo), intelectual, social, cultural e físico foram reforçadas e trabalhadas, de forma a promover o bem-estar e, consequentemente o autocohecimento (identidade), das crianças.

As atividades estão descritas por mês, no qual é possível observar a sua descrição, objetivos propostos, dimensões a reforçar e os recursos (materiais e humanos) necessários. Maioritariamente as atividades foram conduzidas por mim, todavia, houve a participação de outros monitores, em algumas atividades. Todos nós monitores, tínhamos a participar e a falar também, ao longo das atividades, para que as crianças se sentissem mais à vontade e mais próximas de nós e do nosso trabalho.

Como tal, num primeiro momento, planeou-se atividades que ajudassem as crianças a se identificarem a si e ao grupo de colegas, dando a conhecer os seus gostos e interesses, desenvolvendo as dimensões pessoal, social e intelectual. Houve também

momento para incentivar as crianças a consciencializarem-se para outras realidades e sensibilizarem-se para a solidariedade e ajuda ao próximo, refletindo e discutindo sobre os direitos e deveres do ser humano. Esta atividade trabalhou com dimensões pessoal, social e cultural. Realizou-se ainda, atividades que celebrassem e despertassem para o carinho, o afetivo e amizade, através da reflexão e partilha de emoções, abordando as dimensões pessoal, intelectual e social. Foram programadas atividades que promovessem a reflexão e expressão artística, através da escrita, da pintura e da realização de trabalhos manuais. Estas atividades incentivaram e reforçam as crianças trabalharem capacidades como a criatividade, imaginação e expressividade, através da autonomia da tarefa. Assim sendo, foram desenvolvidas as dimensões intelectual, pessoal e cultural.

Então, pode-se constatar que foram planeadas e realizadas atividades que valorizem a crianças e as suas características, que as fizessem pensar e refletir sobre si e os outros, que se expressassem livremente, podendo criar e entrar num imaginário só delas. Destacou-se também a importância da leitura e da escrita, acima de tudo da comunicação e das suas ferramentas.

Para realizar as atividades propostas foram necessários muitas vezes recursos materiais, como material didático, como cartolinas, folhas, lápis de cor e canetas, que a Associação tinha disponível. Se fosse necessário, tendo em conta o custo, comprava-se o que realmente era preciso, como por exemplo para uma outra atividade, que promoveu o convívio e o trabalho de equipa, refiro-me ao dia da culinária, em que todos juntos fizemos bolachinhas, teve-se de comprar os ingredientes necessários para a realização da dinâmica. Neste caso, aproveitamos ainda a oferta à Associação de um forno pequeno.

Em Janeiro, começámos então com a realização do Plano de Atividades ludopedagógicas. Esta fase foi definitivamente a mais trabalhosa e enriquecedora em aprendizagens profissional, pessoal e (acima de tudo) relacional, devido aos bons momentos passados, em que a execução de algumas atividades correu dentro do previsto, com a ajuda e motivação das crianças, como também a momentos menos bons, marcados por imprevistos e falta de atenção das mesmas. Não irei abordar todas as atividades planificada³, porém existem outras que merecem ser referidas, uma vez que, foram essenciais para a evolução e valorização do meu trabalho, seja com as aprendizagens adquiridas, seja na relação com as crianças ou ainda, e principalmente, porque trouxeram momentos

³ As atividades realizadas estão descritas no Diário de Campo, no Anexo I

de construção e desenvolvimento (emocional-social-intelectual-cultural) às nossas crianças. Ao referir as atividades que considero ser as mais marcantes não quer dizer que tenham sido as que melhor correram, houve dinâmicas no qual foi notório que as crianças estavam desmotivadas e distraídas.

Uma vez que, valorizo e reforço a expressão e partilha de afetos e emoções e tendo em conta, as histórias de vida das crianças, marcadas muitas vezes pela falta de palavras, sorrisos e carinho, as primeiras atividades incidiram um pouco mais sobre o desenvolvimento pessoal e relacional (emocional/afetivo). Ao longo do mês de Janeiro realizámos atividades que se centrassem nos interesses, gostos e na identidade de cada criança, aproveitando assim para caracterizar o grupo.

“Auto-retrato”

Na atividade “Auto-retrato” foi pedido a cada criança que desenhasse o que mais gostava de fazer nos seus tempos livres e como é que se caracterizava a si própria, deixando-a totalmente à vontade na forma como o poderia fazer (desenho livre). A realização desta atividade mostrou ser de grande importância, logo à partida constatou-se que algumas das crianças presentes tiveram dificuldade em começar, a meu ver por duas razões: porque num primeiro momento, não perceberam que o desenho era livre, que podiam fazer o que quisessem e porque ainda não tinham parado para pensar sobre o que realmente gostavam de fazer. No fim, cada criança falou sobre o que desenhou, contudo houve duas crianças que não quiseram falar, sendo portanto, o seu pedido respeitado. As crianças desenharam sobre o que gostavam de fazer: ouvir música, dançar, fazer desporto (futebol), de estar com os amigos e ver televisão, uma outra criança desenhou a Associação, porque era o sítio em que mais gostava de estar e outras desenharam como se viam a elas próprias: contentes e a sorrir.

Tornou-se notório, que mesmo sendo um grupo no qual as crianças já se conhecem algum tempo, da escola, do bairro, da vizinhança, muitas delas sentiram dificuldade em falar em frente aos colegas sobre si, sobre as suas características. O facto de eu também ter participado na atividade (desenho e comentário final) fez com que outras crianças falassem a seguir, sentindo-se mais à vontade para se “exporem” e partilharem algo que gostavam, algo tão pessoal para elas. Esta atividade foi realizada em volta de uma

mesa, no qual estávamos todos sentados, a partilhar o material didático: folhas e lápis de cor.

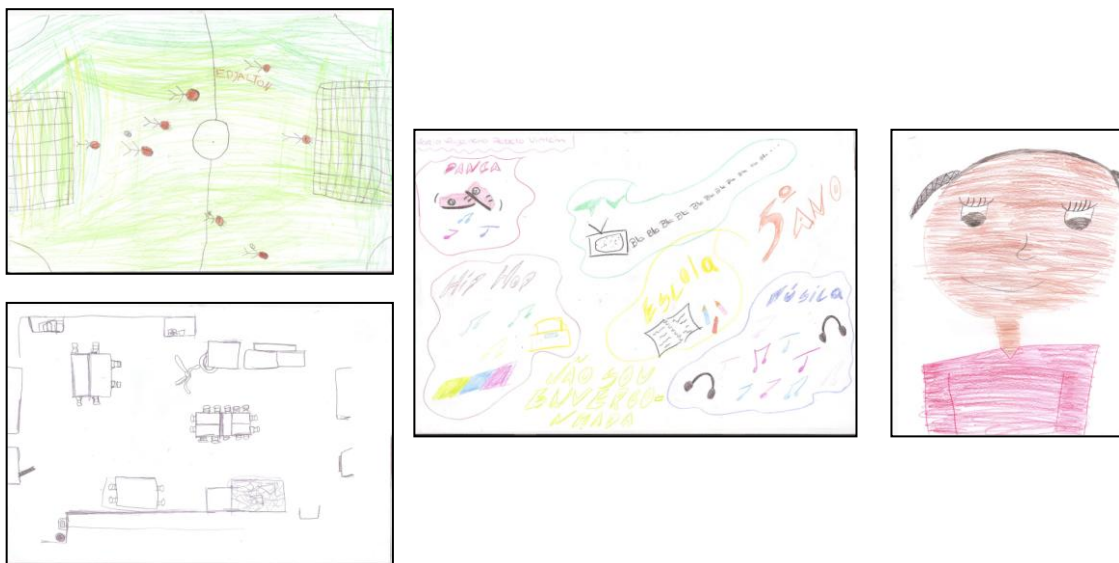


Figura 2 – “Auto-retrato” - Desenhos realizados pelos alunos sobre o que mais gostam de fazer e como se caracterizam a si próprias.

“Como te sentes hoje?”

Para continuar a fomentar a partilha de emoções e afetos, construí um placar das emoções – “Como te sentes hoje?” – com o nome de todas as crianças. Cada uma tinha de colocar uma cara (feliz, contente, normal triste e zangado) consoante a sua disposição e no final, se quisesse falaria um pouco do porquê. O grande objetivo desta dinâmica era que cada criança refletisse e conseguisse falar sobre como e o que sentia, num determinado dia, espaço e momento, ficando assim mais à vontade com o grupo. Esta dinâmica era realizada todos os dias, após a realização dos trabalhos de casa e do acompanhamento ao estudo.



Figura 3 – Placar das emoções – “Como te sentes hoje?”

Ao longo do ano foi possível verificar que normalmente as crianças falavam sobre o porquê de terem colocado determinada cara e estarem naquele estado de espírito. No entanto, ocorreram outros momentos que as mesmas preferiam não o fazer, não se sentindo preparadas para falar sobre o que sentiam. Mais ainda, constatei que ao longo da tarde, as crianças iam mudando a cara que tinham colocado, seja porque quando entravam no ATL estavam chateadas mas como passar do dia já tinham ficado mais calmas e mais satisfeitas por estarem no Espaço Mundo, com os seus amigos, seja porque tinha acontecido o inverso, chegavam bem-dispostas, mas o facto de terem discutido com um amigo, de o estudo não estar a correr bem ou até mesmo porque algum monitor tinha mostrado o seu desagrado em relação a alguma atitude por parte das crianças. Foi uma dinâmica interessantíssima de se realizar, a certa altura, a primeira coisa que cada criança fazia quando chegava era colocar a sua cara, mostrando assim, ao resto do grupo como se sentia, naquele dia. Tornou-se um dado adquirido, funcionando, quase, como uma marcação de presença. Ainda nos permitiu saber como aproximarmos das crianças, consoante a sua disposição e identidade.

“Sabes quem sou?” e a “Ilha dos abraços”

Na continuação do trabalhar os afetos e o contacto realizei mais duas atividades que merecem também elas ser realçadas, não só pela importância que tiveram na construção e desenvolvimento de confiança entre o grupo, mas porque percebi que as crian-

ças gostaram de as fazer – “Sabes quem sou?” e “Ilha dos abraços”. A primeira dinâmica consistia em vendar os olhos a duas crianças e estas tinham de adivinhar quem era a outra pessoa que estava à sua frente, através do toque, sem falar. Impressionante foi entender, que depois de ultrapassada a vergonha de ter que tocar nos colegas, as crianças conheciam e identificavam certas características dos mesmos. A certa altura era já um desafio para as crianças que estavam com as vendas nos olhos adivinhar e perceber que conheciam os amigos e que podiam tocar neles sem embaraços ou vergonhas.

A segunda atividade teve a vantagem de ser necessária a presença de música. O grupo adorou a ideia e aderiu ainda mais rápido à dinâmica. No chão havia folhas de jornal correspondente ao número de crianças. À medida que a música ia tocando todos dançavam. Quando a música fosse desligada todos tinham que se colocar em cima de uma folha de jornal. Sempre que a música retomava retirava-se uma folha, o grande objetivo era que ninguém ficasse de fora, logo as crianças tinham de se agarrar uns aos outros e protegerem-se para ninguém sair, abraçando-se uns aos outros. O jogo correu pelo melhor e todos se apoiaram e protegeram. Percebeu-se, durante o mesmo que havia crianças que se procuravam mutuamente, contudo, se não conseguissem ficar juntos não deixavam de ajudar os outros. A nosso ver, esta dinâmica ajudou a valorizar a confiança e o apoio que as crianças podem ter umas nas outras, mesmo tendo mais laços com umas do que outras.

Cidadania

Aproveitando que em Janeiro se festejava o Dia Mundial da Paz, resolvi organizar uma atividade que dê-se a conhecer os direitos das crianças, que permitisse consciencializar as nossas crianças para outras realidades e ainda que as responsabilizasse no que diz respeito aos deveres que todos temos de cumprir como cidadãos. Na primeira parte da atividade, as crianças tiveram a oportunidade de ver imagens de crianças bem tratadas e felizes e o contraste, crianças que sofrem e a trabalham obrigadas. Todos discutimos o que víamos e sentíamos com as imagens. Foi curioso constatar que na verdade havia crianças que achavam que as fotografias eram montagens feitas por mim e que não havia crianças a trabalhar com enxadas não mão. Contudo, outras sabiam que existem crianças que passam fome e não têm família, dizendo inclusive que ficavam muito tristes com essa situação, porque “todos temos direito a ter alguém que goste de nós”.

Após reflexão e leitura dos direitos das crianças, todos juntos construímos uma lista com os direitos das crianças do Espaço Mundo. Assinámos ainda, uma carta tendo consciência de que também temos deveres a respeitar.

<u>Direitos das crianças do Espaço Mundo</u>	<u>DEVERES</u>
Todas as crianças têm o direito de estudar e brincar.	Também nós crianças temos DEVERES a cumprir, respei-
Todas as crianças têm o direito de brincar depois do trabalho.	tar os pais, obedecer aos professores , devemos respeitar os
Todas as crianças têm direito a ter uma família, a sorrir e serem felizes.	DIREITOS dos outros , contribuir para que os DIREITOS
Todas as crianças têm direito de ter miminhos e abraços.	das CRIANÇAS sejam respeitados. É tão importante
Todas as crianças têm direito a comer.	conhecer os nossos DIREITOS, como os nossos DEVERES
Todas as crianças têm direito a ter roupa.	e contribuir para um mundo melhor e mais justo, respeitar
Todas as crianças têm o direito a ter higiene e nacionalidade.	as outras crianças seja qual for a RAÇA ou LÍNGUA .
Todas as crianças têm direito a ter um lar.	
Todas as crianças têm direito a ter nome e uma mãe e um pai.	
Todas as crianças têm direito de dançar e de se divertir à grande.	
Todas as crianças têm o direito a ter uma profissão a partir da adolescência.	

Figura 4 – Carta como os Direitos das Crianças do Espaço Mundo, construída pelas mesmas. Carta dos Deveres assinada por todos os que estavam presentes.

Numa maneira global a atividade foi positiva, porém não podemos de deixar de referir que houve momentos que as crianças dispersaram a atenção para outros assuntos, mostrando-se muitas vezes distraídas, principalmente quando elaborámos direitos das crianças do Espaço Mundo. Acredito que este facto surgiu porque foi uma atividade mais calma, que exigia concentração, reflexão e organização no debate sobre as ideias tidas. Nem por isso considero que esta atividade não deveria ter sido realizada, pois permitiu que as crianças comesçassem a tomar sentido de responsabilidade, reflexão e concentração, percebendo assim que há momentos para tudo e que na realidade há assuntos que temos de falar, de conhecer e respeitar.

“O que é o amor?”

A última atividade - “O que é o amor?” - foi organizada para ser feita no Dia de São Valentim, todavia nessa semana começaram os preparativos para Festa de Carnaval. Passada essa comemoração achei por bem realizar a atividade planeada uma vez que o sentimento “Amor” deve ser um assunto discutido, sempre presente e não somente referido num dia em específico. Posto isto, primeiramente começamos por dizer palavras

que nos faziam lembrar “O Amor” e de seguida, foi entregue a cada criança um coração no qual cada um teria de demonstrar, através da escrita, palavras ou desenho o que era para si o Amor.

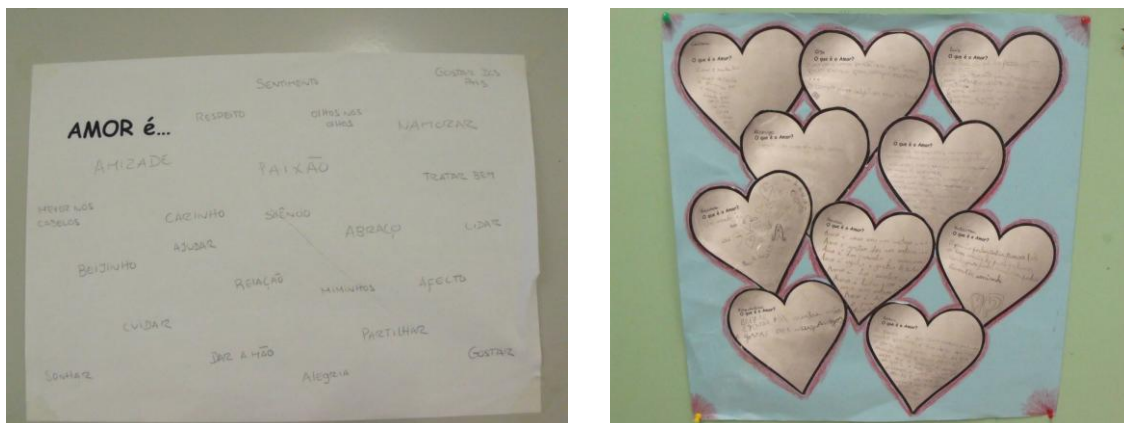


Figura 5 – Trabalho sobre “Amor” realizado pelas crianças do ATL: em forma de palavras, frases ou desenhos.

Normalmente, as crianças associam o “Amor” a gostar dos pais mas acrescentam ainda a importância do afeto (“dar carinho e miminhos”), da proximidade, dos amigos. Quando lhes pedimos para lerem o que escreveram. A maior parte das crianças não teve problema em dizer em voz alta o que escreveu e de salientar que também gostavam muitos dos seus amigos Esta atividade foi de facto muito gratificante, pois nunca esquecendo as histórias de vida e dificuldades que muitas crianças passam é impressionante a sensibilidade e a bondade que estas demonstraram ter. Realçando algo que uma criança disse, mesmo a realidade não sendo a mais justa para todos “é impossível não gostar da palavra Amor.”

1.2.3. Avaliação final do Plano de atividades

Não posso deixar de salientar que muitas das atividades planeadas não foram realizadas. Na verdade, já sabia que à partida, algumas dessas atividades seriam difíceis de realizar, devido à falta de recursos materiais ou financeiros. Todavia, ao longo do ano foram acontecendo imprevistos que de alguma forma, nem sempre concordando com as alterações feitas, tivemos de saber “dar a volta”. Passámos realmente, por momentos, que não foram de todo, fáceis de lidar e trabalhar com as crianças. Estas mostraram-se muitas vezes cansadas e distraídas a realizar as atividades, como disse a responsável do ATL em algumas conversas de carácter informal “eles estão a testar-te

para ver até onde podem ir. Estão a pôr-te à prova!”. Por diversas vezes a responsável sentiu necessidade de os penalizar (Diário de Campo, p.17 e 20), assim durante mais de uma semana, depois dos trabalhos de casa as crianças tinham de continuar a fazer trabalhos escritos: mais exercícios e/ou composições. Num outro momento, a pedido da escola, que a maior parte das crianças frequentava, tivemos de incidir mais sobre a leitura. Logo, quando os trabalhos de casa e o estudo terminavam, todas as crianças tinham de ler aproximadamente uma folha de um livro à sua escolha, tendo depois de ler em voz alta. Quando, em parceria com a escola, sentimos melhorias por parte do grupo, passámos a centrarmo-nos na escrita. Todas as crianças tinham de escrever uma composição sobre um determinado tema ou fazíamos um “ditado” para o grupo. Na verdade, mesmo não podendo realizar as atividades planeadas, estas ações foram fundamentais para a melhoria e rendimento das crianças. Notou-se desde logo, na forma como estas falavam, na concentração e no à vontade que foram ganhando em ler em voz alta, ultrapassando nervosismos e desconfortos. Por outro lado, acrescentando um ponto a favor ao meu papel e trabalho, tive crianças que vinham falar diretamente comigo para dizer que estavam com saudades de fazer atividades e jogos e que, inclusive me pediram para que “na semana a seguir” fizéssemos um jogo. Em concordância com o resto da equipa de monitores, realizei uma atividade - “Dia da Terra” (Diário de Campo, pp.21 – 22), que correu muito bem, em que todos se mostraram motivados e contentes pelo jogo. No fim do 3º período fiquei ainda mais limitada para executar atividades, devido à aproximação das Marchas da Alta, sendo preciso ensaiar a dança e a letra. Mais ainda, sendo a Associação Espaço Mundo, um espaço aberto às pessoas, à comunidade e ao mundo, em Junho recebe um novo estagiário, a frequentar o 11º Ano do Curso de Apoio Psicossocial, no qual teria obrigatoriamente de realizar uma atividade por semana. Para que todos conseguíssemos cumprir com os objetivos estipulados e ficarmos satisfeitos com o trabalho até altura conseguido, ficou estabelecido que faria uma ou duas atividades por semana, consoante o ensaio das Marchas. No Diário de Campo é possível acompanhar e perceber melhor as situações, dilemas e dificuldades sentidas (Anexo I).

1.2.4. Outras Atividades

No que diz respeito, a outras atividades realizadas, que não estavam inseridas no Plano de Atividades, também elas mostraram ser uma mais-valia e uma importante aprendizagem e desenvolvimento de conhecimentos práticos e necessários para a minha

vida pessoal e profissional. Aquando da minha entrada no K’CIDADE fui convidada a integrar num grupo – grupo sobre a diversidade, constituído por elementos todos eles pertencentes ao Programa K’CIDADE, mas de territórios de intervenção diferentes: dois elementos da Alta de Lisboa, um elemento do Casal de Mira, um elemento da Ameixoeira, um elemento da Tapada das Mercês e por fim um elemento que representava o K’CIDADE no Departamento de Educação – facilitadores da diversidade. Este grupo juntou-se com objetivo de, em conjunto, tendo em conta os diferentes locais de intervenção, pensar, procurar, compreender e resolver questões e dilemas sobre temática da diversidade e as suas implicações na sociedade, através da partilha e reflexão de experiências e situações vividas, para que de alguma forma se conseguisse pensar em intervenções práticas e exequíveis. As reuniões ocorriam uma vez por mês, o local não era fixo, alternado sempre que possível pelos territórios de intervenção do K’CIDADE. Após a segunda reunião, tive de me ausentar do grupo, para assim conseguir mais um dia na Associação Espaço Mundo. As reuniões, à quarta-feira interferiam com o horário no meu local de trabalho.

A partir de 7 de Dezembro, com a duração de 4 dias, num total de 18h, até dia 20 de Dezembro de 2011 tive a oportunidade de frequentar uma Formação sobre Aprendizagem Intercultural realizada por uma entidade externa, Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral – CIDAC. Esta formação foi fundamental para tomar consciência da importância das diferentes culturas, refletir criticamente sobre os padrões de comportamentos e atitudes que promovem a Interculturalidade e acima de tudo para saber agir, de uma forma mais eficaz, tendo em conta as diferentes formas de ser e de estar, assumindo assim a diversidade enquanto fonte de enriquecimento pessoal e coletivo. O grupo de formandos era maioritariamente constituído por elementos próximos à comunidade, desde responsáveis de associações, como agentes da polícia comunitária e representantes do K’CIDADE. A formação ocorria na Associação Espaço Mundo.

Relacionado com o funcionamento do ATL, realizou-se uma festa de Natal para comemorar o fim do 1º Período e o início das férias. Este momento pensado e organizado com e para as crianças do ATL, com o apoio de todos os voluntários, mostrou ser de um enorme proveito para a relação entre as crianças, voluntários e eu própria. Para além de me conseguir aproximar de algumas crianças que ainda se mostravam relutantes à minha presença, aproveitando o ambiente de festa, partilha e convívio, foi ainda possí-

vel dialogar com alguns pais presentes, permitindo assim dar-me a conhecer e explicar o papel que iria ter ao longo do ano letivo. Notoriamente, há um esforço por parte de (alguns) pais em acompanhar e valorizar o desenvolvimento dos seus filhos, mesmo quando para eles o facto de não terem estudos e condições económicas seja um entrave ao diálogo com as crianças. Este momento foi verdadeiramente gratificante, uma vez que, após a preparação da festa, com ensaios e nervosismos, o resultado final foi positivo: as atividades programadas correram bem, as crianças estavam satisfeitas com o resultado final e felizes pela festa, os pais presentes estavam visivelmente satisfeitos com o trabalho dos filhos e com o convívio e através de conversas, atitudes (gestos) e palavras das crianças senti que a minha presença era importante e que o meu trabalho estava a ser cada vez mais aceite por elas.

Durante as férias de Natal, de forma a enriquecer o plano de atividades, que ainda se encontravam em construção, visitei a Escola nº34, escola frequentada pela maior parte das crianças do ATL. Os alunos que frequentavam as Atividades de Enriquecimento Curricular - AEC receberam a visita dos Leigos para o Desenvolvimento (Organização Não-Governamental), que levaram o seu testemunho, através de palavras e imagens sobre atividades de voluntariado que tinham feito em África. Esta iniciativa permitiu mostrar às crianças presentes outras realidades e formas de estar na vida diferentes, para muitos desconhecidas.

Com o aproximar das festas populares de Lisboa, momento importante para a Alta de Lisboa, pois muitos deles são “alfacinhas de gema” e viveram sempre de perto “os santos”, começou-se a preparar as marchas da Alta de Lisboa. Como tal, foi ainda possível assistir à primeira reunião de grupo, dia 19 de Março, no qual apresentaram o tema, o percurso do desfile, o júri e os grupos que iriam concorrer. Esta festa – as marchas da Alta, conseqüentemente foi a última festa do ano, a festa de encerramento para o ATL da Associação Espaço Mundo. Ocorreu no dia 15 de Junho, durante o dia todo. A Associação Espaço Mundo levou para casa o prémio da Melhor Letra.

Por fim, a Associação Espaço Mundo, em parceria com a Casa da Europa do Distrito de Lisboa (CEDL) e com o apoio do K’CIDADE, candidataram-se ao Programa BIP/ZIP - Bairros e Zonas de Intervenção prioritária de Lisboa (Anexo VIII), iniciativa criada pela Câmara Municipal de Lisboa, no quadro do Programa Local de Habitação, como um instrumento de política municipal que visa dinamizar parcerias e pequenas intervenções locais de melhora dos “habitats” abrangidos, através do apoio e projetos levados a cabo por juntas de freguesia, associações locais, coletividades e organizações

não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão sócio-territorial no município. Com a minha participação e colaboração nas reuniões, constatei e compreendi, que de facto, este tipo de candidaturas, que têm de ser pensadas e estruturadas de forma sintética, clara e concisa, nem sempre se revela de fácil execução. Atendendo sempre ao carácter social e cultural constantemente presente e à importância que esta candidatura deverá ter na comunidade, todos os objetivos, atividades, dinâmicas e momentos em comunidade foram pensados numa forma bastante crítica, ponderando sempre todas as hipóteses de (in)sucesso e nas suas (des)vantagens, para as pessoas, comunidade e associações. Esta candidatura a meu ver, é sem dúvida, uma mais-valia, uma vez que, em conjunto, pretende realizar atividades enriquecedoras tanto para as crianças, como para os jovens, adultos e idosos da comunidade, realçando e valorizando as diferentes gerações, as suas histórias de vida e as suas distintas e marcantes culturas. Este projeto quer acima de tudo despoletar valores, diferenças e semelhanças, mais ainda pretende acordar e despertar mentes para o Mundo, com o Mundo. Mesmo na fase da sua construção foi possível sentir que é realmente possível conseguirmos atingir o resultado esperado até porque o grupo que planeou a candidatura, ponderando sempre todos os pontos, acreditou sempre que todos os passos e objetivos podiam ser cumpridos com todo o sucesso.

1.2.5. Relação com o grupo de trabalho da Associação Espaço Mundo

Como já referido anteriormente, o grupo de monitores é composto por voluntários da comunidade, jovens que também eles já foram crianças que frequentaram o ATL e voluntários alunos do Colégio São João de Brito, colégio pertencente ao Lumiar, que na maior parte dos dias ficavam presentes até ao final da primeira hora de trabalho.

Com a minha entrada para Associação Espaço Mundo desde logo senti que fui bem recebida e mais do que uma estagiária seria também eu parte integrante da equipa. Esta relação, que foi crescendo de uma forma espontânea, tornou-se importante para uma melhor cooperação, bom ambiente e funcionamento do espaço. Senti sempre que o meu trabalho era valorizado e compreendido. Havia interesse por parte de todos os monitores em saber o que cada um fazia fora da Associação, sempre compreendi que tinham curiosidade em entender o meu papel e trabalho no ATL, dando-me espaço para realizar as atividades programadas e estando sempre prontos a ajudar no que fosse pre-

ciso. No entanto, houve momentos que, enquanto estava a realizar uma ou outra atividade, o grupo de monitores, quando não era solicitado, dispersava na conversa e por vezes levavam a que as crianças se distraíssem durante a realização das atividades. Como tal, senti necessidade de conversar com a responsável e o grupo para esclarecermos e conversarmos sobre esta situação. O facto de o ter feito ajudou a melhorar a situação, não sentindo uma só vez represálias ou mal entendidos. Notei que a Associação Espaço Mundo é um espaço feito por pessoas que caminham no mesmo sentido, no melhoramento da comunidade, de uma forma voluntária e assim sendo cada pessoa é valorizada pelos seus conhecimentos, capacidades, valores e palavras.

Devido a este bem-estar e conforto, havia espaço e confiança para conversámos sobre como os monitores se sentiam, as dificuldades pelas quais tinham passado e sobre as dinâmicas de grupo que eu ia fazendo, contando sempre com a sugestão deles. Estes momentos também foram importantes para me ajudar a chegar ao plano de ação, à construção de um plano de formação inicial para os voluntários da Associação Espaço Mundo. Quero com isto dizer, que mais do que uma formação formal, pretendo conseguir criar um momento de aquisição de conhecimentos e aprendizagens através da partilha de experiências vividas por todos.

2. Segunda fase: Plano de ação educativa e formativa no Ano Letivo 2012/2013

2.1. Apresentação e pertinência do Plano de ação educativa e formativa

A segunda fase do Projeto de Intervenção aparece inserido na candidatura da Associação do Espaço Mundo no Programa BIP/ZIP (Bairros e zonas de intervenção prioritária de Lisboa) – Programa Local de Habitação de Lisboa, desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa, com o intuito de enriquecer, ainda mais, a proposta elaborada, com a realização de atividades, que valorizem as componentes social, cultural e emocional, na comunidade do Bairro da Alta de Lisboa, no PER 9.

Primeiramente, e de forma a contextualizar o projeto final, destaca-se o Programa BIP/ZIP como um instrumento de política pública municipal que visa dinamizar parcerias e pequenas intervenções locais de melhoria dos “habitats” abrangidos, através do apoio a projetos levados a cabo por junta de freguesia, associações locais, coletividades e organizações não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-

territorial no município. Os objetivos específicos são: fomentar a cidadania ativa, a capacidade de auto-organização e a procura coletiva de soluções, através da participação da população na melhoria das suas condições de vida; contribuir para uma imagem positiva destes espaços, por forma a permitir e reforçar a sua integração harmoniosa na cidade, sem discriminações no acesso aos bens e serviços a todos os devidos; e criar um clima favorável ao empreendedorismo e à capacidade de iniciativa local (Candidatura do Programa BIP/ZIP de Lisboa).

Para tal, a Associação Espaço Mundo, em parceria com a Casa da Europa do Distrito de Lisboa (CEDL) elaborou uma proposta com o nome de “*Inclusão na Diversidade – Preparar o Futuro*”, realçando variadíssimas atividades que salientam e evidenciam a importância da Inclusão Social e da Prevenção. A continuação do ATL vem valorizar essas atividades, abrindo assim, outros “mundos” e culturas, às mesmas. É nesse sentido que aparece a segunda fase do Projeto de Intervenção, dividido em duas partes – Plano de Ação Educativa - Plano de Atividades para o ano letivo 2012/2013 (Anexo IX) e Plano de Ação Formativa – Plano de Formação de Monitores voluntários (Anexo X).

O Plano de Ação Educativa e Formativa aparece, organizando atividades ludopedagógicas, de forma a incentivar e a enriquecer as relações interpessoais e características de carácter social, cultural e emocional (afetivo) das crianças e jovens que frequentam o ATL e orientando e apoiando todos os voluntários que vão chegando à Associação Espaço Mundo. Ambiciono, então que as dinâmicas e atividades pensadas especialmente para as crianças desta comunidade, sirvam de apoio e/ou suporte na organização do ATL e principalmente no bem-estar e aprendizagens das mesmas.

No decorrer do estágio curricular e com a minha vivência diária no Bairro da Alta de Lisboa, convivendo de perto com problemas e necessidades das pessoas da comunidade envolvente, tornou-se patente que havia uma grande vontade e preocupação por parte dos responsáveis da Associação Espaço Mundo em (re)estruturar o ATL, apoiar as crianças e os jovens nos seus estudos e acompanhar as mesmas nas suas aprendizagens e vivências, na comunidade. No entanto, como se pôde constatar, nem sempre foi possível realizar algumas das atividades ludopedagógicas pensadas ao longo do estágio, seja devido a ocorrência de contratemplos, seja porque havia outras atividades e dinâmicas, tão importantes, que se sobreponham às atividades planeadas, seja ainda, porque houve alguns momentos em que de facto, era difícil “chegar” e trabalhar com as crianças que frequentaram o ATL. Através de diálogos estabelecidos com voluntários

rios, foi ainda possível verificar que havia a necessidade de formação, estipulando, logo à partida, as regras, funções, de forma a haver uma maior colaboração e comunicação entre todos os intervenientes (responsáveis, voluntários, pais/família e alunos) do ATL.

Como tal, desde logo, considerei que era fundamental organizar e elaborar um plano de ação e intervenção social: educativo e formativo - plano de atividades 2012/2013 e plano de formação de monitores voluntários” - de forma a “chegar o mais perto” possível aos intervenientes (crianças, voluntários e responsáveis) da Associação Espaço Mundo. Assim, o plano de ação foi dividido em duas grandes partes: Elaboração de um Plano de Atividades para o ano letivo 2012/2013 (plano de ação educativo), que com o apoio de literatura específica, idealizei atividades lúdicas e pedagógicas, realçando sempre que possível as dimensões social, cultural, intelectual e afetiva (emocional); e preparação de um Plano de Formação para os monitores voluntários (plano de ação formativo), para que esses compreendam as regras e funções de cada um, abordem dúvidas e dificuldades que podem vir a sentir e aproveitem técnicas e aptidões no que toca às dinâmicas de grupo e à mediação e resolução de conflitos (entre os intervenientes), uma vez que são conhecimentos, momentos e situações pelas quais irão certamente passar, ao longo do ano letivo. Com este plano quero ainda incentivar e/ou aumentar a motivação e a união do grupo de monitores, criando assim momentos de partilha e troca de experiências e de conhecimentos e reflexão conjunta, fomentando o trabalho de equipa.

2.2. Objetivos do projeto

Objetivos gerais:

- Promover a inclusão social de crianças, jovens e seniores das zonas do PER 7 e 9 da Alta de Lisboa, valorizando a diversidade cultural, social, geracional e económica existente nas famílias do território como fator de proteção social e mobilização comunitária (Objetivo geral proposto na candidatura no Programa BIP/ZIP);
- Enriquecer o desenvolvimento global das crianças que frequentam o ATL e as suas relações interpessoais, realçando características sociais, culturais e emocionais (afetivas);

- Contribuir para a formação de monitores voluntários, envolvendo competências de desempenho na gestão de grupos e na reflexividade sobre as situações educativas em que participam;

Objetivos Específicos:

- Aproximar gerações, para que ambas experienciem e aprendam, através da partilha de conhecimentos e aprendizagens e de dinâmicas comunitárias;
- Valorizar as experiências e vivências culturais numa perspetiva de construção conjunta da atualidade e realidade;
- Recuperar tradições culturais e modos de vida antigos;
- Estruturar e realizar atividades que promovam e valorizem o desenvolvimento físico, intelectual, social e cultural das crianças;
- Promover o bem-estar da criança, de forma a ser capaz de se situar e expressar num clima de compreensão, respeito e aceitação mútua;
- Fomentar o espírito crítico, a criatividade e o desenvolvimento da autonomia de cada criança, ajudando a conhecer-se a si própria e aos outros que a rodeiam;
- Organizar dinâmicas com a comunidade envolvente, de forma a estimular a relação família/ATL/comunidade/Espaço Mundo, aumentando assim a participação dos moradores (pais) no ATL e conseqüentemente no Espaço Mundo;
- Desenvolver o reconhecimento e o respeito das diferenças culturais, valorizando assim a diversidade de identidades existentes no Espaço Mundo e na comunidade;
- Apoiar os monitores voluntários, aquando da sua chegada, realçando a importância dos momentos de reflexão (individual e em grupo), para que haja uma maior colaboração e comunicação;
- Preparar os monitores voluntários para as possíveis dificuldades que possam vir a sentir, como por exemplo a nível de mediação e resolução de conflitos.

2.3. Plano de Atividades do Ano letivo 2012/2013

A elaboração do Plano de Atividades (Anexo IX) surge a pensar nas crianças do ATL e no desenvolvimento das suas capacidades e competências (pessoais, socioculturais, físicas e intelectuais). As atividades a realizar premeiam a cooperação, respeito e aceitação do próximo, a solidariedade, a consciencialização, a criatividade, o espírito crítico e a autonomia, salientando áreas de interesse, que cada vez mais tendem a ser abordados e discutidos na sociedade atual e mostram ser de extrema importância para a educação e formação das crianças, como as diferentes culturas (interculturalidade), as artes, a comunicação (diálogo), as dinâmicas de grupo, a coesão social e a liberdade de expressão.

Com a elaboração do Plano de Atividades tornou-se importante salientar que cada atividade foi pensada para influenciar e motivar a criança e o seu desenvolvimento. As atividades ludopedagógicas, que irão ser realizar ao longo do ano, permitem que a criança adquira e/ou melhore habilidades e competências, de uma forma natural, espontânea e divertida. Com o desenvolvimento integral das crianças quero destacar dimensões como pessoal (emocional/afetiva), intelectual, social, cultural e física, pois são dimensões essenciais para o bem-estar e conseqüentemente para a valorização e autoconhecimento (identidade) da criança. As atividades pensadas para salientar o desenvolvimento pessoal pretendem atuar sobre o emocional (dimensão afetiva) e o interpessoal, valorizando autoconhecimento das emoções e afetos. No que toca ao desenvolvimento intelectual realça-se a importância do pensamento, autonomia, crítica, motivação, produtividade e responsabilidade. Com as atividades pensadas para premiam o desenvolvimento social e cultural pretende-se valorizar as relações entre o grupo, a comunidade e a sociedade sempre que possível a aceitação, respeito e conhecimento sobre a interculturalidade (as semelhanças e as diferenças culturais e a sua interação). Por fim, com desenvolvimento físico realça-se a importância do bem-estar físico e mental da criança, seja a nível da concentração, do desporto e dança e da perceção de alguns cuidados a ter com o nosso corpo.

2.4. Plano de Formação de Monitores voluntários

O Plano de Formação (Anexo X) resulta de um levantamento de necessidades por parte dos monitores e responsáveis da Associação Espaço Mundo. Uma ação de

formação tem como objetivo o desenvolvimento de diferentes tipos de saberes nos indivíduos, consoante as exigências das atividades que desenvolvem. Como tal, a fase de investigação (conversas informais e entrevistas, semi-diretiva à responsável do ATL e *focus-grup* aos cinco monitores voluntários que se encontravam presentes) foi essencial para o desenvolvimento do plano de ação e para perceber a opinião dos intervenientes quantos às suas necessidades formativas. Deste modo, desenvolveu-se um guia de formação que irá incidir especialmente nos seguintes conceitos: Dinâmicas de Grupo, uma vez que ao longo do presente ano letivo 2012/2013 serão executadas pelos e com os monitores e Mediação e Resolução de Conflitos, fornecendo mais e melhores ferramentas e conhecimentos, para que estes se sintam mais preparados, confiantes e motivados (a continuar) a cumprir com o seu trabalho, num ambiente positivo, ao mesmo tempo que valorizam o trabalho de equipa, através da cooperação e da reflexão conjunta.

Este Plano de Formação tem como finalidade dar uma resposta eficaz aos problemas/desafios com que os monitores e responsáveis do ATL se deparam, por vezes. É neste contexto que o mesmo irá incidir, como instrumento concreto de apoio à reflexão, melhoria e valorização das práticas dos intervenientes. Consequentemente, espera-se que o mesmo resulte num contributo válido para melhorar e introduzir eventuais mudanças no funcionamento do ATL, da Associação Espaço Mundo.

O plano foi pensado para chegar a todos os monitores voluntários da Associação Espaço Mundo, que desenvolvam funções no ATL, de carácter mais didático-pedagógico. Toda a estrutura da formação está pensada para um número limitado de 15 a 20 participantes. A formação tem um carácter, maioritariamente, prático, no entanto, e considerando certo que “não há prática sem teoria” utilizar-se-á ambas as metodologias com o objetivo de dar oportunidade aos formandos de aumentarem desenvolverem e melhorem as suas competências e, consecutivamente melhorarem o seu desempenho. Pretende-se então o desenvolvimento de competências pessoais de reflexão, de análise e de intervenção. É então, pretendido que esta formação constitua um espaço de aprendizagem onde os formandos discutam princípios, estratégias e modalidades de intervenção, desenvolvam competências de reflexão sobre as situações vividas e participem afincadamente nas dinâmicas propostas de modo a desenvolverem as suas competências pessoais, interpessoais, e, claro, profissionais.

2.5. Equipa

Para que o plano de ação seja bem conseguido é imprescindível que haja uma equipa de colaboradores forte, organizada e cooperativa. Para tal, de forma a haver uma melhor coordenação proponho a seguinte divisão de tarefas:

- Coordenadora pelo Apoio ao Estudo e do ATL e responsável pela constituição e organização do grupo de voluntários;
- Voluntários da comunidade - Responsáveis pela organização e realização das atividades que ocorrem todos os dias: no acompanhamento dos trabalhos de casa e do estudo (primeira hora) e nas atividades ludopedagógicas (segunda hora). Para que os objetivos estabelecidos no Plano de Atividades 2012/2013 sejam cumpridos, sugiro que cada um dos voluntários da comunidade seja designado responsável, durante um mês pelas atividades a realizar no ATL, ficando assim encarregue da preparação e execução das atividades estipuladas e pelos imprevistos que possam surgir ao longo desse mês;
- Voluntários do Colégio São João de Brito – Colaboração no ATL (primeira hora), no acompanhamento dos trabalhos de casa e nos estudos;

Assim, considero que devem estar presentes, sempre que possível, dois voluntários da comunidade (principalmente para a realização das atividades – segunda hora) e pelo menos três voluntários do Colégio São João de Brito.

2.6. Fases

O plano de ação educativa e formativa fica finalizado após a minha passagem por três distintas fases, ao longo do último ano (2011/2012). A explicação destas mesmas servirá para contextualizar e simplificar todo o processo passado e esclarecer a escolha do projeto final de estágio.

A primeira fase acontece com a minha entrada na Associação Espaço Mundo, no qual entrei em contacto com a equipa de trabalho e as crianças que me acompanharam ao longo do meu trabalho como monitora. Esta fase permitiu-me vivenciar experiências, participar em reuniões e atividades da comunidade, partilhar momentos, adquirir conhecimentos e desenvolver aprendizagens e ainda começar a utilizar as ferramentas de investigação (que me foram sendo transmitidas ao longo da minha formação) à disposi-

ção, como a análise documental, observação participante e conversas informais. Toda esta investigação bibliográfica e participativa permitiu-me enriquecer enquanto pessoa e ainda como profissional. Foi nesta fase que nasceu a ideia de preparar e elaborar o projeto de estágio final, servindo de apoio ao desenvolvimento e melhoramento do funcionamento do ATL e principalmente das crianças da Associação Espaço Mundo.

A segunda fase é marcada por uma parte mais teórica, de análise e de escrita. A análise das entrevistas realizadas (uma entrevista semi-diretiva à responsável do ATL e uma entrevista *focus-group* realizada aos cinco monitores presentes) foi uma etapa imprescindível para compreender e complementar o trabalho já pensado e realizado. Quando comecei a escrita propriamente dita do relatório e do plano de ação educativa e formativa, foi possível iniciar ao mesmo tempo uma (auto) reflexão profunda, verdadeira e crítica sobre todo o trabalho realizado. Ao longo do estágio curricular vários foram os momentos de ensinamento, através de experiências boas e menos boas e ao verbalizar e esquematizar todas essas fases e situações permitiu-me verificar que de facto, foi um ano bastante enriquecedor, tanto a nível formativo como pessoal.

A terceira fase centra-se na execução propriamente dita do plano de ação educativa e formativa social - plano de atividades 2012/2013 e plano de formação de monitores voluntários e terá a duração de, aproximadamente, um ano, tendo início em Outubro de 2012 e fim em Julho de 2013. O Plano de Atividade do Ano letivo 2012/2013 (Anexo IX) decorrerá ao longo do ano. Para a execução deste foram idealizadas e planeadas atividades e dinâmicas de grupo, com objetivos definidos para valorizarem o desenvolvimento pessoal e intelectual das crianças do ATL e em geral, dos intervenientes próximos da Associação Espaço Mundo. O Plano de Formação para os monitores voluntários (Anexo X) está estruturado para ser realizado no início de Outubro. Esta formação permitirá fomentar a criatividade, motivação, trabalho de equipa e a (auto)crítica dos monitores voluntários e preparar os monitores para as reuniões de grupo, que deverão ocorrer pelo menos uma vez por mês. Acredito que esta formação possa ser realizada no início de cada período, se assim mostrar ser necessário.

2.7. Resultados Esperados

A partir dos objetivos estabelecidos para o plano de ação educativo e formativo são esperados vários resultados, que influenciam tanto as crianças, os monitores, o ATL, a Associação Espaço Mundo como a comunidade envolvente.

Quando refere-se o Plano de Atividade de 2012/2013 (plano de ação educativa) é esperado que, numa forma prática, as atividades pensadas e definidas sejam realizadas ao longo do ano, ajudando a melhorar o funcionamento do ATL. Contudo, sabemos que a realização destas atividades irá de alguma forma, influenciar as crianças, principal razão pela elaboração do plano. Ao realizarmos as crianças, tendo em conta as atividades que as influenciaram, é esperado que estas sintam, por si mesmas, que tenham adquirido e desenvolvido competências e conhecimentos a nível emocional, sociocultural, intelectual e pedagógico, ajudando-as a construir a sua identidade (formação da identidade) e a lidarem com os outros. Acima de tudo, que continuem a sentir a Associação Espaço Mundo como a sua casa, o seu refúgio, a sua porta para o mundo e se tornem mais e melhores cidadãos, aproveitando assim todas as experiências vividas para se prepararem para e com o mundo, continuando todo este trabalho fomentado.

Com a realização de algumas atividades mais centradas na relação ATL/Comunidade, espera-se que haja uma troca de conhecimentos e experiências entre as diferentes faixas etárias e culturas presentes na comunidade, fomentando assim um maior respeito e expressividade pelas diferenças e semelhanças entre as pessoas e que, conseqüentemente haja uma maior participação dos moradores nas atividades socioculturais, e o aumento de laços entre a vizinhança e entre as diferentes comunidades.

Com o plano de formação (plano de ação formativa) aos monitores voluntários espera-se conseguir um melhoramento no trabalho de equipa, com divisão de tarefas e responsabilidades, em que em cada mês um dos voluntários seja o responsável do grupo, de forma a orientar as atividades planeadas e imprevistos e acontecimentos que possam surgir. Espera-se ainda conseguir implementar reuniões mensais com os mesmos, para que haja um momento de reflexão, crítica e partilha de conhecimentos e aprendizagens e conseqüentemente melhor execução das dinâmicas de grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última parte é chegado o momento em que (supostamente) se pode respirar de alívio, em que se acredita que de uma forma ou de outra, conseguimos através das palavras, abordar sensações e emoções, partilhas, situações, aprendizagens e experiências vividas. Contudo, falta ainda escrever, pela última vez, a reflexão final, a tal que após tudo sintetizado deveria sintetizar todas as aprendizagens e competências pessoais e profissionais desenvolvidas. Deveria ser fácil, mas não é de todo. É o confrontar os objetivos definidos logo de início com os resultados realmente obtidos, é o constarmos que ocorreram situações nos quais poderíamos ter reagido numa outra forma, com outro espírito e é ainda compreendermos que de uma forma muito simples, não menos valorizada, criámos laços afetivos e emocionais, no qual eu acredito que vão ser para a vida, mesmo que possivelmente não encontre muitas dessas pessoas, que passaram comigo uma fase estrondosamente marcante para a minha identidade, para o meu ser. Resta-me então, nas linhas que me faltam, refletir, uma vez mais, sobre todo o processo, sobre tudo apreendido.

Começo pelo contexto, pela oportunidade que foi passar toda esta experiência na Alta de Lisboa, na Associação Espaço Mundo. A minha chegada não foi fácil quando me refiro à aproximação com as crianças, já marcadas por histórias e vidas sofridas e bem reais, pois para elas provavelmente era mais uma que daqui a uns dias ia embora, que desistia deles, mais uma. Todavia, não podia, não queria, não fui. Com o passar do tempo a nossa relação mostrou ser uma das mais puras, verdadeiras e sinceras, construída à base de muitas contrariedades, mudanças, respeito e partilha (de palavras, afetos e momentos). Os monitores e a responsável tiveram definitivamente um papel fulcral para o meu bem-estar e para o meu desempenho como monitora. Sinto, verdadeiramente, que fiz bem em insistir para entrar e conviver com aquela comunidade, com cada uma daquelas pessoas. A Associação Espaço Mundo dá de facto, jus ao nome: acolhe e aceita todas as diferenças e semelhanças, todas as pessoas, todo o Mundo.

Ao saber das histórias e situações vividas por muitas daquelas crianças, de verdades não muito convenientes mas ainda existentes. Famílias onde existem problemas de alcoolemia, de estupefacientes e dificuldades económicas e alimentares. Através de conversas com a responsável e da observação participante que tive a oportunidade de estabelecer, não pude deixar de me questionar sobre como e qual deveria ser o meu papel, como me deveria relacionar com as crianças e como poderia chegar às mesmas,

nunca sendo ultrapassada a linha por elas estabelecida, levando, muitas vezes a que fossem dificuldades sentidas por mim. Questões como até onde podemos intervir na vida emocional (familiar) das crianças; será razoável planificar e realizar atividades que consideramos ser importantes para o desenvolvimento sociocultural e pessoal da criança, mesmo sabendo que estas não estão motivadas em realizá-las; como estabelecemos a barreira da preocupação, cuidado e respeito sem excedermos os limites por elas impostos; foram importantes para saber lidar com as crianças, com as situações e com o meio envolvente. Gradualmente, com ajuda da responsável e dos monitores, e de uma forma muito espontânea, estas questões e dificuldades foram sendo superadas.

Ao comparar os objetivos inicialmente definidos com o que realmente foi obtido, posso afirmar que estes foram atingidos. Acredito que a minha presença e o meu trabalho foram importantes, e que com ajuda dos restantes monitores consegui criar momentos de partilha, estimular a criatividade, sentido crítico e sentido de responsabilidade e ainda criar um ambiente de bem-estar e cooperação com as crianças e com os restantes intervenientes da Associação. Mais ainda, por considerar que posso continuar e melhorar o trabalho por todos desempenhado, nasceu e cresceu a ideia de preparar o plano de atividades a realizar para e com as crianças e o plano de formação para os monitores voluntários (projeto final de estágio, de intervenção social) para que de alguma forma o trabalho por todos executado anteriormente continuasse, numa forma evolutiva a dar os seus frutos: levar a um melhor funcionamento do ATL, com o apoio de todos os monitores voluntários e enriquecer e valorizar a vida, a identidade de cada criança.

Concluindo, com esta experiência, desde a procura da instituição, ao trabalho desenvolvido ao longo do estágio curricular e à escrita do relatório final posso afirmar que foi um trabalho árduo, cansativo, por vezes desmotivante e acompanhado por algumas dúvidas pelo caminho escolhido e traçado. Porém, todos os abraços recebidos, todas as palavras carinhosas e sentidas, todas as aprendizagens sobre como saber ser e estar no contexto trabalho, em lidar com imprevistos e acontecimentos que mereciam respostas práticas e rápidas, em me relacionar com pessoas com diferentes formas de estar na vida e personalidade bastante distintas, em lidar com os meus medos, receios e nervosismos para utilizar as melhores palavras, frases e atividades, sem tentar desiludir as crianças e as pessoas que acreditaram no meu trabalho foram sem dúvida alguma uma mais-valia para o meu crescimento profissional e pessoal. Todo este processo mostrou-me e ensinou a utilizar ferramentas e capacidades, como organização, preparação e

execução de atividades pedagógicas e lúdicas, como ajustar a minha personalidade ao trabalho de equipa, e fez-me ainda sentir uma melhor pessoa, mais humana, consciente das realidades que me rodeiam e preparada para o “novo” futuro que aí vem, a nova fase, o mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIGNANI, B., DUSSAP, A., GOMES, R. & VILDER, D. (s/d). *Mochila Pedagógica. Gestão de Projetos*. Bruxelas. Bélgica. Conselho da Europa e Comissão Europeia. Acedido a 7 de Setembro de 2012: http://youth-partnership-eu.coe.int/youth-partnership/documents/Publications/T_kits/3/Portuguese/T-Kit3_po.pdf
- ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA (2005). *Jogos de Cooperação*. Lisboa. Porto Editora.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JOVENS EMPRESÁRIOS. (s/d). *Guia Prático: Como criar um ATL – centro de atividades de tempos livres*. Porto. Acedido a 17 de Outubro de 2011: http://www.empreender.aip.pt/irj/go/km/docs/site-mana-ger/www_empreender_aip_pt/conteudos/pt/centrodocumentacao/Centro%20de%20Documenta%C3%A7%C3%A3o/ANJE%20-%20Guias%20Pr%C3%A1ticos/Como%20criar%20um%20ATL.pdf
- BARBIER, J.M. (1993). *Elaboração de projetos de ação e planificação*. Porto: Porto Editora
- BARDIN, L., (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- BOGDAN, R & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- BOQUÉ TORREMOREL, M. C. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora. pp. 34-35, 53-70
- BRITO, R. C. & FIGUEIREDO, A. L. (1997). Desenvolvimento comunitário: uma experiência de parceira. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, ano/vol. 10, número 001., 1997. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Puerto Alegre, Brasil. Acedido a 11 de Março de 2012: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/188/18810113.pdf>

- CAETANO, A. P. (2005). *Mediação em Educação: conceptualização e problematização de alguns lugares comuns à modelização de casos específicos*. Revista de Estudos curriculares, 3(1). 41-63.
- CAETANO, A.P. e FREIRE, I. (2005). Mediation devices in school – from the class assemblies to the whole school. A multi-case study. *European Conference on Educational Research online*. Acedido 9 de Setembro de 2012: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/144133.htm>
- CARAPINHA, A. M. L. (2010). *Influência do processo de realojamento na percepção de sentido de comunidade e apoio social percebido*. Mestrado Integrado em Psicologia (Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Sistémica). Universidade de Lisboa. Acedido a 24 de Setembro de 2012: <http://grupocomunitarioalta.files.wordpress.com/2010/03/o-processo-de-realojamento-e-o-sentido-de-comunidade.pdf>
- CASTANHEIRA PINTO, L. (2005). Sobre Educação Não-Formal. *Cadernos d'inducar* (2005), pp. 1-6. Acedido a 11 de Março de 2012: <http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>
- CORTESÃO, I. & TREVISAN, G. (2006). O trabalho sócio-educativo em contextos não-formais – análise de uma realidade. *Cadernos de Estudo*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 3 (2006), p.61-74. Acedido a 9 de Maio de 2012: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/105/Cad_3TrabalhoSocioEducativo.pdf?sequence=1
- DAL BOSCO, T. C. & HARUMI SUDO, C. (2011). Dinâmicas de grupo como estratégia de Educação Ambiental: Estudo de caso na Educação de jovens e adultos. II Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Novembro 2011, pp. 1-9. Acedido a 4 de Setembro de 2012: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2011/VII-005.pdf>
- ESCOLA PROFISSIONAL AMAR TERRA VERDE (2011). Plano de Atividades 2011/2012. Vila Verde. Acedido a 29 de Dezembro de 2011: <http://www.epatv.pt/v1/dados/downloads/planodeatividades20112012.pdf>
- ESTRELA, A., (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*, Porto: Porto Editora;

- FREITAS, A. S. C. (2006). *As faces do Mundo – Trans[formar] o olhar. O Potencial educativo de um projeto de animação pedagógica*. Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Teoria e Desenvolvimento Curricular. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa
- FREITAS DE SOUSA, M. H. (s/d). *Literacia Emocional na aula*. Acedido a 10 de Outubro de 2012: <http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/literaciaemocional.pdf>
- FUNDAÇÃO AGAN KHAN EM PORTUGAL. Acedido a 21 de Junho de 2011: <http://www.akdn.org/portugal>
- GALEGO, C. & GOMES, A. (2005). *Emancipação, ruptura e inovação: o “focus-grupo” como instrumento de investigação*. Revista Lusófona de Educação, nº1, 2005, 173-184.
- GOHN, M. G. (2005). Educação Não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.14, n.50, pp. 27 – 38. Jan/Mar. 2006. Acedido a 11 de Março de 2012: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Círculo de Editores - Temas e Debates;
- GÓMEZ, J. A. C., PEREFIRA DE FREITAS, O. M. & CALLEJAS, G. V. (2007). Educação e Desenvolvimento Comunitário Local. Perspetivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade. Porto. Profedições, Lda;
- GUEIFÃO, S. F. C. (2007). *O lúdico no pré-escolar. Estudo exploratório sobre as representações dos educadores de infância*. Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Teoria e Desenvolvimento Curricular. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa
- K’CIDADE – PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO URBANO. (2007). Relatório de Atividades de 2006.

- K'CIDADE - Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano. (2008). Acedido em 21 de Junho de 2011: http://www.akdn.org/publications/2008_portugal_kcidade.pdf
- K'CIDADE (2009). *Alta de Lisboa. Inquérito em painel ao agregados familiares.* (power-point). Acedido em 10 de Outubro de 2012: <http://grupocomunitarioalta.wordpress.com/documentos/>
- K'CIDADE (2010). *Alta de Lisboa. Inquérito em painel ao agregados familiares. Um retrato da Educação.* (power-point). Acedido em 10 de Outubro de 2012: <http://grupocomunitarioalta.wordpress.com/documentos/>
- MACHADO, E. M. (2008). A Pedagogia social: diálogos e fronteiras com a educação não-formal e educação Sócio Comunitária. *Revista de Ciências da Educação.* Ano X - N.º 18 - 1.º Semestre/2008 - Americana/SP, pp.99 - 122. Acedido a 11 de Março de 2012: http://www.am.unisal.br/pos/StrictoEducacao/revista_ciencia/EDUCACAO_18.pdf
- MACEDO COSTALO, E. P. & SPONDA, E. (2009). A Relação entre a Atividade Lúdica e a Aprendizagem na pré-escola de Colégios Particulares. *Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão.* ANO 1, nº1, 2009, pp.17-20. Acedido a 10 de Março de 2012: <http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/1/1.pdf>
- MULDOON, B. (1998). *El corazón del conflicto.* Barcelona: Paidós. pp. 161-182.
- NETO, L. M. & MARUJO, H. A. (2001). *Otimismo e Inteligência Emocional. Guia para Educadores e Líderes.* Queluz de Baixo: Editorial Presença
- OLIVEIRA SANTOS, J. (2000). *Educação Emocional. A emoção na sala de aula.* Salvador, Bahia. Editado pela Faculdade de Castro Alves. Acedido a 10 de Outubro de 2012: http://www.castroalves.br/drjair/Educ_Emocional_na_Escola%20-%20Ed3.pdf
- PEREIRA ALBERTO, M. F., S. CIRINO, D. C., O. NUNES, B., F. LINS, M. H., MELO SOARES, A., DANTAS, A. P., SANTOS ALVES, I., DANTAS, N. M. R., S. ALVES, R. & ALBERTO, M. L. (2001). *Dinâmicas de grupo: instrumen-*

tos no processo de formação de agentes sociais. Universidade Federal da Paraíba – UFPB

PIANCASTELLI, C.H., PEREIRA DE FARIA, H. & REZENDE DA SILVEIRA, M. (s/d). *O trabalho em equipe*. Texto de Apoio da Unidade didática I. Sequência de atividades I, pp. 45 – 50. Acedido a 4 de Setembro de 2012: <http://www.estrategiabrasileirinhos.com.br/wp-content/uploads/2011/03/OTrabalhoemequipe.pdf>

ROOYACKERS, P. (2002). *101 Jogos dramáticos. Aprendizagem e diversão com jogos de teatro e faz-de-conta*. Coleção Práticas Pedagógicas. Lisboa: Edições ASA

SANTOS, H. (2002). Desenvolvimento comunitário vs. Educação: duas faces da mesma moeda? *Cadernos de Educação de Infância: Vamos falar de...* Abr./Jun.2002, pp. 1-6. Acedido a 11 de Março de 2012: http://www.apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/vamos_62.pdf

SILVA, M. M. (1964). *Oportunidade de Desenvolvimento Comunitário em Portugal*. *Análise Social*, II (7-8), pp.498-510. Instituto de Ciências Sociais. Acedido a 9 de Maio de 2012: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224163326H3cNW1up0Xu63YZ0.pdf>

SOARES SILVA, C. I. (2007). *Preconceitos Etnoculturais: Meio rural e Meio urbano. Contributo para a Educação Intercultural*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Universidade Aberta. Acedido a 6 de Setembro de 2012: <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/623/1/LC323.pdf>

TERRASÊCA, M.; SÁ COSTA, A. & CAMELO, JOÃO. (2008). Desenvolvimento local e processos de educação formal e não formal - relações realçadas pela avaliação de projetos. *II International Conference on Community Psychology – Building Participative, Empowering & Diverse Communities*. Lisboa, 4 a 6 de Junho de 2008. Acedido a 9 de Maio de 2012: <http://paginas.fe.up.pt/~gei05010/argme/producao/Desenvolvimento%20local%20e%20processos%20de%20educacao.pdf>

TESSARO, J. P. & MARTINEZ JORDÃO, A. P. (2007). Discutindo a importância dos jogos e atividades em sala de aula. *Psicologia.com.pt. O portal dos Psicólogos*.

pp. 1-14. Agosto de 2007. Acedido a 9 de Maio de 2012:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0356.pdf>

TRILLA, J. (coord.) (1998). *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e âmbitos*. Horizontes pedagógicos. Instituto PIAGET

TOMÁS, M., ANTUNES, A.B., CAMPOS, M. C.C., SANTOS SILVA, M. N e TEIXEIRA DOS SANTOS, M. L. (2001). Terminologia de Formação Profissional. Alguns conceitos de base – III. *CIME - Comissão Interministerial para o Emprego*. Lisboa: Direção-geral do Emprego e Formação Profissional. Acedido a 28 de Agosto de 2012:
http://www.dgert.mtss.gov.pt/Emprego%20e%20Formacao%20Profissional/terminologia/doc_terminologia/CIME%20-%20Terminologia.pdf

VIEIRA, C. (1999). A credibilidade da Investigação científica de natureza qualitativa: questões relativas à sua fidelidade e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, nº2,1999,89-116.

WESTRUPP, A.C., RAISER, F., BUSCHIROLI, L. & SEVERINO, L. I. V. (s/d). Trabalho em equipe como proposta motivacional. Acedido a 4 de Setembro de 2012:
http://www.fatesc.edu.br/wp-content/blogs.dir/3/files/pdf/tccs/trabalho_em_equipe_como_proposta_motivacional.pdf

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I - Diário de Campo com a descrição das atividades realizadas

Anexo II - Documento sobre as principais funções de um ATL

Anexo III - Plano de Atividades 2011/2012 realizado no decorrer do estágio curricular

Anexo IV – Guião da Entrevista Semi-Directiva realizada à responsável do ATL

Anexo V - Transcrição da Entrevista Semi-Directiva realizada à responsável do ATL

Anexo VI - Guião da Entrevista *Focus-Group* realizada ao grupo de monitores voluntários

Anexo VII - Transcrição da Entrevista *Focus-Group* realizada ao grupo de monitores voluntários

Anexo VIII – Formulário de Candidatura – Programa BIP/ZIP, Lisboa 2012 – Parcerias Locais

Anexo IX – Plano de Ação Educativa – Plano de Atividades para o Ano letivo 2012/2013

Anexo X – Plano de Ação Formativa – Plano de Formação para os Monitores voluntários

DIÁRIO DE CAMPO COM A DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

A partir das aprendizagens e experiências adquiridas ao longo da minha formação e principalmente durante este ano, julgo que a melhor forma de organizar este diário de campo seja através de dois principais momentos, que marcaram o meu estágio curricular. O primeiro momento, com início em Outubro e terminado em Dezembro foi marcado pelo período de pesquisa e análise, observação, adaptação e envolvimento no ATL, com os seus intervenientes e a preparação do plano de atividades do ano letivo de 2011/2012. O segundo momento é então o pôr em prática todo o trabalho pensado e desenvolvido, como quais as atividades desenvolvidas e a sua descrição, bem como outras atividades, situações e momentos que foram ocorrendo e que mostraram ser uma mais-valia para a Associação Espaço Mundo, como para a minha formação. Este momento ocorre de Janeiro a Junho.

Primeiro momento

Primeiros contatos realizados:

Dia 22 de Agosto de 2011, primeiro contacto com um dos responsáveis pelo Programa K'CIDADE, o Dr. Pascal Paulus, via e-mail, disponibilizado pela Professora Isabel Freire, mostrando todo o meu interesse em colaborar e juntar-me à sua equipa.

“Bom dia Dr. Pascal Paulus,

O meu nome é Joana Silva, sou aluna do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa a realizar Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização de Educação Intercultural e obtive o seu contacto através da Professora Isabel Freire. Desde já agradeço por o ter disponibilizado.

No âmbito da unidade curricular de Mediação em Educação, ainda no decorrer deste ano letivo (2010/2011), eu e o meu grupo realizámos um Plano de Formação em Mediação de Conflitos em parceria com o K'CIDADE, a partir das necessidades sentidas pelos professores e coordenadores e da diversidade sociocultural da Associação, em que os objetivos eram contribuir para a melhoria do contexto e valorização da formação na área da Mediação, tendo em conta os seus princípios de intervenção e coordenação.

Desde logo, o K'CIDADE despertou-me bastante interesse, pois considero que se trata de um programa de Desenvolvimento Comunitário que privilegia o contacto

direto com as diferentes comunidades e que acima de tudo pretende colaborar na melhoria e transformação social e cultural. Neste sentido, e tendo em conta o trabalho anteriormente realizado, sinto uma grande vontade em conhecer um pouco mais o vosso trabalho e acima de tudo poder colaborar na transformação e construção de (novas) identidades e mentalidades. Sendo agora necessária uma maior especificação, não posso deixar de realçar que ao longo deste quatros anos de ensino sempre senti que o meu maior e melhor contributo seria direcionado para o Desenvolvimento Comunitário/Local, marcado agora pela Mediação em Educação.

Assim, neste primeiro contacto, envio este e-mail de forma a saber se o K'Ciidade estará interessado e disponível em me receber como estagiária, durante 9 meses, pois após ter realizado o 1ºAno com sucesso, o próximo ano (Ano Letivo 2011-2012) será marcado pela realização do Estágio curricular.

Fico aguardar resposta e estarei disponível para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir. Deixo ainda o link do Instituto que apresenta e descreve o Mestrado em

Educação

Intercultural: http://www.ie.ul.pt/portal/page?_pageid=406,1076352&_dad=portal&_schema=PORTAL”

No dia 7 de Setembro de 2011, primeira reunião com o Dr. Pascal Paulus, no Centro Ismaili, por volta das 9h. Neste mesmo dia apresentei-me com o meu curriculum. A reunião decorreu, mais ou menos em 20 minutos e serviu para me apresentar, explicar em que consistia o meu estágio curricular e demonstrar todo o meu interesse em participar no Programa K’CIDADE, em qualquer território de intervenção.

Nesse mesmo dia o Dr. Pascal ia ter uma reunião com vários colaboradores dos diferentes territórios.

No dia 9 de Setembro a Coordenadora do K’CIDADE da Alta de Lisboa, Dra. Mónica Mascarenhas envia um e-mail a dizer então que estariam interessados em conversar comigo. Ao mesmo tempo o Dr. Pascal Paulus convidou para conversar sobre uma outra proposta, também ela no Programa K’CIDADE.

No dia 12 de Setembro reúno com os representantes do K’CIDADE para ouvir a tal proposta: orientar e analisar os diários de campo que seriam entregues a todos os colaboradores dos diferentes territórios de intervenção, tentando perceber e sintetizar

quais as suas dúvidas, dificuldades, ideias e proposta que fossem escrevendo no decorrer do tempo. Combinamos que esperaria pela conversa com o K’CIDADE da Alta de Lisboa, na qual a Coordenadora Mónica Mascarenhas faz parte e depois decidia o que fazer.

Antes da nossa reunião, pude assistir à reunião que estavam a ter e foi possível constatar que os três representantes presentes mostravam acreditar verdadeiramente naquele projeto, mesmo sabendo que quando há pessoas, há divergências, conflitos, dificuldades e contratempos. Contudo os mesmos mostraram-se disponíveis para resolver e ultrapassar as diferenças sentidas, partilhando ideias, diferenças, projetos e soluções. Com esta reunião foi possível observar que quando há um grupo, que mesmo tendo as suas diferenças pessoais e profissionais quer obter os mesmo resultados e caminhar juntos e unidos, toda as dificuldades e obstáculos transformam-se em desafios para ultrapassar.

Nesse mesmo dia fui convidada em aparecer num encontro realizado anualmente pelos colaboradores do K’CIDADE, de forma a estabelecer ainda mais contatos e perceber ainda mais um pouco como funciona o mesmo.

No dia 16 de Setembro fui então ao encontro do *staffmeeting* e no final pude conversar com as representantes do K’CIDADE da Alta de Lisboa, mostrei mais uma vez o meu curriculum e o demonstrei o meu interesse em trabalhar com as mesmas, justificando o porquê da minha escolha. Ficaram assim, de me dizer algo, após reunião com o grupo, de forma a verem os projetos novos a implementar.

Fase de adaptação e de reconhecimento do contexto:

No dia 14 de Outubro de 2011 ocorreu a primeira reunião, na Associação Espaço Mundo.

Antes ainda foi possível conhecer as associações e pessoas que pertencem a comunidade envolvente. Desde logo percebi que o K’CIDADE tem uma presença muito forte, no que toca à dinamização das diferentes associações, ajudando-as a ultrapassarem todas as dificuldades sentidas, desde de logísticas às burocráticas. Existe também uma grande dinamização de diversas pessoas para “levantar”, melhorar a Alta de Lisboa.

Nesse dia conheci a Vivi, responsável pelo ATL, a pessoa com quem iria trabalhar mais diretamente. Antes disseram-me ainda que ela era uma pessoa cheia de energia e luz.

Pareceu-me uma pessoa com uma personalidade muito viva e distinta. Uma pessoa muito dinâmica, com um papel muito importante na comunidade, servindo muitas vezes de suporte emocional para muitos dos indivíduos da localidade. Ciente das dificuldades e com uma “genica” para fazer mais e melhores atividades e projetos para chamar e aproximar a comunidade, sempre a pensar nas crianças que frequentam o ATL.

Ficou estabelecido qual iria ser o meu trabalho ao longo do ano, apoiando assim a Associação Espaço Mundo na elaboração e execução de atividades lúdicas e pedagógicas para as crianças do ATL, salientando e valorizando sempre que possível a presente diversidade cultural.

No dia 4 de Novembro tive uma reunião com a Coordenadora Mónica Azevedo, para fazer um ponto da situação, sobre a comunidade, as minhas funções, as dimensões importantes a abordar no ATL (atividades pela diversidade e com a comunidade). Ofereceram um documento (relatório de atividades de 200), que tinha informação sobre o K e as suas atividades desenvolvidas. A grande finalidade do meu estágio curricular, na Associação Espaço Mundo seria então o de estruturar o ATL, no que toca à realização de atividades ludopedagógicas, potenciando o conhecimento e o desenvolvimento pessoal e sociocultural das crianças, tendo em conta a comunidade envolvente e as suas experiências vividas.

Fui ainda convidada a participar no grupo sobre os facilitadores da diversidade constituído por representantes de todos os territórios de intervenção, em que o principal objetivo era o partilhar e refletir sobre experiências e situações vividas, para que de alguma forma se consiga pensar em soluções práticas e exequíveis e a comparecer numa reunião do Grupo Comunitário da Alta de Lisboa, para conhecer mais e melhor as associações da Alta, que fazem parte do grupo. O Espaço Mundo não faz parte, uma vez que ainda não tem os papéis formalizados.

No final, após terminar a conversa a Coordenadora pediu-me estabelecesse os meus próprios objetivos e competências, de forma a iniciar o trabalho pedido.

O meu primeiro dia no ATL foi marcado com algum nervosismo e ansiedade sobre o que as crianças esperariam de mim e como reagiriam a minha presença. Fui apresentada como uma nova monitora que iria ajudar durante uns tempos. Houve crianças, principalmente meninas que quiseram que as fosse ajudar nos trabalhos de casa (TPC's). No entanto, houve outras crianças que não facilitaram, não querendo muito

que eu falasse com elas. Lembro-me ainda que houve uma criança que acabou por me chamar de feia e dizer que não gostava de mim, que me fosse embora. A Vivi avisa que essa mesma criança tem um temperamento difícil e algumas dificuldades no desenvolvimento intelectual, não sendo muito bom aluno e concentrado, tendo ainda muitos problemas familiares. Diz ainda, que a mesma criança como muitas outras iriam fazer, estava-me a testar para ver se realmente ia embora ou não. Muitos são os que vão para o Espaço Mundo para colaborar, mas muito deles também acabam por ir embora, afastando-se.

Ao longo das semanas fui fazendo uma leitura aprofundada sobre:

- O que é um ATL e qual o seu papel na sociedade, acabando por fazer um documento em que resume todos os pontos principais;
- Como fazer um plano de atividades para um ATL, através da análise a vários planos de atividades feitos por outras entidades, que tipos de atividades realizar e a sua importância para o desenvolvimento das crianças. A diversidade cultural e as preocupações socioculturais foram dois aspetos a ter em atenção na construção do plano;
- Como é organizada e vivida a Alta de Lisboa, com a leitura e análise de um power-point realizado pelo K, tendo em conta um inquérito implementado aos indivíduos da comunidade;

E ainda uma reflexão sobre o que era esperado por mim, fazendo assim um documento com os meus principais objetivos e competências a obter neste ano.

Dia 3 de Novembro - primeira reunião do grupo dos facilitadores para a diversidade. As reuniões serão realizadas uma vez por mês nos diferentes territórios consoante a disponibilidade dos representantes do mesmo. A primeira foi no K da Alta de Lisboa. Em relação ao grupo que estava presente tomei papel de observadora, pois era uma reunião marcada pela discussão e reflexão de problemas, necessidades, dúvidas projetos que cada território constatou ou estaria a organizar. Foi uma reunião importante porque deu para perceber que de facto, há uma vontade muito forte em dinamizar as classes menos favorecidas, seja sócio, cultural ou economicamente. Há um cuidado em mostrar aos indivíduos das diferentes comunidades que podem ser e dar respostas e soluções ao necessidades e a problemas sentidos. Este grupo não pretendia fazer tudo sozinho ou

mudar tudo, deixou sempre ciente que a melhor forma de os projetos darem certo é ter a ajudar e a colaboração das pessoas das comunidades, algum feito para elas e com elas.

Obtiveram-se várias ideias e reflexões:

- É necessário ir ao terreno, conversar, perceber as suas prioridades., em vez de ficarmos sentados a discursar sobre hipóteses;
- Aproveitar contatos e relacionamentos já estabelecidos, com as escolas e aproveitamentos dos recursos de terreno que já estão sensibilizados para isso;
- Partilha de questões que vão surgindo, como o medo do outro (Tapada); Separação de bairros (Alta e Mira), idosos e deficientes serem automaticamente excluídos de atividades quando membros da comunidade vão porta a porta (Ameixoeira);
- A importância da escolha de interlocutores que tenham sensibilidade e vontade de melhorar estas questões;
- Dinâmicas com gastronomia e música são importantes para aproximar indivíduos, é um início. Mas e depois, consegue-se dar um salto? Como podemos contribuir para que isso aconteça?

A segunda reunião fica marcada para dia 18 de Novembro de 2012, no território do Casal da Mira ou Ameixoeira.

Mais tarde tive de sair do grupo de facilitadores da diversidade porque consegui mudar o meu horário no meu local de trabalho, passando a ter mais um dia para estar no ATL. No entanto o novo horário sobrepõe-se aos dias das reuniões, realizadas sempre as quartas-feiras.

Aos poucos e poucos as crianças começam a sorrir para mim. Nota ainda que algumas delas ficam contentes ou admiradas, talvez, por me verem, sempre que chego ao ATL. Já me chamam para as ajudar nos trabalhos de casa.

Hoje 24 de Novembro, uma vez que a maior parte das crianças já tinham acabado os trabalhos de cada, conseguimos realizar um jogo com eles. Ofereci-me para orientar o jogo do lencinho. Foi um bom momento, de muitas gargalhadas, pequenas chatices e de sorrisos. Todos juntos, crianças e monitores brincámos até ficarmos cansados. Foi

definitivamente um bom dia, importante para me aproximar de todos, até dos monitores. No fim, houve crianças que se vieram despedir com dois beijinhos.

Não há muito organização no Espaço Mundo, há vontade em mudar, a Vivi de facto, é uma pessoa carismática e muito dinâmica, mas os (não) recursos financeiros, materiais e humanos, por vezes, não permite andar para a frente. Há vontade, mas também há tempo para se ir fazendo. Como me ensinaram, os PALOP's têm como lema: "leve, leve, vai se fazendo!" Verdade!

No dia 7 de Dezembro comecei a frequentar uma Formação sobre Aprendizagem Intercultural, com a duração de 4 dias -18h, até dia 20 de Dezembro, realizada pelo CIDAC. O grupo de formandos era maioritariamente constituído por elementos próximos à comunidade, desde responsáveis de associações, como agentes da polícia comunitária e representantes do K. Esta Formação foi essencial para um despertar de conteúdos, aprendizagens da importância da reflexão sobre as diferentes culturas, padrões de comportamentos e atitudes que promovem a Interculturalidade e acima de tudo para saber agir, de uma forma mais eficaz sobre estas diferenças, tendo em conta as diferentes formas de ser e de estar, assumindo assim a diversidade enquanto fonte de enriquecimento pessoal e coletivo.

Com a chegada da chuva as coisas ficam um pouco mais difíceis, as crianças não podem ir brincar para a rua, acabando por fazerem um pouco de mais barulho, prejudicando aqueles que ainda estão a estudar. Nota-se que muitas esperam por este momento para extravasar e que acabam por ficar nervosas, inquietas ou desconcentradas quando não podem brincar, mexer-se à vontade ou falar (alto).

Quando olhamos para o Espaço Mundo vemos que existe o essencial: mesas, cadeiras, lápis, livros, folhas, maioritariamente oferecidos por outros. No entanto, há falas, há coisas que precisam de ser arranjadas, mudadas. A sala não está preparada para o frio, há humidade, não há espaços que separem o lazer dos deveres. Por vezes, as mesas e as cadeiras chegam estar quase cheias.

Tive a construir um puzzle com a criança mais nova do ATL (1º Ano), no fim quando dei conta erámos 4 a construí-lo.

Nota-se que as crianças gostam umas das outras, que se apoiam. Não falam muito da sua vida, porque não querem, porque o Espaço Mundo é um espaço deles, um espaço em que podem estar sem medos e receios. Não falam, mas contam uns com os outros.

Ao longo destes dias não pude deixar de me questionar sobre o meu papel, como posso aproximar-me deles:

- Como o posso fazer sem entrar no espaço deles?
- Que tipo de atividades eles gostariam de realizar?
- Devo insistir para a realização de atividades que eles possam não estar motivados, mas que, essas mesmas atividades possam ter uma importância para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual?
- Quando estou preocupada com eles que tipo de perguntas não devo fazer para não exceder os limites de proximidade?

Durante as férias de Natal, de forma a enriquecer o plano de atividades, que ainda se encontravam em construção, foi visitar a Escola nº34, a escola no qual a maior parte das crianças do ATL frequenta. Os alunos que frequentavam as atividades extracurriculares orientadas pelo CAF receberam a visita dos Leigos, que testemunharam através de palavras e imagens sobre atividades de voluntariado que tinham feito em África. Esta iniciativa permitiu mostrar as crianças presentes outras realidades e formas de estar na vida diferentes e que para muitos, desconhecidas.

Um outro momento importante e marcante para a minha estadia e adaptação ao ATL e as crianças foi a preparação e participação na Festa de Natal. Nos dias próximos todos juntos, crianças e monitores construimos e enfeitamos árvore de natal, criando assim momentos de diálogo, sorrisos e emoções. Esta festa foi de facto, importante para a minha relação com as crianças, pois foi possível estabelecer alguns laços e aproximar-me de algumas crianças que ainda estavam reticentes quanto a minha presença. Foi um dia de festa marcada por muita música e sorrisos. Tive ainda a oportunidade de conhecer e falar com alguns pais que compareceram e juntaram-se à festa.

Para os enfeites levei bases de árvores de natal, sinos e estrelas e fomos pintando e enfeitando o Espaço Mundo e a árvore.

Antes de terminar esta primeira fase, acredito que as coisas vão agora correr melhor. As crianças já chamam por mim constantemente, já me vem cumprimentar, as vezes até com um “xi coração”. Já perguntam por mim. Não foi tarefa fácil, contudo aos poucos e poucos, de uma forma gradual, espontânea e positiva senti uma aproximação e um melhoramento na comunicação.

Nunca pensei que preparar um plano de atividades fosse tão rigoroso. As atividades têm de ter objetivos e dimensões importantes a desenvolver pelas crianças; é necessário ver se serão verdadeiramente exequíveis; como fazê-las de uma forma engraçada e descontraída; pensar em qual será a melhor altura para as realizar; quais os recursos a utilizar e como arranjá-los; pensar nas melhores ferramentas e metodologias para transmitir as atividades e a sua importância para as crianças; será que se vão adequar ao Espaço Mundo e aos seus intervenientes;

Há atividades com temas que irão ser abordadas na escola, mas acho que também devem ser realçadas, mais uma vez, num contexto mais descontraído, mais familiar e confortável: como o dia dos namorados e o dia da não-violência.

Pronta para a segunda fase! Só espero que as atividades sejam no mínimo aliciantes para eles ficarem motivados a continuar e a saber mais e que acima de tudo aprendam, fazendo, mexendo, brincando e falando (refletindo) uns com os outros.

Caracterização do grupo em geral: sabendo que muitos têm histórias de vidas complicadas e já com muitos acontecimentos, as crianças do ATL têm uma doçura e uma determinação visível. São crianças que sorriem muitas vezes para esquecer a tristeza. São revoltadas e um pouco desacreditadas pela vida, pelo que ai vêm de novo, acho. Há muita gente que vai e vem. Só conhecem a realidade da Alta, muitos nem sequer foram à Quinta das Conchas.

São inteligentes e curiosas. Gostam de música, vivem para a música. Adoram festas no Espaço Mundo, adoram estar no Espaço Mundo. Veem na Vivi um grande apoio, o apoio. Muitas já viram muito, já têm olhos adultos, amadurecidos.

Segunda fase

Antes de passar a implementação do plano de atividades foi necessário reunir com a Vivi para podermos analisar e modificar alguma coisa se necessário. A reunião aconteceu no dia 13 de Janeiro de 2012, aproveitámos assim para fazer um ponto de situação sobre o meu papel no ATL, em que a Vivi achou que as crianças já se estavam habituar a mim e ao meu papel e que começavam a criar laços comigo, porque já perguntavam por mim, onde eu estava, se ia aparecer naquele dia e muitas vezes em conversa entre elas ouvia-se “não lembras daquela atividade que fizemos com a Joana?” Disse ainda que foi natural que nem sempre me obedecessem pois estavam-me a pôr a prova e iriam continuar a fazer, pois como eu era uma pessoa de fora e já influenciava tanto no dia-a-dia deles, eles iriam testar-me para ver como eu reagia a certas situações. No decorrer da reunião foi ainda possível falarmos das crianças e das suas histórias de vida, já marcadas por momentos menos bons e desagradáveis para qualquer pessoa, principalmente para uma criança.

Não referindo nomes a Vivi deixou claro algumas histórias de vida:

- Um menino que já bate na irmã mais velha que ele 2 anos, porque vê o padrasto, com problemas de álcool que toma conta deles a bater na mãe, que tem uma deficiência física e conseqüentemente não pode trabalhar, ficando em casa. O pai destas crianças foi embora de casa, sem até hoje dar notícias. O padrasto, mesmo com os problemas de álcool, é um pai presente e preocupado com a educação dos dois, indo à escola e ao ATL, sempre que necessário. No entanto, quando as coisas não correm bem tende a bater no rapaz;
- Um outro rapaz que, uma vez começou um pequeno incendiado em casa ao tentar fazer comida para si, uma vez que estava com fome. A mãe estava no sofá a dormir depois de ter ingerido uma grande quantidade de álcool;
- Temos duas crianças assinaladas na segurança social porque os pais têm problemas de álcool e por muitas vezes não tinham dinheiro para alimentar os filhos;
- Temos 4 crianças que vivem juntas, sendo dois tios dos outros. São uma família grande e vivem todos na mesma casa. Porém, têm uns pais e uma avó muito presentes e atentos à sua evolução. Comparecem sempre que necessário, tanto aos convívios como para tratar de assuntos mais sérios. São 4 crianças afáveis,

doces e simpáticas. No entanto, um dos rapazes nem sempre me deixa aproximar, afastando-se muitas vezes, não me cumprimentando e dizendo que não precisa de ajuda para os trabalhos de casa.

- Uma criança que mãe tem problemas de álcool, aparecendo algumas vezes com sinais de embriaguez ao ir buscar a filha ao ATL. Entretanto a filha deixou de aparecer porque lhe foi diagnosticado sarna.
- Sei ainda que muitas outras crianças não têm a melhor alimentação, aproveitando às segundas e às sextas, dias em que um café oferecia as sobras do dia, para comer alguns salgados e doces (cada um comia dois). Os pais muitas vezes levam sacos com pão para casa.
- Dois irmãos, no qual a filha mais velha nasceu na prisão, uma vez que a mãe foi apanhada a transportar droga. A estuda direito na faculdade e nunca mais continuou os estudos depois deste incidente.

A Vivi, no final da reunião alerta-me para o facto de que mesmo eles estando já a vontade comigo, para me preparar porque nem sempre vai ser fácil de os motivar e concentrar. Mas que poderei contar com o apoio de todos os monitores.

.Atividades pra caracterizar o grupo (em Janeiro):

Primeira atividade realizada – dia 17 de Janeiro de 2012 - “Auto-retrato”: cada criança tinha que desenhar e pintar, como quisesse (desenho livre) sobre o que mais gosta e/ou como se vê a si própria. No final, cada criança comentava o seu desenho.

Material: folhas e lápis de cor

Dimensões: desenvolvimento pessoal e intelectual

A atividade decorreu durante 40 minutos.

Observações:

- Houve duas crianças que preferiram não falar, no final, na reflexão em grupo;
- Com esta atividade foi possível constatar que:
 - Muitas crianças ficaram admiradas por eu lhes ter dito que podiam desenhar o que lhes apetecesse, não percebendo logo ao princípio o que era pedido;
 - Outras, percebia-se que ainda não tinham parado para pensar sobre isso, sobre o que gostam de fazer ou não;
- Nos desenhos foi possível ver que há crianças que gostam de:

- Praticar desporto, maioritariamente futebol;
- Gostam de ouvir música e dançar (preferencialmente as raparigas);
- Ver televisão;
- Estar com os amigos;
- Houve ainda uma criança que desenhou o Espaço Mundo, justificando que era a coisa que mais gostava, que era o sítio em que se sentia bem;
- Houve ainda quem se desenhasse a si própria, com uma expressão contente e a sorrir;
- Para existe um maior à vontade também participei na atividade, realçando coisas que gostava de fazer. No fim, também participei no debate;

No dia 18 de Janeiro não pude comparecer deixar a atividade preparada – “ Que profissão tenho?” – Jogo dinâmico em que o objetivo era as crianças através da mímica adivinharem que profissões estavam a ser referidas. Ao conversar com os monitores que realizaram a atividade, estes disseram que as crianças gostaram de entrar no imaginário das profissões.

A atividade decorreu durante 40 minutos.

Dia 19 de Janeiro – “Sabes quem sou?” – duas as duas, as crianças fechavam os olhos ou colocava-se vendas nos olhos. Depois colocávamos outras duas crianças em frente a que tinham os olhos vendados. O objetivo era que as crianças tocassem umas nas outras, se sentissem, sem vergonhas, maldades ou medos. Tentei ainda que fossem crianças que não se relacionassem tanto, diretamente, no seu dia-a-dia. Ninguém podia falar. A ideia era despertar sensações de afeto e carinho uns nos outros.

Material: vendas para os olhos

Dimensões: pessoal, social e intelectual

A atividade durou 50 minutos.

Observações:

- No início foi engraçado ver as reações de vergonha das crianças ao tocarem umas nas outras. Havia muitos risinhos e algumas mostraram ter receio em tocar;
- Mas à medida que a atividade se desenrolava a curiosidade aumentava e os monitores já não precisavam de dar indicações do que tocar (cabelo, olhos, mãos, testas, etc);

- As crianças começaram a tocar sem receios, começando até a achar piada, pedindo para repetir a atividade;
- Não houve um só momento em que as crianças se mostrassem violentas ou com represálias em relação a outras.

Dia 23 de Janeiro realizou uma atividade que tinha como objetivo ser realizada todos os dias, depois da execução dos trabalhos de casa – “Como te sentes hoje?” – placar das emoções. Este placar tinha os nomes de todas as crianças e a finalidade do mesmo é que cada criança coloque uma cara correspondente à sua disposição num determinado dia: feliz, contente, normal, zangado ou triste. As crianças colocam a cara quando chegam e no fim dos trabalhos de casa, quem quiser poderá falar do porque de estar assim “hoje”. Quem não quiser falar não há problema.

Para os monitores serve como presença, ao mesmo tempo que nos dá dicas de como as crianças se estão a sentir num determinado dia, servindo assim de apoio para nos aproximarmos das crianças e saber lidar com elas.

Aparentemente as crianças gostaram da ideia, uma vez que é algo que elas podem mexer e mudar quando quiserem. É um espaço delas, da sua responsabilidade.

Para a atividade no dia 24 de Janeiro - “De quem é?” cada criança tinha de trazer um objeto que gostasse e falar um pouco sobre ele. Após apresentação dos objetos, estes eram todos misturados e as crianças tinham de adivinhar de quem eram os objetos que iam sendo referidos.

Material: objeto escolhido por cada criança

Dimensões: pessoal, social e intelectual

A atividade decorreu durante aproximadamente 40 minutos.

Observações:

- A maior parte das crianças levou um objeto com que se identificava, para minha admiração, confesso;
- Todos falaram sobre o seu objeto;
- Na maioria as crianças sabiam a quem pertenciam os objetos misturados;
- Uma criança levou uma caixa de madeira azul, pintada por ela, com medalhas que tinha ganho em competições de dança e judo. Guardas com carinho e com muito cuidado, pois considera ser medalhas muito importantes para ele. A maior

parte dos colegas sabia que o menino praticava judo, no entanto desconheciam que já tinha ganhado prêmios na dança e no judo. O menino mostrava-se orgulhoso e feliz com as medalhas;

- Duas meninas levaram um mp4, uma vez que adoram música e assim podiam ouvir quando quisessem. A música é um aliado da dança, que elas também tanto gostam;
- Houve uma criança que levou uns cabos do seu computador, porque não podia trazer este. Gosta de ter um Magalhães porque guarda coisas importantes nele. Uma outra criança levou um Magalhães, referindo também a sua importância, podendo assim ouvir música e jogar alguns jogos do computador;
- Uma criança levou um peluche, que era muito especial para ela. Foi dado pelo avô, que já faleceu e sempre que está triste pega no peluche porque lhe faz lembrar o avô, que era importante para ela;
- Por fim, uma menina, diz que levava-a a ela própria porque não havia mais nada do que ela gostasse, senão dela própria;
- Foi engraçado de ver que as crianças ouviam-se umas as outras, que estavam interessadas em saber no que os seus colegas gostavam; a atividade correu dentro da normalidade, sem nenhum contratempo ou tensão;
- E ainda que as crianças tinham todo o gosto em estar a partilhar os objetos, muito deles especiais, com o resto do grupo, tornando-o assim mais forte e unido.

Dia 26 de Janeiro – Dia Mundial da Paz e da Não-Violência - esta atividade teve como objetivo dar a conhecer os direitos das crianças, ao mesmo tempo consciencializar as nossas crianças para outras realidades e ainda responsabilizá-las no que diz respeito, aos deveres que todos temos de cumprir como cidadãos. Na primeira parte da atividade, todas as crianças viram imagens de crianças bem tratadas e felizes e o contraste, crianças que sofrem e a trabalham obrigadas (exploração infantil). Em grupo discutimos o que víamos e sentíamos com as imagens. Após reflexão, todos juntos construímos uma lista com os direitos das crianças do Espaço Mundo. Assinámos ainda, uma carta tendo consciência de que também temos deveres a respeitar

Material: fotografias de crianças felizes e tristes (contraste entre o bem e o mal), papel e canetas/lápis.

Dimensões: Desenvolvimento pessoal, social e cultural

A atividade decorreu durante os 60 minutos, aproximadamente.

Observações:

- Havia crianças que achavam que as fotografias eram montagens feitas por mim. Algumas não acreditavam que houvesse crianças a fazer trabalhos assim tão pesados;
- Outras sabiam que existem crianças que passam fome e não têm família, dizendo inclusive que estavam muito tristes com essa situação, porque “todos temos direito a ter alguém que goste de nós”;
- Foi uma atividade de difícil execução: como foi uma atividade que pediu mais silêncio, concentração e reflexão, notou-se que a certa altura, algumas crianças começaram a dispersar e a ficar desconcertadas na atividade, tornando-a um pouco difícil de executar;
- Interessante a importância que alguns deram na carta dos deveres, mostrando-se entusiasmadas por assinarem e assumirem um compromisso com o grupo, a comunidade e a sociedade, em geral;
- Outros (dois meninos, mais inquietos e desconcentrados) mostraram não estar interessados em assinar, querendo ir brincar lá para fora.
- Foi de facto, uma atividade difícil de realizar. Tive por diversas vezes de chamar atenção o grupo, em geral.

Dia 31 de Janeiro – “O que quer ser quando for grande!”- Através do jogo da mímica, cada criança tinha de explicar ao grupo o que gostava de ser quando for grande. Após o grupo adivinhar, a criança que tinha representado teria de explicar ao grupo o porque da sua escolha.

Material: não é necessário. As crianças podiam aproveitar o espaço e os recursos em volta para apresentar.

Dimensões: desenvolvimento pessoal, social e intelectual

Observações:

- No que toca à escolha das profissões, houve algumas engraçadas e interessantes a assinalar: farmacêutica, porque gosta de falar com pessoas e de mexer em medicamentos; polícia de trânsito, para ajudar os carros a não se chocarem e para assim ganhar dinheiro também; Ministro das Finanças, para assim não ficar

em casa e andar para trás e para a frente; Empresária, porque gostava de ter uma perfumaria porque gosta de os cheirar; Estilista, para poder criar roupa, porque se gosta de vestir bem e por fim, veterinária, porque gosta de animais, mas não de gatos. No entanto disse que “vou tratar deles como trato os outros”;

- É engraçado ver a forma como cada um vê as profissões e as prioridades que têm e como podem tirar partidos delas. Querem fazer coisas que gostam, só uma pessoa referiu que queria trabalhar por causa do dinheiro, todos os outros e até ela considerou importante fazer o que gosta;

Reflexão sobre as atividades realizadas sobre a caracterização do grupo:

Foi notório que as crianças têm muita dificuldade e vergonha de falarem sobre si, mesmo estando presente diante um grupo que as conhece desde cedo. Ao longo das atividades penso que essa vergonha foi sendo transformada em à vontade, talvez devido aos jogos de contacto, de aproximação ou até porque sempre que possível os monitores também participavam, mostrando os seus interesses e gostos, utilizando a mesma linguagem. Mesmo havendo atividades que correram menos bem, devido à utilização de metodologias e estratégias menos dinâmicas, acredito que essas mesmas tenham sido uteis e importantes para o dia-a-dia e bem-estar das crianças, quanto mais não seja para criarem sentido de responsabilidade e de crítica e reflexão. Estes momentos também são bons para que elas percebam que há espaço e tempo para tudo, vão haver atividades mais engraçadas e mexidas, mas haverão atividades que requerem mais o uso da palavra e da opinião.

Mais ainda, foi engraçado ver o quão bem as crianças aderiram ao placar das emoções, muitas vezes a primeira coisa que fazem é irem colocar a cara de como se sentem. Maioritariamente as caras foram sendo de felicidade e contente. Houve no entanto, caras de zangado e triste, obviamente. Porém, ao longo dos dias muitas dessas caras iam sendo trocadas por umas mais positivas.

Cada vez mais, de dia para dia as crianças começam a expressar o que sentem e porque estão assim.

Semana do contato e da confiança – de 7 a 10 de Fevereiro – realização de atividades que promovam o toque e a confiança no grupo. Mesmo sendo constituído por pessoas tão distintas e com histórias de vidas já tão marcadas é importante que as crianças percebam que podem contar umas com as outras e connosco também. Foi uma semana

desafiadora porque fiquei sozinha a tomar conta das crianças, na segunda hora do ATL. Esta semana surge depois de percebermos que não iríamos conseguir abordar o tema do voluntariado, pois não foi possível trazer os convidados pensados para a atividade. Assim, como resposta, decidi desenvolver ainda mais o lado relacional e social das crianças, dentro do ATL, com atividades dinâmicas e divertidas.

- Na primeira atividade - “emaranhado” – as crianças tinham de escolher duas crianças para sair da sala. Enquanto isso, os outros formavam uma roda dando as mãos, emaranhando-se, passando por cima das mãos ou por baixo dos braços uns dos outros. As duas pessoas que estavam fora entram e tentam desemaranhar os outros. No fim, o grupo tem de estar todo junto, em círculo direito.
- Na segunda atividade - “pessoa com pessoa” – as crianças espalharam-se pela sala aos pares. Há no entanto, uma pessoa que está fora e que vai dando instruções, como “mão no nariz”, “costas com costas”, etc...Os pares tiveram então, de cumprir com o pedido. Passado um bocado, a pessoa que estava fora grita “pessoa com pessoa” e todos têm de trocar de par. A pessoa que estava fora teve ao mesmo tempo de arranjar um parceiro, ficando assim, uma outra pessoa de fora, passando a dar as instruções.
- Na terceira atividade – “ilhas musicais” – espalhou-se folhas de jornal no chão com o mesmo número existente de crianças. Coloca-se música a tocar e as crianças vão dançando pela sala. A música pára e as crianças têm de se colocar em cima da folha. À medida que se vai desligando a música, tira-se uma folha de jornal. Como passa haver mais crianças do que folhas, o objetivo é que as crianças se ajudem umas as outras e se consigam equilibrar na mesma folha, sem cair ninguém e sendo assim, têm que se abraçar para se apoiarem uns nos outros. A dinâmica continuou até as ilhas ficarem superlotadas.
- Penso que com a realização destas atividades as crianças tornaram-se um pouco mais próximas e preocupadas umas com as outras, ao mesmo tempo que se divertiam a fazer as atividades. Em todas elas, as crianças pediram para repetir. Penso que a última atividade terá cativado mais as crianças, muito devido à presença de música e ao facto de elas poderem dançar e mover-se à vontade dentro da sala.

Na semana seguinte, nos dias 14 a 15 de Fevereiro, as crianças ficaram de castigo, porque tava irrequietos e a fazer muito barulho, não conseguindo assim trabalhar com eles. A Vivi achou por bem deixa-los de castigo para eles sentirem que tinham feito algo de errado e que as coisas não podiam ser como eles queriam. Aconteceu logo no início da atividade do Dia de São Valentim e sendo assim, durante os dois dias, na segunda hora de ATL, as crianças liam um livro individualmente e depois em voz alta, ao grupo. Este castigo veio também de um recado que uma das professoras dos alunos enviou, dizendo que era importante incidir na leitura e na escrita, pois havia muitos meninos com muitas dificuldades nesses parâmetros.

Nos dias 16 e 17 de Fevereiro preparámo-nos para a Festa de Carnaval. Levei máscaras com diferentes desenhos (gatos, borboletas, coelhos, etc) para todos pintarmos e colarmos pela sala, enfeitando-a assim com confettis e serpentinas. Achei piada ao facto de até os rapazes gostarem desta atividade. As vezes criamos aquele estigma que os meninos não gostam de pintar, é mais “coisas” de meninas. Mas de facto, talvez por ser uma atividade livre, com cores, em que podiam estar num ambiente mais descontraído os meninos também aderiram muito bem à atividade, ajudando-a a enfeitar a sala. Foi uma atividade em grupo, com crianças e monitores. Havia música de fundo.

No dia 17 foi a realização da festa de carnaval, com um desfile no final. Foi uma atividade aberta a comunidade, vindo assim muitas crianças que não pertenciam ao Espaço Mundo, mas ou então sim, pertencem mas não numa forma rigorosa e formal. No final houve um lanche, com a presença de alguns pais. O dia foi de festa e cheio de música, por momentos, todos vivemos no imaginário do faz de conta e divertimo-nos sem pensar nos problemas de cada um.

De 20 a 22 de Fevereiro férias de carnaval.

Dia 23 as crianças realizam uma composição sobre a festa de carnaval e depois cada um leio a sua. A maior parte deles não gostou da atividade. Não gostam de escrever, muitos nem sabem como construir um texto, dão erros de escrita e não são muito criativos. Temos de incidir mais na escrita. Mexer mais com a imaginação e criatividade deles.

Dia 24, sexta-feira, dia livre, não há atividades depois dos trabalhos. As crianças decidem o que querem fazer, ler, jogar futebol, fazer puzzles, etc. Nesse mesmo dia

houve reunião de pais, estiveram presentes 5 pais, nos quais dois eram um casal. A Vivi apresentou-me, explicou qual era o meu papel. Já sabiam quem eu era, porque as crianças já tinham falado sobre mim em casa. A reunião correu bem, os pais estiveram a vontade para falar sobre os aspetos positivos e negativos. Nota-se que confiam plenamente na Vivi e no seu trabalho, conseqüentemente confiam na equipa que a acompanha.

Nos Dias 28 e 29 realizámos então a atividade planeada para o Dia de São Valentim, nunca é tarde ou dia para se falar de amor.

Primeiramente, questionei as crianças sobre o que lhes faziam lembrar a palavra “Amor”. De seguida, foi entregue a cada criança um coração em que através de palavras, desenhos, frases representassem o que significava o Amor para si. No fim, quem quisesse comentava.

Observações:

- É engraçado ver que as crianças associam o “Amor” a gostar dos pais mas acrescentam ainda a importância do afeto: dos mimos e abraços, da proximidade, dos amigos;
- A maior parte das crianças não teve problema em ler para o grupo o que escreveu e de salientar que também gostavam muito dos seus amigos;
- Esta atividade foi de facto muito gratificante, pois nunca esquecendo as histórias de vida e dificuldades que muitas crianças passam é impressionante a sensibilidade e a bondade que estas demonstraram ter.
- Realço ainda que uma das crianças disse, mesmo a realidade não sendo a mais justa para todos “é impossível não gostar da palavra Amor” – a mesma criança que o padrasto é alcoólico e bate na mãe e que conseqüentemente o irmão por vezes, lhe bate também.

A pedido das professoras da Escola, continuamos a incidir sobre a leitura e a escrita. Este mês iria ser mais centrado nestes dois pontos. Tivemos de nos adaptar, logo muitas das atividades propostas não foram realizadas. Contratemos, necessidades e dificuldades que se sobreponham a realização das atividades. O sistema será o mesmo: cada um lia individualmente um excerto de um livro à sua escolha e depois teria de ler em voz alta para o grupo.

No dia 7 de Março todos escreveram uma composição sobre o que queriam fazer nas Férias da Pascoa. Nota-se que quando se trata de escrever, as crianças ficam mais contrariadas em fazer a tarefa pedida.

Ao longo da semana seguiu-se a leitura.

Mais para o fim do mês a Vivi diz que há um aluno que trás um recado na caderneta para ler no ATL. O recado reforçava o melhoramento da criança e numa maneira geral das outras crianças na leitura. Agradecia ainda o apoio.

Este é um dos objetivos do Espaço Mundo, fortalecer laços com a escola para que haja comunicação e partilha sobre as crianças, sobre o seu trabalho, para assim haver uma complementaridade.

Nos dias 20 e 21 preparou-se a montagem do Jornal de Parede. Levei jornais e revistas e as crianças podiam cortar a vontade o que quisessem para colar no placar para enfeitar o jornal. Antes, expliquei em que consistia o jornal de parede.

O jornal iria ter como tópicos:

- Notícias da semana;
- O tempo;
- Próximos acontecimentos;
- Textos sobre as atividades realizadas e fotos das mesmas;
- Realização de entrevistas, a pessoas da comunidade;
- Afixação do quadro de tarefas – havendo sempre um responsável do jornal por semana; (as funções devem ser todas rotatórias);

A criação do Jornal aparece para fomentar o trabalho em equipa e para desenvolver capacidades de escrita, reflexão, crítica e criatividade, ao mesmo tempo que valoriza e melhora a comunicação entre as crianças.

Material: folhas, revistas, jornais, cola, canetas, tesouras, imagens de tempo;

Dimensões: Desenvolvimento pessoal, intelectual, social e cultural.

Observações:

- Depois dos recortes, quando nos juntámos todos para unir as imagens e colá-las no placar, a certa altura a atividade não resulta, as crianças começam a dispersar e a fazer muito barulho.
- Considero que talvez tenha sido o dia mais frustrante para mim. No início as crianças estavam a gostar e tinham achado piada a ideia (palavras utilizadas por elas). No entanto, a certa altura com a entrada de alguns monitores, que foram interrompendo a atividade, as crianças começaram a ficar distraídas e a movimentar-se pela sala para ir ter com os restantes monitores que estavam a conversar a um canto;
- Lembro que chegou uma altura que tive de chamar a atenção aos monitores, pedindo que fossem lá para fora. Senti necessidade em falar com a Vivi.
- Posto isto, a Vivi considerou que este comportamento não podia voltar acontecer e as crianças teriam de sentir que tinham estado mal, por isso durante uma semana depois das férias da páscoa, não haveriam atividades, ficando na segunda hora em silêncio ou em leitura.

26 a 29 de Março Férias da Páscoa.

Dia 10 de Abril entrego os blocos de notas para as crianças irem fazendo apontamentos para melhorarem a escrita e entrarem no espírito do jornal de parede, sentindo-se assim jornalistas.

De 11 a 19 - semana do castigo.

Dia 24 de Abril – Dia da terra – com esta atividade queria despertar as crianças para as diferentes culturas e ainda fazer com que elas valorizassem o planeta terra e os seus recursos, desenvolvendo assim a reflexão, a memória e raciocínio rápido.

Primeiramente, o grupo todo analisou imagens sobre o planeta Terra, realçando os oceanos e os continentes; Após discussão e análise, realizou-se o jogo dinâmico – “o elo mais fraco”: Construção de dois grupos; Cada grupo escolheu uma pessoa para responder a pergunta, trocando sempre que respondem a uma pergunta; Sempre que um elemento tivesse dificuldade em responder podia pedir a ajuda do grupo; Ganhou o grupo que respondeu mais acertadamente as respostas colocadas;

Material: imagens do planeta terra e de pessoas de diversos continentes.

Dimensões: Desenvolvimento cultural, intelectual e social.

Observações:

- Como estava bom tempo a atividade foi realizada no exterior – ponto a favor;
- Penso, era até mesmo visível, que as crianças gostaram da atividade, gostaram de poder jogar em equipa e em poder mostrar que saibam responder ás questões sobre o Planeta Terra;
- Foi uma atividade que proporcionou um bom convívio, entre crianças e monitores;
- No final escolhemos o prémio: um globo para o Espaço Mundo;

De 30 a 9 de Maio, tendo o parecer da Vivi tive de me ausentar durante uns dias, ganhando assim energia e ideias para mais atividades.

Na semana de 15 a 18 de Maio foi a semana da família e da arte. Nos dias que se seguiram foi possível fazer trabalhos plásticos e artísticos, com o objetivo de mexer com a imaginação e criatividade das crianças: construção de flores, com papel crepe (num dia). As crianças estavam sossegadas e confessaram sentir saudades de realizar atividades dinâmicas. Gostam de fazer este tipo de atividades, que mexa com cores, que experimentem e que no final vejam e obtenham um resultado feito por elas.

Num outro dia estivemos a trabalhar com plasticina, como se fosse barro. Nesta atividade, as crianças com a plasticina que tinham podiam fazer o que quisessem: houve quem desenha-se o seu nome, um campo de futebol, uma bicicleta, uma flor, havia ainda alguns moldes que eu consegui arranjar emprestado.

No dia 18 foi um dia de convívio em que o grande objetivo era festejar o dia da família e mostrar os trabalhos desenvolvidos pelas crianças. Apareceram poucos pais, no entanto as crianças estavam felizes e o dia era de festa.

Com a nossa participação nas marchas, muitos monitores dividiram-se uns começaram a preparar as festas: roupa e música e outras orientavam no ATL.

Nos últimos dias as crianças têm estudado para o fim do 3º Período. Começamos também a fazer ditados com elas. Não gostaram, preferiam ler e fazer cópias. Percebemos que davam muitos erros na escrita de palavras. É fundamental treinar e incentivar para a escrita.

Chega um novo estagiário do 11º Ano de Apoio Psicossocial. Terá de fazer pelo menos uma atividade por semana.

Dia 5 atividade realizada pelo novo estagiário.

Dia 6 e 8 de Junho – Realizo a atividade preparada para o dia Mundial do Ambiente.

No primeiro dia falámos dos cuidados a ter como meio ambiente, que cuidados podíamos ou deveríamos ter para preservar o meio ambiente.

Realização do jogo – “Como podemos ajudar o nosso planeta?” - Existiam duas cartolinas uma correspondente ao “respeito pela natureza” e outra “prejudica o ambiente”. Cada criança lia uma frase ou comentava uma imagem sobre o ambiente de depois de comentar tinham de colocar no sítio correto.

No segundo dia, em grupo criámos um pequeno ecoponto, que colocámos ao lado da porta.

Material: cartolinas, folhas com as cores do ecoponto, cola, caixotes, canetas e lápis, imagens sobre o ambiente;

Dimensões: pessoal, cultural e social

Observações:

- As crianças mostraram-se interessadas em saber mais sobre o meio ambiente;
- Foi um momento de convívio e de partilha: quando sabiam, queriam partilhar opiniões.
- Logo no primeiro dia, com a construção do ecoponto, as crianças começaram a reciclar.

Preparação para as marchas: ensaios da música e letra e da coreografia. As crianças mostraram-se contentes.

Pelo que me contaram, as crianças adoraram as marchas no ano passado, todos juntos desfilaram e cantaram para a comunidade. Ganharam o prémio de melhor letra.

Dia 15 de Junho foi o último dia de aulas e formalmente o meu último dia de estágio. Foi feito um convívio ajantarado, com uma festa até as tantas. Levei uma receita e tirámos o dia para fazer bolachinhas. As crianças adoraram poder pegar na massa, e fazer formas. Após termos feito as bolachas, as crianças podiam ter ido brincar, mas estavam tão entusiasmadas que nem saíram da sala, à espera do resultado final.

Tivemos ainda direito a um bolo feito por uma mãe, no qual o desenho do bolo era o logotipo do Espaço Mundo. Houve muita música, dança, conversa, sorrisos e festa. Os trabalhos estavam todos afixados na sala.

Nos próximos dias haverá atividades para as crianças que não têm onde ficar. Ficou combinado que ia aparecendo até ao final de Junho.

Depois desta experiência foi possível chegar a algumas conclusões:

- É impressionante a vontade e o estado de espírito que as crianças e algumas pessoas da comunidade têm, tendo em conta as dificuldades e situações que passam;
- O Espaço Mundo é de facto um espaço que transmite segurança e conforto. Está cheio de energia e vontade em mudar, em fazer melhor e isso está diretamente relacionado com as pessoas que la colaboram;
- O facto de ser trabalho voluntário e os monitores terem outros afazeres leva a que muitas vezes, alguns deles tenham que se afastar ou não dar mais um pouco ao Espaço Mundo; Existe ainda o espírito: queremos mudar e vamos conseguir mas com calma, sem pressas, consoante o aparecimento de recursos. Lema dos PALOP's, como me ensinaram: leve, leve, vai-se fazendo;
- Nem sempre foi possível realizar as atividades pensadas, muitas delas porque não tínhamos recursos outras porque de facto apareceram outros contratemplos, como termos que incidir mais na leitura, ou os castigos, porque as crianças não estavam a cooperar com os monitores;
- Nem sempre foi fácil gerir as frustrações de querer fazer (mais) e não poder, de ter que ir a um ritmo diferente, de nem sempre as crianças reagirem tão positivamente às atividades pensadas;

- O grupo de monitores foi um bom apoio, no entanto, houve alturas que influenciavam a motivação e interesse das crianças nas atividades;
- Um fator que me fez perceber que é importante haver uma formação de preparação para os monitores, para estes perceberem a importância das dinâmicas, para as crianças e para a comunidade;
- Como muitas das atividades não foram realizadas, muito embora porque só foram pensadas depois do ano letivo começar, achei que seria importante como projeto final planejar as atividades para o ano letivo de 2012/2013 e assim depois da formação os monitores já estariam mais bem preparados para executar as atividades propostas.

DOCUMENTO SOBRE AS PRINCIPAIS FUNÇÕES DE UM ATL

Espaço Mundo

Centro de Actividades de Tempos Livres (ATL)

Finalidade: Desenvolver actividades de lazer, lúdicas, pedagógicas, desportivas e socioculturais que garantam formas de respostas mais adequadas às crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, de ambos os sexos, tendo em vista o seu desenvolvimento integral.

Objectivos:

1. Permitir a cada criança ou jovem, através da participação na vida em grupo, a oportunidade da sua inserção na sociedade;
2. Contribuir para que cada grupo encontre os seus objectivos, de acordo com as necessidades, aspirações e situações próprias de cada elemento e do seu grupo social, favorecendo a adesão aos fins livremente escolhidos;
3. Criar um ambiente propício ao desenvolvimento pessoal de cada criança ou jovem, de forma a ser capaz de se situar e expressar num clima de compreensão, respeito e aceitação de cada um;
4. Favorecer a inter-relação família/escola/comunidade/estabelecimento, em ordem a uma valorização, aproveitamento e rentabilização de todos os recursos do meio;

Competências:

1. Garantir um ambiente físico adequado, proporcionando as condições para o desenvolvimento das actividades, num clima calmo, agradável e acolhedor;
2. Recrutar e admitir unidades de pessoal, em número suficiente e com preparação adequada que garanta o bom atendimento que se pretende proporcionar às crianças e jovens;
3. Proporcionar actividades integradas num projecto de animação sociocultural em que as crianças e os jovens possam escolher e participar livremente, considerando as características dos grupos e tendo como base o maior respeito pela pessoa;

4. Manter um estreito relacionamento com a família, os estabelecimentos de ensino e a comunidade, numa perspectiva de parceria, tendo em vista a partilha de responsabilidade a vários níveis.

Direitos das Crianças:

- a. Todas as crianças têm o direito a acompanhamento e vigilância na execução dos trabalhos de casa, se os pais assim o desejarem, não tendo, no entanto, funções educativas;
- b. Todas as crianças têm direito a ter possibilidade de usufruir das várias áreas de expressão plástica, musical, corporal, dramática, descoberta do meio, socialização e actividades de índole escolar;
- c. Todas as crianças têm direito a um tratamento igual, independentemente da sua raça, religião, situação económica ou opção partidária.

Horário:

- Estudo Acompanhado: Terças, Quartas e Sextas-feiras das 15h30 às 16h30
- ATL: todos os dias das 17h30 às 20h00

Espaço Mundo

A.T.L.

Plano de Actividades
2011-2012

ÍNDICE:

Introdução: 3

Enquadramento: 4

Plano de actividades: 5

Introdução:

A Associação Espaço Mundo tem como principais objectivos apoiar a comunidade envolvente e promover a cultura, realçando os direitos das comunidades emigrantes e os seus descendentes residentes na Alta de Lisboa.

A partir da necessidade sentida por várias pessoas da comunidade nasceu o A.T.L para apoiar as nossas crianças no seu rendimento e aproveitamento escolar e desenvolver actividades de lazer, lúdicas, pedagógicas, desportivas e socioculturais, tendo em vista o seu desenvolvimento integral. O A.T.L decorre todos os dias, das 17h30 às 20h e composto por cerca de 30 crianças, com idades entre os 6 e os 14 anos, maioritariamente residentes na zona do PER 9. Para o melhor funcionamento temos presente monitores voluntários (residentes locais e alunos do Colégio de S. João de Brito) e o apoio de estagiários, de forma a promover e restabelecer o bem-estar das nossas crianças e reforçar positivamente a criança nos contextos de autonomia e assertividade. Os nossos dirigentes associativos, pessoas responsáveis e com experiência de animação comunitária, estão motivados e empenhados para desenvolver projectos que respondam as necessidades específicas da população local.

Como tal, elaboramos um plano de actividades a pensar nas nossas crianças e no desenvolvimento das suas capacidades e competências (pessoais, socioculturais, físicas e intelectuais). As actividades que pretendemos realizar premeiam a cooperação, respeito e aceitação de cada um, a solidariedade, a consciencialização, a criatividade, o espírito crítico e a autonomia, salientando áreas que cada vez mais tendem a ser abordados e discutidos na sociedade actual e mostram ser de extrema importância para a educação e formação das crianças, como as diferentes culturas (interculturalidade), as artes, a comunicação (diálogo), as dinâmicas de grupo, a coesão social e a liberdade de expressão.

Enquadramento:

Aquando da elaboração do plano de actividades tornou-se importante salientar que cada actividade foi pensada para influenciar a criança e o seu desenvolvimento. Acreditamos que as actividades lúdico-pedagógicas, que iremos realizar ao longo deste ano, permitem que a criança adquira e/ou melhore habilidades e competências com o a cooperação, a criatividade, a expressividade, a responsabilidade e a autonomia, de fuma forma natura e divertida. Torna-se ainda importante realçar que tanto as semelhanças como as diferenças individuais serão tidas como uma mais-valia para a socialização e interacção do grupo (coesão social).

Quando nos referimos ao desenvolvimento integral das crianças queremos destacar dimensões como pessoal, intelectual, social, cultural e física, pois consideramos que estas são essenciais para o bem-estar e consequentemente para a valorização e auto-conhecimento (identidade) da criança. As actividades pensadas para salientar o desenvolvimento pessoal pretendem actuar sobre o emocional e o interpessoal, seja a nível relacional, do auto-conhecimento e das emoções e afectos. No que toca ao desenvolvimento intelectual gostaríamos de realçar a importância do pensamento, autonomia, crítica, motivação, produtividade e responsabilidade. No desenvolvimento social e cultural pretendemos valorizar as relações entre o grupo, o grupo e a comunidade e ainda o grupo e a sociedade, realçando sempre que possível a interculturalidade (as semelhanças e as diferenças culturais e a sua interacção). Por fim, com desenvolvimento físico iremos realçar a importância do bem-estar físico e mental da criança, seja a nível da concentração, seja a nível do desporto e dança, seja ao nível da percepção de alguns cuidados a ter com o nosso corpo.

Plano de actividades:

Mês	Dias	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais	Responsáveis pelas atividades
Janeiro	10 a 13	<p><u>Planificação das atividades:</u></p> <p>Discussão em grupo das atividades e dos seus objetivos;</p>	<p>- Discutir e preparar as atividades que irão ser realizadas;</p> <p>- Elaborar o plano de atividades a realizar-se no ano letivo de 2011/2012;</p>			Responsável pelo A.T.L; K' Cidade; Estagiaria;
	16 a 25	<p><u>Caracterização do grupo:</u></p> <p>17 - "O meu auto-retrato" (pintura/desenho/reflexão em grupo);</p> <p>18 - Jogo dinâmico: "qual a minha profissão?"</p> <p>19 - "Sabes quem sou?" (jogo dinâmico);</p> <p>24 - Cada criança deverá trazer algo que goste, para depois explicar ao grupo o porquê, após apresentação misturar todos os objetos e o grupo terá de adivinhar a quem pertence;</p> <p>25 – Jogo dinâmico;</p>	<p>- Perceber como é que as crianças se caracterizam a si e ao grupo;</p> <p>- Identificar quais os interesses e gostos das crianças que frequentam o A.T.L;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Pessoal;</p> <p>-Social;</p> <p>-Intelectual;</p>	<p>Reutilização de materiais, como folhas, efeitos, cartolinas, canetas, lápis, capas (materiais diversos), vendas para tapar os olhos;</p>	<p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

	26 e 31	<p><u>Dia Mundial da Paz e da Não-violência:</u></p> <p>Reflexão sobre os direitos e deveres das crianças;</p> <p>Debate em grupo;</p> <p>Em grupo escrever os direitos e os deveres das crianças no A.T.L – Espaço Mundo;</p> <p>Escrever uma carta a outra criança de um outro país;</p>	<p>- Dar a conhecer o direito e os deveres das crianças;</p> <p>-Consciencializar as crianças para outras realidades;</p> <p>-Sensibilizar para a solidariedade e a Paz;</p> <p>- Levar as crianças a identificar e a compreender os momentos de trabalho e lazer, valorizando assim características como a responsabilidade e a autonomia;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Social;</p> <p>- Cultural;</p> <p>- Intelectual</p>	<p>Carta dos direitos e deveres das crianças, folhas e canetas;</p>	<p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários</p>
	31	<p>Cada criança escolhe as atividades que gostaria de realizar, através da afixação de um placar com a descrição de diversas atividades lúdico-pedagógicas;</p> <p>“O que eu quero ser quando for grande?” (reflexão individual/mímica/reflexão em grupo);</p>	<p>Perceber como é que as crianças se caracterizam a si e ao grupo;</p> <p>- Identificar quais os interesses e gostos das crianças que frequentam o A.T.L;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Pessoal;</p> <p>-Social;</p> <p>-Intelectual;</p>	<p>Cartolinas, canetas, lápis,</p>	<p>Estagiaria;</p>
Fevereiro	8	<p><u>Voluntariado:</u></p> <p>Testemunhos sobre a sua experiência no voluntariado;</p> <p>Exemplos de atividades de voluntariado;</p> <p>Incentivar as crianças a realizar um dia de voluntariado (por exemplo visitar um lar de idosos; fazer uma campanha de brinquedos para crianças;)</p>	<p>- Sensibilizar as crianças para a solidariedade e Paz;</p> <p>- Conhecer a realidade sociocultural da comunidade;</p> <p>- Transmitir os valores e os ideais do trabalho voluntário;</p> <p>- Fomentar e valorizar o trabalho de equipa;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>- Social;</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Retroprojektor, computador, imagens de atividades de voluntariado;</p>	<p>Convidados/ testemunhos/ voluntários;</p> <p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p>

14	<p><u>Dia de São Valentim:</u></p> <p>Debate sobre conceitos como gostar, amor, amizade e carinho;</p> <p>Escrever frases ou palavras sobre o tema, afixar na sala;</p> <p>Cada criança poderá falar e descrever alguém (não é obrigada a dizer o nome) que goste;</p>	<p>- Sensibilizar as crianças para o despertar das emoções e afetos;</p> <p>- Celebrar valores como a amizade e carinho;</p> <p>- Levar as crianças a falarem de afetos e emoções sem se sentirem constrangidos, percebendo assim que devemos valorizar as emoções e afetos;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Pessoal;</p> <p>-Intelectual;</p> <p>-Social;</p>	<p>Folhas e canetas;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
16 a 18	<p><u>Carnaval:</u></p> <p>Decorar o espaço com motivos alusivos à data;</p> <p>Preparação do Desfile de Carnaval;</p> <p>18 – Convívio do Mês:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desfile de Carnaval com entrega de prémio à fatiota mais original; • Lanche; 	<p>- Conhecer o significado deste dia festivo;</p> <p>- Desenvolver o lado criativo e dinâmico das crianças;</p> <p>- Promover o convívio entre o A.T.L, as crianças, os pais e a comunidade;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Pessoal</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Confetis, serpentinas, desenhos, folhas, canetas, papel decorativo para fazer roupa;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
28	<p><u>Dia Mundial da Língua Materna:</u></p> <p>Debate em grupo das diferentes línguas maternas existentes;</p> <p>“Sabes que língua é esta?”</p> <p>- descobrir em grupo a língua em que as frases estão escritas;</p> <p>Cada criança deverá escrever algo (poema, frase ou texto) sobre o tema;</p> <p>Afixação dos trabalhos;</p>	<p>- Dar a conhecer diferentes Línguas maternas;</p> <p>- Realçar a Língua Portuguesa;</p> <p>- Desenvolver a escrita de cada criança e consequentemente levar à reflexão, crítica e criatividade;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Social;</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Folhas e canetas; frases escritas nas diferentes línguas;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

Março

a partir de 6	<p><u>Jornal de Parede do Espaço Mundo:</u></p> <p>Cada criança terá direito a um bloco de notas no princípio da semana, nele deverá anotar algo que considerou relevante ou importante ser noticiado e publicado;</p> <p>Construção de um jornal de parede: poderá ser constituído pela notícia da semana, o tempo, próximos acontecimentos, responsável do jornal (por semana), textos sobre as actividades realizadas e algumas imagens dessas mesmas, realização de entrevistas, afixação das tarefas das crianças;</p> <p>Fazer uma escala em grupo para definir a ordem do responsável do jornal;</p> <p>No fim da semana, todas as crianças que escreveram deverão mostrar o seu trabalho ao grupo e em conjunto escolher a notícia da semana;</p> <p>Dia 9 - fim da construção e organização do jornal;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fomentar e valorizar o trabalho em grupo; - Trabalhar características como responsabilidade e autonomia; - Realçar e trabalhar a Língua Portuguesa; - Desenvolver a escrita, a (auto) reflexão, a crítica e a criatividade; - Desenvolver e melhorar a comunicação das crianças e entre elas; 	<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Social; - Intelectual; - Cultural; 	<p>Blocos de folhas, papel decorativo, separadores, imagens de actividades, imagens do tempo, etc;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
A partir de 12 até 23	<p><u>Campanha de recolha de brinquedos:</u></p> <p>Afixar cartazes na comunidade sobre a campanha, com as crianças;</p> <p>Recolha de brinquedos em bom estado para serem entregues a uma associação;</p> <p>Dia 23 entrega dos brinquedos;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar as crianças para a solidariedade e Paz; - Conhecer a realidade sócio-cultural da sociedade; - Transmitir os valores e os ideais do trabalho voluntário; - Fomentar e valorizar o trabalho de equipa; 	<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pessoal; -Intelectual; -Social; 	<p>Possível transporte para dia 23;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p> <p>Associação para a entrega dos brinquedos;</p>

<p>21 e 22</p>	<p><u>Dia Mundial da Floresta e da água - Início da Primavera:</u></p> <p>Plantar uma árvore no canteiro em frente à associação;</p> <p>Explicar os cuidados necessários a ter com a plantação feita;</p> <p>Elaborar um esquema para regular a rega das plantas (a ser realizado pelas crianças – cada criança ficará encarregue de tomar conta da planta, num determinado dia);</p> <p>Falar dos pontos acima que não foram realizados no dia anterior;</p> <p>Alertar as crianças com os cuidados a ter com a água e a sua utilização, realçando a sua importância;</p>	<p>- Valorizar o papel das árvores e da água no meio ambiente;</p> <p>-Consciencializar as crianças para os cuidados a ter com as plantas, o espaço e o ambiente;</p> <p>- Sensibilizar para a importância da qualidade do ambiente;</p> <p>- Trabalhar características como responsabilidade e autonomia;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p> <p>- Físico;</p>	<p>Sementes, pás, água, proteção para o canteiro (pás e fios), folhas e canetas;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiária;</p> <p>Voluntária;</p> <p>Pedir apoio à AVAL;</p>
<p>27 a 31</p>	<p><u>Dia Mundial do Teatro:</u></p> <p>Introdução ao tema: o que é o teatro?;</p> <p>Preparar uma peça de teatro em grupo, sobre um tema à escolha das crianças;</p> <p>Apresentação da peça à comunidade (31) – convívio do mês;</p> <p><u>Visionamento de uma Peça de Teatro (gratuitamente);</u></p>	<p>- Sensibilizar a criança para o teatro como forma de comunicação;</p> <p>- Desenvolver a criatividade, a reflexão, organização, trabalho em grupo das crianças e cooperação;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>-Intelectual;</p> <p>-Social;</p> <p>- Físico;</p>		<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiária;</p> <p>Voluntária;</p> <p>Convidar uma associação ligada ao teatro;</p>

Abril	2 e 3	<p><u>Dia Internacional do Livro Infantil:</u></p> <p>Visitar uma biblioteca;</p> <p>Falar sobre os cuidados a ter sobre os livros;</p> <p><u>Continuação da atividade – dia 3:</u></p> <p>Esquematização do responsável da biblioteca por semana;</p> <p>Cada criança escolhe um livro preferido e descreve-o ao grupo;</p> <p>(outra possível data: 12 e 13)</p>	<p>-Promover o contato com o meio literário;</p> <p>- Sensibilizar as crianças para a leitura e para a procura de livros;</p> <p>- Consciencializar as crianças para os cuidados a ter com todos os livros;</p> <p>- Trabalhar características como responsabilidade e autonomia;</p> <p>- Valorizar os gostos e a oralidade de cada criança;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Biblioteca disponível para nos receber sem custos;</p> <p>Possível transporte;</p> <p>Cada criança deverá trazer ou escolher um livro que goste;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p>
	10	<p><u>Dia Mundial da Saúde:</u></p> <p>“ A nossa Saúde”:</p> <p>apresentação que aborde temas como a higiene oral e corporal, alimentação e vestuário;</p>	<p>-Sensibilizar as crianças para alguns cuidados que devem ter no que toca ao seu bem-estar físico;</p> <p>- Ajudar no desenvolvimento da autonomia das crianças;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Pessoal;</p> <p>- Social;</p> <p>-Físico;</p>	<p>Falar com o grupo de voluntariado;</p>	<p>Voluntários de Medicina convidados para realizar a palestra;</p>
	12	<p><u>Visita a uma Associação/ lar de idosos:</u></p> <p>Visitar um lar ou uma associação que trabalhe com idosos: apresentação e conversa.</p> <p>Peça de teatro que realizaram dia 31;</p>	<p>- Sensibilizar as crianças para a solidariedade e Paz;</p> <p>- Conhecer a realidade sociocultural da sociedade;</p> <p>- Transmitir os valores e os ideais do trabalho voluntário;</p> <p>- Fomentar e valorizar as relações, afetos e emoções;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>-Intelectual;</p> <p>-Social;</p>	<p>Possível transporte;</p>	<p>Lar de idosos;</p> <p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

	19	<p><u>Dia do Índio:</u></p> <p>Reflexão e debate sobre o tema: realçar a existência e a importância dos índios enquanto comunidade, fazer comparações com a nossa realidade – semelhanças e diferenças, vantagens e desvantagens;</p> <p>Vestir as crianças com adereços relacionados com o tema;</p> <p>Realização de jogos tradicionais indígenas: Arco e flecha; Cabo-de-guerra; Atletismo; Futebol; Rôkrã; (em equipas);</p>	<p>- Consciencializar as crianças para a existência de outras culturas e comunidades;</p> <p>- Aceitar, respeitar e valorizar as diferenças e as semelhanças entre a cultura indígena e as crianças do A.T.L;</p> <p>- Promover atividades desportivas ao ar livre e em convívio;</p> <p>- Fomentar e valorizar o trabalho em grupo;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Cultural;</p> <p>- Social;</p> <p>-Físico;</p>	<p>Papel, penas, elásticos, folhas, canetas e lápis de cor, flechas, corda, meias velhas (bola improvisada), raquetes tipo hóquei;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
	23	<p><u>Dia do Planeta Terra:</u></p> <p>Introdução ao tema: como é constituída a Terra (Continentes e Mares),</p> <p>“O elo mais fraco”: jogo dinâmico – formar um círculo e começar a fazer perguntas sobre o tema, quem perder sai, o vencedor recebe um prémio;</p>	<p>- Fazer com que as crianças valorizem o Planeta Terra e os seus recursos;</p> <p>- Desenvolver a reflexão, a memória, o raciocínio rápido;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Intelectual;</p> <p>-Cultural;</p>	<p>Globo (prémio), cartões com as questões a colocar as crianças;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

<p>24 e 25</p>	<p><u>Dia da Liberdade:</u> Conversa sobre a importância deste dia na História de Portugal; Sopa de letras sobre o tema; <u>Continuação da atividade – dia 25:</u> Entrega de um cravo a cada criança; Jogos tradicionais: malha, corrida dos sacos, cabra cega, dança das cadeiras; Convívio do mês (presença e participação dos pais): equipas mistas: pais, crianças e voluntários;</p>	<p>-Conhecer e explorar o significado deste acontecimento; - Sensibilizar as crianças para a importância deste dia para Portugal e a sua cultura; - Desenvolver jogos que permitem a valorização do tradicional; - Celebrar o momento com dinâmicas de grupo;</p>	<p>Desenvolvimento: -Intelectual; -Cultural; - Social; - Físico;</p>	<p>Cravos, malha, sacos de batatas, um lenço para tapar os olhos, cadeiras;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ; Estagiaria; Voluntários;</p>
<p>30</p>	<p><u>Dia Mundial da Dança:</u> Conversa sobre a dança e a sua importância; Dançar os mais diversos estilos de dança;</p>	<p>- Valorizar a importância que a dança tem na educação e formação pessoal de cada criança; - Despertar emoções com a dança; - Celebrar o momento através da comunicação corporal, musical e criatividade das crianças;</p>	<p>Desenvolvimento: - Pessoal; -Cultural; - Físico;</p>	<p>Imagens dos tipos de dança existentes; aparelho para a audição de música;</p>	<p>Professor de dança voluntário;</p>

Maio	1 a 4	<p><u>Semana Cultural:</u></p> <p>Decorar a sala com adereços alusivos ao tema: bandeiras e imagens (1º dia);</p> <p>Criar grupos e cada um deverá incidir sobre um determinado país (1º dia);</p> <p>Cada dia realçar um país (a sua língua, gastronomia, numero de população, imagens, adereços, música, dança, jogos tradicionais, etc)</p> <p>Tentar falar de países de diferentes continentes e comparar as semelhanças e diferenças com Portugal;</p> <p>No último dia (4), cada grupo apresenta (como quiser) as pesquisas que fez sobre o determinado país, realçando o vestuário, a gastronomia e o tempo;</p>	<p>- Sensibilizar as crianças para os diferentes países e culturas existentes;</p> <p>- Valorizar as semelhanças e diferenças entre culturas e países;</p> <p>- Consciencializar as crianças para as diferenças sociais e culturais, desenvolvendo assim a aceitação, respeito e interação com as diferentes culturas (interculturalidade);</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p> <p>- Social;</p> <p>- Físico;</p>	<p>Bandeiras dos países, imagens, comida típica, aparelho para a audição de música, vestuário típico do país;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
	8	<p><u>Dia do Pintor:</u></p> <p>Concurso de pintura, desenho e barro – cada criança poderá pintar ou desenhar sobre um tema livre à sua escolha;</p> <p>Os melhores desenhos e pinturas serão vendidos na festa de final de ano.</p>	<p>- Sensibilizar as crianças para a arte;</p> <p>- Valorizar as expressões e emoções das crianças através dos seus trabalhos livres;</p> <p>- Desenvolver a criatividade, reflexão, crítica e comunicação através da expressão plástica;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>- Intelectual;</p>	<p>Folhas, quadros, tintas, pincéis, lápis de cor, barro, água, objectos de manuseamento de barro;</p>	<p>Voluntários;</p>

10	<p><u>Presença da Polícia Comunitária:</u></p> <p>Conversa com os polícias convidados de forma a desmistificar a sua profissão, realçando assim qual o seu papel e a sua importância na comunidade;</p> <p>Visita à esquadra da PSP local;</p>	<p>- Conhecer e perceber qual o papel e a sua importância da Polícia Comunitária no Bairro;</p> <p>- Valorizar o trabalho da Polícia;</p> <p>- Ultrapassar possíveis receios ou mal entendidos criados sobre o papel da polícia;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>-Social;</p>		<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p> <p>Polícia Comunitária;</p> <p>Esquadra da PSP;</p>
15	<p><u>Dia Internacional da Família:</u></p> <p>Conversa sobre a família e a sua importância no nosso desenvolvimento;</p> <p>Mudanças que foram ocorrendo ao longo dos tempos (papel da mulher, número de filhos, responsabilidades, etc)</p> <p>Divisão em grupos e cada um deverá preparar algo (dança, teatro, musica, poemas, textos) sobre o tema, para apresentar no convívio do mês;</p> <p><u>Convívio do mês (19)</u></p>	<p>- Realçar a importância da família para o desenvolvimento da criança;</p> <p>- Valorizar emoções e afetos;</p> <p>- Celebrar a presença da família (família Espaço Mundo) na vida das crianças;</p> <p>- Desenvolver a reflexão, criatividade e trabalho em grupo;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>-Social;</p>		<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
18	<p><u>Dia Internacional dos Museus:</u></p> <p>Visita a um museu da Cidade</p>	<p>- Proporcionar às crianças o contacto com a arte;</p> <p>- Sensibilizar as crianças para a expressão e comunicação artística;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>-Intelectual;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Museu com entrada gratuita;</p> <p>Possível transporte</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

Junho	5 a 8	<p><u>Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia:</u></p> <p>Conversa sobre o tema e os cuidados a ter com o Ambiente: falar sobre a separação do lixo, criar ecoponto para o A.T.L (1º dia);</p> <p>Reciclar papel (2º dia)</p> <p>Reutilizar objetos que iriam para o lixo: instrumentos musicais, frascos de decoração, etc (3º dia);</p> <p>Mostrar exemplos de materiais reutilizados no nosso dia-a-dia (3º dia)</p> <p>Reciclar papel: depois da secagem do papel, fazer os blocos de notas (4º dia);</p>	<p>- Despertar e consciencializar as crianças para a importância da preservação do Ambiente;</p> <p>- Ensinar as crianças a separar o lixo de forma correta;</p> <p>- Demonstrar às crianças, de uma forma divertida, que muitos dos materiais poderão ser reaproveitados;</p> <p>- Trabalhar com as crianças a criatividade e a originalidade;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Social;</p> <p>- Cultural;</p>	<p>Caixotes, jornais, folhas e canetas amarelas, verdes e azuis, filmes alusivos ao tema, liquidificador, bacias, peneiras, panos, esponjas, folhas, pétalas, tesouras, fios, folhas brancas, revistas, frascos de vidro, garrafas de plásticos, areias, pedras, tinta para pintar vidro, papel autocolante;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>
	11 a 15	<p><u>Preparação da festa final de ano:</u></p> <p>Jogos dinâmicos;</p> <p>Reflexão sobre o ano letivo e as atividades realizadas (15);</p> <p>O que mudar e manter para o ano - opinião dos alunos (15);</p>	<p>- Levar as crianças a refletir e avaliar o ano letivo e as atividades realizadas;</p> <p>- Valorizar o trabalho em equipa;</p> <p>- Caracterizar o grupo de crianças após o término do ano letivo – comparação com o principio do ano – observar e refletir sobre as semelhanças e diferenças;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Social;</p> <p>- Físico;</p>		<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p>

	16	<p><u>Festa de final do Ano:</u></p> <p>Afixação dos trabalhos realizados pelas crianças;</p> <p>Venda de materiais realizados pelos alunos (quadros, blocos reciclados, fotografias);</p> <p>Realização de jogos com a participação dos pais, amigos, crianças e voluntários;</p> <p>Dança e teatro;</p> <p>Opinião dos pais sobre o trabalho realizados pelas crianças;</p> <p>Jogos tradicionais: equipas mistas;</p> <p>Convívio do mês (presença e participação dos pais);</p>	<p>- Celebrar e valorizar todo o trabalho realizados pelas crianças ao longo do ano;</p> <p>- Valorizar a comunicação entre a comunidade, pais, crianças e Espaço Mundo;</p> <p>- Promover os afetos, emoções e a colaboração;</p>	<p>Desenvolvimento:</p> <p>- Pessoal;</p> <p>- Intelectual;</p> <p>- Social;</p> <p>- Físico;</p>	<p>Responsável pelo A.T.L ;</p> <p>Estagiaria;</p> <p>Voluntários;</p> <p>Crianças;</p> <p>Pais;</p> <p>Comunidade;</p>
--	----	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GUIÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA À RESPONSÁVEL DO ATL

Entrevistada:	
Entrevistadora:	
Local:	
Data:	Hora:

Tema: Caracterização do Espaço Mundo (ATL) no que toca à organização e à relação com a comunidade.

Objetivos gerais:

- Aprender a perspetiva da responsável da Associação Espaço Mundo sobre a mesma;
- Caracterizar o grupo de crianças que frequentam o ATL e conseqüentemente a comunidade envolvente;
- Identificar e realçar a importância do ATL e das atividades lúdico-pedagógicas que neste se realizam.

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<p>Legitimar a entrevista criando um clima de confiança.</p> <p>Solicitar colaboração</p> <p>Motivar a entrevistada/o para colaborar na entrevista</p> <p>Garantir a confidencialidade das informações</p>	<p>Informar a/o entrevistada/o sobre o trabalho que está a ser realizado.</p> <p>Referir a estrutura do guião.</p> <p>Salientar o papel da entrevistada nesta fase da investigação.</p> <p>Solicitar a colaboração, informando que o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho.</p> <p>Assegurar o carácter</p>	

		confidencial das informações prestadas. Solicitar permissão para gravar a entrevista em áudio.	
B Identificação da entrevistada	Caracterizar a entrevistada, de forma a compreendermos e (melhor) relacionarmos as questões levantadas;	Naturalidade e localidade. Idade. Habilitações. Qual é a tua formação? Sentes-te realizada?	Área? / Contexto? Perceber se a responsável do A.T.L já pensou em mudar de área e porquê;
C Espaço Mundo	Caracterizar a Associação Espaço Mundo; Perceber a relação que o Espaço Mundo tem com a comunidade envolvente;	Como caracterizas o Espaço Mundo (EM)? No que toca a sua organização como é que esta está estruturada? Pensas que é a mais adequada ou mudarias algo? O quê? O que falta no EM? Como caracterizas a equipa com quem trabalhas? Qual é a relação do EM com os pais das crianças que frequentam o A.T.L? Quais as vantagens e	Seja a nível logístico, humano, organizacional ou material;

		desvantagens?	
<p style="text-align: center;">D</p> <p>As Crianças e o seu contexto</p>		<p>De uma forma geral, como caracterizas o grupo de crianças que frequentam o A.T.L?</p> <p>Como achas que as crianças se sentem no EM? E na comunidade, na família, na escola e noutros espaços coletivos?</p> <p>O que mudarias para melhorar a qualidade de vidas das crianças nesta comunidade?</p> <p>O que sentes que nesta comunidade deve ser reforçado para manter a qualidade de vida das crianças?</p>	<p>Tanto a nível cognitivo, familiar, pedagógico e emocional;</p> <p>Perceber qual a perspectiva da responsável sobre o ambiente que as crianças vivem e convivem diariamente;</p> <p>Perceber e realçar a importância dos projectos sociais na vida das crianças e na comunidade .</p>

<p style="text-align: center;">E</p> <p style="text-align: center;">A.T.L e as atividades</p>	<p>Compreender o que é esperado no A.T.L e com a realização das atividades (objetivos e finalidades propostas);</p>	<p>Que importância atribuis ao ATL na vida destas crianças? E na vida das famílias/pais? E no desenvolvimento desta comunidade?</p> <p>Como está estruturado o A.T.L? Concordas com essa estrutura?</p> <p>Que alterações farias nessa estrutura? Porquê?</p> <p>Que importâncias têm, para ti, as atividades lúdico-pedagógicas para o desenvolvimento das crianças? Porquê?</p> <p>Como avalias as atividades L-P que foram realizadas ao longo do ano letivo? O que foi mais bem conseguido? Quais são os principais constrangimentos? Que atividades desejarias implementar?</p> <p>Que evolução sentiste nas crianças ao longo do ano? Em que sentido?</p> <p>Que mudanças gostavas de introduzir para o próximo</p>	<p>Seja tanto ao nível da realização das atividades bem como em relação ao espaço e logística;</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>ano letivo?</p> <p>Que tipo de atividades achas que as crianças gostam mais de realizar?</p> <p>Como achas que se poderá conciliar a dimensão lúdica com as responsabilidades escolares das crianças? O que se poderia fazer no ATL para melhorar esse aspeto?</p>	
<p>F</p> <p>Comunidade</p>	<p>Identificar o papel do EM na comunidade local;</p> <p>Caracterizar a relação do EM com a comunidade;</p> <p>Perceber o que é esperado dessa mesma relação.</p>	<p>Qual é o papel do Na comunidade envolvente? Achas que é fundamental? Quais as vantagens que apontas? E as desvantagens?</p> <p>Como é que o EM é visto pela comunidade envolvente? E o EM como vê a sua comunidade?</p> <p>Quais são as maiores dificuldades que sentem nessa relação?</p> <p>Sei que gostavas de aproximar mais a comunidade ao EM, como achas que podemos fazê-lo?</p> <p>Que tipo de atividades podíamos fazer, durante o</p>	

		ano, para melhorar esta relação?	
Finalização da entrevista	<p>Recolher informação complementar</p> <p>Agradecer ao entrevistado/a a sua colaboração</p>	<p>Desejas acrescentar mais alguma coisa que não tenha sido dita e seja importante para alcançarmos os objetivos pretendidos?</p>	

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRETIVA REALIZADA À RESPONSÁVEL DO ATL

Entrevistada: Responsável do ATL

Entrevistadora: Joana Silva

Local da entrevista: Associação Espaço Mundo

Data: 26 de Julho de 2012

Duração da entrevista: 24 minutos

Protocolo da entrevista

A- LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA E MOTIVAÇÃO DA ENTREVISTADA

Joana Silva (JS): A primeira parte da entrevista é aquela parte em que eu vou ter de informar o entrevistado, sobre o que eu vou fazer, que tipo de questões vou fazer, que vou gravar...Peço a tua autorização, dizes que sim?sim?

Entrevistada (E): Vou pensar, depois no final da entrevista digo se sim ou não (brinca sorrindo)

JS: A nível dos conteúdos, esta informação vai ser só mesmo para o meu relatório, ou seja, os nomes e tudo mais vais ser guardado, confidencializado...está bem?

E: Hum, Hum...

B- IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

JS: As primeiras questões vão ser para te caracterizar, ou seja, o teu nome, a tua localidade, naturalidade. Diz-me lá...

E: Bem...eu chamo-me Evelize Costa, mais conhecia por Vivi. Tenho 34 anos e tenho dois filhos lindos e maravilhosos e considero-me uma pessoa muito feliz...

JS: E a tua formação? Quais são as tuas habilitações?

E: Eu estudei o 10º e neste momento fiz algumas formações e neste momento um dos meus grandes objetivos é concluir o 12º.

JS: Em que área?

E: ahh são tantas áreas...mas eu acho que é o social.

JS: E então é essa área que pretendes seguir quando concluíres não é?

E: Sim.

JS: Ok.

C- ESPAÇO MUNDO

JS: O outro bloco é...vamos tentar caracterizar, perceber qual a tua caracterização sobre o Espaço Mundo, sobre a Associação Espaço Mundo...e a primeira pergunta que te faço é exatamente essa como é que caracterizas o Espaço Mundo?

E: Eu caracterizo o Espaço Mundo como um ponto de encontro para a comunidade da Alta de Lisboa, é um espaço de ponto de encontro.

JS: E no que toca à sua organização como é que ela esta estruturada? Há alguma hierarquia?

E: Neste momento eu, eu, eu...neste momento com muita pena minha digo-te que neste momento a Associação Espaço Mundo não está organizada...não está organizada a nível da direção, dos papéis todos do número de pessoas que nós deveríamos ter no...na direção, mas não temos. Neste momento são duas pessoas que estão assegurar a Associação. Infelizmente o nosso presidente ausentou-se...por motivos pessoais, eu sou a tesoureira, o Caio é o vogal...somos os dois que estamos a cuidar disto...

JS: então o que mudarias? Ou farias de diferente?

E: Olha neste momento a nossa dor de cabeça é arranjar pessoas de confiança e com vontade de trabalhar com a comunidade e para a comunidade, para estruturarmos toda esta parte que falta.

JS: E ahh...e como é que caracterizas a equipa como quem trabalhas? Os monitores...

E: Espetacular, brutal...palavras não tenho...muito bons, entrega total, acreditar naquilo que fazem...ahhh o pouco tempo que têm dedicam à associação Espaço Mundo, a dedicação com as crianças, com as famílias...espetacular e tendo em conta que monetariamente não levam nada, para mim só isso diz tudo...

JS: Muito bem... e qual é a relação do Espaço Mundo com os pais das crianças?

E: Ótimo! Ótimo como quem diz... já tive também algumas situações, em que perdi algumas crianças, porque houve situações em que tive que intervir, não é...fazer algumas visitas domiciliares, chamar à razão...e alguns pais não gostaram e acabaram por tirar as crianças. As crianças vão namorando pouco a pouco a associação, não é...água mole em pedra dura tanto bate até que fora, não é?! Pouco a pouco vão entrando...mas é uma boa relação, basicamente é uma boa relação. Os pais acreditam no nosso papel, no trabalho que nós fazemos.

D- AS CRIANÇAS E O SEU CONTEXTO

JS: E...Agora vamo-nos centrar mais nas crianças, esta bem? E de que forma caracterizas este grupo de crianças que temos aqui? Seja a nível familiar, cognitivo, pedagógico...

E: Nós temos aqui algumas crianças destruturadas...temos algumas famílias carenciadas, digamos! Ahh...posso te dizer Joana que tenho um grupo complicado, tenho. Porque infelizmente...ahh...aparentemente essas crianças não se nota que elas têm esses problemas, não é...mas quando se puxa o lençol vejo que realmente essas crianças são crianças sofridas, porque tentam passar para fora uma coisa que não existe e que ao fim ao cabo la dentro está podre.

JS: E achas que a escola e o Espaço Mundo pode ser um apoio para eles?

E: Com certeza, tanto que nós articulamos muitas vezes coma Santa Casa.

JS: E o que tu achas então que as crianças sentem quando estão aqui, no nosso espaço?

E: Sentem-se feliz...sentem que aqui é um ponto de encontro onde, onde há pessoas que podem lhes dar abraços, carinho , afeto, não é...muita das vezes é o que eles não têm, infelizmente, que é o espaço deles, em que eles podem fazer tudo, dentro das nossas regras, mas fazem tudo.

JS: E como é que as crianças se sentem na comunidade?

E: Infelizmente como toda a comunidade em si é toda ela destruturada, digamos, pronto...não se nota assim ...pronto, eles sentem-se bem. É aquilo que há, mas se forem para o outro lado, por exemplo quando atravessam a estrada e vão para o outro lado do bairro e vêem que a realidade é completamente diferente, sentem-se um bocado perdidos, não é?!

JS: No fundo só conhecem esta realidade. Vivem só aqui...

E: Exatamente.

JS: Quase como quatro paredes, a escola é aqui...

E: Sim, é tudo aqui...por exemplo, quando temos pequenas saídas com eles, nota-se logo uma grande diferença, não é?! Só pelo facto de apanharmos um simples autocarro e irmos por exemplo para o Campo Grande já é eihhh...

JS: E estamos na Capital não é?!

E: Exatamente. Quer dizer, não...

JS: Agora é uma pergunta mais elaborada mas...o que é que tu poderias fazer, o que poderias mudar para melhorar a qualidade de vida destas crianças, desta comunidade?

E: Olha... eu muito sinceramente ia mais pelas famílias. Para se mudar a qualidade de vida destas crianças terás que tocar primeiro nestas famílias, trabalhar bem a família, para a família depois passar toda a informação, tudo aquilo que recolheu, toda a educação que tiveste, ah ah...que tiveste com ela, a informal, a encaminha-la, a orientá-las...acaba por abrir um bocado o leque dessas famílias...ter um outro olhar, não é. Ver outras coisas, de um modo...ou melhor ver as mesmas coisas mas de um modo diferente, não de um modo que estão a ver neste momento. Eu acho que para mim era tocar primeiro as famílias e depois aas crianças, porque normalmente o que se faz, o que

se faz é trabalhar as crianças para chegar às famílias, mas nem sempre as famílias abrem as portas e tu acabas por parar ali...

JS: Ensinas uma coisa que depois elas, chegam a casa e elas não cultivam...

E: exatamente. No fim-de-semana é o descabro total, porque trabalhas toda a semana com a criança, regras...implementas regras, disciplina, etc...ahhh, tudo muito bem. Mas chega ao fim-de-semana, segunda-feira, quando elas vêm estão completamente diferentes, não são as mesmas pessoas...

JS: Percebo. Também uma das minhas sensações com que eu ficava ao longo do dia que era, eu estar aqui, estou a fazer isto, estamos todos a trabalhar para um bem comum mas depois eles vão chegar a casa, os pais não os vão querer ouvir, eles vão achar que aquilo não interessa, então...

E: Muita das vezes eles vão contar aos pais aquilo que se passou e “ai agora não me apetece, o que passou, passou, não quero saber” e pronto...quer dizer os pais até acabam por ignorar completamente os filhos, não é?! Eles sobrevivem.

JS: Não vivem, sobrevivem. E acham que está é a única verdade.

E: É...tu quando aprendes, quando fazes com que eles aprendam a viver, eles acham estranho, porque não é isso que lhes é ensinado em casa. Isto é uma luta

JS: Que não vais desistir. Não vamos desistir.

E: Não (sorrisos).

E- ATL E AS ATIVIDADES

JS: E agora outro bloco, vamos nos centrar mais no ATL e nas atividades que realizámos e agora vamos realizar, esta bem?! E queria que te agora te centrasses mais no ATL e me dissesse qual é a importância do ATL para as crianças.

E: Olha a importância do ATL para as crianças, principalmente o ATL do Espaço Mundo é elas não estarem na rua até à meia-noite, onze horas da noite e sem fazer os trabalhos de casa. Pelo menos ali eles estão acompanhados, eles estão connosco a partir das 17h30, vão para casa por volta das 20h30 já com os trabalhos feitos. Nós quando

temos um lanchinho ou outro, nós damos. Mal ou vem vão com alguma coisa no estômago, não é?! Porque infelizmente há muitos pais que saem de manha cedo e só voltam à noite, de madrugada. Estas crianças estão muitas vezes em casa e nem banho tomaram, nem nada...os pais quando chegam estão elas na cama, pronto. Não querem saber se fizeram trabalhos de casa...pelo menos eu acho que o ATL, desde que nós abrimos as portas, conseguimos tirar algumas crianças da rua. Eu sinto-me feliz por isso, eu e a minha equipa.

JS: Ok. Já me respondeste a duas questões. Acabaste por me responder ahh à importância do ATL para a família, não é?! É um apoio e depois também para o desenvolvimento desta comunidade, que é elas saírem da rua, não é?! e...

E: sim, tendo em conta que eu tenho aqui crianças, que na maior parte deles não podem ver a grade do ATL para cima, mesmo sendo fim de semana, querem estar lá dentro...só isto diz tudo, de tocarem a campainha e dizerem “ai Vivi estamos aqui sem fazer nada, não queres abrir o ATL?”. Pronto, para mim isto é importante, não é?! É sinal que eles se sentem protegidos

JS: Que é a casa deles...

E: que é a casa deles, exatamente!

JS: e, humm... e qual é a tua opinião sobre o modo como está estruturado o ATL, seja a nível da organização, de...

E: Eu acho que nós precisamos de, de mais. Nós precisávamos de apoio, porque isto é um bocado desenrasca. A verdade seja dita, as melhores condições não temos não é?! Porque o nosso espaço fisicamente ahhh...não estava bem, precisava de, de algumas coisas que felizmente conseguimos, através do projeto do GRACE, que é o GIRO, foi financiado pelo BES, não é?! pelo Espírito Santo que fizeram aqui um dia de voluntariado que nos fizeram praticamente o programa de “querida, mudei a casa”. Hoje nós temos um espaço com melhor qualidade, sem dúvida e eu acho que agora temos que estruturar mais as coisas e conversar mais com a equipa, eles serem mais responsáveis, que é para conseguirmos dar uma boa resposta aos nossos meninos.

JS: Então que alterações que farias, ou pensas vir fazer, mesmo até logístico, mesmo a nível...

E: É arranjar pessoas competentes, que é para me ajudar também um bocado...ahhh a preparar isso tudo, não é, porque vendo bem as coisas eu estou sozinha nisso...

JS: Mesmo aquela, aquela...pretendes continuar com uma hora de estudos e uma hora de atividades pedagógicas?

E: Sim, eu acho que é importante. Eu acho que é importante porque eles estão tantas horas na escola, no registo escola... e o ATL nem era para fazer trabalhos de casa. Para mim o ATL era descomprimir, estarem a brincar, gritar, fazendo aquelas atividades, que nós monitores preparamos para eles, para soltarem um bocadinho. Parecendo que não é um peso, eu sinto-me triste quando eu chego aqui e tenho que obrigar os miúdos a fazer os trabalhos de casa e muitas vezes eles estão cansados, eles dizem “ ai Vivi estou tão cansado!”, eles dizem...

JS: não é preciso nós ralharmos, está na cara...

E: Nós estamos a explicar, eles estão moles, parados...isso é cansaço, isso é torturar uma criança. Mas pronto, tem que ser não é.

JS: E então qual é para ti a importância das atividades pedagógicas e lúdicas, aquelas que eu vim fazer, ou que outras pessoas vieram fazer?

E: Eu acho que é importante porque desanuvia um bocado, eles também vão aprendendo as coisas numa maneira diferente não é...brincando. Eu acho que é importante, não é assim tão pesado porque não é uma estrutura escola.

JS: Exato!

E:Portanto, a partir dai...

JS: Eles tocam-se, eles riem-se...

E: Exatamente.

JS: Eles conversam...

E: Eles rebolam e gritam e mesmo assim vão aprendendo coisas...

JS: Vão aprendendo... E então e agora esta está mais centrado com o papel que eu tive aqui, que é como é que avalias, ou avalias-te as atividades que foram feitas ao longo do ano letivo, aquelas que eu...

E: As atividades foram bem pensadas, foram bem elaboradas...ahh sempre tiveste o cuidado de, de, de tentar perceber se estás a ir ou não ao encontro dos meninos. E u acho que foi bom. É claro que nem tudo corre bem, não é... nós todos sabemos, tu estavas sempre atenta para tentar logo arranjar novas estratégias ...é bom!

JS: Ok. E o que é que achas que foi mais bem conseguido nesta ahh, a nível das atividades? Podes dar exemplos das atividades que achaste que foram mais ao encontro do que...

E: Olha..humm..aquela atividade, por exemplo...

JS: Do “auto-retrato”, “sabes quem sou?” mexe mais com o emocional não é?..

E: Sim, eu acho que eles tiveram mais concentrados nessa atividade, chamou-me um bocado atenção porquê? Porque eles pararam e pensaram um bocadinho, não é...é aquele momento em que eles não param, eles não, não...estão sempre de um lado para o outro, sempre aéreos...aquela atividade exigia concentração...

JS: pensar neles...

E: e pensar neles, exatamente...

JS: E qual é que achas que foram os principais constrangimentos? Ou alguma coisa que eu possa ter ferido alguma suscetibilidade ou tocar nalgum ponto mais, mais sensível...

E: Eu acho que foi aquela atividade da família...acho que tivemos aqui, acho que fizeste aqui uma atividade...

JS: Pois foi, que no final a família tinha que vir cá e não houve muito adesão não é ...

E: Sim, sim...ai foi um bocado chato...

JS: E tendo em conta as atividades que fomos fazendo e outras que tu tens na mente, o que é que achas que este ano ... que tipo de atividades desejarias implementar?

E: Olha eu muito sinceramente, eu acho que as atividades que foram feitas no ano passado, não me importaria nada de voltar a fazer, ah porque eu acho que foram todas bem preparadas...

JS: Mas querias em alguma área mais...mais desportivo ou mais cultural?

E: Mais desportivo não digo, porque nós tivemos aqui. Nós tivemos algumas aulas de que eram mais de eles se tocarem e não correram também muito bem, não é. Quer dizer, eu não sei, irmos experimentando. Eu acho que sim.

JS: E se nós temos os nossos temperamentos eles também têm, também têm os dias deles...

E: Exatamente, exatamente. É complicado com crianças, dizer que aquela atividade é melhor e aquela não, é, é

JS: Dificil...e em relação aquelas atividades, tendo em conta aquelas características deles, tu sentiste alguma evolução, ou alguma diferença ao longo do ano, das crianças?

E: Eu, eu lembro-me que houve algumas atividades que tu fizeste, que eles até muitas das vezes diziam “ ah não te lembras daquela atividade que nós fizemos com a Joana?” com que diz está a chamar atenção sobre aquilo que...aquela criança tava a dizer ou aquele colega tava a fazer e não devia porque uns dias antes tinhas falado sobre isso...Eu acho que sim, fica sempre qualquer coisa, por mais distraídos que eles possam estar, por mais desatento possível, há sempre qualquer coisa que fica, sempre.

JS: E que tipo de atividades achas que as crianças gostaram mais de fazer ou gostariam de vir a fazer?

E: Olha o Jornal...o jornal, eu, eu percebi que eles estavam todos entusiasmados, entretido ali, a cortar, etc , mas depois houve uma altura que depois as coisas não correram bem, mas eu sinto que se calhar aquilo tivesse...

JS: pernas para andar...pois, porque passado alguns tempos, eles voltaram a falar disso...

E: Eu acho que sim...voltaram, eu acho que sim.

JS: E achas que é possível conciliar esta dimensão lúdica com as responsabilidades da escola? Ou seja, continuar neste sistema...

E: Eu acho...la está. Nós aqui temos um lema não é, obrigatoriamente eles terão que acabar os trabalhos de casa e há alguns que vêm com muitos trabalhos de casa. Infelizmente, depois não podem usufruir daquelas atividades que os monitores preparam, como por exemplo aquelas que tu preparaste...alguns nem se quer fizeram porque vinham com imensos trabalhos de casa...

JS: E houve uma temporada que nós só nos focamos na leitura, foi mais de um mês na leitura porque tivemos aquela partilha de que realmente...

E: sim, sim, sim...

JS: Então tu achas que assim vamos no bom caminho?

E: Eu acho que sim, tendo a primeira hora trabalhos de casa e a segunda hora atividades, eu acho que sim...eu acho.

JS: Uma melhor organização com os monitores, talvez também...

E: Eu acho que aí também falhou muito, falhou muito ahh a sintonia. Acho que falhou porque tinhas uma atividade preparada e depois pelo facto de tu teres, eles não tinham nada haver, que eras tu que ias fazer, depois deixavam-te ali sozinha com eles, isso também não é fácil. Eu acho que...para o próximo ano, eu acho que as coisas têm de ser planeadas em conjunto...

JS: Exatamente. As vezes eu tentava dizer-lhes venham, façam e até porque eu precisava de apoio deles, para eles me ajudarem a lidar com o grupo, não é, nos primeiros tempos, que eles não me conheciam e tudo mais, e eu não podia chegar ali e mandar, fazer e acontecer, sendo uma pessoa de fora, precisava do apoio deles, e,e muitas vezes ajudaram-me...

E: Uma coisa que eu acho que vai ter mesmo que acontecer são reuniões, reuniões...nós inicialmente começamos mas depois descambou, mas também apareceram mais coisas, eu própria acabei por não ter muita disponibilidade, quer para fazer essas reuniões...e as coisas perderam-se um bocadinho porque as vezes havia regras que nós ponhamos e o

outro vinha e não sabia, depois eu tinha de ir lá fora falar com ele, tas a ver?! Tudo assim...

F- COMUNIDADE

JS: E agora mais centrado na comunidade...já acabei por perguntar mas qual é o papel do EM na comunidade? O que é que tu achas ...

E: O EM na comunidade é tentar quebrar as barreiras entre bairros que infelizmente existe na Alta de Lisboa, isso com ...como é que se faz isso? Com as festas comunitárias, que é o nosso forte. Nós quando fazemos aqui atividades da festa comunitária, conseguimos apanhar todas as pessoas de todas as pontas da Alta, inclusive as vendas livres. São as pessoas que compram as casas que não pertencem ao realojamento...

JS: Isso é muito bom...a tal interação intercultural e social, que tão se queria.

E: E as pessoas acabam por gostar e perguntar “ ai Vivi eu da próxima vez posso trazer A e B para vende? Posso-vos ajudar? Posso fazer parte? “...tudo começa assim, pronto. O EM tem um papel, o nosso forte é isso...o nosso forte para mim, no meu ponto de vista é o ATL e as festas comunitárias, é o nosso forte.

JS: É animação, a festa, o calor humano... e como é que tu achas que a comunidade vê o EM?

E: Agora neste momento, que mudamos o nome já vêm com melhores olhos, porque há uns tempos atrás tínhamos a Associação como Associação de Moradores da Quinta Grande, as pessoas não ligavam muito, não davam muita importância, porquê? Porque pensavam que aquela Associação só pertencia as pessoas daquele bairro, do antigo bairro, por exemplo as pessoas da Musgueira Norte não vinham, da Musgueira Sul não vinham, da Palepa não vinham, eram só as pessoas da Quinta Grande, pronto, nós realmente sentimos que estava a ser um grande problema, decidimos nós, numa das nossas reuniões de equipa em alterar o nome e depois arranjámos uma caixinha onde, andamos na rua com papelinhos e canetas e explicar as pessoas porque é que tava com aquela caneta e com aquele papel, que era para escolher o nome da Associação, então apareceram dois nomes. A comunidade acha que fazia todo o sentido associação da ex-Quinta Grande chamar Espaço Mundo ou Renascer na Alta, e então arranjámos um

placar muito grande, com dois tubos e com favas: renascer na Alta e espaço Mundo, e pôs lá fora e as pessoas conforme iam passando iam votando, iam votando e ganhou o EM.

JS: Verdade. E é o verdade espaço mundo, aceita toda gente... e então neste caso qual é que achas que foram as maiores dificuldades nesta relação comunidade/EM? Achas que estão a ser ultrapassadas?

E: Já, já...pouco a pouco.

JS: se calhar o nome era um obstáculo...

E: o nome, o nome...era um grande obstáculo, parecendo que não, infelizmente as pessoas ainda têm aquelas divergências, aqueles preconceitos...isso está a ser quebrado, com os nossos almoços de angariação de fundos e as nossas festas comunitárias.

JS: É isso mesmo... e como eu sei que gostas mais dessas festas e de aproximar mais a comunidade ao EM, que mais atividades achas que se pode vir a fazer para aproximar, para continuar a melhorar?

E: Eu acho que devemos continuar a fazer aquilo que fazemos, mas agora envolver mais diretamente a comunidade, convidando alguns grupos de moradores, que eu sei, que têm jeito para dança, as senhoras mais velhas, com batuques, tenho aqui um vizinho que sabe pintar, nesse dia que ele tiver a pintar fazer as suas pinturas, para as pessoas gostarem e fazerem encomendas, também é uma maneira de o ajudar não é...etc, etc.

JS: Pronto, era isso, que tipo de atividades podemos fazer para melhorar essa relação, então as festas, não é...é um ponto...

E: As festas é um ponto importante, porquê? Porque temos uma associação, não temos mais atividades, só temos o ATL, como é que poderemos alargar para a comunidade? Não conseguimos, não é...mesmo até fazendo reuniões com aqueles pais, nem todos aparecem.

JS: E era isso que eu ia dizer...até essas atividades permitem que nós mostremos o trabalho das nossas crianças, do trabalho do EM à comunidade...

E: Sim.

JS: Para virem mais crianças, para haver mais partilha, mais ...

E: E uma coisa boa que houve é a relação que tivemos com a escola, não é...

JS: É verdade...houve essa partilha, como a da leitura...

E: que havia professores a encaminhar os meninos cá para o EM e a comunicar connosco as dificuldades das crianças. Isto é ótimo!

G- FINALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

JS: Achas que queres acrescentar mais alguma coisa, que valha a pena ser realçado?

E: Precisamos de mais voluntários (risos). Precisamos de mais voluntários porque muitas das vezes temos muitos voluntários. Infelizmente todos eles têm sempre as suas coisas para fazer , não é...porque monetariamente não temos condições para os pagar e muitas das vezes tenho muitos e outras vezes não tenho nenhum ... (risos) .

JS: então, resta-me só agradecer-te este bom momento de conversa...

E: Oh, foi, foi um prazer Joana. Foi um prazer, também espero que tenhas gostado de estar aqui connosco e que também tenhas aprendido, não é...

JS: Obrigada.

GUIÃO DA ENTREVISTA *FOCUS – GROUP* REALIZADA AO GRUPO DE MONITORES VOLUNTÁRIOS DO ESPAÇO MUNDO

Tema: Voluntariado, responsabilidade social e necessidades de formação sentidas.

Objectivos:

- Compreender a imagem que os monitores têm das suas funções/responsabilidades no ATL e na comunidade;
- Perceber qual a perspectiva dos monitores em relação ao funcionamento do A.T.L
- Identificar e compreender a perspectiva que os monitores têm na sua relação com as crianças que frequentam o ATL;
- Identificar as necessidades de formação sentidas para o desempenho dos monitores e voluntários do A.T.L do Espaço Mundo;

Tópicos	Notas
<ul style="list-style-type: none"> • Representações acerca do voluntariado 	<p>Perceber o conceito de voluntariado e como se vêem enquanto Voluntários (sentido que dão a esta opção de vida; o que esperam dar e receber; direitos e deveres em relação a si próprios, ao ATL; às crianças; às famílias; à comunidade; à sociedade em geral; sentido de responsabilidade social)</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que é ser voluntário? <ul style="list-style-type: none"> • Como é ser voluntário no EM?
<ul style="list-style-type: none"> • O voluntário no ATL 	<p>Recolher informação acerca do modo como se vêem no ATL, na relação com os outros educadores/técnicos/estagiários do ATL; na relação com as crianças; na relação com os pais/famílias.</p> <p>Perceber o modo como se integram ou não na organização e na estrutura estabelecida. Como gostariam que fosse. Tentar que sejam autocríticos em relação à sua prestação ...</p> <p>Perceber como integram este voluntariado nas suas vidas; o que aprendem; como constroem ou não uma</p>

	<p>perspectiva crítica e uma outra visão do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se sentiram este ano aqui no ATL? • Qual acham que foi o vosso papel no ATL? <ul style="list-style-type: none"> • Que funções exercem? • O que mais vos motiva com este papel que exercem no ATL? (<i>porquê? Perceber se as funções são adaptáveis as características dos monitores</i>) • Que dificuldades sentem?
<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre os Alunos e monitores do A.T.L 	<p>Perceber como identificam e caracterizam o grupo de crianças que frequentam o ATL (realçando as dificuldades pedagógicas, de concentração, de motivação, ensino; o que se poderia fazer para mudar;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como caracterizam o grupo de crianças que frequentam o ATL? <ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de dificuldades consideram que os alunos sentem? (<i>pedagógicas, concentração, motivação, ensino</i>) • O que se poderia fazer para mudar e/ou melhorar essas mesmas dificuldades? • Como deverá ser estabelecida a relação entre os monitores e as crianças? <ul style="list-style-type: none"> • Como descrevem a vossa relação com as crianças? • Como sentem que é vivida a relação entre monitores? • Como lidam com os conflitos entre as crianças? <ul style="list-style-type: none"> • Pensam saber gerir um conflito e a sua resolução?
<ul style="list-style-type: none"> • Necessidades e desejos de formação 	<p>Recolher informação sobre o que gostariam de melhorar na sua actividade no ATL</p> <p>Saber se tiveram formação específica para</p>

	<p>desempenhar estas funções de forma voluntária e que formação, se for caso disso.</p> <p>Saber que formação gostariam de ter e que formação julgam necessária para o seu desempenho no ATL. E como é que essa formação deveria ser desenvolvida</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que gostariam de melhorar na vossa actividade aqui no ATL? <ul style="list-style-type: none"> • Sentem necessidade de algum tipo de formação nesta temática? (<i>Porquê? Em que sentido</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos entrevistados 	<p>Localidade?</p> <p>Idade?</p> <p>Habilitações?</p> <p>Qual é a vossa formação?</p> <p>Qual a área profissional que gostariam de seguir profissionalmente?</p> <p>Quando é que começaram a fazer voluntariado? (<i>Em que áreas?</i>)</p> <p>Sempre na comunidade ou noutros locais?</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Finalização da entrevista 	<p>Desejam acrescentar mais alguma coisa que não tenha sido dita e que considerem importante destacar?</p>

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA *FOCUS-GROUP* REALIZADA AO GRUPO DE MONITORES VOLUNTÁRIOS

Entrevistados: E1; E2; E3; E4; E5

Entrevistadora: Joana Silva

Local da entrevista: Associação Espaço Mundo

Data: 27 de Julho de 2012

Duração da entrevista: 39 minutos e 58 segundos

Protocolo da entrevista

A- LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA E MOTIVAÇÃO DA ENTREVISTADA

Joana Silva (JS): A primeira parte é para vos dizer mais ou menos a estrutura do guião, vão ser questões abertas para vocês comunicarem uns com os outros, conversarem, esta bem? Hum... darem a vossa opinião, serem autocríticos. A seguir eu vou gravar a entrevista, peço a vossa autorização. Os vossos nomes nunca vão ser, hum ...tem um caracter confidencial esta bem? Neste caso vou vos dizer quais são os objetivos da entrevista, os objetivos são: compreender a imagem que os monitores têm das suas funções e responsabilidades no ATL e na comunidade; perceber qual a perspetiva dos monitores em relação ao funcionamento do ATL; identificar e compreender a perspetiva que os monitores têm na sua relação com as crianças que frequentam o ATL; e identificar ainda as necessidades de formação sentidas para o desempenho dos monitores.

B- REPRESENTAÇÃO ACERCA DO VOLUNTARIADO

JS:A primeira questão é o que é para vocês ser voluntário? Podem começar...

E1: Ser voluntário portanto é nós darmos um bocado de nós, um bocado do nosso tempo para a ajudarmos a crianças em termos portanto educativo ou social...

E2: Ser voluntário é ajudar os outros, sim...dar, sim quando temos os tempos livres poder, prontos ajudar o próximo...

JS: E direitos, a nível dos direitos, vocês acham que...o voluntário tem direitos e deveres. Os deveres é ajudar o próximo...e direitos?

E3: Neste caso os direitos não são assim tantos né...

E4: tens...

E3: primeiro nós não estamos a ser obrigados ...

E4: Exato, mas tens, por exemplo seres respeitado, quando fazes coisas que não te competem ...pedem-te para fazer uma coisa que não é suposto tu fazeres, que passa para além das normas, isso aí já passa para além dos teus direitos.

E1: exatamente...

E4: percebes?

E3: se eu não concordo? Não, não, claro então porque não haveria de concordar...

JS: e então é a mesma coisa, é o que vocês sentem em relação ao que é ser voluntário no Espaço Mundo?

E1: Sim

E3: Sim.

E1: Damos o nosso contributo

E3: damos o nosso contributo para melhorar a vida das crianças principalmente, tendo em conta que estamos num bairro social, onde se vê muita coisa a volta que não deviam ver nem escutar, muito menos fazer. Portanto nós estamos aqui para reeduca-los...

E1: para minimizar...

E3: reeduca-los, não educa-los mas reeduca-lo.

E1: ou então minimizar a situação...

E3: ou então minimizar a situação...

E1: mudar é complicado...

C- O VOLUNTÁRIO NO ATL

JS: Ok. Vamos agora centrarmo-nos no voluntariado no ATL e eu gostaria que vocês dissessem como se sentiram este ano aqui no ATL, seja a nível pessoal, ahh seja a nível pessoal, a nível de relação com os vossos colegas, a própria estrutura do ATL, como é que vocês se sentiram aqui, este ano?

E3: Ai, entraram pessoas...vais cortar algumas partes da entrevista, não vais? (risos)

JS: Não...autocríticos. Têm de ser sinceros e...

E1: Ok.

JS: Isto é uma avaliação...mesmo tu como é que te sentiste aqui, não têm que falar dos outros...como é que te sentiste aqui...em relação até a própria prestação, em relação ao miúdos, o teu empenho, a tua relação com eles, as dificuldades que sentiste, esse tipo de coisas...

E3: Bem, posso falar?!...eu não senti nenhuma dificuldade porque primeiro eu vivo aqui no, nesta zona não é e tendo em conta que tive cá desde o princípio do ATL, portanto e depois como entrei em estágio e fui para a escola não tive tempo de...mas entretanto acabei o meu 12º Ano e o meu curso e voltei para cá. Portanto em termos de integração não senti grande dificuldade, tendo em conta que já os conheço à bastante tempo e em relação ao meu trabalho tenho dias bons, tenho dias maus como qualquer outra pessoa, ninguém é perfeito, faz aquilo que pode...

E2: eu só senti dificuldade no princípio. Já estou cá à dois anos...e agora não me sinto mais dificuldade nenhuma, conheço bem os miúdos, sei quais são os defeitos, a qualidade de cada criança. Então já não é assim tao difícil estar aqui, porque ao princípio, vou ser sincera animação não é o que eu quero, não é o que eu quero seguir, só estou aqui porque, prontos tava no curso de animação e achei bom, futuramente no meu estágio aprender mais coisas...mas não é o que eu quero seguir, mas é bom sempre aprender, todos os dias temos de aprender, mas gosto de estar aqui, gosto das crianças, adoro cada um deles. Não adoro, amo cada um deles. Sim, porque eles agora fazem parte da minha vida. Sim, e os meus colegas também ajudam, todos os dias, aprendo todos os dias.

E1: eu também não tenho qualquer tipo de dificuldades. Estou cá à dois anos, não tive qualquer tipo de dificuldade em me relacionar e integrar com eles. Acho que tenho jeito de lidar com eles, sinto que eles me conseguem perceber e também consigo perceber as dificuldades deles, portanto consigo me interagir com eles, sem qualquer dificuldade e com os monitores também me relaciono bem com eles, dou-me bem com eles, acho eu...

E4: Bem...

JS: e tu como te sentes?

E4: Estando aqui a estagiar e agora como voluntário, eu acho que vou começar pela integração, a integração tanto com os miúdos como o pessoal que está a frente...acho que foi ótima, acho que não podia ter sido melhor. São pessoas super afáveis, muito simpáticas, acessíveis. É claro que há problemas, há problemas em todo o lado. Há problemas, lógico que há problemas e se não houvesse nós não estaríamos aqui para os resolver, ahhh mas, mas lá está, acho que com um bocadinho de cooperação de todos que eu acho que é o que há aqui neste espaço, os problemas são facilmente ultrapassados, ahh há aqui problemas graves de crianças que eles não deixam transparecer tano mas a pessoa ao lidando diariamente com eles começa a notar que há uma falha ali, uma falha ali, se calhar somando essas falhas todas pronto, o assunto é mais grave que aquilo que parece superficialmente, mas acho que mesmo assim são super afáveis, ah o ambiente é bastante bom e pronto acho que é isto que eu tenho, acho que encanto estagiário e ...

E1: brevemente monitor...

JS: e qual acham que foi ou qual acham que é o vosso papel no ATL, a nível de funções que exercem...qual é o vosso papel?

E3: Acho que aqui temos todos humm...somos todos polivalentes ok?! Não temos coisas definidas, tu fazes isto ou aquilo, é podes fazer isso? Sim...podes fazer aquilo? Sim...

JS: Aquilo o quê? Eu quero saber...

E3: Aquilo o quê? É assim, em termos de ano letivo, enquanto está a decorrer o ano letivo, eles estão na escola vêm para cá as 17h/17h30, se não tou em erro ahh e portant

nós dividimos em grupo, para fazer os trabalhos de casa, uns ficam com os do primeiro ano, outros com o segundo, terceiro, quarto e assim por diante, ahhh e pronto ai nessa parte nós dividimo-nos por grupo e cada um da assistência a cada ano, depois de passar essa hora de estudo temos a hora das atividades lúdicas e livres, ai também vamos falando, há quem decida que vai fazer uma atividade e outro outra e assim por diante, portanto acho que aqui não podemos estar a especificar o que cada um faz porque é sempre rotativo...

JS: Ok. Mais...

E1: é todo...

D- RELAÇÃO ENTRE OS ALUNOS E MONITORES DO ATL

JS: e agora neste caso vamos nos centrar mais na relação com os alunos e nos monitores e queria saber como é que vocês caracterizam o nosso grupo de crianças aqui no ATL... as dificuldades que acham que eles sentem a nível pedagógicas, emocionais, concentração, motivação... assim, tentem caracterizar...

E1: há uns ou outros que não tem dificuldades, portanto isso tem a ver com a educação que eles têm em casa e com a vivência que eles têm em casa, eles não dão conta mas eles as vezes praticam essa reação cá no ATL, mas é assim como disse não tive qualquer problema em adaptar-me e acho os alegres, simpáticos, são todos bons meninos.

E3: sim, acho que independentemente dos pais que eles possam ter em casa, eles, ahhh alguns deles são muito transparentes, outros não, outros podem estar a sofrer horrores em casa e chegar aqui com um sorriso. Mas nós tendo em conta que os conhecemos algumas vezes e sabemos que é uma criança super ativa e que se num dia vem para cá e senta-se e não esta com vontade de fazer nada é porque se passa alguma coisa, então tendo em conta que a maioria deles são transparentes conseguimos perceber sempre quando está alguma coisa bem, quando não está, portanto acho que...mas em geral, é um grupo muito coeso, é um grupo coeso...

JS: unidos?

E3: Sim, sim...

E1: são unidos, muito queixinhas também...

E2: formam os seus grupinhos mas são um grupo...conseguem ser dois, mas depois conseguem ser um.

E1: gostei dessa! (risos)

E4: em relação ao comportamento deles, que ainda ninguém referiu ah eu acho que em geral, eles têm um bom comportamento porque já tive contacto com grupos de outros miúdos, com escalões sociais até bastante mais elevados e digo-te que a educação foi deplorável, portanto, tendo em conta as situações em que as crianças estão expostas, eu acho que eles têm uma ótima educação, acho que como os meus colegas referiram são pessoas bastante positivas para a vida porque mesmo tendo problemas, vêm com um sorriso. Pode não ser um sorriso muito verdadeiro, vá...mas são pessoas que dão a volta por cima porque num futuro serão pessoas que também tentarão dar a volta e não andarão cabisbaixas por tudo e por nada.

E3: tendo em conta que são crianças e conseguem transparecer alegria, mesmo não sentindo, acho que isso é ótimo. Há muitos adultos que andam aí e coitados...

E2: aqui também temos muitas crianças que tu consegues ver que eles têm responsabilidades em casa...eles conseguem transmitir as responsabilidades deles, mais meninas do que meninos ...Conseguimos ver que elas têm muito...

E4: sentido de responsabilidade...

E2: podem ter 10 anos mas a responsabilidade é de 15 anos, pode se dizer que sim...

JS: e então como acham que a relação entre monitores e crianças deve ser estabelecida? Ou seja, como é que vocês descrevem a vossa relação com as crianças?

E2: eu posso te dizer que eu não sou uma monitora tão rígida, eu não gosto de ser rígida com ninguém...não sou assim tao rígida mas quando tem de ser tem de ser. Eu gosto que eles se sintam à vontade para falar, para dizer. Gosto de ser clara e gosto que eles sejam claros comigo também. Até hoje aqui nenhuma criança não foi clara comigo...tem uns que são mais nervosos e têm outros que é "ai meiguinha assim, assim, assim", falam as coisas. Hoje em dia, percebo, converso...sou a irmã mais velha e sou monitora. Não gosto de ser muito má (risos).

E3: a minha relação com os miúdos acho que é boa, é boa sim, porque é assim eu vivo aqui no bairro não é e tento transmiti-lhes de certa forma, ahh segurança principalmente porque...perdi o raciocínio...tentar, tentar ahhh...deu uma granda branca agora (risos)

JS: estava a dizer que a tua relação com eles é que no fundo queres de lhes transmitires segurança...

E3: sim mas no sentido de que nós somos todos muito amigos, mas também temos de ter regras, pronto ai está. É assim sou muito boa, mas também quando se tem de definir regras e obedecer também tem que fazer as coisas como eu digo, portanto acho que, que quando sou severa é porque é mesmo necessário, não é...e eles percebem isso, não dizem que sou má porque tão de castigo, não dizem que eu só má porque lhe mando fazer uma tarefa que eles provavelmente não gostam de fazer. Mas a animação sociocultural é isso, é tentar regra-los ao máximo, ok? E também integra-los em qualquer sítio onde estejam...tendo em conta que eu sou animadora sociocultural tenho que aplicar todos os parâmetros que estão incutidos nessa área.

E4: bem, a meu ver, isto é um ambiente muito familiar. O que é bom! Por um lado, mas por outro pode não ser porque ahh por vezes, os limites do até onde é que eu posso ir podem não estar bem visíveis, mas não acontece aqui. É claro que há miúdos que se excedem, como em todo lado, há pessoas que se excedem, também há adultos que se excedem mas cabe-nos a nós, humm enquanto monitores, ah por um travão a esses excessos. E acho que isto também tem haver com, ah eu acho que aprendemos nós...nós acabamos por descobrir, eles descobrem os limites e nós aprendemos a dosear até onde os podemos deixar ir ou não...

JS: E5 queres dizer alguma coisa?

E5: não eles disseram tudo. (risos)

E1: eu gosto de estabelecer regras, eu gosto que eles percebam que há regras que se têm de cumprir...eu gosto de mostrar que há momentos para brincar, para fazer os trabalhos, ah e pah é assim, eu não gosto de ser injusto né, nós também somos muitas vezes injustos com os miúdos e as vezes não damos conta e tento portanto não ser injusto com eles...

JS: ouvi-los...

E1: ouvi-los, exatamente.

JS: ouvir a perspectiva deles.

E1: exatamente.

JS: e como é que sentem, como é vivida a vossa relação entre monitores, agora? Como é que se sentem?

E2: Muito boa. Eu, vou dizer por mim, não gosto de conflitos, quando não dá não dá, viro as costas...eu não sou assim, dou-me bem com toda a gente, a E5 é nova, prontos dei-me bem com ela, dou-me bem com a E3, com o E4, sempre por perto, ya gosto muito do E4, ya E1, dou-me muito bem com E1, é o que eu mais gosto (risos) (*observação: E1 e E2 são namorados*)...não gosto de conflitos. É lógico, parece que não mas vamos transparecer isso as crianças e é super desagradável, eles verem

E1: exatamente...

E2: eles vão falar, acho isso muito péssimo.

E3: por acaso, é verdade, nós aqui temos...também é porque nós já nos conhecemos a muito tempo mas não nos falávamos, essa é que é a realidade...crescemos num bairro todos juntos, só que entretanto fomos todos separados, só entretanto cada um seguiu o seu caminho, depois chegamos aqui “ah mas tu és aquele, “ah mas tu és aquela que”, então criámos uma ligação já de, aquela ligação que nós temos quando miúdos, tendo em conta que fazíamos atividades juntos quando eramos pequenos e hoje estamos aqui todos crescidos e adultos e a cuidar de outras crianças...portanto estamos a fazer o papel que tiveram connosco também. Naquela altura eramos nós, agora somos nós a permitir aos outros...daí nós, nós temos uma ótima relação; eu pessoalmente, tendo em conta que sou uma pessoa social, e sou daquelas que gosto, gosto, se não gosto não falo, esquece não vale a pena, humm portanto, acho que sim, cada um tem uma particularidade, têm todos personalidades muito definidas, não é porque uma pessoa diz que é pão o outro vão dizer que é peixe se ele acha que é peixe, é peixe até ao final e isso é bom. Todos os que estão aqui têm uma opinião muito formada e acho que isso numa pessoa é fundamental, não é o maria vai com as outras mas a pessoa, que sim, que sabe aquilo que quer, tem objetivos de vida definidos, tendo em conta que damos o nosso tempo para estar aqui com os miúdos e não recebemos nada, voluntariado neste caso.

Acho que são excelentes pessoas porque há muitas pessoas... nós podíamos não estar aqui e estar lá fora a fazer porcaria, não é, com os nossos pais com dores de cabeça e não é isso que acontece. São todos responsáveis, acho que...é o que me mostram, logo se têm vida dupla não sei (risos)...

E1: todos têm.

E1 vida dupla de não fazer só isto, não é?

E3: não! Vida dupla no sentido de fazeres coisas más. És ladrão?

E1: não.

E3: então... (risos)

JS: Tiago...

E4: eu tenho vida dupla também...

JS: não era essa a questão...

E4. Bem, eu dou-me bem com todos os monitores, menos com a E3 (risos)...não, agora fora de brincadeiras. Dou-me bem com toda a gente, eu acho que, como já tonha referido anteriormente...é um clima super afável tanto das crianças como dos monitores, e é assim, se nós nos dessemos mal enquanto monitores, o que é que iríamos transparecer para eles? É portem-se mal também, não é?! O que não é bom, o que nós tentámos ao máximo é que eles sejam um grupo coeso, mas para nós ahh, para nós queremos que eles façam isso nós temos de dar o exemplo e eu acho que o exemplo é bem dado, porque...porque nós somos coesos e quando alguém tem dúvidas perguntam...

E2: nós temos que nos dar bem porque parece que não as crianças imitam sempre o que os monitores fazem...

JS: e a vossa relação com os outros monitores do Colégio São João de Brito?

E1: com os que vão chegando?

JS: Sim...

E1: Tentamos explicar a forma como lidamos com os meninos, com as atitudes, de uma maneira transparente...

JS: Ok. Conversam com eles?

E1: para eles percebem como é a jogada aqui no ATL

E3: Há uns que querem ouvir, há outros que sim...

E1: e há outros que só nos observam e vão..

JS: se adaptando...

E1: exatamente, como é o caso do E4, vai vendo, adapta-se, tem dúvidas pergunta...

E3: o Tiago teve uma boa adaptação aqui...

E1: adaptou-se bem aqui ao espaço...

JS: Ok. Então como é que lidam com os conflitos entre as crianças? Já assistiram, não é?

E3: já, já...

JS: e como é que lidam?

E3: então lidamos de uma forma muito rápida...

JS: sim, mas como?

E2: quando há conflitos que vai já para a agressão (risos)...

JS: sim, mas um conflito não tem de ser só agressão, quando começam a discutir e vêm choramingar cada um para o seu lado, como já assisti o mauro e o dicas a tentarem conversar com eles. Quero que vocês me expliquem isso, como é que vocês...quando vêm um conflito...

E1: primeiro...

E3: somos imparciais...

E1: primeiro tentamos perceber o que se passa em primeiro lugar, ouvi-los...

E4: exatamente...ouvimos as duas partes.

E1: ouvimos as duas partes, tentar chegar a um consenso, tentar junta-los né, de forma a eles perceberem o que aconteceu, o que é que está errado e o que não tá e minimizar a situação.

E2: o pior é quando acontece aquele tipo de conflitos silenciosos, como acontece com a Madalena e a Ester, uma está ali a outra está

E1: a gente já apanhou...

E2: isso é muito péssimo, uma está ali outra está ali, caras bem trancadas e um conflito mesmo silencioso...

E1: transparente.

E3: sim, sim, é transparente e silencioso...

E2: transparente e silencioso.

E3: porque como elas são amigas...

E2: uma pessoa como eu sei que a amizade...gosto muito da amizade de elas as duas, é uma amizade muito, muito saudável...

E3: mas são rivais também. As são as melhores amigas...

E1: eu acho que elas não são rivais...

E2: não. Não são rivais, é aqueles conflitos normais

E1: eu acho isso...

E3: nah, nah elas são rivais...elas estão sempre a competir, elas são rivais e a própria Ester já referiu isso várias vezes, ah que “está ali a minha rival” tanto que se apercebe perfeitamente que...

E1: mas são rivais num bom sentido...

E3: Exatamente, estão sempre a...

E2: porque têm os seus debates...

E3: Não, ouve uma coisa...elas são rivais, mas a rivalidade delas faz com que elas se juntem, tanto que elas...por exemplo na dança, a Madalena faz um passe muita bom, a Ester tenta melhorar para ficar perfeito, portanto quando chega a uma altura para competir, elas vão competir, chateiam-se porque uma fez mal e a outra fez mal, porque uma é melhor que a outra, entendes?

E2: Talvez, talvez...

E3: é uma rivalidade mas é saudável...

E1: Passiva, passiva. É passiva!

E4: competição.

E3: e não respondemos á questão?

JS: Já começaram a responder, mas querem acrescentar mais alguma coisa?

E3: Qual era a questão?

JS: Pois, como é que lidam com os conflitos entre as crianças?

E3: Tentamos ser sempre imparciais, não, não...pondo de um lado de um ou de outro

JS: tirar partidos.

E3: Exatamente. Tirar partidos da situação

E2: Nunca podemos fazer isso.

E3: Nunca podemos fazer isso. Perceber sempre os dois lados e tentar resolver da melhor maneira, nem que para isso...

E1: para ser justo.

E3: nem que para isso pôr de castigo, mas sempre com muita justiça. Os miúdos apercebem-se, porque há sempre um que pode estar a mentir, é verdade. E quando...

E1: e quando, falo por mim, eu não consigo perceber quem está errado, ficam os dois...

E3: ficam os dois.

E2: eu também prefiro pôr os dois do que estar aqui...

E1: “ah foste tu, foste tu” “ah fui eu fui eu”...então ficam os dois!

E3: acaba por não ser ver quem está a dizer a verdade, porque os miúdos são todos muito, muito...eles, quando é para dar desculpa eles dão uma desculpa que se tu próprio não tens muita atenção tu caís. Eles são muito persuasíveis, tendo em conta que eles te dão uma desculpa que tu dizes não mas...

E1: mas como nós também fomos crianças, né?!

E3:as vezes percebemos que...e conseguimos...

E1: não há qualquer tipo de problema.

E3: sim, basicamente é isso.

E4: e também tentamos sempre que eles percebam o erro que fizeram, para não voltarem a repetir.

E3: exatamente.

E4: e daí o castigo. O castigo não é para ver os outros a brincarem e eles n'ao fazerem nada. Não. É para eles perceberem onde é que erram e para a próxima vez não voltarem a repetir o erro.

E3: é uma lição.

E- NECESSIDADES E DESEJOS DE FORMAÇÃO

JS: Ok. Uhh e posto isto...diz. Queres acrescentar alguma coisa? Posto isto, o que é que vocês gostariam de melhorar na vossa atividade aqui no ATL? Ou seja, se sentem algum tipo de formação, mais algum tipo de uhh...se sentem necessidade de algum apoio a nível logístico, de formação?

E1: Sim. É assim,, apoio acho que sempre vamos precisar não é. Há coisas que nós não sabemos, não é.

JS: o que é que gostavam de melhor, nesse sentido?

E3: para a mim formação é mais a nível social, é essa a minha área...

E1: ter reuniões, ahh

E3: quanto mais aprendermos melhor...

E1: de forma a nós recebermos ideias: a tua dúvida pode ser a minha resposta. Portanto, nós fazíamos reunião de forma a recolher informação e eu acho que é importante...

JS: a partilha.

E1: exatamente. E uma troca de informação.

JS: mesmo a nível até de gestão d conflitos não sentem esse tipo de necessidade ou dinamizara atividades? O que é que vocês sentem?

E1: Não percebi.

JS: dinamizar atividades, mesmo a nível de conteúdos. Imaginem que alguém vos vem dar formação ou que vocês sentem necessidade de obter alguns conteúdos...

E1: Já tivéramos.

JS: já tiveram? Ok. E sentem que têm de continuar a ter ou que devem ter noutros sentidos, mais a nível social, de relação, como saber estar, saber reagir, como fazer atividades, mais...é nesse sentido.

E3: eu nos meus anos de curso aprendi isso tudo.

JS: Pois, o teu curso é muito específico.

E3: exato. Portanto, todas essas definições...

JS: e tu sentes que fazes...essas mesmas...poes na prática o que aprendeste?

E3: Sim...ponho, ponho em prática.

E1: o meu caso é diferente. O meu curso é totalmente diferente, né?

E3: exato.

E1: O meu é eletrónico e telecomunicações, né...é só contas, mas é assim já tivemos com o frota, não sei se conheces e o mauro também alguma formação nessa parte e eu acho que consigo...

JS: então acham que é mais a questão de conversarem uns com os outros, ter mesmo um momento fulcral para se reunirem, para saberem o que é que um e outro sentem...

E1: Exatamente.

JS: mais nesse sentido, que acha que é o ponto a melhorar...

E2: A minha maneira é diferente dos meus colegas. Eu, vou ser sincera, eu como não quero seguir animação...sim, eu gosto sempre de aprender como foi a formação com o Frota, é sempre bom, consigo...eu como não é o que eu quero seguir, futuramente. Prontos, eu aprendo mais aquilo que sei que quero seguir, que me vai ajudar e aquilo que acho que não me vai ajudar, eu aprendo sim, mas não pratico o suficiente, mas aprendo. Gosto sempre de aprender coisas novas e tou aqui, tenho sempre de ter a interagir com as crianças, não ter sempre “ai que seca, que seca, que seca”.

E1: é muito importante!

E2: sim, não podemos deixar tudo horrível. Gosto sempre de aprender coisas novas...

E1: exatamente.

E2: agora eu não me entrego de corpo e alma como eles se entregam. Entrego mais a corpo e alma naquilo que eu acho que futuramente me vai ajudar...mas gosto de aprender. Sim, claro!

JS: E4 queres acrescentar alguma coisa?

E4: podes repetir a pergunta?

JS: Como...o que é que vocês gostariam de melhorar na vossa atividade, aqui no ATL?

E4: pois, é assim eu que...assim como E1 disse, eu acho que o facto de comunicarmos uns com os outros é uma mais-valia e se calhar por vezes, devia de haver mais, porque quanto mais há aquela afirmação que ele fez de “o outro pode ser a minha resposta”, isso é assim, nós devemos empregar todos os conhecimentos que temos aqui, por exemplo, o que eu acho que acaba por acontecer, ele não é da área de social e educacional, mas ele tem conhecimentos que eu provavelmente eu não tenho...

E1: exatamente.

E4: então, ele pode dar às crianças uma parte que eu não posso, e vice-versa. Eu também posso ensinar as crianças uma parte que ele não sabe e que as crianças não sabem. Portanto é uma partilha de conhecimento.

JS: Ok. Pronto, já está.

F- IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

JS: Para terminar, vou-vos colocar algumas questões mais de identificação dos entrevistados, está bem? Localidade. Qual é a tua localidade?

E2: Lisboa.

E3: Lisboa.

E4: Amadora

E5: Lisboa

E1: Olivais. Lisboa.

JS: Idade?

E2: 19.

E3:21

E4: 19

E5:22

E1:22

JS: Habilitações?

E2: Ainda estou a tirar...vou entrar agora no 12º ano.

E3: Estou na faculdade Ano zero

E4: 11º Ano de Ciências e Tecnologias e 11º Ano de curso de apoio psicossocial.

JS: Tu (E2) não me disseste a tua área.

E2: Animação.

JS: Estás lá mas não queres seguir? Completamente?

E2: não é completamente, não é assim tão longe.

E3: vais pra onde?

E2: mas quero mudar.

JS: Esta a pensar.

E3: ah, ok.

E2: não, não tou a pensar mas...

JS: mas preferes não comentar.

E3: eu tirei o 12º em animação sociocultural. Mas depois vou tirar relações exteriores

E5: Animação sociocultural

E1: estive no 9º ano no curso de eletricidade, de instalações elétricas. Depois no 12º fiz eletrónica e agora vou entrar para a faculdade, para gestão.

JS: e então era isso, qual era a área profissional que vocês gostariam de seguir profissionalmente? Neste caso para gestão, não é?

E1: ya.

E5: Social

E4: serviço social.

E3: Ainda estou indecisa. Ainda tou, tou inclinada para relações internacionais e externas ou então área social, comunicação social ou relações públicas... tudo à volta do social, é a minha área.

JS: Ok, está quase. E última questão, quando é que começaram a fazer Voluntariado? Lembram-se à quanto tempo ...

E2: eu comecei a fazer...

JS: e sempre na área social?

E2: eu comecei a fazer quando a Vivi bateu na minha porta, na minha casa. Tava no meu 10º Ano ainda do curso. Ao dia...deixa ver se ainda me ...não lembro mais. Mas eu não tava nem queria nada disso. Pronto, a Vivi foi bater na minha porta “ah porque eu preciso de voluntariado” e eu como já conheço a Vivi a bastante tempo, ela foi minha monitora, quando era miúda. Quando ela me disse que precisava de voluntários e por acaso até que disse a ela “como eu tou no curso de animação vai ser bom eu aprender antes de eu fazer o estágio”, ya e resolvi vir para aqui. Com muito medo, é verdade...Crianças...

JS: então há 3 anos, não é?

E2: vai fazer dois anos

E3: eu tou ca desde que o ATL abriu, ainda tava cá o Paulo sozinho com as crianças. Eu como tou ali, vim ao ATL para saber se precisavam de alguém, eu como gosto de enriquecer o meu curriculum, é o que eu mais gosto de fazer é fazer atividades para ir pôr no meu curriculum então decidi fazer voluntariado. Já estou cá desde essa altura, depois entretanto parei porque não podia, depois voltei e entretanto vou parar outra vez. Infelizmente tenho de abandonar este sítio, com muita tristeza minha mas preciso de trabalho e dinheiro.

E4: eu também comecei a fazer ações pontuais de voluntariado para ai com 9 anos na catequese, portanto. Depois acabei a catequese e comecei a dar catequese, isso é trabalho voluntario, já não tão pontual, já com um vinculo. Depois fui continuando com trabalhos pontuais, tipo o banco alimentar que não são muito regulares, mas são considerados trabalhos voluntários e neste momento, estou a fazer voluntariado no exército da salvação.

E1: ai é?

E4: Distribuição

JS: e tu E5?

E5: comecei a fazer em maio, aqui. Foi a Vivi que me convidou, vim para cá fazer formação com o Frota. Entretanto a Vivi falou comigo, perguntou-me se eu queria ficar e fiquei.

E1: não sei se sabes Vivi foi minha monitora?

JS: sim, sim. Ela contou-me!

E1: tive muito tempo sem vê-la, mesmo morando aqui. Voltamo-nos a nos ver e ela propôs-me portanto, vir aqui ao ATL, participar...

JS: Mais ao menos na mesma altura da E2?

E1: Acho que foi no mesmo dia. E eu achei interessante. Também gosto de interagir com as crianças.

JS: Então o vosso voluntariado é dentro desta comunidade. Não é muito fora. No teu caso (E4) fazes na tua comunidade.

E1: banco alimentar já fiz uma vez com o Mauro.

G- FINALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

JS: Está terminado, obrigada. E gostaria de deixar-vos a vontade, se quiserem dizer mãos alguma coisa, destacar mais alguma coisa que não foi destacada, que vocês acham que deve ser dita.

E2: eu só te quero dizer que boa sorte no futuro. (risos)

JS: Muito Obrigada.

ANEXO VIII

FORMULÁRIO DE CANDIDATURA: PROGRAMA BIP/ZIP, LISBOA 2012 – PARCERIAS LOCAIS



BAIRROS E
ZONAS DE
INTERVENÇÃO
PRIORITÁRIA
DE LISBOA



PROGRAMA BIP/ZIP LISBOA 2012 – PARCERIAS LOCAIS
FORMULÁRIO DE CANDIDATURA

ENTIDADE PROMOTORA

Designação CEDL - CASA DA EUROPA DO DISTRITO DE LISBOA
Morada Rua Tomás del Negro, 2A
Código Postal 1750-416
Freguesia Lumiar
Contacto telefónico 919555489
FAX -
Contacto alternativo -
Email cedl.portugal@gmail.com
Tipo instituição Outra
Natureza e missão Associação sem fins lucrativos. Missão: divulgação dos ideais europeus no Distrito de Lisboa e junto das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo.

Representante da Instituição

Nome António Pedro Manique
Telefone 919555489
Telemóvel 919555489
Email cedl.portugal@gmail.com
Função na instituição Presidente da Direcção

ENTIDADE PROMOTORA

Designação Associação Espaço Mundo

Morada Rua José Cardoso Pires, Lj 7.13

Código Postal 1750-356

Freguesia Lumiar

Contacto telefónico 969612215

FAX -

Contacto alternativo -

Email ass.espacomundo@gmail.com

Tipo instituição Junta de Freguesia

Natureza e missão prestar apoio à comunidade envolvente e promover a cultura, promovendo também os direitos das comunidades emigrantes e seus descendentes residentes na Alta de Lisboa.

Representante da Instituição

Nome Evelize Barros José da Costa

Telefone 969612215

Telemóvel 917011997

Email ass.espacomundo@gmail.com

Função na instituição Tesoureira



ENTIDADE PARCEIRA

Designação Colégio São João de Brito
Morada Estrada da Torre, 28
Código Postal 1769-004
Freguesia Lumiar
Contacto telefónico 217519000
FAX -
Contacto alternativo -
Email geral@csjb.pt
Tipo instituição Outra
Natureza e missão educação e formação de crianças e jovens

Representante da Instituição

Nome Joana Gomes
Telefone 913340296
Telemóvel 217519000
Email joana.gomes@csjb.pt
Função na instituição Responsável Gabinete de Serviço Social

IDENTIFICAÇÃO DO PROJECTO

<i>Designação</i>	Inclusão na diversidade - Preparar o Futuro
<i>BIP/ZIP em que pretende intervir</i>	22. Alta de Lisboa Sul
	67. Alta de Lisboa Centro

DESCRIÇÃO DO PROJECTO**Objetivo Geral de Projeto***Diagnóstico*

A partir da sua vivência diária no bairro e dos problemas levantados nas assembleias de moradores, os dirigentes associativos empenhados em responder às necessidades da sua comunidade - desemprego, legalização, desocupação e marginalidade dos jovens, abandono das crianças, insucesso escolar, aumento da pobreza, degradação do espaço público e solidão dos idosos - sentiram que era fundamental complementar a acção das organizações presentes no território criando uma resposta atípica e leve, que assenta na proximidade e na vizinhança e nos recursos que já existem - espaços públicos, parcerias, diversidade cultural e geracional, voluntariado, e reaproveitamento de recursos.

Atendendo a que as novas gerações serão marcadas pela diversidade e pela mobilidade, considerou-se que a abertura destas crianças e jovens a outros "mundos" (do bairro, da cidade e da Europa) seria a estratégia adequada para a aquisição de competências para a inclusão social num mundo cada vez mais alargado e exigente. Ora, o percurso pessoal e social destas crianças e jovens tende a criar uma barreira que os limita ao bairro, seja pela falta de auto-estima ou pela falta de oportunidades. Partindo da realidade e olhando para as oportunidades, os promotores e parceiros consideraram que a exploração da multiculturalidade, da inter-geracionalidade e da mobilidade poderia ser feita através de um elemento vital e agregador da comunidade como o ATL, espaço de encontro diário já existente que abrange todas as gerações.

Temática preferencial

Inclusão e Prevenção

Destinatários preferenciais

Comunidade

Objectivo geral

Promover a Inclusão social de crianças, jovens e seniores das zonas do PER 7 e 9 da Alta de Lisboa, valorizando a diversidade cultural, social, geracional e económica existente nas famílias do território como factor de protecção social e mobilização comunitária.

Objetivos Específicos de Projeto**Objetivo Específico de Projeto 1**

<i>Descrição</i>	Promover a inclusão social através da expressão, integração e interação da multiculturalidade existente como factor de aprendizagem mútua
<i>Sustentabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none">- Voluntariado juvenil organizado (CSJB / Estudantes Erasmus) na dinamização das actividades- Mobilização de moradores/sócios na animação das actividades- Utilização de recursos das parcerias locais e externas- Angariação de fundos através das actividades- Contributos dos participantes nas actividades- Disseminação dos produtos culturais elaborados junto das organizações locais na área da educação e juventude (jogos, fichas pedagógicas, receitas, contos, etc)- Utilização de uma actividade já existente e agregadora (ATL) para mobilizar participantes e voluntários- Banco de horas/competências a serem utilizadas no projecto ou no tempo pós-projecto

Objetivo Específico de Projeto 2

<i>Descrição</i>	Dinamizar a interação de gerações como instrumento de inclusão social através da recuperação e partilha de tradições culturais, experiências de vida e conhecimentos.
<i>Sustentabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none">- Voluntariado juvenil organizado (CSJB) na dinamização das actividades- Utilização de recursos das parcerias locais e externas- Relações de proximidade e solidariedade informal criadas entre moradores e gerações- Relações de Parcerias locais - Mobilização de moradores/sócios na animação das actividades- Disseminação dos produtos culturais elaborados junto das organizações locais na área da educação e juventude (jogos, fichas pedagógicas, receitas, contos, etc)- Utilização de uma actividade já existente e agregadora (ATL) para mobilizar participantes e voluntários- Banco de horas/competências a serem utilizadas no projecto ou no tempo pós-projecto

Objetivo Específico de Projeto 3

<i>Descrição</i>	Enriquecer as capacidades e competências dos moradores facilitando a sua inclusão social em situações de mobilidade, designadamente no espaço europeu
<i>Sustentabilidade</i>	Recolha de informação que pode ser utilizada noutras organizações

- Voluntariado de residentes estrangeiros em Lisboa
- Recurso a parcerias locais e externas
- Contribuição dos participantes nas actividades
- Competências adquiridas e sua transmissão a outros
- Banco de horas/competências a serem utilizadas no projecto ou no tempo pós-projecto

CALENDARIZAÇÃO DO PROJECTO

Actividade Meses do Mundo - Através da participação no A.T.L. realização de actividades relacionadas com um país diferente por cada mês. Esta actividade irá ser realizada a partir da existência de determinada cultura no território e na cidade, explorando as suas tradições, costumes, danças, interesses e gastronomia, e tentando abranger crianças, jovens e idosos, partilhando o conhecimento com toda a comunidade. Para além das actividades regulares ao longo do mês realizadas em torno da cultura escolhida deverá culminar mensalmente num dia convívio aberto à comunidade, não só com a exposição e partilha do trabalho realizados ao longo do mês, mas com animação comunitária relacionada com o tema. Pretende-se que as culturas escolhidas sejam diversificadas abrangendo designadamente países CPLP (mais ligados à história do Espaço Mundo) e países da UE (ligados ao core business da CEDL) recorrendo inclusivamente a Estudantes Erasmus em Lisboa.

Recursos humanos e físicos Coordenador de Projeto; Voluntários; Espaço; Materiais pedagógicos sobre os diversos países; Computador; Data show; Alimentação específica de cada cultura; Material de Desgaste; Material de Divulgação;

Resultados esperados Exploração de pelo menos 6 culturas diferentes; 6 actividades abertas à comunidade; Abrangência de 40 Crianças, e 300 pessoas da comunidade; Maior interação e integração das diferentes culturas presentes na comunidade local

Valor 1066.44 EUR

Cronograma JAN, OUT, NOV, DEZ, FEV, MAI, JUN, JUL, SET

Objectivos específicos para que concorre 1

Actividade Férias Interculturais - Realização de um Programa de férias para 40 crianças da zona de atuação das associações cuja linha orientadora será a exploração da multiculturalidade. O programa terá a colaboração do voluntariado organizado pelo Colégio São João de Brito e de Estudantes Erasmus, tanto na preparação como na implementação das actividades, trabalhando a multiculturalidade e a coesão social. A colónia seria realizada em duas semanas, podendo utilizar as Sedes das Associações, o espaço público, e o espaço do colégio, permitindo abrir fronteiras e diluir barreiras psicológicas tanto em crianças como em monitores, contribuindo assim para o objetivo geral do projeto.

Recursos humanos e físicos Coordenador de Projeto; Voluntários; Sedes das Associações; Colégio São João de Brito; Materiais pedagógicos e culturais; Computador; Data show; Material didático; Alimentação.

Resultados esperados Interação entre as diferentes expressões sócio-culturais; 40 crianças abrangidas; 15 monitores abrangidos;

Valor 1386.44 EUR

Cronograma

	JUL
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	1
<i>Actividade</i>	Semana do Mundo - a terminar o projeto realização de uma semana de animação comunitária e do espaço público perto de ambas as Associações, explorando as questões da multiculturalidade, quer as questões abordadas durante os meses do mundo, quer alargando a outras realidades culturais, explorando a musicalidade, gastronomia, tradições, jogos e costumes de um determinado país.
<i>Recursos humanos e físicos</i>	Voluntários; Espaço Mundo; Casa da Europa; Espaços Externos; Materiais de divulgação; Materiais de som; Materiais de apoio; Alimentação; Palco; Mesas e Cadeiras exterior;
<i>Resultados esperados</i>	Aproximação, adaptação e interação entre os moradores da comunidade, expressando as diferenças patentes sejam elas sociais e/ou culturais, servindo de aprendizagem mútua. 4 dias de animação comunitária; 500 pessoas visitantes;
<i>Valor</i>	1066.44 EUR
<i>Cronograma</i>	AGO
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	1
<i>Actividade</i>	Leitura Partilhada - Criação de uma dinâmica de leitura partilhada entre Crianças, jovens, e seniores centrada na diversidade (de culturas e de gerações) e utilizando-a como base de trabalho. Esta atividade funcionará semanalmente, e permitirá incentivar a comunicação e relação entre as diferentes gerações e perspectivas de vida, estimulando para a importância da leitura. Será possível realizar esta atividade utilizando o ATL já existente como polo agregador de pessoas, permitindo ter uma maior abrangência de público.
<i>Recursos humanos e físicos</i>	Coordenador de projeto; Voluntários; Espaço; Material específico de leitura (livros); Material de desgaste.
<i>Resultados esperados</i>	30 Crianças e 15 Seniores experienciam momentos de leitura partilhada; 25 sessões de leitura partilhada Aproximação entre as diferentes gerações de forma a também minimizar a exclusão social e isolamento
<i>Valor</i>	766.40 EUR
<i>Cronograma</i>	JAN, OUT, NOV, DEZ, FEV, MAI, JUN, JUL, SET
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	1, 2

Actividade

Ateliê de jogos tradicionais - Organização de grupos constituídos por moradores de diferentes idades para a construção, aprendizagem e treino de jogos tradicionais de países e culturas diferenciadas (CPLP e UE), designadamente ouril, bao, gamão, tradicionais portugueses, entre outros. Esta atividade, para além de trabalhar as questões da multiculturalidade presente no território através dos jogos, poderá ter uma componente claramente inter-geracional. Todo o resultado desta atividade será compilado e partilhado através dos sites das associações.

Recursos humanos e físicos Voluntários moradores da cidade; Espaço; Materiais; Materiais de apoio; Material didáticos e construção de jogos; Material de Divulgação; Material de desgaste;

Resultados esperados 6 Sessões de construção de jogos realizadas; 12 sessões de aprendizagem/treino realizadas; 40 Crianças abrangidas; 10 Adultos abrangidos; Maior aproximação e interação entre vizinhos e familiares presentes na comunidade local; 10 sets de jogo construídos e em utilização;

Valor 766.44 EUR

Cronograma JAN, OUT, NOV, DEZ, FEV, MAI, JUN, JUL, SET

Objectivos específicos para que concorre 1, 2

Actividade Torneio de Jogos Tradicionais - Na sequência da atividade anterior, após realização dos ateliês, organização de 2 torneios de jogos tradicionais (um infantil e um de adultos) com a participação dos moradores e de crianças da área envolvente às associações. Estas atividades, envolvendo crianças e adultos, poderão realçar o convívio entre moradores e fortalecer laços entre vizinhos e familiares, e simultaneamente valorizar e expandir o contacto com as diferentes culturas do território.

Recursos humanos e físicos Voluntários moradores da cidade; Espaço; Espaço público; Materiais de apoio; Material de construção dos jogos (a adquirir); Material de Divulgação; Material de desgaste;

Resultados esperados 2 Torneios realizados; 15 Adultos participantes; 20 crianças participantes; Valorização da comunicação e ligação entre os moradores com diferentes faixas etárias;

Valor 766.44 EUR

Cronograma NOV, JUL

Objectivos específicos para que concorre 1, 2

Actividade Exposição "Gerações e Culturas" - Preparação e execução de exposição (fotográfica, objectos, expressão artística,



entre outros) que explore o tema e a vivência inter-geracional e multicultural dos participantes. Esta atividade deverá ser trabalhada através de todas as atividades anteriores, salientando as diferenças e semelhanças entre gerações e culturas, procurando alargar o conhecimento mútuo e a consciencialização dos diferentes mundos e identidades presentes no bairro e na cidade.

Recursos humanos e físicos Voluntários; Espaço (das associações); Impressões e Cópias; Material de Divulgação;

Resultados esperados Realização de 1 exposição; 30 crianças, 10 jovens, 15 adultos a participarem; 100 visitantes da exposição;

Valor 766.44 EUR

Cronograma JAN, FEV

Objectivos específicos para que concorre 1, 2

Actividade Curso de Iniciação à Língua Inglesa para as crianças do A.T.L - módulo de 40 horas. Este módulo pretende dar resposta e alargar os horizontes das crianças e adolescentes que já frequentam o ATL do Espaço Mundo, dando-lhes competências para a compreensão de culturas diferenciadas.

Recursos humanos e físicos Professor de Inglês; Sala do ATL; Comp. Portátil; data show; materiais pedagógicos; consumíveis.

Resultados esperados desenvolvimento de competências linguísticas e culturais; abranger 30 crianças dos 6 aos 14 anos; melhoria dos resultados escolares.

Valor 1396.44 EUR

Cronograma JAN, OUT, NOV, DEZ, FEV, MAI, JUN, SET

Objectivos específicos para que concorre 3

Actividade Curso de Inglês para jovens da comunidade - módulo de 50 horas. Esta atividade pretende desenvolver as competências linguísticas e culturais dos jovens da zona envolvente das associações. Terá um especial enfoque nas questões relacionadas com o mundo do trabalho, e um espaço com fronteiras cada vez mais alargadas (CV em inglês; regras de trabalho europeias)

Recursos humanos e físicos professor de Inglês; sala da CEDL; comp. Portátil; Data Show; materiais pedagógicos; consumíveis.

Resultados esperados desenvolvimento de competências linguísticas, especialmente orientadas para conhecimentos práticos relacionados com a

		procura de trabalho. Abranger 25 jovens das zonas envolventes da associação (muitos deles desempregados em busca de emprego)
<i>Valor</i>	1516.44 EUR	
<i>Cronograma</i>	JAN, OUT, NOV, DEZ, SET	
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	3	
<i>Actividade</i>	Workshop sobre Mobilidade de Cidadãos- 6 horas de formação sobre cidadania europeia e aspetos práticos relacionados com o direito e as regras de trabalho na União Europeia. Esta formação será feita em estreita colaboração com o Curso de Inglês para jovens, no sentido de potenciar as competências e conhecimentos do espaço europeu.	
<i>Recursos humanos e físicos</i>	Formador; espaço Casa da Europa; comp. Portátil; Data Show; consumíveis; edição de materiais de apoio.	
<i>Resultados esperados</i>	desenvolvimento da cidadania europeia; conhecimento das normas de circulação e permanência no espaço europeu; capacitação para a procura e o exercício de atividades laborais; alargamento destes conhecimentos ao público em geral através da divulgação de materiais de apoio nos sites das associações.	
<i>Valor</i>	766.48 EUR	
<i>Cronograma</i>	OUT	
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	3	
<i>Actividade</i>	Atendimento para a legalização - Atendimentos do CLAI itinerante a realizar no Espaço Mundo, permitindo aos cidadãos imigrantes do bairro o acesso à cidadania plena, e reconhecimento da sua diversidade.	
<i>Recursos humanos e físicos</i>	Técnico do CLAI; Espaço Mundo; Consumíveis; Edição de folhetos.	
<i>Resultados esperados</i>	orientação de imigrantes ilegais que desejem integrar-se na sociedade portuguesa; 3 sessões realizadas; 20 imigrantes atendidos;	
<i>Valor</i>	766.60 EUR	
<i>Cronograma</i>	DEZ, MAI, SET	
<i>Objectivos específicos para que concorre</i>	3	

ORÇAMENTO TOTAL DO PROJECTO

Valores solicitados

<i>Encargos com pessoal interno</i>	4950.00
<i>Encargos com pessoal externo</i>	1080.00
<i>Deslocações e estadias</i>	1220.00
<i>Encargos com informação e publicidade</i>	220.00
<i>Encargos gerais de funcionamento</i>	1911.00
<i>Equipamentos</i>	1650.00
<i>Obras</i>	0.00
<i>Total</i>	11031.00

Montante de apoio financeiro por entidade promotora

<i>Entidade</i>	CEDL - CASA DA EUROPA DO DISTRITO DE LISBOA
<i>Valor</i>	2498.00
<i>Entidade</i>	Associação Espaço Mundo
<i>Valor</i>	8533.00

Outras fontes de financiamento e respectivos montantes

DECLARAÇÃO

As entidades Promotora(s) e Parceira(s) declaram:

- Ter conhecimento das regras do PROGRAMA BIP/ZIP e das obrigações nelas constantes.
- Atestar a veracidade das informações constantes deste formulário, e da sua subscrição por todas as entidades Promotora(s) e Parceiras(s) da candidatura.
- Ter a(s) entidade(s) promotora(s) a situação regularizada perante a Segurança Social e as Finanças.
- Garantir que as despesas elegíveis financiadas pelo Programa BIP/ZIP não são objecto de financiamento por qualquer outra entidade ou programa.
- Garantir que, sempre que solicitado pela CML, serão imediatamente disponibilizados os elementos contabilísticos referentes às actividades financiadas pelo Programa BIP/ZIP.

Ref.- 71
Data: 2012-03-30 13:50:52
PDF: 1333111852nz26K9K0qm7UBH00t8t5gK88KQ5GF3.pdf
ZIP: 1333111396255_anexocandidatura.zip

Entidade(s) Promotora(s):

CEDL - CASA DA EUROPA DO DISTRITO DE LISBOA

Associação Espaço Mundo

Entidade(s) Parceira(s):

Colégio São João de Brito

As entidades promotoras que tenham submetido com sucesso a sua candidatura deverão enviar em papel, até ao final do dia **06 de Abril de 2012**, este documento comprovativo da submissão on-line da candidatura, devidamente assinado por todas as entidade promotoras e parceiras. Este documento original deve ser enviado, por correio registado, para o Grupo de Trabalho dos BIP/ZIP – Rua Nova do Almada n.º 2, 3º andar, 1100-060 Lisboa.

Este documento deverá ser assinada pelos respectivos representantes legais de cada entidade de acordo com a legislação específica aplicável.

O envio deste comprovativo de submissão de candidatura, é nos termos descritos, condição para a validação da candidatura submetida na plataforma on-line.

Grupo de Trabalho dos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP)

Rua Nova do Almada, nº 2 - 3º Andar 1100-060 Lisboa | Telefone: 213227360 | Email - bip.zip@cm-lisboa.pt



ATL

PLANO DE ATIVIDADES

Ano letivo 2012/1013

Associação Espaço Mundo

Outubro de 2012

APRESENTAÇÃO:

A Associação Espaço Mundo tem como principais objetivos apoiar a comunidade envolvente e promover a cultura, realçando os direitos das comunidades emigrantes e os seus descendentes residentes na Alta de Lisboa.

A partir da necessidade sentida por várias pessoas da comunidade nasceu o A.T.L para apoiar as nossas crianças no seu rendimento e aproveitamento escolar e desenvolver atividades de lazer, lúdicas, pedagógicas, desportivas e socioculturais, tendo em vista o seu desenvolvimento integral. O A.T.L decorre todos os dias, das 17h30 às 20h e composto por cerca de 25 crianças, com idades entre os 6 e os 14 anos, maioritariamente residentes na zona do PER 9. Para o melhor funcionamento temos presente monitores voluntários (residentes locais e alunos do Colégio de S. João de Brito) e o apoio de estagiários, de forma a promover e restabelecer o bem-estar das nossas crianças e reforçar positivamente a criança nos contextos de autonomia e assertividade. Os nossos dirigentes associativos, pessoas responsáveis e com experiência de animação comunitária, estão motivados e empenhados para desenvolver projetos que respondam as necessidades específicas da população local.

Como tal, elaboramos um plano de atividades a pensar nas nossas crianças e no desenvolvimento das suas capacidades e competências (pessoais, socioculturais, físicas e intelectuais). As atividades que pretendemos realizar premeiam a cooperação, respeito e aceitação de cada um, a solidariedade, a consciencialização, a criatividade, o espírito crítico e a autonomia, salientando áreas que cada vez mais tendem a ser abordados e discutidos na sociedade atual e mostram ser de extrema importância para a educação e formação das crianças, como as diferentes culturas (interculturalidade), as artes, a comunicação (diálogo), as dinâmicas de grupo, a coesão social e a liberdade de expressão.

ÍNDICE:

APRESENTAÇÃO:	2
ENQUADRAMENTO:	4
CALENDÁRIO ESCOLAR:	5
HORÁRIO ESCOLAR:	5
CALENDARIZAÇÃO	6
1.1. ATIVIDADES GERAIS:	6
1.2. ATIVIDADES PROGRAMADAS:	9
1.2.1. Outubro:	10
1.2.2. Novembro:	12
1.2.3. Dezembro:	15
1.2.4. Janeiro:	17
1.2.5. Fevereiro:	20
1.2.6. Março:	22
1.2.7. Abril:	25
1.2.8. Maio:	28
1.2.9. Junho:	30
DOCUMENTOS DE APOIO	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

ENQUADRAMENTO:

Com a elaboração do Plano de Atividades tornou-se importante salientar que cada atividade foi pensada para influenciar e motivar a criança e o seu desenvolvimento. Acreditamos que as atividades ludopedagógicas, que iremos realizar ao longo deste ano, permitem que a criança adquira e/ou melhore habilidades e competências com o a cooperação, a criatividade, a expressividade, a responsabilidade e a autonomia, de uma forma natural, espontânea e divertida. Torna-se ainda importante realçar que tanto as semelhanças como as diferenças individuais serão tidas como uma mais-valia para a socialização e interação do grupo, fomentando, sempre a coesão social.

Quando nos referimos ao desenvolvimento integral das crianças queremos destacar dimensões como pessoal, intelectual, social, cultural e física, pois consideramos que estas são dimensões essenciais para o bem-estar e consequentemente para a valorização e autoconhecimento (identidade) da criança. As atividades pensadas para salientar o desenvolvimento pessoal pretendem atuar sobre o emocional (dimensão afetiva) e o interpessoal, seja a nível relacional, do autoconhecimento e das emoções e afetos. No que toca ao desenvolvimento intelectual gostaríamos de realçar a importância do pensamento, autonomia, crítica, motivação, produtividade e responsabilidade. No desenvolvimento social e cultural pretendemos valorizar as relações entre o grupo, o grupo e a comunidade e ainda o grupo e a sociedade, realçando sempre que possível a aceitação, respeito e conhecimento sobre a interculturalidade (as semelhanças e as diferenças culturais e a sua interação). Por fim, com desenvolvimento físico iremos realçar a importância do bem-estar físico e mental da criança, seja a nível da concentração, do desporto e dança e da perceção de alguns cuidados a ter com o nosso corpo.

CALENDÁRIO ESCOLAR:

Interrupções:

Natal: 17 de Dezembro a 2 de Janeiro

Carnaval: 11 a 13 de Fevereiro

Páscoa: 18 de Maio a 1 de Abril

HORÁRIO ESCOLAR:

De Segunda-Feira a Sexta-Feira das 17h30 às 20h. A primeira hora (17h30 às 19h) será centrada na realização de trabalhos de casa e acompanhamento ao estudo, na segunda hora (19h às 20h) serão feitas atividade extracurriculares.

CALENDARIZAÇÃO

1.1. ATIVIDADES GERAIS:

Placar das Emoções: “Como te sentes hoje?” – Todos os dias as crianças deverão colocar uma cara (feliz, contente, razoável, zangado e triste) consoante a sua disposição e estado de espírito. Esta atividade permitirá que as crianças demonstrem abertamente o que sentem, começando a explorar os seus sentimentos ao mesmo tempo que refletem sobre o seu dia, atitudes e valores. Ajudará ainda, os monitores a perceber como se encontra a criança num determinado dia, sabendo assim como lidar com a sua personalidade e características.

Caixa dos problemas: “Correio do Espaço Mundo” – Colocar uma caixa num ponto estratégico da sala, no qual todas as crianças, através de um papel, possam colocar um “recado” com os seus problemas, dúvidas e queixas relacionados com o Espaço Mundo, ATL, Monitores, Atividades ludopedagógicas e com os seus colegas. Não precisam de se identificar. Todas as semanas, a caixa é aberta e os monitores presentes leem em voz alta para o grupo todo, discutindo abertamente o que está escrito no papel. Caso a criança não queira que o “problema” seja falado para o grupo, deve informar no mesmo papel para esse facto.

Placar da Leitura: “ Eu e a minha leitura” - Ao longo do ano letivo haverá atividades que promovam o melhoramento da leitura e da escrita, através de ditados. No placar cada criança deverá ter uma cor correspondente à sua performance de leitura, de forma a perceber a sua evolução na leitura. As cores correspondem:

- Verde – Muito bom (Parabéns, está num ótimo caminho);
- Laranja – Bom (Continua, estás a melhorar!);
- Amarelo – Satisfaz (Cuidado, treina mais um pouco!);
- Vermelho – Insatisfaz (ups, tens de te esforçar um pouco mais. Não desistas!).

Jornal de Parede: “Jornal de Parede Espaço Mundo” – O jornal será composto por: notícia da semana, tempo, textos sobre as atividades realizadas e algumas imagens dessas mesmas; realização de entrevistas a pessoas da comunidade e afixação das tarefas. Cada criança terá direito a um bloco de notas no princípio de cada semana e nele deverá anotar algo que considerou relevante ou importante ser noticiado e publicado, assim começara a despoletar a criatividade, ao mesmo tempo que treina e melhora a escrita. No fim da semana, todas as crianças que escreveram deverão mostrar o seu trabalho ao grupo e em conjunto escolher a notícia da semana. Torna-se necessário fazer uma escala com as divisões das tarefas, em grupo para que se defina as funções de cada criança. As funções devem ser rotativas, todas as crianças deverão passar por todas as tarefas (em cima anunciadas).

Meses do Mundo: Todos os meses serão realizadas atividades relacionadas com um país diferente. Esta atividade pretende valorizar e demonstrar as diferenças e semelhanças culturais presentes no nosso Mundo, através da exploração das tradições, costumes, danças, interesses e gastronomias. Deverá ser realizada a partir da existência de determinada cultura no território e na cidade, partilhando o conhecimento com toda a comunidade.

- Outubro: Brasil;
- Novembro: Angola;
- Dezembro: Portugal;
- Janeiro: Cabo Verde;
- Fevereiro: Moçambique;
- Março: Nova Iorque;
- Abril: Guiné-Bissau;
- Maio: China;
- Junho: Rússia;
- Julho: São Tomé e Príncipe.

Convívio do Mês: Exposição e partilha de trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo. Festa aberta e realizada com a comunidade.

Leitura Partilhada: Leitura de histórias, contos, tradições culturais, contadas pelos mais novos (crianças do ATL) para os mais velhos (avós e/ou idosos) da comunidade (vice-versa), de forma a incentivar a comunicação e relação entre as diferentes gerações e perspetivas de vida, estimular para a importância da leitura e desenvolver competências na área da Língua portuguesa. Esta atividade deverá ser realizada de em duas em duas semanas, até ao fim do Ano Letivo, até Julho.

Reciclagem: No Ano letivo 2011/2012, as crianças do ATL construíram, em grupo um pequeno ecoponto, para sinalizar a preocupação com o meio ambiente. Deste modo, e de forma a realçar o trabalho realizado por elas, continuaremos com o pequeno ecoponto, colocado na entrada, para que todos possam ver e participar ativamente.

1.2. ATIVIDADES PROGRAMADAS:

A organização do Plano de Atividades ludopedagógicas será feita tendo em conta cinco principais blocos, de forma a enriquecerem ainda mais o plano estruturado. O primeiro bloco não terá o nome de “dia” como no Plano de Atividades do Ano Letivo 2011/2012, mas sim o de “Semana”, uma vez que existem atividades inseridas no Programa BIP/ZIP que irão ser com a participação de convidados e professores externos ao Espaço Mundo. Como tal, as atividades ludopedagógicas não terão dia exato de elaboração, ficando ao encargo da responsável do ATL e dos monitores escolherem o melhor dia da semana para as realizar. No Bloco de “Atividades” será possível descrever os passos principais para a realização da atividade proposta, sofrendo sempre alterações caso os monitores considerem necessário. Os blocos “Objetivos” e “Dimensões” descreverão o que é suposto as crianças aprenderem ou apreenderem com a atividade pensada, reforçando as dimensões: pessoal (emocional), social, cultural, física e intelectual. Por fim, no bloco “recursos materiais” terá assinalado todos os materiais necessários para a execução e sucesso da atividade. Todas as sextas-feiras serão o “dia livre”, em que as crianças, após a realização dos trabalhos de casa e apoio ao estudo, poderão fazer as atividades que desejam (puzzles, futebol, correr, jogar as cartas, entre outras). Todas as atividades estão descritas, de uma forma sucinta, nos documentos de apoio, por ordem de realização.

1.2.1. Outubro:

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
1 a 5	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	Dar resposta e alargar horizontes das crianças; Fomentar a aquisição de competências para a compreensão de culturas diferenciadas;*	Desenvolvimento Cultural e intelectual; *	Sala da Associação, pc's, data show e materiais pedagógicos necessários para a formação.*
8 a 12	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
15 a 19	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Atividades ludopedagógicas – Semana da Aproximação do grupo: (Primeiro dia) 1. “Agora quem és?” 2. “Ações rápidas” 3. “Verdade ou mentira”	Apresentar o grupo, caso haja novas crianças; Aproximar o grupo, reforçando amizades, e gostos; Fazer com que cada criança se caracterize, identificando os seus interesses;	Desenvolvimento Pessoal e Social;	
	Atividades ludopedagógicas – Semana da Aproximação do grupo (CONTINUAÇÃO): (Segundo dia) 4. “Nomes e Alcnhas” 5. “Encontro Musical”			Aparelho de música e cd com música mexida e divertida para a atividade “Encontro Musical”;
22 a 26	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo: Brasil (atividades a realizar nos dois	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Prémio à equipa vencedora (a definir), para o jogo “Verdade

	dias) 6. “De que país falamos?” e “Verdade ou Mentira”	Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local; Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes; Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;		ou Mentira”
	Convívio do Mês. Festa aberta e realizada com a comunidade. (dia 26 de Outubro)	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Brasil;	Desenvolvimento físico, cultural e social.	Música, comes e bebes, espaço físico, recursos humanos.
29 a 2	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade.	Incentivar a comunicação e relação entre as diferentes gerações e perspetivas de vida; Estimular para a importância da leitura Desenvolver competências na área da Língua portuguesa. *1	Desenvolvimento intelectual e social.*1	Livros de leitura para as diferentes idades.*1
	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade.	Organizar jogos tradicionais de países de culturas diferentes; Aproximar as diferentes gerações e culturas presentes na comunidade;*2	Desenvolvimento social, cultural e físico;*2	Material didático e de construção dos jogos e de divulgação.*2

1.2.2. Novembro:

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
5 a 9	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Atividades ludopedagógicas - Semana dos cheiros e paladares: 7. “Imagina o sabor” 8. “Detesto” 9. “Cheira a...”	Fomentar a criatividade e a imaginação; Estimular dois dos seis sentidos: o olfato e o paladar; Valorizar a expressividade e a comunicação;	Desenvolvimento pessoal, intelectual e físico.	Várias substâncias de odor intenso, como perfume, especiarias, comida de gato ou flores, entre outras. (Documento De Apoio)
	Atividades ludopedagógicas - Semana dos cheiros e paladares (CONTINUAÇÃO): 10. “Empadão de galinha” 11. “Comilão”			
	Festa do Magusto. Torneio de Jogos tradicionais – convívio aberto à comunidade (dia 9 de Novembro) – Programa BIP/ZIP	Realçar o convívio entre moradores; Fortalecer laços entre vizinhos e familiares; Valorizar e expandir o contato com as diferentes culturas de território;	Desenvolvimento social, físico e cultural;	Recursos humanos, materiais didáticos, de divulgação e de construção dos jogos;
12 a 16	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade.	*1	*1	*1
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo: Angola 12. “Hoje vamos dançar!”	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças; Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Professor de danças africanas; panos, saias de palhas, tecidos, aparelho de música e cd com os estilos musicais

		<p>comunidade local;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>		típicos de Angola.
19 a 23	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	<p>Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP</p> <p>Países do Mundo: Angola</p> <p>13. “ Vamos cozinhar!”</p>	<p>Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Material culinário: fogão, forno, ingredientes;
	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade. (dia 23 de Novembro)	*2	*2	*2
26 a 30	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade.	*1	*1	*1

	<p>Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP</p> <p>Países do Mundo: Angola</p> <p>Preparação do convívio: ensaiar a dança e fazer uma pequena apresentação sobre Angola</p>	<p>Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>	<p>Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.</p>	<p>Aparelho de música, cd's, papel e canetas, roupa para a dança (panos, saias de palha, tecidos);</p>
	<p>Convívio do Mês - Tema: Festas do Mar (festa típica de Angola)</p>	<p>Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Angola;</p>	<p>Desenvolvimento físico, cultural e social.</p>	<p>Música, comida e bebidas, espaço físico, materiais didáticos e de construção dos jogos e atividades.</p>

1.2.3. Dezembro

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
3 a 7	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade.	*2	*2	*2
	Atividades ludopedagógicas – Jogos didáticos: 14. “Queenie” 15. “Apanha um lugar”	Fomentar o espírito de equipa; Valorizar jogos dinâmicos;	Desenvolvimento social e físico;	Bola macia;
10 a 14	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo: Portugal 16. “Hoje somos portugueses de Portugal”	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças; Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local; Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes; Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Matérias didáticas e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música folclore; papel e canetas.
17 a 21	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h –	*	*	*

	<p>Programa BIP/ZIP</p> <p>(realizar-se-á? – Férias de Natal no calendário escolar)</p>			
	<p>Atividades ludopedagógicas – Semana das Profissões</p> <p>17. Feira das Profissões</p> <p>Convívio do Mês - Festa de Natal com doces típicos portugueses que se fazem no Natal (rabanadas, arroz doce, sonhos, entre outros) – dia 21 de Dezembro</p>	<p>Fomentar a criatividade e a imaginação de cada criança;</p> <p>Estimular a reflexão e a procura de conhecimentos sobre o que as crianças querem ser ou fazer no futuro;</p> <p>Desenvolver o espírito crítico, de respeito e de responsabilidade;</p> <p>Valorizar e compreender os diferentes trabalhos e empregos, as suas vantagens e desvantagens;</p> <p>Ampliar o conhecimento sobre a(s) (diferentes) realidade(s);</p>	<p>Desenvolvimento pessoal, social, cultural, intelectual e físico.</p>	<p>materiais didáticos e construção das profissões e espaço físico.</p>
24 a 28	Férias de Natal			

1.2.4. Janeiro

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
7 a 11	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Atividades Ludopedagógicas – Semana da expressividade: 18. “O que vês?” 19. “ O que faço eu?”	Sensibilizar as crianças para a aceitação e compreensão das diferentes emoções e estados de espírito; Valorizar a expressividade e a comunicação; Fomentar a criatividade e a imaginação;	Desenvolvimento pessoal e social.	Papel e caneta; fotografias com caras com diferentes expressões faciais.
14 a 18	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Início da atividade - Jornal de Parede (atividade geral)	Desenvolver a escrita, a (auto)reflexão, o espírito crítico e a criatividade; Realçar e trabalhar a Língua Portuguesa; Trabalhar características como responsabilidade e autonomia; Desenvolver e melhorar a comunicação das crianças e entre elas; Fomentar e valorizar o trabalho em equipa;	Desenvolvimento intelectual, cultural e social;	Placar (jornal de parede, já feito), canetas e papel;
	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade	*2	*2	*2

21 a 25	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo: Cabo Verde	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças; Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local; Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes; Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Matérias didáticas e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música; papel e canetas.
28 a 1	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Atividades ludopedagógicas – Semana da audição e tato (primeiro dia) 20. “Sabes o que é?”	Desenvolver e valorizar dois dos cinco sentidos: tato e audição; Estimular a criatividade e imaginação;	Desenvolvimento pessoal, intelectual e físico;	Vendas para os olhos e objetos para atividade.
	Atividades ludopedagógicas – Semana da audição e tato (CONTINUAÇÃO) (Segundo dia) 21. “Diz-me o que ouves”	Fomentar a reflexão;		Aparelho de música, audições e sons para a realização do jogo e venda para os olhos.
	Convívio do Mês	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação	Desenvolvimento físico, cultural e social.	Música, comes e bebes, espaço físico, materiais

		comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Cabo-Verde;		didáticos e de construção dos jogos e atividades;
--	--	---------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------

1.2.5. Fevereiro

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
4 a 8	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Festa de Carnaval – enfeitar a sala com decoração alusiva ao tema	Fomentar o convívio entre as crianças, monitores, pais e comunidade; Valorizar e desenvolver a criatividade; Estimular o trabalho de equipa;	Desenvolvimento cultural e social;	Enfeites alusivos ao tema: mascararas, serpentinas, confetis, comes e bebes, aparelho de música e cd's com musica alusiva ao tema
11 a 13	Férias de Carnaval			
14 e 15	Atividades ludopedagógicas 22. “A raposa e o coelho” 23. “Reis, Damas e Valetes”	Como tempo ainda é de festa: Estimular a concentração; Desenvolver competências de trabalho de equipa; Valorizar o desporto e a dinamização;	Desenvolvimento físico e social	Cadeiras;
17 a 22	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo:	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições,	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Matérias didáticos e de construção dos jogos, aparelho

	<p>Moçambique</p> <p>Dois dias com atividades relacionadas com Cabo verde, que valorize sua cultura: pessoas, comida, música, tradições, vestimentas, entre outras.</p>	<p>gastronomia e danças;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>		<p>de música, cd com música folclore; papel e canetas.</p>
25 a 1	Duas aulas por semana de inglês, das 19h às 20h – Programa BIP/ZIP	*	*	*
	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade	*2	*2	*2
	Atividade ludopedagógica – Presença da Polícia Comunitária: Conversa com os polícias convidados, de forma a desmistificar a sua profissão, realçando assim qual o seu papel e a sua importância na comunidade. Visita à esquadra da PSP local.	<p>Conhecer e perceber qual o papel e a sua importância da Polícia Comunitária no Bairro;</p> <p>Valorizar o trabalho da Polícia;</p> <p>Ultrapassar possíveis receios ou mal entendidos criados sobre o papel da polícia;</p>	Desenvolvimento pessoal, social e intelectual.	Polícia Comunitária (convidados) e esquadra da PSP.
	Convívio do Mês	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Moçambique;	Desenvolvimento físico, cultural e social.	Música, comes e bebes, espaço físico, materiais didáticos e de construção dos jogos e atividades;

1.2.6. Março

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
4 a 8	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	<p>Atividades Ludopedagógicas – Semana do Voluntariado</p> <p>Atividades a realizar durante os três dias.</p> <p>24. “ O que eu vivi e senti no voluntariado”</p> <p>25. “Campanha de angariação de brinquedos: vamos dar, vamos ajudar!” (dois dias: preparação e divulgação)</p>	<p>Sensibilizar as crianças para a solidariedade e Paz;</p> <p>Dar a conhecer a realidade sociocultural da comunidade;</p> <p>Transmitir os valores e os ideais do trabalho voluntário;</p> <p>Fomentar e valorizar o trabalho em equipa;</p> <p>Aproximar o Espaço do Mundo da comunidade;</p>	Desenvolvimento pessoal, social, intelectual e cultural.	<p>Datashow, computador e imagens de atividades de voluntariado;</p> <p>Cartolinas, folhas, canetas, tinta e caixotes;</p>
11 a 15	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade	*2	*2	*2
	<p>Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP</p> <p>Países do Mundo: Nova Iorque</p> <p>Dois dias com atividades relacionadas com Nova Iorque, que valorize sua cultura: pessoas, comida, música, tradições, vestimentas, entre outras.</p>	<p>Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	<p>Matérias didáticos e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música; papel e canetas.</p>

	Entrega das doações feitas pela comunidade. A doação deverá ser entregue pelo grupo de crianças. (dia 15 de Março, sexta-feira) – fim da campanha de angariação.	<p>Sensibilizar as crianças para a solidariedade e Paz;</p> <p>Dar a conhecer a realidade sociocultural da comunidade;</p> <p>Transmitir os valores e os ideais do trabalho voluntário;</p> <p>Fomentar e valorizar o trabalho em equipa;</p>	Desenvolvimento pessoal, social, intelectual e cultural.	Associação escolhida, doações feitas pela comunidade e possível transporte de deslocação.
18 a 22	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	<p>Atividades ludopedagógicas - Semana dos abraços e afetos</p> <p>Atividade a realizar durante dois dias.</p> <p>26. “Hoje é dia de Abraços e Sorrisos”</p>	<p>Sensibilizar as crianças para entenderem e falarem de afetos;</p> <p>Fomentar e valorizar o trabalho em equipa;</p> <p>Estimular a criatividade e a imaginação;</p> <p>Valorizar e reforçar a importância dos afetos;</p> <p>Aproximar o Espaço Mundo da comunidade;</p>	Desenvolvimento pessoal, social e cultural.	t’ shirts, cartolinas, tintas, canetas, tecidos, tesoura e cola;
	<p>Atividade ludopedagógica –</p> <p>Dia da Primavera: 21 de Março</p> <p>27. “Vamos plantar!”</p>	<p>Consciencializar as crianças para os cuidados a ter com o meio ambiente, o espaço e as plantas;</p> <p>Sensibilizar para a importância da qualidade do ambiente;</p> <p>Trabalhar características como a responsabilidade e a autonomia;</p> <p>Fomentar o trabalho em equipa;</p>	Desenvolvimento pessoal, social e cultural;	Sementes, pás, água, proteção para o conteiro (paus, fios), folhas e canetas.
	Convívio do Mês	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas	Desenvolvimento físico, cultural e	Música, comes e bebes,

		crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Nova Iorque	social.	espaço físico, materiais didáticos e de construção dos jogos e atividades;
25 a 29	Férias da Páscoa			

1.2.7. Abril

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
2 a 5	<p>Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP</p> <p>Países do Mundo: Guiné-Bissau</p>	<p>Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p> <p>Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;</p>	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Matérias didáticas e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música; papel e canetas.
8 a 12	<p>Semana da Escrita</p> <p>Todos os dias haverá ditados realizados pelos monitores e a sua correção. Cada criança deverá realizar uma composição sobre uma atividade que tenho gostado de fazer e sem seguida deverá ler em voz alta um pequeno texto.</p>	<p>Incentivar as crianças para a leitura e escrita;</p> <p>Fomentar a criatividade e a imaginação;</p> <p>Refletir sobre as atividades realizadas;</p>	Desenvolvimento pessoal e intelectual.	Livros, folhas e papel.
	<p>Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade.</p>	*1	*1	*1
15 a 19	<p>Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade</p>	*2	*2	*2
	<p>Atividade ludopedagógica – Dia do Índio (19 de Abril)</p> <p>Atividade realizada em dois dias.</p>	<p>Consciencializar as crianças para a existência de outras culturas e comunidade;</p> <p>Aceitar, respeitar e</p>	Desenvolvimento cultural, social e físico.	tecidos, papel, penas, canetas, elásticos, madeira, tubos,

	<p>28. “Hoje somos índios!”</p>	<p>valorizar as diferenças e as semelhanças entre a cultura indígena e as crianças do ATL;</p> <p>Promover atividades desportivas ao ar livre e em convívio;</p> <p>Fomentar e valorizar o trabalho de equipa;</p>		<p>corda e meias velhas</p>
<p>22 a 26</p>	<p>Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade.</p>	<p>*1</p>	<p>*1</p>	<p>*1</p>
	<p>Atividade ludopedagógica – Dia Internacional do Livro</p> <p>(primeiro dia)</p> <p>29. “Como procurar um livro numa biblioteca?”</p>	<p>Promover o contacto com o meio literário;</p> <p>Sensibilizar as crianças para a leitura e para a procura de livros;</p>	<p>Desenvolvimento pessoal, intelectual e cultural.</p>	<p>Biblioteca disponível para receber as crianças, sem custos, transporte para possível deslocação, livros.</p>
	<p>Atividade ludopedagógica – Dia Internacional do Livro (CONTINUAÇÃO)</p> <p>(segundo dia)</p> <p>30. “Vamos valorizar a nossa biblioteca”</p>	<p>Consciencializar as crianças para os cuidados a ter com todos os livros;</p> <p>Trabalhar características como responsabilidade e autonomia;</p> <p>Valorizar a oralidade e os gostos literários de cada criança.</p>		
<p>29 a 3</p>	<p>Atividade ludopedagógica – Festa das colheitas</p> <p>Atividade a realizar durante toda a semana. Recolher fracos de vidro pela comunidade (primeiro dia), decorá-los (segundo e terceiro dia) e fazer o doce e compotas com ajuda dos pais (terceiro e quarto dia).</p>	<p>Sensibilizar as crianças para a importância dos sentidos;</p> <p>Fomentar o trabalho em equipa;</p> <p>Desenvolver e valorizar a criatividade e a imaginação;</p> <p>Aproximar o Espaço Mundo da comunidade;</p>	<p>Desenvolvimento pessoal e social.</p>	<p>Frascos, tinta, enfeites para os frascos, utensílios para a preparação dos doces e compotas, fogão.</p>
	<p>Convívio do Mês</p> <p>Venda dos doces e compotas feitas na Festa da Colheita – angariação de fundo.</p>	<p>Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do</p>	<p>Desenvolvimento físico, cultural e social.</p>	<p>Música, comes e bebes, espaço físico, materiais didáticos e de construção dos</p>

		Mundo – Guiné-Bissau.		jogos e atividades;
--	--	-----------------------	--	---------------------

1.2.8. Maio

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
6 a 10	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Atividades ludopedagógicas – Semana da Música Atividade a realizar durante toda a semana . Recolher fracos de vidro, caixas de iogurte, rolos de papel higiénico, garrafas de plástico, tampas de garrafas pela comunidade (primeiro dia), construir instrumentos (segundo e terceiro dia) e no último dia construir uma música com uma letra feita por todos.	Sensibilizar as crianças para a importâncias dos sentidos; Fomentar o trabalho em equipa; Desenvolver e valorizar a criatividade e a imaginação; Valorizar e desenvolver sensibilidade para a música e as artes, para as sensações.	Desenvolvimento pessoal, intelectual e cultural.	Material para a construção dos instrumentos, fita colca, cola, tesoura, material reciclado.
13 a 17	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade	*2	*2	*2
	Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP Países do Mundo: São Tomé e Príncipe	Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças; Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes; Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local; Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual	Matérias didáticos e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música; papel e canetas.

20 a 24	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
	Semana de Estudo			
27 a 31	Semana de Estudo			
	Convívio do Mês	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – Itália	Desenvolvimento físico, cultural e social.	Música, comes e bebes, espaço físico, materiais

1.2.9. Junho

Semana	Atividades	Objetivos	Dimensões	Recursos materiais
	Leitura Partilhada – leitura de histórias, contos, tradições culturais, entre as crianças do ATL e os cidadãos mais velhos (pais e avós) da comunidade	*1	*1	*1
3 a 7	<p>Atividades ludopedagógicas – Semana das cores</p> <p>Atividade a realizar durante toda a semana.</p> <p>Primeiro dia: os monitores escolhem um tema e as crianças, através das revistas, fazem recortes e colagens, numa folha A4.</p> <p>No segundo dia: os monitores escolhem outro tema e as crianças, em cartolinas (cortadas ao meio, se necessário) pintam como se fosse uma tela de um quadro;</p> <p>No terceiro dia : todos juntos escolhem um tema e pintam uma faixa de papel de cenário para posteriormente colocar no Espaço Mundo, festejando assim as cores e a chegada do verão.</p>	<p>Sensibilizar as crianças para a importância dos sentidos;</p> <p>Desenvolver e valorizar a criatividade e a imaginação;</p> <p>Valorizar e desenvolver sensibilidade para as artes, para as sensações.</p>	Desenvolvimento pessoal, cultural e intelectual.	Material de pintura: tintas, pincéis, lápis de cor, canetas de filtro, cartolinas, folhas, revistas e jornais.
	<p>Atividades ludopedagógicas – inseridas no Programa BIP/ZIP</p> <p>Países do Mundo: São Tomé e Príncipe</p>	<p>Apresentar ao grupo uma outra e diferente cultura, através dos seus costumes, tradições, gastronomia e danças;</p> <p>Salientar a diversidade cultural através da partilha e aceitação de conhecimentos e experiências de vida de outras pessoas de culturas e países diferentes;</p> <p>Entender e explorar a diversidade cultural presente na sociedade, na comunidade local;</p>	Desenvolvimento Cultural, social, pessoal e intelectual.	Matérias didáticas e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música; papel e canetas.

		Fomentar e valorizar a reflexão, a criatividade e o trabalho de equipa;		
10 a 14	Ateliê de Jogos tradicionais – Programa BIP/ZIP: ouril, bao, gamão, macaca, corrida de sacos, entre outros. Atividade aberta a comunidade	*2	*2	*2
	Semana livre			
	Convívio do Mês	Expor e partilhar trabalhos realizados pelas crianças, ao longo do mês, com animação comunitária relacionada com o tema dos Meses do Mundo – São Tomé e Príncipe.	Desenvolvimento físico, cultural e social.	Música, comes e bebes, espaço físico, materiais
14	Fim do Ano Letivo 2012/2013			

DOCUMENTOS DE APOIO

Descrição das atividades:

1. “Agora quem és?”

Descrição: As crianças andam pela sala e cumprimentam-se entre si, com frases “Olá, tudo bem?...tudo bem, obrigado”. Pedir aos participantes para se cumprimentarem como já não se vissem há muito tempo. Acompanhar as saudações com gestos, como abraços, saudar o melhor amigo. Variar a velocidade e a quantidade de saudações.

Tempo: 10 minutos (aproximadamente)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 8 a 12 de Outubro. (Primeiro dia)

2. “Ações rápidas”

Descrição: As crianças posicionam-se pela sala de forma a poderem ver toda a gente. O monitor deve fazer uma mímica, como lavar os dentes, por exemplo e de seguida, pede a uma criança que faça o mesmo. Essa mesma criança faz uma outra mímica, levando a que o grupo todo a faça também, continuando assim progressivamente, até percorrer todo o grupo. Incentivar o grupo a fazer mímicas que sejam algo que façam na sua rotina, mas utilizando a sua criatividade.

Tempo: 20 minutos (aproximadamente)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 8 a 12 de Outubro (primeiro dia)

3. “Verdade ou mentira”

Descrição: Divide-se as crianças em grupos pequenos (entre 3 a 4 pessoas): uma pessoa do grupo tem de se apresentar dizendo o seu nome e três coisas sobre si mesma - duas delas são verdade, e uma tem de ser mentira. Os outros jogadores têm de tentar adivinhar qual é a mentira. Cada participante deverá ter uma oportunidade para dizer a sua verdade e mentira.

Tempo: 20 minutos (aproximadamente)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 8 a 12 d Outubro (primeiro dia)

4. “Nomes e Alcunhas”

Descrição: As crianças sentam-se, formando uma roda. Uma pessoa levanta-se, apresenta-se e diz uma palavra que a descreva. Essa palavra tem que começar com a primeira letra do seu nome (por exemplo: Super Sara). A pessoa ao lado continua: “Ela é a Super Sara e eu sou o António Alegre” e assim sucessivamente. O jogo acaba, quando todos tiverem tido a sua vez.

Tempo: 15 minutos (aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 8 a 12 de Outubro (segundo dia)

5. “Encontro Musical”

Descrição: Quando a música começa a tocar, os participantes começam a andar pela sala numa direção qualquer. Quando a música parar, cada jogador dá o braço à pessoa que estiver mais perto de si – os pares dão um aperto de mão e apresentam-se um ao outro. A música recomeça, e o par continua a andar pela sala a conversar. Ao parar, o primeiro par liga-se a outro e apresentam-se todos. O jogo acaba quando todos os participantes estiverem de braços dados num único grupo.

Tempo: 15 min (aprox.)

Material: Aparelho de música e cd’s com música divertida e mexida.

Data: Semana de 8 a 12 de Outubro (segundo dia)

6. “De que país falamos?”

Descrição: Um monitor diz duas frases, para que as crianças adivinhem que país irá ser abordado no mês de Outubro:

1. A bandeira do país que vamos abordar este mês tem como cores: verde, amarelo e azul e somo os quinto maior país do Mundo.
2. A nossa língua é muito similar a vossa, temos um clima muito bom, que nos transmite muita boa disposição e temos uma água muito conhecida por todos.

Após adivinharem qual o país que irão trabalhar, divide-se as crianças em 3 grupos para realizar um quizz sobre o Brasil – “Verdade ou Mentira”: um monitor responsável coloca uma questão a cada grupo de crianças. Cada grupo define uma criança como porta-voz e só esta poderá dar a resposta final. Se o grupo acertar pode responder a seguinte pergunta, se o grupo não acertar passa ao outro grupo. Ganha o grupo que responder mais acertadamente as questões colocadas. As questões deverão ser de carácter cultural, em que abordem a gastronomia, tradições, música, entre outras.

Exemplo de questões:

1. Daqui alguns anos vamos ter dois grandes acontecimentos no Brasil, que vão conseguir para ao mundo são o Europeu e os Jogos Olímpicos. Verdade ou Mentira? - Resposta: Mentira, a resposta correta é o Mundial e os Jogos Olímpicos.
2. O nosso principal idioma é o português. Verdade ou Mentira? – Resposta: mentira, a resposta correta é o português é a língua oficial, não havendo segundo idioma.
3. O nosso prato nacional é a feijoada e como doces temos os conhecidos brigadeiros e beijinhos. Verdade ou Mentira? - Resposta: Verdade.

Quando o jogo terminar, cada grupo deverá construir uma história com as verdades descobertas e de seguida deverá contar ou demonstrar ao grupo em forma de uma pequena peça de teatro ou com uma letra de uma música.

Cada grupo deverá ensaiar uma coreografia de uma dança e/ou música típica do país.

Tempo: 120 minutos (aprox.) repartidos pela divisão das atividades descritas

Material: Prémio (a definir)

Data: Semana de 15 a 19 de Outubro

7. “Imagina o Sabor”

Descrição: Este jogo pretende fazer crescer água na boca das crianças. Fazer uma roda e sentar as crianças no chão, se o tempo deixar, a atividade pode ser feita no pátio. Cada criança descreve um alimento, sem dizer o nome, da forma mais pormenorizada possível e exagerando nos aromas, os sabores e as texturas da comida. Os restantes elementos presentes têm de adivinhar qual o alimento descrito.

Tempo: 20 minutos (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 5 a 9 de Novembro (primeiro dia)

8. “Detesto”

Descrição: Cada criança descreve uma comida ou alimento que detesta, de uma forma mais pormenorizada possível, de modo a que os outros elementos do grupo também se sintam o mesmo.

Tempo: 15 min (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 5 a 9 de Novembro (primeiro dia)

9. “Cheira a...”

Descrição: Antes de iniciar a atividade, os monitores deve arranjar várias substâncias de odor intenso, como perfume, especiarias, comida de gato ou flores, guardando-as em frascos fechados. O grupo de crianças deverá sentar-se em círculo, de olhos fechados ou vendados. O responsável abre o frasco e deixa cada criança cheirar o seu conteúdo, pedindo-lhe, depois, para descrever o aroma sem mencionar o nome da substância. Logo que o objeto tenha percorrido todos os elementos do grupo, os jogadores terão de adivinhar e só depois poderão abrir os olhos.

Tempo: 25 minutos (Aprox.)

Material: várias substâncias de odor intenso, como perfume, especiarias, comida de gato ou flores, entre outras. Não utilizar nenhuma substância perigosa e certificar que nenhum dos participantes sofre de alguma alergia específica.

Data: Semana de 5 a 9 de Novembro (primeiro dia)

10. “Empadão de galinha”

Descrição: Escolher uma pessoa para ficar a dar as ordens. A mesma pessoa tem de gritar: Empadão de galinha. As restantes crianças devem correr pela sala.

- Se a ordem for “ervilha”, os jogadores encolhem-se no chão, tentando formar uma bola.
- Se a ordem for “esparquete”, os jogadores ficam de pé e contorcem-se.
- Se a ordem for “cenouras”, os jogadores ficam imóveis e esticam os braços acima da cabeça.
- Se a ordem for “gelado”, os jogadores ficam completamente imóveis.

Se alguém for apanhado a fazer os movimentos errados ou a mexer-se quando tem de ficar imóvel, troca de lugar com a pessoa que está a dar as ordens.

Tempo: 20 minutos (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 5 a 9 de Novembro (segundo dia)

11. “Comilão”

Descrição: O monitor escolhe uma criança para ficar a dar a voz. Atribui-se a cada uma das paredes da sala um destes nomes: Bombordo, Estibordo, Proa e Popa. O que está a dar as vozes, grita um desses nomes, e todos correm para essa parede. As outras vozes são “Alto”, que obriga todos a para e “Comilão”, que obriga todos a deitarem-se no chão ficando a tocar noutra pessoa, de modo que o grupo todo esteja ligado entre si. A última pessoa a fazer o que é suposto passa a ser o “Comilão”. Os comilões tentam aumentar de número, apanhando outro jogador qualquer que não faça parte do grupo principal quando se grita “Comilão”.

Tempo: entre 20 a 30 minutos (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 5 a 9 de Novembro (segundo dia)

12. “Hoje vamos dançar!”

Descrição: Primeiramente, os monitores terão de arranjar música que destaque os principais estilos musicais de Angola: Semba, Kimzonba e Kuduro. Preparar roupa típica com panos ou saias de palha. Pede-se às crianças que se juntem todas, que vistam as roupas que se encontram em cima da mesa e que esperem que a música comece a tocar. Um dos monitores liga o aparelho e deixar tocar um pouco a música, pouco depois desliga. O grupo de crianças terá então de adivinhar que país vamos abordar. Após desafio superado, apresenta-se o professor convidado que vai ensinar os diferentes estilos. O dia é de festa. Se possível fazer uma coreografia para apresentar no convívio do mês.

Tempo: 60 minutos (Aprox.)

Material: Aparelho de música, cd como os diversos estilos musicais angolanos, recursos humanos: professor de danças africanas convidado, tecidos, panos e saias de palha.

Data: Semana de 12 a 16

13. “Vamos cozinhar!”

Descrição: Fazer doces típicos de Angola, com a ajuda dos monitores. Deixar as crianças mexer e manusear os utensílios e ingredientes. Cuidado com material inflamável e cortante. Dividir o grupo em dois ou três grupos. Doces a fazer, por exemplo: Paracuca, diongo de banana, bolo de goiaba, batata-doce frita, entre outros.

Tempo: 60 minutos

Material: fogão, forno, ingredientes para fazer os doces e utensílios para manusear a conecção. Cuidado com os materiais inflamáveis e cortantes.

Data: Semana de 19 a 23 de Novembro

14. “Queenie”

Descrição: Uma criança fica com a bola e faz de Queenie, colocando-se num dos extremos da sala, voltada para a parede, e os outros participantes espalham-se pela sala atrás dela. A Queenie atira a bola por cima do ombro. Os outros têm de apanhar a bola – se alguém agarrar a bola isso quer dizer que a Queenie foi apanhada e a pessoa que apanhou substitui-a. E ninguém apanhar a bola, os jogadores decidem em silêncio quem é que vai ficar com ela. Essa pessoa esconde a bola, segurando-a atrás das costas. Os outros jogadores também põem as mãos atrás das costas, fingindo segurar a bola. Quando os jogadores estão prontos, gritam: “Queenie, Queenie, quem é que tem a bola?”.

A Queenie volta-se e tenta adivinhar qual dos jogadores é que a tem. Se não acertar, o jogador que tem a bola toma o seu lugar, se acertar, faz de Queenie mais uma vez. Se a bola rolar para trás para um sítio em que a Queenie veja quem é que a apanhou, então gritam “olhos de gato” e a Queenie tem de atirar a bola outra vez.

Tempo: 30 minutos (Aprox.)

Material: Bola Macia

Data: Semana de 3 a 7 de Dezembro

15. “Apanha um lugar”

Descrição: Escolher uma criança para “ficar”. Os outros jogadores escolhem um parceiro e combinam entre si qual deles é o número um e qual é o número dois.

- Os números “um” formam uma roda grande.
- Os números “dois” põem-se de pé atrás deles, formando uma roda exterior maior.

O jogador escolhido para ficar” anda à volta da roda pelo lado de fora até escolher um par, pondo-se atrás dele. O número um do par começa imediatamente a correr à volta da roda pelo lado de fora, enquanto o número dois corre no sentido oposto, para voltarem ao seu lugar. O primeiro a chegar lá passa por baixo das pernas do jogador que os escolheu e que lá está à espera. O segundo jogador chegar perde o parceiro e “fica”, passando a escolher um novo par.

Tempo: 20 minutos (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: Semana de 3 a 7 de Dezembro

16. “Hoje somos portugueses de Portugal”

Descrição: A atividade começa com a audição de música folclore e quem quiser pode dançar. Cada criança, à sorte tira de cima da mesa, sem ver, uma folha, que pode ter poemas, frases ou um pequeno texto de autores portugueses conhecidos, como Camões, Raul Solnado (façam favor de serem felizes!), Florbela Espanca, José Saramago (sobre o memorial do convento), entre outros. De seguida realiza-se uma jogatana de jogos tradicionais: macaca, malha, corrida de sacos, saltar a corda, jogo dos berlindes, entre outros.

Tempo: 60 minutos

Material: matérias didáticos e de construção dos jogos, aparelho de música, cd com música folclore; papel e canetas.

Data: Semana de 10 a 14 de Dezembro

17. Feira das Profissões

Descrição: No primeiro dia perguntar as crianças qual a profissão que gostariam de ter e o porquê. Tendo em conta as escolhas das crianças dividem-se as profissões por dias e cada criança que escolheu determinada profissão, num determinado dia terá de ir vestido e preparado a rigor para desempenhar essa mesma profissão. O espaço Mundo passa a ser, num determinado dia, o local de trabalho das crianças. As restantes crianças que não estiverem a exercer a sua profissão nos outros dias passam a ser utentes, clientes, intervenientes, espectadores, entre outros. É importante que sejam referidas e abordadas todas as profissões de todas as crianças. As crianças devem-se preparar em casa, no que toca a roupa, adereços e improvisação, através dos recursos possíveis e existentes, utilizando a sua imaginação e criatividade.

Tempo: Semana toda – fica ao critério dos monitores organizarem da melhor forma, tendo em conta toda a logística e recursos necessários.

Material: materiais didáticos e construção das profissões e espaço físico.

Data: Semana de 17 a 21 de Dezembro

18. “O que vês?”

Descrição: Os monitores terão de arranjar fotografias de caras de pessoas com diferentes expressões: alegria, tristeza, desconfiança, medo, zangado, entre outras. Deverá ser entregue a cada criança uma fotografia com uma cara. Cada criança, individualmente reflete sobre a fotografia, analisando o que vê e depois comenta em voz alta com o restante grupo. O grupo, no fim, deve dizer se concorda ou não e o porquê.

Tempo: 30 minutos (aprox.)

Material: Fotografias de caras com diferentes expressões faciais: tristeza, felicidade, medo, receio, desconfiança, satisfação, entre outras.

Data: Semana de 22 a 26 de Outubro

19. “O que faço eu?”

Descrição: Os monitores deverão escrever em papéis várias atividades e tarefas, que serão entregues a cada criança. Após receberem o papel, cada criança lê e pensa sobre como irá fazer a tarefa indicada através da mímica, sem qualquer uso de palavras ou sons. Os restantes elementos terão de adivinhar.

Os monitores têm um papel essencial pois ao longo da atividade terão de referir a importância da comunicação, seja ela verbal ou não. Mesmo sem falar, sem utilizar a palavra é possível comunicar e entender o que os outros pensam ou desejam fazer.

Tempo: 30 a 40 minutos (Aprox.)

Material: papel e caneta;

Data: semana de 22 a 26 de Out.

20. “Sabes o que é?”

Descrição: os monitores terão de arranjar o máximo de objetos, com texturas, tamanhos e formas diferentes de forma a despertar variadíssimas sensações nas crianças. As crianças estão de olhos fechados ou vendados e cada uma delas terá de descrever detalhadamente um ou mais objetos que têm nas mãos. Caso a criança não sabia que objeto é, em grupo terão de adivinhar que objeto se trata.

Tempo: 40 a 50 minutos (Aprox.)

Material: vendas para os olhos e objetos para atividade, como: livro, flor, terra, colher, garfo, baton, peluche, vela, clip's, almofadas, entre outros.

Data: semana de 28 a 1 de Fevereiro

21. “ Diz-me o que ouves.”

Descrição: Os monitores terão de arranjar gravações ou fazer sons específicos, como pessoas a chorar, a rir, a falar, a cantar, chuva a cair, carros a passar (trânsito), pessoas a andar, pessoas a escrever ao computador, pássaros a contar, cadeiras a arrastar, entre outros. As crianças estão sentadas, de olhos vendados. A sala terá de estar no máximo silêncio, ninguém pode falar. Um dos monitores mostra a primeira audição, durante um minuto, para que as crianças, sem falar ouçam, reflitam e despertam diferentes sensações. Posteriormente, o monitor escolhe uma criança para descrever o que ouviu e dizer o que acha que é. Todas as crianças deverão descrever uma audição.

Tempo: 40 minutos (Aprox.)

Material: aparelho de música, audições e sons para a realização do jogo e venda para os olhos.

Data: Semana de 28 a 1 de Fevereiro

22. “A raposa e o coelho”

Descrição: Todos os participantes precisam de uma cadeira para se sentar. As cadeiras estão espalhas pela sala, com bastante espaço a separá-las, de forma a se poder correr a vontade entre elas. Escolhe-se uma criança para fazer de raposa e outra de coelho. A raposa tem de perseguir e agarrar o coelho. Quando a raposa ou o coelho estiverem cansados, tocam noutra pessoa qualquer que passa a fugir ou a perseguir.

Se o coelho for apanhado podem trocar de lugar, passando o coelho a ser a raposa e vice-versa. Quanto mais vezes e mais discretamente os jogadores tocarem noutros para serem substituídos, mais divertido é o jogo.

Tempo: 20 minutos (Aprox.)

Material: cadeiras

Data: semana de 21 a 25 de Janeiro

23. “Reis, damas e valetes”

Descrição: Escolhe-se uma jogador para ficar a apanhar, que se põe no meio da sala. Os outros jogadores vão todos para um dos extremos da sala.

- Se o jogador que está apanhar gritar “Reis”, os outros têm de tentar atravessar a sala para o outro lado sem ser apanhados;
- Se ele gritar “Damas”, os jogadores têm de tentar atravessar a sala ao pé coxinho e o que está a apanhar tem de correr atrás deles também ao pé coxinho.

- Se ele gritar “Valete”, os jogadores têm de ficar imóveis, e qualquer pessoa que se mexer considera-se “apanhada”.

Os jogadores que forem apanhados vão para o meio da sala para junto do que está a apanhar e o jogo continua até todos terem sido apanhados.

Tempo: 20 minutos (Aprox.)

Material: Não é necessário

Data: semana de 21 a 25 de Janeiro

24. “ O que eu vivi e senti no voluntariado”

Descrição: Convidar associações de voluntariado para falarem sobre a sua experiência como voluntários. Pedir aos testemunhos para que estes levem imagens e recordações sobre o que viveram, se possível. Posteriormente, mostrar às crianças, em forma de tertúlia, as diversas formas de ajudar, de fazer voluntariado, como campanhas de sensibilização ou de angariação. Perguntar as crianças se elas gostariam de fazer uma campanha para ajudar outras crianças e associações e visitar um lar de idosos.

Tempo: 60 minutos (Aprox.)

Material: datashow, computador e imagens de atividades de voluntariado

Data: Semana de 4 a 8 de Março

25. “Campanha de angariação de brinquedos: vamos dar, vamos ajudar!”

Descrição: Todos juntos, monitores, responsáveis e crianças fazem cartazes e folhetos de divulgação sobre a campanha de angariação de brinquedos e roupas para crianças (recém-nascidos, por exemplo). Os monitores deverão fazer uma lista com possíveis associações e instituições para a doação. Explicar em que cada uma consiste e todos juntos deverão escolher uma para no fim da campanha irem entregar, pessoalmente. Prepara o espaço com caixotes para a receção das doações. Num outro dia, as crianças e os monitores, todos juntos deverão andar pela comunidade a fazer a divulgação, em estabelecimentos públicos e às pessoas que vão encontrando pelo caminho.

Tempo: 120 minutos (divido em dois dias de atividades)

Material: Cartolinas, folhas, canetas, tinta e caixotes;

Data: Semana de 4 a 8 de Março

26. “Hoje é dia de Abraços e Sorrisos”

Descrição: Cada criança deverá ter uma t'shirt lisa, de qualquer cor (MENOS PRETA). Os monitores terão de arranjar tintas, tecidos, ou seja materiais para as crianças decorarem as suas t'shirts e os cartazes à sua imaginação, tendo em conta o tema. Posteriormente, quando secas e prontas. Todos juntos, monitores e crianças deverão passear pela comunidade, em espaços estratégicos, a distribuir abraços e sorrisos grátis às pessoas que vão passando por eles.

Tempo: 120 minutos (divididos em dois dias: primeiro dia preparação e segundo dia execução da tarefa)

Material: t'shirts, cartolinas, tintas, canetas, tecidos, tesoura e cola;

Data: Semana de 18 a 22 de Março

27. “Vamos plantar!”

Descrição: Todos juntos, limpar o terreno a plantar. Os monitores deverão explicar os cuidados necessários a ter com a plantação a realizar. Plantar uma árvore ou planta no canteiro em frente ao Espaço Mundo. Elaborar um esquema para regular a rega das plantas, a ser realizada pelas crianças, cada criança ficará encarregue de tomar conta da planta, por semana. Aproveitar ainda para alertar as crianças com os cuidados a ter com a água e a sua utilização, realçando a sua importância.

Tempo: 60 minutos

Material: Sementes, pás, água, proteção para o canteiro (paus, fios), folhas e canetas.

Data: Semana de 18 a 22 de Março

28. Dia do índio

Descrição: Criar reflexão e debate sobre o tema, realçando a existência e a importância dos índios enquanto comunidade, fazer comparações com a nossa realidade: semelhanças e diferenças, vantagens e desvantagens. Todos juntos, monitores e crianças, fazem adereços e objetos que considerem típicos dos índios. Posteriormente, aquando da execução dos fatos, formar grupos e passar a realização de jogos tradicionais indígenas: arco e flecha, cabo-de-guerra, atletismo, futebol, rōkrã. Valorizar e reforçar a diversidade cultural.

Tempo: 120 minutos (divididos em duas partes: debate e preparação da roupa e realização dos jogos típicos indígenas.)

Material: tecidos, papel, penas, canetas, elásticos, madeira, tubos, corda e meias velhas

Data: Semana de 15 a 19 de Abril

29. “Como procurar um livro numa biblioteca?”

Descrição: Visitar um biblioteca, para que as crianças percebam como funciona o seu sistema, que tipos de livros existem e como deverão procurar um livro caso precisem. Falar sobre os cuidados a ter com os livros.

Tempo: 60 minutos (Aprox.)

Material: Biblioteca disponível para receber as crianças, sem custos, transporte para possível deslocação, livros.

Data: Semana de 22 a 26 de Abril

30. “Vamos valorizar a nossa biblioteca”

Descrição: Após visita e sensibilizar sobre os cuidados a ter com os livros, todos juntos organizarão da melhor forma a biblioteca do Espaço Mundo, tendo em conta os conhecimentos apreendidos. Realizar uma esquematização do responsável da biblioteca por semana. Posteriormente à organização da biblioteca, cada criança fala sobre o seu livro preferido.

Tempo: 60 minutos

Material: não é necessário

Data: Semana de 22 a 26 de Abril

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA (2005). *Jogos de Cooperação*. Lisboa. Porto Editora.

ROOYACKERS, P. (2002). *101 Jogos dramáticos. Aprendizagem e diversão com jogos de teatro e faz-de-conta*. Coleção Práticas Pedagógicas. Lisboa: Edições ASA

PLANO DE FORMAÇÃO PARA OS MONITORES VOLUNTÁRIOS

Dinâmicas de Grupo e Mediação e Resolução de
Conflitos

Associação Espaço Mundo

Outubro de 2012

APRESENTAÇÃO:

A Associação Espaço Mundo tem como principais objetivos apoiar a comunidade envolvente e promover a cultura, realçando os direitos das comunidades emigrantes e os seus descendentes residentes na Alta de Lisboa. Todo este trabalho só é possível com a colaboração e participação de monitores voluntários, que ajudam a promover e a restabelecer o bem-estar das nossas crianças e a reforçar positivamente a criança nos contextos de autonomia e assertividade.

Este Plano de Formação resulta de um levantamento de necessidades por parte dos monitores e responsáveis da Associação Espaço Mundo. Uma ação de formação tem como objetivo o desenvolvimento de diferentes tipos de saberes nos indivíduos, consoante as exigências das atividades que desenvolvem. Assim, a fase de investigação (conversas informais e entrevistas, semi-diretiva à responsável do ATL e *focus-grup* ao grupo de monitores voluntários que se encontravam presentes) foi essencial para o desenvolvimento do projeto final e para perceber a opinião dos intervenientes quantos às suas necessidades formativas, permitindo ainda identificar quais as áreas de intervenção importantes de referir no Plano de Formação. Deste modo, desenvolveu-se este guia de formação que irá incidir especialmente nos seguintes conceitos: Dinâmicas de Grupo, uma vez que ao longo do presente ano letivo 2012/2013 serão executadas pelos e com os monitores e Mediação e Resolução de Conflitos, de forma a fornecer mais e melhores ferramentas e conhecimentos, para que estes se sintam mais preparados, confiantes e motivados (a continuar) a cumprir com o seu trabalho, num ambiente positivo, ao mesmo tempo que valorizam o trabalho de equipa, através da cooperação e da reflexão conjunta.

O desenvolvimento desta formação tem como finalidade dar uma resposta eficaz aos problemas/desafios com que os monitores e responsáveis do ATL se deparam, por vezes. É neste contexto que o presente Plano de Formação irá incidir, como instrumento concreto de apoio à reflexão, melhoria e valorização das práticas dos intervenientes. Consequentemente, espera-se que o mesmo resulte num contributo válido para melhorar e introduzir eventuais mudanças no funcionamento do ATL, da Associação Espaço Mundo.

ÍNDICE

GUIA DE DESENVOLVIMENTO	5
Enquadramento.....	5
Finalidades.....	6
Público-alvo.....	6
PARTE I – DINÂMICAS DE GRUPO.....	8
1.1. Duração	8
1.2. Objetivos principais	8
1.3. Conteúdos:	8
1.3.1. Processo de Integração e Comunicação pedagógica	8
1.3.2. Grupo.....	8
1.3.3. Dinâmicas de grupo.....	8
1.4. Metodologia	8
1.5. Estrutura.....	9
1.6. Avaliação da formação	9
PARTE II - MEDIAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS	10
2.1. Duração.....	10
2.2. Objetivos principais:	10
2.3. Conteúdos:	10
2.3.1. Conflito;	10
2.3.2. Mediação;	10
2.3.3. Papel do mediador;.....	10
2.4. Metodologia:	10
2.5. Estrutura:.....	10
2.6. Avaliação da formação	11

PARTE III – ROTEIRO DE TRABALHO	12
3.1. Documentos de apoio - Dinâmicas de Grupo	12
3.2. Documentos de apoio - Mediação e Resolução de Conflitos	17

GUIA DE DESENVOLVIMENTO

Enquadramento:

Parte-se do princípio que as escolas e os ATL's constituem espaços privilegiados de aprendizagem, que devido à sua estrutura organizativa, oferecem a possibilidade de experimentar e aprender os pressupostos da democracia participativa, promovendo a igualdade, a diversidade e a interculturalidade. Enquanto espaços de encontro e aprendizagens, facilitadores de uma relação mais próxima entre crianças e jovens, estão abertos à aquisição, transmissão e partilha de competências e valores, promovendo a valorização pessoal e a cidadania ativa das crianças. Contudo, verifica-se na sociedade atual o surgimento cada vez mais acentuado de uma cultura de intolerância, e violência, sendo expressa essencialmente através dos modos de interação dos indivíduos. Para mudar esta tendência, torna-se necessário desenvolver uma educação para o respeito e o sentido de responsabilidade, para a convivência e para a gestão positiva dos conflitos, a fim de se construir uma valorização e melhoria no desenvolvimento pessoal, social e cultural. Assim sendo, as dinâmicas de grupo e a mediação de conflitos em contexto educacional são técnicas que permitem desenvolver capacidades e conhecimentos, que por sua vez, ajudam o indivíduo a adequar-se às situações.

As dinâmicas de grupo podem ser encaradas como uma ferramenta, que vai permitir a quem realiza como a quem orienta aprender e a desenvolver capacidades e conhecimentos, que levam à compreensão de técnicas e estratégias que poderão ser aplicadas no nosso dia-a-dia, a diferentes pessoas e situações. Torna-se patente que estas podem funcionar como um processo de democratização e de socialização, levando a que os intervenientes participem, valorizem e desenvolvam o sentido crítico e de responsabilidade, contribuindo ainda para o desenvolvimento de relacionamentos bem como para a aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Salienta-se, então a importância das dinâmicas de grupo na formação de agentes sociais, no qual é valorizado a participação e a construção coletiva de saberes.

Sabemos através das nossas experiências vividas e daquilo que vamos observando no quotidiano, que muitas vezes se originam situações conflituosas que nunca chegam a resolver-se, ou porque são ignoradas, ou porque são mal geridas, que conduzem e provocam uma série de mal entendidos. Como tal, torna-se necessário a aquisição de competências em mediação e resolução de conflitos, uma vez que os

benefícios da gestão de conflitos traduzir-se-ão na construção de um ambiente participativo, interativo e de diálogo permanente. A resolução dos conflitos necessita de uma análise de técnicas de resolução dos mesmos, e tendo em conta que a maior parte dos agentes educativos não se sentem preparados, nem munidos de ferramentas eficazes para a mediação e resolução dos conflitos que se deparam no seu contexto profissional, pretende-se valorizar esta temática, tentando oferecer uma formação que fortaleça as atitudes pessoais, competências relacionais e as competências técnicas.

Por fim, todas as estratégias que vierem a ser implementadas tanto para a importância das dinâmicas de grupo como para a prevenção e resolução de problemas de indisciplina e de violência podem constituir-se num enriquecimento pessoal mas também profissional

Finalidades:

A finalidade desta formação é então oferecer competências fundamentais de “saber” e “saber-ser” para “saber-fazer”. Pretende-se que através desta formação o desempenho dos agentes educativos melhore, ao mesmo tempo que valorizam os seus conhecimentos através das competências pessoais, relacionais e profissionais que serão desenvolvidas ao longo da formação. Para tal, a estrutura da formação segue uma tendência mais prática, na medida em que os conhecimentos teóricos tendem a ser, quase sempre, fundamentados e consolidados através de momentos de grupos, que têm um objetivo duplo: assimilação dos conhecimentos abordados, bem como oferecem desde logo capacidades essenciais para o seu desenvolvimento e desempenho futuro

Público-alvo:

Este plano de formação foi pensado para chegar a todos os monitores voluntários da Associação Espaço Mundo, que desenvolvam funções no ATL, de carácter mais didático-pedagógico. Toda a estrutura desta formação está pensada para um número limitado de 15 a 20 participantes.

Metodologias e estratégias de Formação:

Esta formação tem um carácter, maioritariamente, prático, no entanto, e considerando certo que “não há prática sem teoria” utilizar-se-á ambas as metodologias com o objetivo de dar oportunidade aos formandos de aumentarem desenvolverem e

melhorem as suas competência e, consecutivamente melhorarem o seu desempenho. Pretende-se então o desenvolvimento de competências pessoais de reflexão, de análise e de intervenção.

A formação, dividida em duas partes (em dois dias), cada uma delas com duas horas de duração, será marcada especialmente, pelo trabalho em grupo, para que seja possível a realização de debates, reflexões e simulações de dinâmicas e mediação e resolução de conflitos, sendo estas as competências principais a desenvolver e fortalecer; utilizar-se-á também o trabalho individual, no que toca a questões de reflexão acerca de abordagens teóricas.

Como objetivo principal é pretendido que esta formação constitua um espaço de aprendizagem onde os formandos discutam princípios, estratégias e modalidades de intervenção, desenvolvam competências de reflexão sobre as situações vividas e participem afincadamente nas dinâmicas propostas de modo a desenvolverem as suas competências pessoais, interpessoais, e, claro, profissionais.

PARTE I – DINÂMICAS DE GRUPO

Duração: 120m (2h)

Objetivos principais:

- Realçar o papel dos formandos na promoção do bem-estar e da qualidade das relações interpessoais;
- Fomentar e valorizar a interação e a comunicação pedagógicas, num grupo onde se desenvolvem processos educativos e dinâmicas ludopedagógicas;
- Proporcionar metodologias de análise e de investigação em contexto grupal;
- Contribuir para a construção de perspetivas fundamentadas de transformação da realidade no sentido de uma maior humanização de práticas e de relações;

Conteúdos:

Processo de Integração e Comunicação pedagógica:

- Características;
- Efeitos;
- Meios usuais do feedback;

Grupo:

- Conceito de grupo;
- Normas e valores do grupo;
- Coesão do grupo;

Dinâmicas de grupo:

- Objetivos;
- Funções e razões do trabalho de grupo;

Metodologia:

- Exposição dos conceitos e conhecimentos, utilizando o power-point como meio de transmissão e o datashow;
- Debate: partilha de experiências e reflexão em grupo;
- Análise ao Plano de Atividades do Ano letivo 2012/2013

Estrutura:1ª Parte – Exposição (30 min)

Conceitos da temática:

- ✓ Processo de integração e Comunicação pedagógica: Definição de interação e papel e importância da Comunicação pedagógica;
- ✓ Grupo: o que é um grupo, quais as suas características e as suas vantagens e dificuldades;
- ✓ Dinâmicas de grupo: Finalidade e objetivos das dinâmicas de grupo;

2ª Parte – Debate (30min)

- ✓ Partilha de experiências entre os formandos, criando-se um momento de discussão e reflexão;

(Intervalo de 15 min)

3ª Parte – Leitura e análise do Plano de Atividade do Ano Letivo 2012/2013 (30 min)

- ✓ Interpretar e discutir as atividades planeadas, identificando possíveis dúvidas, alterações e contratempos;

Avaliação da formação (15 min):

- ✓ Avaliação do trabalho desenvolvido por parte dos formandos: cada formando escreve o que mostrou ser mais enriquecedor para si, num papel, sem se identificar;
- ✓ Avaliação global da formação: cada formando fica com um papel escrito por outro colega, lê em voz alta e comenta a afirmação.

PARTE II - MEDIAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Duração: 120 (2h)

Objetivos principais:

- Discussão de princípios, estratégias e modalidades de intervenção;
- Desenvolvimento de competências de reflexão sobre situações vividas;
- Participação nas dinâmicas propostas de modo a desenvolverem as suas competências pessoais, interpessoais e profissionais;

Conteúdos:

Conflito;

- Gestão de conflitos;
- Resolução de conflitos;

Mediação;

- Mediação socioeducativa;
- Mediação intercultural;

Papel do mediador;

Metodologia:

- Exposição dos conceitos e conhecimentos, utilizando o power-point como meio de transmissão e o datashow;
- Visionamento de um filme;
- Debate: partilha de experiências e reflexão em grupo;
- Dinâmica de grupo – estratégia de prevenção;

Estrutura:

1ª Parte – Exposição (30 min)

Conceitos da temática:

- ✓ Conflito: quando surge e como pode ser gerido ou resolvido?

- ✓ Mediação: mediação Socioeducativa e Intercultural, em que consiste cada, as suas características e diferenças;
- ✓ Papel do Mediador: como deve o mediador ajudar a resolver o conflito;

2ª Parte – Visionamento de um excerto de um filme (20 min)

- ✓ Excerto do filme “Páginas de Liberdade”;
- ✓ Reflexão em grupo sobre o que cada um apreendeu do filme;

(Intervalo de 10 min)

3ª Parte – Debate (20 min)

- ✓ Partilha de experiências entre os formandos, criando-se um momento de discussão e reflexão

4ª Parte – Estratégia de prevenção (25min)

- ✓ Simulação de mediação e resolução de um conflito;
- ✓ Debate e reflexão em grupo;

Avaliação da formação (15min):

- ✓ Avaliação do trabalho desenvolvido por parte dos formandos: cada formando escreve o que mostrou ser mais enriquecedor para si, num papel, sem se identificar;
- ✓ Avaliação global da formação: cada formando fica com um papel escrito por outro colega, lê em voz alta e comenta a afirmação.

PARTE III – ROTEIRO DE TRABALHO

Dinâmicas de Grupo

CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES. *Animação de grupos em Formação*. Referencial de Formação Pedagógica Contínua de professores. Instituto de Emprego e Formação Profissional.

1ª Parte – Exposição

Processo de integração e Comunicação pedagógica

ESTRELA, M. T. (2002). *Relação pedagógica. Disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora, 4ª Edição

POSTIC, M. (2007). *A Relação Pedagógica*. Lisboa: Padrões culturais Editora

Definição de Interação:

Segundo Marcel Postic (2007) a interação é a reação recíproca, verbal ou não-verbal, temporária ou repetida, segundo uma certa frequência, através da qual o comportamento de um dos parceiros tem uma influência sobre o outro.

Na interação cada um procura situar o outro. A percepção que o docente tem dos seus alunos em geral, e de cada um em particular, a percepção que o aluno tem dos seus colegas e do docente na situação educativa determina a maneira de agir e reagir.

A importância da Comunicação Pedagógica:

Quando referimos a Comunicação Pedagógica podemos salientar a sua importância, através dos diferentes autores:

- “ Todo o ato pedagógico é antes de mais um ato de comunicação.” (Estrela, 2002);
- “ As interações ganham expressão através dos atos comunicativos” (Amado, J.,2001)
- O processo de comunicação deve ser entendido com um duplo aspeto ou função: o aspeto informativo e o aspeto relacional.

Todo o ato pedagógico é essencialmente um ato de comunicação premiando a aprendizagem de um saber. O objetivo da Comunicação Pedagógica é o de modificar o estado do saber, do saber-fazer ou do comportamento do recetor, o de levá-lo a compreender e posteriormente, realizar algo.

A Comunicação Pedagógica corresponde ao fornecimento dos instrumentos de regulação e às formas de comunicação facilitadoras da situação do ensino - a aprendizagem e a sua ressonância pela vida fora. A Comunicação Pedagógica é obviamente instrumental, pretendendo induzir uma modificação no recetor. Isto implica um dispositivo de adaptação entre emissor e recetor. A avaliação da comunicação é fácil de observar: a sua eficácia mede-se através das mudanças operadas no recetor. Se a Comunicação pedagógica pretende modificar o estado do saber, do saber fazer, então terá de haver um respeito mútuo. A criatividade é então essa reflexão capaz de alterar os comportamentos através da reflexão vivida, tendo de ser controlada parte a parte. De qualquer modo, esta comunicação não é pacífica. Entre o formador e o formando existem problemas de comunicação reais de natureza psicológica (atitudes), semântica (significação) e de feedback, que devem ser geridos

Importância do Feedback. Quando se sabe utilizar o feedback, o emissor obtém:

- Um aumento da eficácia da mensagem (modificação da mensagem para a sua receção integral);
- Um acréscimo de segurança (menor apreensão quanto ao que é recebido ou retido);
- Um estímulo para comunicar mais e melhor;
- Uma melhora da relação interpessoal emissor/recetor.

Vantagens da Comunicação Pedagógica. Efeitos de uma comunicação pedagógica atenta e eficaz:

- Desenvolve nos alunos a capacidade de pensar;
- Ajuda os alunos a construir o seu próprio significado dos conteúdos escolares;
- Promove o envolvimento e empenho dos alunos. Ajuda os alunos a desenvolver competências de comunicação;
- Cria um clima de bem-estar e segurança.

Grupo

BONALDS, J. (2003). O trabalho de em pequenos grupos na sala. Lisboa: Asa

Conceito de grupo:

Conjunto de indivíduos que compartilham uma identidade social acerca deles mesmos ou se percebem a si mesmos como membros de uma categoria social.

Existe um sentimento de pertença, que liga cada indivíduo ao grupo, uma visibilidade social, segundo a qual cada membro é reconhecido como tal pelos outros membros do grupo; uma interdependência recíproca e uma interação contínua e em construção.

O conceito de grupo está relacionado com diversos aspetos, nomeadamente: com a perceção do todo pelos seus membros; com a perspectiva de satisfação de necessidades (o grupo é algo que motiva); com a possibilidade de consecução de um objetivo; com a sua organização interna, onde papéis, estatutos e normas se inter-relacionam; com a interdependência mútua dos indivíduos que o compõem e com a interação (uma forma de interdependência).

Fases no processo de criação de um grupo. Existem sete fases na criação de um grupo:

1. Apresentação
2. Conhecimento
3. Valorização de si e do outro

4. Confiança
5. Comunicação
6. Cooperação
7. Observação

Funções do Trabalho em grupo:

- Função de regulação das aprendizagens;
- Função Socializadora;
- Função de Potenciação de equilíbrio emocional;

Vantagens do trabalho em grupo:

- Melhora as habilidades sociais;
- Melhora as atitudes;
- Favorece um clima descontraído e agradável;
- Desenvolve uma vida mais cooperativa e inclusiva da diversidade.

Dinâmicas de grupo

DAL BOSCO, T. C. & HARUMI SUDO, C. (2011). Dinâmicas de grupo como estratégia de Educação Ambiental: Estudo de caso na Educação de jovens e adultos. II Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Novembro 2011, pp. 1-9. Acedido a 4 de Setembro de 2012: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2011/VII-005.pdf>

PIANCASTELLI, C.H., PEREIRA DE FARIA, H. & REZENDE DA SILVEIRA, M. *O trabalho em equipe*. Texto de Apoio da Unidade didática I. Sequência de atividades I, pp. 45 – 50. Acedido a 4 de Setembro de 2012: <http://www.estrategiabrasileirinhos.com.br/wp-content/uploads/2011/03/OTrabalhoemequipe.pdf>

PEREIRA ALBERTO, M. F., S. CIRINO, D. C., O. NUNES, B., F. LINS, M. H., MELO SOARES, A., DANTAS, A. P., SANTOS ALVES, I., DANTAS, N. M. R., S. ALVES, R. E ALBERTO, M. L. (2001). *Dinâmicas de grupo: instrumentos no processo de formação de agentes sociais*. Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Finalidade e objetivos das Dinâmicas de Grupo

As dinâmicas de grupo são “uma ferramenta extremamente útil para o ensino e aprendizagem dos jovens (...).” (Dal Bosco, T. C. e Harumi Sudo, C. 2001), para além de serem atividades que valorizam a experiência própria, levam à compreensão de técnicas e estratégias que poderão ser aplicadas posteriormente, a diferentes grupos de pessoas e situações. Mais do que uma brincadeira, as dinâmicas de grupo têm de ser entendidas como “um instrumento através do qual é permitida uma relação aberta e espontânea entre os membros do grupo, possibilitando a exposição de opiniões e a comunicação de experiências, a qual conduz ao desenvolvimento das capacidades dos indivíduos que compõem o mesmo” (Pereira Alberto, M. F., S. Cirino, D. C., O. Nunes, B., F. Lins M. H., Melo Soares, A., Dantas, A. P., Santos Alves, I., Dantas, N. M. R., S. Alves, R. e Alberto, M. L., 2001), sejam elas crianças, jovens ou adultos.

Ainda tendo em conta o fator de socialização, as dinâmicas de grupo, contribuem para o desenvolvimento de relacionamentos bem como para a aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Fica então patente a importância das dinâmicas de grupo na formação de agentes sociais, no qual é valorizada a participação e a construção coletiva de saberes. Todos os elementos do grupo, sejam eles os que realizam a atividade e os que preparam e comandam, são essenciais para o sucesso da atividade e conseqüentemente para o desenvolvimento de novas capacidades e aprendizagens do grupo.

2ª Parte – Debate

Abordagem teórica ao tema e troca de experiência – momento de discussão e reflexão:

Objetivos: Conhecer as vivências dos formandos que considerem ter exercido uma dinâmica de grupo; apresentar essas experiências ao grupo e refletir sobre elas.

Dinamização: O formador apresentar a atividade ao grupo, começando por apresentar uma experiência sua. Seguidamente deverá solicitar ao grupo que, um a um, conta uma experiência sua. A cada apresentação o formador deve suscitar o debate entre todos os membros do grupo.

Mediação e Resolução de Conflitos

1ª Parte – Exposição

Conflito

REIJA, B. AT AL. (1994) *Educación Intercultural: Análisis y resolución de conflictos*. Editorial popular.

Conceito de conflito

O senso comum afirma que o conflito é algo negativo, sendo associado sempre à violência e ao perigo.

Teoria Psicológica

- Situa o conflito dentro do marco das motivações e das reações individuais.
- Pode surgir de dentro (intrapessoal – supõe “uma situação em que forças de magnitude igual atual, simultaneamente, em direções opostas sobre a pessoa) ou de fora da pessoa (interpessoal – ocorre dentro de um grupo).
- O conflito pode surgir devido a causas endógenas e que, por exemplo, a agressão é um comportamento inato que, quando reprimido, irá levar ao conflito.
- Ou então como sendo de carácter exógeno, isto é, que surge como resposta a uma frustração provocada por estímulos externos.

Teoria Psicossociológica

- Situa o conflito no contexto das inter-relações entre o indivíduo e o sistema social.
- Definição de conflito – situação em que duas pessoas, que possuem objetivos diferentes, ou, por um lado, defendem valores contraditórios e tem interesses distintos; ou, por outro, perseguem, ao mesmo tempo e de forma competitiva, as mesmas metas.

Teoria Sociológica

- Situa-se a origem do conflito na desigualdade de poder.
- O conflito representa um desvio das normais atitudes e comportamentos humanos, pelo que deve ser eliminado através da educação e da formação.
- Definição de conflito – situação em que coexistem, entre os seres vivos, metas e valores inconciliáveis ou exclusivos uns dos outros.
- Conflito realista (orientado para a obtenção de resultados específicos) e Conflito expressivo (surge provocado pela necessidade de descarregar as tensões).

Teoria Pedagógica

- Na educação, associa-se o conflito à indisciplina e aos problemas de conduta.
- Paulo Freire afirma que a parte oprimida deverá ter consciência da opressão e das causas do conflito. O objetivo não é que ela se torne opressora mas sim que consiga encontrar um equilíbrio para as suas relações.
- Lorenzo Milani propôs um modelo educativo que busque o contínuo questionamento sobre as regras e normas estabelecidas como forma de assegurar uma participação responsável, consciente e transformadora.

O conflito deverá ser identificado como um processo, uma vez que apresenta varias etapas: causas, desenvolvimento e consequências. Para uns, e contradizendo as tendências do senso comum, o conflito é, em princípio, positivo, pois permite diversificar as possibilidades do ser humano. Torna-se assim um promotor das trocas pessoais e sociais entre os indivíduos. Para outros, o conflito é o caminho para a violência, na medida em que não se trata de um processo pacífico, que busca as leis e a ordem, características de “tempos de paz”.

Conflito aberto (manifesto) – todos os elementos estão conscientes da situação. É importante abordá-lo e procurar soluções construtivas, no entanto, o principal objetivo deverá ser descobrir a sua base, no sentido de evitar situações futuras.

Conflito oculto (latente) – quando as pessoas implicadas ou parte delas não são conscientes da situação de conflito. Este é de difícil percepção uma vez que está imerso nos nossos costumes e cultura.

Causas do conflito multicultural:

- Partilha do mesmo espaço por pessoas e grupos desconhecidos ou já estereotipados.
- Diferentes culturas, logo diferentes modos de entender a realidade e relacionar-se com ela. (diferenças ao nível do código, conduta, símbolos)
- Grupos com necessidades iguais optam pela competição para conseguir alcançar determinadas metas.
- Hierarquias, diferenças de poder ou de oportunidades de acesso ao grupo.

O conflito deve ser resolvido mas não extinto, pois o contacto com outras culturas é bastante enriquecedor. Podendo não ser pacífico, esse contacto deve ser construtivo e deve ser evitado que, caso surjam conflitos, estes sejam ocultados. O ideal será que essa situação seja aproveitada para melhorar a relação entre os envolvidos. Para compreender um conflito multicultural é necessário compreender os fatores históricos, cognitivos, culturais, sociais, económicos, etc. Muitas vezes os conflitos permanecem no estado latente porque:

- Uma das partes não está consciente e/ou não tem poder suficiente para enfrentar-se e, por consequência, aceitar a situação que a partida julga ser injusta. (Freire e a teoria da consciencialização como passo para a transformação social).
- Falta de alguma das condições que leva à consciencialização do conflito (por exemplo, a falta de contacto ou o evitamento).

Fases da resolução de conflitos

- 1. Criação do grupo** – reafirmar a identidade grupal ou pessoal, preparar um clima de confiança e apresso, e melhorar as habilidades de interação do grupo.
- 2. Análise** – semelhante a investigação, educação, consciencialização. O modo de percebermos o conflito em si.
- 3. Repetição do conflito** – evidenciar o facto de existirem conflitos abertos, que necessitam de soluções a curto prazo, e ocultos, que necessitam de uma troca estrutural, de uma planificação a longo prazo.
- 4. Busca de soluções** – negociação, mediação, transacção, confronto.
- 5. Estratégias para a planificação das trocas** – definição dos objectivos (por ordem de prioridade e sequencialidade), discriminação dos recursos (humanos e outros), qual o tipo de conflito, quanto tempo e esforço podemos dedicar-lhe, quais os envolvidos.
- 6. Implementação** – depende de como foram os passos anteriores. Se a resolução foi de forma positiva, então todas as partes ganharam. No entanto, poderão faltar muitas coisas, pelo que é necessário perceber o motivo, para conseguir resolver o conflito da melhor forma.
- 7. Revisão e avaliação** – tarefa permanente: repensar o processo assegurando os requisitos prévios para uma boa troca (processo grupal, conhecimento das nossas perceções, análise do conflito intercultural); aprender os nossos êxitos e as nossas convicções. Pode ser uma fonte de autoestima, de busca da confiança e

da segurança necessária para sermos bons protagonistas de um processo de trocas sociais.

Mediação

VEIGA SIMÃO, A. M. (2009). *Tutoria e Mediação em Educação*. Cap. 6: Panorama das mediações nas sociedades. Na senda da construção de sentido da mediação em contexto educativo. Lisboa: Educa.

O aprofundamento do sistema democrático, a globalização económica e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação vieram dar um novo impulso às relações sociais e económicas, acentuando o aumento das relações entre os cidadãos e entre estes e os serviços e empresas. A prática da mediação tem-se expandido por diversos campos de intervenção e assume diferentes perfis no quotidiano (é vista como uma resposta criativa a conflitos inscritos nas relações interpessoais ou decorrentes de mudanças sociais).

A mediação é importante quando:

- O conflito assume um papel predominante nas relações entre as pessoas, entre estas e as organizações e ainda entre as organizações de um mesmo território.
- A procura de alternativas exige a intervenção de uma terceira pessoa que valorize a comunicação entre as partes e a capacidade de tomada de decisão das litigantes no sentido de estabelecer um acordo mútuo, sem a intervenção de um juiz ou de um negociador.

A mediação é então utilizada em situações de conflito para:

- Controlar ou prevenir;
- Estabelecer ou reestabelecer laços sociais (regular relações sociais)
- Impulsionar mudanças a nível pessoal, inter-individual e social.

Mediação comunitária – baseada no culto da negociação, diferencialista e comunitário.

Mediação de bairro, social ou intercultural – centrado na regulação constante das relações sociais, universalista e republicano, vê o “outro” como um ser diferente mas igual.

O principal fim da mediação reside no estabelecimento ou restabelecimento da comunicação entre as partes, facilitando o diálogo entre si. A mediação deve produzir,

não uma simulação de comunicação, mas uma troca real. Mesmo quando não é alcançada, deve provocar em cada um a consciência de que não existe apenas a sua verdade, e que o outro também possui parte dela.

Etapas da produção da comunicação:

1. **Escuta** – compreensão da situação, dos argumentos e dos significados atribuídos por cada uma das partes;
2. **Tempo** – permite gerir os diferendos e favorecer a tomada de posição em liberdade, sem precipitações e de forma consciente pelas partes envolvidas;
3. **Conclusão** – é o produto do trabalho efectuado até ao momento, num esforço de respeito pela identidade dos agentes em presença.

Mediação socioeducativa

VEIGA SIMÃO, A. M. (2009). *Tutoria e Mediação em Educação*. Cap. 6: Panorama das mediações nas sociedades. Na senda da construção de sentido da mediação em contexto educativo. Lisboa: Educa.

Mediação em contexto educativo: um processo em construção

“A mediação não é simplesmente uma técnica de gestão de conflitos, constitui também um processo de aprendizagem de novas formas de sociabilidade”. A mediação enquanto processo concretiza-se de forma complexa no quotidiano, e maximiza-se à medida que os atores forem criando laços e superando os obstáculos decorrentes dessa complexidade.

Dimensão sociopedagógica da mediação – vertente formativa e de estabelecimento de compromissos pessoais e socioinstitucionais. Acompanha projetos com objetivos preventivos e adequados à população envolvida. Possui saberes teóricos e práticos mas também representações de cada um. A mediação está em processo de construção no campo educacional, pois:

- É difícil criar dinâmicas de (re)conhecimento da mediação, das suas vantagens e limites.
- O mediador, sendo-lhe reconhecida uma autoridade moral, perde o seu poder perante o exercício de tomada de decisão.

Investir na construção de uma identidade comum entre os membros da comunidade educativa (produzir hábitos em comum tendo em conta as diferenças sociais, a formação de base e as idades).

Mediação intercultural

PIERRE, P. E DELANGE, N. (2006). Pratiques de mediation et traitement de létranger dans léntreprise multiculturelle. *Espirit Critique*, Vol 6, n.º3, pp.82-108.

Por mediação intercultural, na perspetiva de **Pierre & Delange** (2004), entende-se a construção de novos percursos, aglutinando paradigmas de abertura face ao outro e à diferença. Ainda de acordo com os supracitados autores, por mediação social entende-se uma prática que visa a construção de laços sociais e por mediação comunitária, entende-se a regulação e integração social, reportando diretamente ao modelo de gestão de conflitos por parte dos membros desta comunidade, para que alcancem uma melhor vivência comunitária. Assim, enquanto a mediação social procura dar enfoque a socialização dos excluídos no quadro da sua sociedade de integração, construindo para tal interações positivas, a mediação comunitária está mais voltada para a comunidade colocando a tónica nos membros da mesma, pela definição dos próprios dos constrangimentos e potencialidades da comunidade como vetor de restabelecimento da coesão social.

Como competências e deveres do mediador importa também fazer uma breve menção às que a seguir se nomeiam:

- A promoção do diálogo intercultural, estimulando o respeito e o aprofundamento da diversidade cultural;
- Colaborar na prevenção e resolução de conflitos socioculturais e na definição de estratégias de intervenção social;
- Colaborar ativamente com todos os intervenientes dos processos de intervenção social e educativa;
- Facilitar a comunicação entre profissionais e utentes de origem cultural diferente;

- Assessorar os utentes na relação com profissionais e serviços públicos e privados;
- Promover a inclusão de cidadãos de diferentes origens sociais e culturais em igualdade de condições;
- Respeitar a natureza confidencial da informação relativa às famílias, populações abrangidas pela sua ação.

O papel do mediador

BOQUÉ TORREMOREL, M. C. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora. pp. 34-35, 53-70.

JARES, X. R. (2002). *Educação e conflito – Guia de Educação para a convivência*. Porto: Edições. Asa.

MULDOON, B. (1998). *El corazón del conflicto*. Barcelona: Paidós. pp. 161-182.

O mediador desempenha um papel basilar no processo de mediação, para tal necessita de formação mas também de domínio de algumas técnicas. Na perspetiva de Muldoon (2008) e , o mediador deverá ser capaz de:

- Ser imparcial, aceitável para ambas as partes, não tem qualquer autoridade ou poder de controlar o resultado;
- Ganhar a confiança de ambas as partes;
- Estruturar a comunicação entre as partes para que cheguem ao seu próprio acordo.

Jares (2002, pp. 158-162) refere que o mediador deve agir de acordo com uma série de competências e princípios de atuação, denominados gerais e de procedimento sendo os princípios de carácter geral os seguintes:

- **Valentia e capacidade de resistência** aposta numa posição constante e paciente. O primeiro ato ético do mediador deve ser a valentia.
- **Dinamismo e preocupação pelos outros**. A sua tarefa é de ser um arquiteto que cria pontes de forma solidária e desinteressada. Deve ter capacidade e interesse em compreender a complexidade do conflito e em ajudas as partes, pelo menos, tentar resolvê-lo.

- **Prudência e descrição.** Na sua intervenção o mediador deve ser prudente na sua análise e intervenção. Devendo agir com prudência e garantir o sigilo da informação das partes.
- **Confidencialidade.** Para o autor este é o princípio chave de toda a mediação que deve ser e ficar claro logo de início.
- **Independência e imparcialidade.** O mediador deve manter-se independente tanto das partes como qualquer instância do conflito. Deve evitar tomar partido.
- **Vasta preparação na análise de conflitos e orientação de processos de grupos.** Ao nível da mediação formal, é importante, que o mediador, para além das características gerais e de procedimento, tenha adquirido previamente formação sobre a análise de conflitos e orientação de processos de grupos, seja, em relações humanas e desenvolvimento organizativo.
- **Voluntariedade.** A intervenção do mediador deve ser aceite pelas partes em conflito.

3ª Parte – Debate

Abordagem teórica ao tema e troca de experiência – momento de discussão e reflexão:

Objetivos: Conhecer vivências dos formandos que considerem ter tido um papel de mediadores; apresentar essas experiências ao grupo e refletir sobre elas.

Dinamização: O formador apresentar a atividade ao grupo, começando por apresentar uma experiência sua. Seguidamente deverá solicitar ao grupo que, um a um, conta uma experiência sua em que considere que tenha tido um papel de mediador (de preferência, essa experiência deverá ser a nível profissional). A cada apresentação o formador deve suscitar o debate entre todos os membros do grupo.

4ª Parte – Estratégia de prevenção

Simulação de mediação formal - Análise de um caso formativo.

Objetivos: Trabalhar em subgrupos de modo a analisar o caso e responder aos tópicos de reflexão tendo a sua experiência e a abordagem teórica feita anteriormente. Com este caso pretende-se que sejam trabalhadas estratégias de prevenção terciária/intervenção face a casos problemáticos.

Dinamização: O formador ou um dos formandos deverá ler em voz alta o caso formativo para todo o grupo. Seguidamente, o grupo de formandos deverá ser dividido em sub-grupos de 5 formandos, que em conjunto irão simular uma situação de mediação e resolução de conflito.

Concluída esta etapa, todos os formandos deverão reunir-se novamente, e definir os papéis que cada um irá desempenhar no decorrer da simulação. Como tal, será necessário que dois formandos fiquem responsáveis por realizar o papel das alunas que se encontram em conflito; um formando ficará responsável por executar o papel de mediador; um outro formando deverá representar o papel de professor; e por fim, o último ficará a exercer o papel de observador. Atribuídos os papéis passa-se para a simulação, propriamente dita. Por fim, cada subgrupo irá passar por um momento de debate e reflexão tendo como suporte os documentos de apoio disponibilizados.

Disponibilizado aos formandos que vão realizar o papel das alunas

1. Considera satisfatório o processo de mediação?
2. Houve algum momento em que as partes se tivessem entrincheirado nas suas posições, procurando impor a sua razão pessoal?
3. O que o levou a abandonar a sua atitude defensiva ou hostil?
4. De que forma guiaram ou ajudaram os mediadores a resolver o problema?
5. Obteve concessões em troca de concessões?
6. Cedeu facilmente ao que a outra parte pretendia?
7. Pode explicar, em breves palavras, qual era a posição da outra parte e quais os seus interesses e necessidades?
8. Considera que a solução proposta poderá vir a melhorar o vosso futuro relacionamento, ou servir simplesmente para resolver o problema concreto que vos afligia?

Disponibilizado aos formandos que vão realizar o papel de observador, mediador e professor

1. O mediador ajudou as partes a falar sobre as suas necessidades e os seus interesses?
2. O que lhe pareceu mais difícil na sua atuação do mediador e porquê?
3. O que é que poderia ser melhorado no processo?
4. Que continuidade deveria ser dada ao acompanhamento desta situação?

Disponibilizado para cada elemento do sub-grupo

Caso Formativo:

A Ana e a Luísa têm ambas 14 anos e frequentam o 9ºano numa escola situada na periferia de Lisboa. A Ana é considerada pelos colegas e professores como sendo uma aluna inteligente, curiosa, calma e participativa. A Luísa por sua vez, é considerada uma aluna mais extrovertida, faladora e distraída. O professor Fernando, de matemática tem verificado que existe uma “rivalidade” entre as duas alunas mencionadas, pois sempre que a Ana participa a Luísa interrompe fazendo com que as atenções sejam viradas para ela. Dessa forma, a Ana tem vindo a participar cada vez menos e conseqüentemente a diminuir o seu desempenho escolar. O professor Fernando ao verificar que tanto a participação como o desempenho da Ana tinham diminuído consideravelmente, tomou a iniciativa de falar com a aluna em particular para saber qual era o problema que andava a afectar a Ana. Esta por sua vez, aquando da conversa tida com o professor, explicou que a sua relação com a Luísa tinha mudado, ou seja, chatearam-se uma com a outra e deixaram de ser amigas. A Ana considerava que o motivo da “zanga” prendia-se com o facto de esta ser africana e a Luísa deixar de lhe dar atenção por se começar a relacionar com um grupo de amigas caucasianas. Posto isto, o professor para tentar resolver o problema decidiu advertir a Luísa em sala de aula e perante todos os colegas da turma. O objetivo seria melhorar a relação das alunas em sala de aula, mas tal não se veio a verificar, uma vez que a Luísa sentindo-se revoltada com a situação piorou o seu comportamento em relação à Ana. Assim sendo, o professor achou por bem encaminhá-las para o gabinete de mediação para que ambas conversassem sobre o que sentiam e em conjunto resolvessem o problema.

Disponibilizado aos elementos que irão representar o observador e o mediador

Marcas de um Modelo Transformativo – Atitudes e Técnicas

	Cenário
Clarificar os objetivos e perspectivas de todos	
Clarificar o papel do mediador perante as partes	
Usar julgamento das partes para as ajudar a esclarecer posições (ex: sobre desequilíbrios de poder, sobre má fé). Não julgar pontos de vista e decisões (suspender seu julgamento, consciente de que sabe pouco sobre as partes)	
Atitude confiante em relação às partes, seus motivos (boa fé e decência) e competências para lidar com a situação	
Permitir e suscitar expressão (de emoções, ideias, interesses, valores, dificuldades...) das partes, para descobrir o que nelas pode contribuir para a capacitação e reconhecimento	
Explorar ambiguidades, dilemas, conflitos internos, dúvidas das partes e sentir-se à vontade por não ter o controlo	
Concentrar-se no aqui e agora, sem se preocupar com uma visão mais ampla da solução (para não rigidificar essa visão)	

<p>Abrir-se às declarações das partes sobre acontecimentos passados</p>	
<p>Integrar a intervenção do mediador como parte de uma sequência mais ampla de interação no conflito (consciência dos ciclos de conflito, não temer fracasso e retrocessos)</p>	
<p>Ter sensação de êxito quando capacitação e reconhecimento ocorrem, mesmo em graus reduzidos</p>	
<p>Não se sentir responsável por resultados (só por criar oportunidades)</p>	
<p>Deslocar o foco da culpa individual para a responsabilidade social (os outros eus internos que não o eu central – o pai, professor...; o nós relacional, o grupo que se representa, o sistema mais amplo que é responsável)</p>	
<p>Favorecer a afirmação de cada um e a atenção ao outro (apreciação do outro, abertura ao outro, incentivando curiosidade, escuta ativa e empatia)</p>	
<p>Favorecer a construção colaborativa de novas realidades, com objetivos comuns – nós, não fixos – construções em comunidades discursivas</p>	

Documentos de Apoio

Técnicas de Escuta-ativa

Mostrar interesse

O interesse pode mostrar-se de forma não verbal, por exemplo, abanando afirmativamente a cabeça, ou de forma verbal. Se se optar pela forma verbal, é importante utilizar palavras neutras que não revelem nem acordo nem desacordo relativamente ao que a outra pessoa está a dizer, por exemplo: "Podes dizer-me mais qualquer coisa acerca disso?".

Clarificar

Clarificar significa tornar mais clara uma mensagem. Serve para obter a informação necessária para compreender melhor o que a pessoa está a dizer, ou o problema. "E tu que fizeste nessa altura?". "Há quanto tempo estão zangados?". Para facilitar a acção é costume utilizar perguntas abertas que são as que procuram provocar no interlocutor uma resposta alargada e não apenas um sim ou um não.

Parafrasear

Consiste em repetir, por palavras próprias, as principais ideias ou pensamentos expressos por quem fala. Serve para mostrar que se entendeu o que o outro disse, e permite verificar se o significado atribuído pelo emissor à mensagem é idêntico ao entendido pelo receptor. "Quer dizer, então, que para ti o problema é uma tolice." "Então, aquilo que tu me estás a dizer é..."

Fazer-se eco

É o que atrás denominámos escuta activa em sentido estrito. Consiste em dizeres por palavras tuas os sentimentos existentes por detrás do que o outro acabou de expressar. Ajuda quem fala a clarificar os seus sentimentos. "Ficas frustrado por te estarem sempre a acusar de seres o que mais falas nas aulas." "Custa-te que ele te esteja a acusar de lhe teres tirado o lanche."

Resumir

Consiste em juntar a informação que nos vai sendo transmitida, referente quer a sentimentos quer a factos. Oferece a quem fala uma boa oportunidade de corrigir ou acrescentar algo ao já dito. "Então, se bem entendi, A andou à luta com C, e tu ficaste ofendido por te considerarem o causador do conflito" ou "Falaste de A e de B, mas não entendo o que é que C tem a ver com tudo isto".

Quando um mediador escuta activamente as partes, está a compreendê-las, a ajudar a que se expressem melhor, e a facilitar a comunicação entre elas. Se, além disso, ainda estimularmos as partes a escutarem-se activamente uma à outra, estamos a dar-lhes mais recursos para poderem comunicar melhor, sem precisarem sempre da presença de um mediador.

As doze típicas

Dá-se o nome de *doze típicas* aos doze tipos de respostas que a maior parte das pessoas utiliza quando pretende ajudar alguém a expor um problema que o aflige. São as seguintes:

As doze	Explicação	Exemplos
Mandar, orientar	Dizer ao outro o que deve fazer.	<i>Tens de..., Deves...</i>
Ameaçar	Dizer ao outro o que poderá acontecer se não fizer o que lhe dizemos.	<i>Se não fizeres isto, então... É melhor fazeres isto, caso contrário...</i>
Pregar um sermão	Aludir a uma norma externa para dizer o que o outro deve fazer.	<i>Um homem não chora. Deves ser responsável.</i>
Dar lições	Recorrer à experiência para dizer o que é bom e mau para o outro.	<i>As crianças de agora são muito mimadas, no meu tempo isto não acontecia.</i>
Aconselhar	Dizer ao outro o que é melhor para ele/ela.	<i>Deixa de estudar. Não deixes de estudar. O melhor que tens a fazer é...</i>
Consolar, animar	Dizer ao outro que o que se passa com ele tem pouca importância.	<i>Já vai passar.. Não te preocupes...</i>
Aprovar	Dar razão ao outro.	<i>Estou de acordo contigo, o melhor é...</i>
Desaprovar	Não dar razão ao outro.	<i>O que dizes é uma tolice.</i>
Ofender	Desprezar o outro por causa do que diz ou faz.	<i>Até pareces parvo.</i>
Interpretar	Dizer ao outro o motivo oculto da sua atitude.	<i>O que tu queres no fundo é chamar a atenção.</i>
Interrogar	Conseguir informação do outro.	<i>Quando?, Onde?, Porquê?</i>
Ironizar	Rir-se do outro.	<i>Pois claro, deixa de estudar, vai-te embora de casa, deixa o teu namorado e vai pedir esmola pelas ruas.</i>

As *doze típicas* têm uma característica comum: são um obstáculo à comunicação, uma vez que não ajudam a pessoa que fala a ser compreendida e, portanto, a contar o que ocorreu. Todas elas incluem um juízo negativo sobre o outro (eu sei o que deves fazer e tu não; o que se passa contigo tem pouca importância; estás-me a esconder alguma coisa...), ainda que, evidentemente, não seja essa a intenção de quem as utiliza. Além disso, em todas elas, quem pretende ajudar acaba por se transformar na medida dos problemas de quem lhe fala; é pois uma ajuda centrada em quem ajuda e não em quem pede ajuda.